



*Nunca é tarde*

Floriano Serra

Nunca é tarde

Floriano Serra

# Floriano Serra

Nasci em Fortaleza e morei muitos anos em Salvador, onde conheci minha mulher, Lita, com quem vivo há mais de quarenta anos. Tenho dois filhos e três netos — todos maravilhosos! Vivo na zona sul de São Paulo desde 1968. Sou formado em Psicologia, com pós-graduação em Análise Transacional; também cursei Propaganda e Marketing. Ao longo da minha vida profissional, já atuei como psicoterapeuta e executivo de empresas, sempre em Recursos Humanos.

Desde cedo, sempre gostei muito de ler de tudo: desde histórias em quadrinhos e fábulas infantis a romances populares e clássicos, de preferência sobre temas sobrenaturais e inexplicáveis. Inclusive colecionava recortes de jornais e revistas sobre discos voadores, fenômenos paranormais e misticismo em geral. Não perdia nada sobre esses temas, fosse no cinema, em séries de televisão ou em vídeos. Lia todos os romances do moderno mestre do horror Stephen King e outros autores. Logo surgiu um grande interesse pela parapsicologia, o que me levou a participar de inúmeros cursos e palestras. Assisti a várias sessões espíritas buscando presenciar fenômenos. Reencarnação e vidas passadas tornaram-se temas obrigatórios de minhas pesquisas.

Estou ansioso para conhecer a opinião e a reação dos leitores. Isso é importante para mim porque sinto que este é o meu novo caminho, tanto que, menos de sessenta dias após haver entregue meus originais, eu já tinha um segundo romance espiritualista pronto. Sinceramente,

ainda não sei se esses romances são frutos de intuição, de inspiração ou se foram “ditados” por algum espírito escritor, mas logo pretendo descobrir.

Sei que ainda tenho muito a aprender, porém o fato é que, doravante, quero falar e escrever sobre paz, amor, progresso e espiritualismo — como ocorre neste livro — não apenas como psicólogo, mas como alguém que acredita serem essas as bases que podem fazer do ser humano uma criatura melhor e mais feliz.

*Todos os homens deveriam conhecer as leis terrenas que regem suas vidas, porque o desconhecimento delas não os isenta das consequências dos seus mecanismos.*

*Por que haveria de ser diferente com as leis espirituais? O desconhecimento delas não altera uma vírgula sequer do seu funcionamento.*

*E, da mesma forma, pelas causas e efeitos, elas dizem respeito à sua vida.*

*À minha mulher, Lita, que, ao longo de muitas vidas, tem me encontrado e me acompanhado com o mesmo amor, parceria e paciência. E ao meu novo amigo, Marcelo Cezar. Este livro não teria sido escrito da maneira que foi sem sua generosidade de colocar à minha disposição seu tempo, sua experiência e seu talento.*

# Sumário

Apresentação

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Epílogo

# Apresentação

Desde cedo, o mistério e o sobrenatural sempre me atraíram. Já no início da minha adolescência, minhas preferências de filmes, revistas e livros sempre foram quase exclusivamente voltadas para a paranormalidade e temas espiritualistas como reencarnação, vidas passadas, comunicação com os mortos e outros temas da mesma natureza.

Lamentei quando recentemente chegaram ao fim as séries televisivas *Medium* e *Ghost whisperer* — bem antes havia *O toque de um anjo*. Para mim, constituíam um programa semanal garantido e eu não perdia um só episódio, porque alimentavam meu interesse pelos temas citados. Filmes como *O sexto sentido*, *Os outros* e *O iluminado* para mim são clássicos e eu os revejo com frequência.

Há muito pouco tempo descobri que há uma enorme diferença quando o mistério e o sobrenatural fazem parte do filme ou do livro que você está apreciando — ou quando eles fazem parte da sua própria vida. Para mim é um mistério ter escrito dois romances espiritualistas em menos de um ano — o último deles em menos de sessenta dias.

Por que é um mistério? Até então, eu simplesmente nunca havia escrito um romance sequer. Como na maior parte da minha vida atuei como executivo de empresas, os artigos e livros que publiquei, assim

como as palestras, versavam sempre sobre comportamento no trabalho. Nunca me passou pela cabeça abandonar essa temática.

Mas, em 2010, alguma coisa aconteceu — não sei se na minha mente, na minha alma ou no meu espírito. Desconheço a resposta porque ainda tenho muito que aprender sobre essas coisas. A verdade é que, sem mais nem menos, senti que o ciclo corporativo das minhas atividades havia se encerrado e que eu deveria iniciar uma nova etapa. Só que eu não tinha a menor ideia de como se constituiria essa nova etapa.

A ideia de escrever um romance espiritualista começou a me cutucar no início de 2010 e não me abandonou mais. A trama foi se delineando em minha mente em fatias diárias. Onde quer que eu estivesse, lá vinha uma ideia, um detalhe, uma sequência da história. Somente no meio daquele ano consegui sentar diante do computador, achando que já tinha a história do romance completa. Não tinha. O que produzi resultou em pouco mais de cinquenta páginas. Por sugestão dos editores, reestruturei a trama de maneira a ampliá-la e dar ao livro mais consistência. No novo formato, ele foi aprovado para publicação.

Fiquei muito feliz quando recebi essa notícia, porque eu tenho certeza de que esse romance assinala o início de uma nova etapa de minhas atividades. Este livro fez sentir-me realmente um escritor, na acepção correta da palavra — com todo respeito às minhas obras anteriores, pelas quais tenho muito carinho. Foram muito importantes na minha fase “empresarial”.

Assim, fiquei maravilhado com esses dois mistérios: ter escrito um romance sem nunca ter tido essa experiência, e o fato de a temática ser espiritualista, já que meus conhecimentos a esse respeito eram bastante modestos. Felizmente para mim, os mistérios continuariam: antes mesmo de ter recebido a boa notícia da aprovação para publicação do meu

primeiro romance, eu já havia iniciado um segundo romance espiritualista — que foi concluído em menos de sessenta dias!

Entendi isso como um recado: “é este mesmo seu novo caminho”.

Há passagens nos dois livros que eu sinceramente não sei de onde tirei, de onde vieram, nem aonde minha imaginação foi buscá-las. Não sei, por exemplo, como “escolhi” os nomes dos personagens, nem os locais onde as cenas se desenrolam e muito menos o andamento da trama e o destino dos personagens. Inclusive, relendo os originais, cheguei a pensar que, se dependesse de mim, para alguns deles eu teria dado um rumo diferente.

E agora me percebo falando de uma maneira que implicitamente insinua que eu devo ter recebido ajuda “espiritual” para definir o texto dos romances... Não afirmo isso, não tenho certeza — mas também não duvido. Seria fruto absoluto da minha imaginação ou teria me sido “ditado”? Não sei e confesso a vocês que não considero tão importante assim desfazer esse “mistério”. Primeiro porque já disse que adoro mistérios, e segundo porque ele gerou bons frutos. Portanto, que continue se repetindo, é o que espero.

O que sei, com certeza, é que algumas consequências advieram do fato de ter escrito esses dois livros: estou muito mais atento às coisas do espírito e acho que estou aperfeiçoando uma forma de decodificar alguns sinais até então imperceptíveis e invisíveis.

Estarei atento para o terceiro romance. Por enquanto, não tenho nenhuma ideia a respeito, mas estarei atento para perceber quando e como ela vai surgir. Um *insight*? Um projeto consciente? Uma intuição? Uma voz?

É um mistério maravilhoso que compartilho com vocês.

Carinhosa e fraternalmente,

Floriano Serra

# Capítulo 1

Inverno de 2004.

— Moço, não dá pra ir um pouquinho mais depressa?

Estela estava apressada em chegar à maternidade onde sua filha, Raquel, deveria dar à luz a qualquer momento. O primeiro filho, aliás.

Além da imensa alegria de ganhar uma netinha, Estela tinha certeza de que o nascimento daquela criança iria suavizar o coração de sua filha e aquilo ajudaria a tornar mais harmoniosas as relações entre as duas. Pelo menos acreditava e torcia por isso.

— Será que o senhor não poderia correr um pouquinho mais, moço? — insistiu.

Rufino, o motorista do táxi, balançou a cabeça em sinal negativo e apontou à frente com a mão espalmada para cima:

— Senhora, estou fazendo o que posso. A senhora não está vendo como está o trânsito? Está todo mundo parado! Uma loucura! Toda vez que chove, é isso que acontece, já estou até acostumado... Desse jeito não dá pra andar, só se o carro voasse...

Fazia três dias que chovia ininterruptamente em São Paulo. Se, devido ao tráfego intenso, os motoristas da maior cidade do Brasil já sofriam transtornos diários mesmo sem chuva, com essas tempestades virava o caos, inteiramente congestionado e com inúmeras ruas alagadas,

esburacadas e interditadas. Diante desse quadro, mesmo os motoristas experientes e que conheciam bem os becos e vielas da cidade não se sentiam encorajados a tentar caminhos alternativos de fuga. Na maioria das vezes, a emenda saía pior que o soneto...

Estela reconhecia a dificuldade da situação, mas não se mostrava nem um pouco resignada, e tinha bons motivos:

— Eu sei, moço, eu sei... Mas é que minha filha precisa de mim. Ela está na maternidade e o bebê pode nascer a qualquer momento — bateu amistosamente com a mão no ombro direito do motorista. — É minha primeira neta, moço! Já pensou se a avó não estiver lá quando ela chegar? Já pensou?

Rufino deu um sorriso de compreensão, mas nada falou. Ele já era avô de duas garotinhas — ambas agora já eram “mocinhas” com seis e oito aninhos — e lembrava muito bem da correria e da ansiedade generalizada da família quando cada uma das duas nasceu. Concluiu que o nascimento de uma criança é um momento sempre único e muito especial, que nunca se transforma em rotina; quando a segunda neta nasceu, parecia que era a primeira, tamanho o alvoroço da família. Era como se fosse uma “nova novidade”.

Por isso ele compreendia bem a angústia daquela senhora, mas não havia nada que pudesse fazer para encurtar o trajeto até a maternidade.

Na verdade, ele sempre achava que, em dias chuvosos como aquele, era melhor nem sair para trabalhar. O melhor seria ficar em casa descansando. Além do desgaste físico que sofria quando chovia com essa intensidade, ganhava muito pouco e frequentemente voltava aborrecido e estressado para casa no final do dia.

Ademais, sob tempestades, com raras exceções, os passageiros ficavam nervosos, impacientes e não se mostravam nem um pouco

compreensivos com as dificuldades do trânsito. Sempre achavam que os motoristas podiam “dar um jeito” de se safar daquela confusão. Isso sem falar das dificuldades adicionais criadas pelos carros particulares cujos condutores se tornavam agressivos e imprudentes, achando que tinham preferência em detrimento dos taxistas.

Entretanto, Rufino sempre concluía seu pensamento de modo óbvio: precisava faturar, pois tinha uma família grande para sustentar. O problema era que, com o carro praticamente parado, o taxímetro quase não rodava.

Às vezes, nos dias de maior angústia, lhe ocorria que deveria ter escolhido outra profissão. E quase acontecera isso. Quando jovem, pretendia estudar para ser arquiteto. Era o seu sonho. Mas sabia que seria muito difícil, se não impossível, transformar esse sonho em realidade, pois, como motorista de táxi, seu pai certamente não teria condições de lhe custear os estudos numa faculdade de qualidade.

Rufino jamais chegou a saber o final desse sonho, pois, um dia, de forma inesperada, seu pai teve um infarto enquanto dirigia numa avenida movimentada da cidade. Com o ataque cardíaco, perdeu a direção e bateu o carro num poste — e ali ficou, aguardando o socorro, que, juntamente com a família, chegaria tardiamente. Como era filho único e deveria garantir o sustento da família — agora reduzida a ele, à mãe e aos avós — Rufino teve que aprender a dirigir com mais perícia e providenciar a sua Carta Profissional de Habilitação para assumir o trabalho do pai.

E assim, já havia trinta e cinco anos que se desvanecera seu sonho de ser arquiteto.

Seus pensamentos foram subitamente interrompidos pelo toque estridente do telefone celular da sua angustiada passageira.

Pelo espelho retrovisor, viu o nervosismo com que ela procurava o aparelho dentro de uma imensa bolsa. Depois de revirar uma série de coisas lá dentro, finalmente achou o telefone. Ouviu-a atender ansiosa:

— Alô? — fez uma pausa, prestando atenção no que dizia a voz do outro lado da linha, sem nem ao menos piscar. De repente exclamou: — Ai, meu Deus! — depois de nova pausa, continuou a falar mais nervosa ainda: — Eu estou indo para aí, mas estou presa no trânsito há mais de uma hora! O carro não anda, o trânsito não anda, a chuva não deixa! Está tudo parado! Ai, meu Deus! O que é que eu vou fazer? — ouviu mais um pouco — Mas ela está bem? — esperou a resposta e pareceu aliviada — Ah, graças a Deus! Eu já pedi ao moço aqui para tentar ir mais depressa, mas ele não consegue. Ele está fazendo o que pode, mas está tudo parado com essa chuva! Escute, não saia de perto dela, ouviu? Não saia de perto! De qualquer maneira eu vou chegar aí! — e enfatizou, quase gritando — De qualquer maneira! — ouviu mais um pouco e desligou.

O motorista a ouviu lamentar-se, muito nervosa:

— Ai, meu Deus! Minha filha precisa de mim e eu não estou lá para ajudá-la! Meu Deus, me ajude! Eu preciso chegar lá o quanto antes! De qualquer jeito!

Do fundo do coração, Rufino sentiu pena daquela senhora, mas tinha a consciência tranquila de que não podia fazer mais nada, a não ser tentar tranquilizá-la:

— Procure se acalmar, minha senhora. Os médicos estão cuidando dela direitinho. Além disso, o marido dela, o genro da senhora, está lá, não está?

— Está, moço, está...

— Então... — o motorista ia completar a frase com algo do tipo “a senhora não precisa ficar preocupada, já tem gente tomando conta

dela...” — mas nem pôde concluir: ela o interrompeu com o mesmo grau de ansiedade de antes:

—... mas não é a mesma coisa que a mãe, moço! Ai, meu Deus! Eu preciso ajudar minha filha! Eu preciso! O senhor não entende? Eu preciso estar lá!

O motorista começou a ficar seriamente preocupado com a ansiedade daquela senhora. Viu pelo espelho retrovisor que ela era magra e aparentava beirar os setenta anos. Tremia descontroladamente e estava muito pálida. Ele sentiu que precisava continuar tentando tranquilizá-la. Ocorreu-lhe dizer uma coisa que, depois, pensando mais friamente na situação, iria achar ridícula e se arrependeria de ter dito:

— Fique calma, minha senhora. Vai dar tudo certo. O bebê não precisa ficar sabendo que a senhora não estava lá na hora que ele nasceu...

— Moço, o senhor não entende! Minha filha precisa de mim! Minha filha precisa de mim! — agora estava quase gritando.

Rufino já ouvira em programas de rádio algum médico falar em histeria. Passou pela sua cabeça que aquela mulher poderia ter um ataque de histeria, embora ele não soubesse exatamente o que era, mas, pelo que escutara, calculava que deveria ser um descontrole nervoso ou emocional.

A mulher passou a gritar descontrolada, já de forma desesperada, socando o estofamento dos bancos dianteiros:

— Minha filha precisa de mim! Eu tenho que estar lá de qualquer maneira! Eu tenho que estar lá! Eu...

De repente, ela tossiu, pareceu engasgar e o ar lhe faltou.

Assustado, o motorista rapidamente ligou o pisca-alerta direito do carro, buzinou desesperadamente para chamar a atenção dos outros

veículos e, tão logo conseguiu um espaço entre eles, subiu no passeio para estacionar e socorrer a velha senhora.

Sem se importar com a chuva, saiu do carro e abriu a porta da passageira. Durante todos os seus cinquenta e cinco anos de vida e trinta e cinco de profissão, poucas vezes vira de perto uma pessoa morta. Uma delas foi seu pai, quando a Polícia foi chamar a família para tomar conhecimento do acidente. Anos depois, passara perto do corpo de um motoqueiro que tinha sido atingido por um caminhão. Aquele corpo inerte estendido no asfalto quente e sujo da avenida o impressionara fortemente, a ponto de passar a ter pesadelos frequentes durante quase um mês, exatamente como ocorrera quando do acidente com seu pai. Após os pesadelos, mesmo em noites frias, sempre acordava ensopado de suor.

Agora, ao observar aquela senhora caída de lado no banco traseiro do seu carro, com as duas mãos crispadas no peito, os lábios retorcidos, o olhar fixo e arregalado perdido em algum ponto do espaço, Rufino teve a certeza de que estava diante de mais uma pessoa morta.

Sem se importar com a chuva que lhe ensopava o rosto e as roupas, ligou dali mesmo, pelo celular, para a Polícia.

Sabia que seu dia de trabalho e sossego acabara naquele momento.

Só não poderia saber que, também naquele exato momento, numa maternidade não muito longe dali, vinha ao mundo mais uma linda menina que se chamaria Kátia.

## Capítulo 2

Na maternidade, estava tudo pronto para receber Kátia. Todos os profissionais de saúde que teriam participação no parto já estavam a postos.

Raquel mostrava-se mais tranquila do que ela própria imaginara. Só uma coisa a incomodava: a ausência de sua mãe.

Por algumas horas, até acreditou que sua mãe viria mesmo acompanhar seu parto. Conversa fiada! Como pudera ser tão ingênua a ponto de acreditar que as velhas diferenças com sua mãe seriam esquecidas “apenas” por causa do nascimento da neta dela?

A poucos minutos do parto — que poderia acontecer a qualquer momento — Raquel sabia que não deveria exaltar-se, mas não conseguia evitar a indignação que sentia pelo que acreditava ser desconsideração e insensibilidade de sua mãe com relação a ela e principalmente à sua filha, a neta dela, prestes a nascer. E era a primeira neta! “Como fui tola a ponto de imaginar que ela viria...”, pensou.

Apesar de tudo, sabia, no íntimo, que não deveria estar assim tão surpresa com aquele descaso de sua mãe. Tudo bem que ela viera na véspera e até se dispusera a dormir na maternidade, mas não se tratara de nenhum ato de bondade e sim de puro comodismo! Pernoitara ali apenas para não ter que retornar para casa à noite, debaixo de chuva!

Passara a manhã seguinte com a filha, mas, logo após o almoço, fora para casa banhar-se e trocar de roupa, garantindo que voltaria em seguida. Pois sim! A neta já estava quase nascendo e a avó nem dava sinal de vida!

“É muita desconsideração com mãe e filha”, pensava Raquel, irritada, mas tentando se controlar.

Mas, pensando bem, ela não tinha por que estar surpresa ou decepcionada com a ausência da mãe e nem valia a pena. A dificuldade de se entender com a mãe sempre existira. Pelo menos era assim que se lembrava da relação entre ambas desde que começou a se entender como gente, até mesmo antes de se tornar adolescente.

Em pensamento, viu-se criança, olhando criticamente para a mãe, atitude que era uma constante na relação de ambas. Raquel sempre via a mãe como uma pessoa calada demais, passiva, submissa, humilde, sem iniciativa, sem fibra para lutar por uma vida melhor. Sempre considerou que, não fosse a passividade da mãe, poderia ter tido uma infância e uma adolescência com muito mais conforto, menos privações e menos constrangimentos.

Lembrava que era sempre convidada pelas amigas para comparecer às tradicionais festinhas de aniversário ou de quinze anos. Pois ela mesma nunca pudera dar festas para suas amiguinhas, como toda criança ou adolescente tem prazer em oferecer, porque nunca havia tempo ou dinheiro disponível. Das poucas comemorações de aniversário, o que ficou registrado na sua memória foi a velinha sobre um bolo de chocolate sempre pequeno, soprada por ela na presença de meia dúzia de pessoas, geralmente adultos e parentes, porque ela não tinha coragem de convidar as amigas da escola e do bairro.

As lembranças que tinha de sua mãe daquela época sempre a mostravam no papel de doméstica incansável e, por isso, sempre ausente com a filha. Os registros de sua memória colocavam-na invariavelmente na cozinha ou arredores, quer dizer: preparando as refeições, lavando roupa ou arrumando a casa, e só. Outras vezes encontrava-a varrendo o quintal, limpando o galinheiro ou cuidando do jardim. Não se lembrava de momentos de alegria, carinho e descontração, com as duas brincando ou tagarelando. A conclusão a que chegava era que as duas nunca conversavam. E se conversavam, uma parecia não ouvir a outra.

Enfim, as lembranças da infância se mostravam sempre duras a Raquel no que se referia à sua mãe. Quanto ao seu pai...

Por motivo de saúde, seu pai Antero se aposentara cedo e se limitava a ficar em casa procurando o que fazer, geralmente alguma atividade manual leve, como consertar mesas, cadeiras e outras pequenas coisas. No mais, passava boa parte do tempo dormindo ou lendo os livros que pegava emprestado na Biblioteca Pública.

Ao contrário de sua mãe, ele ia cedo para a cama.

Sua mãe, mesmo depois de um dia estafante, aproveitava as noites para fazer costuras para as amigas do bairro e, assim, garantir uma renda extra para ser somada ao já modesto valor da aposentadoria do marido. Mas nem esse esforço adicional da mãe, que lhe custava horas de sono e comprometia sua saúde, sensibilizava Raquel.

Cheia de sonhos e projetos grandiosos, ela esperava mais da vida!

Ah, como gostaria que a mãe tivesse sido uma mulher vaidosa, ambiciosa... Que tivesse feito não uma, mas duas faculdades, e se tornado uma executiva ou uma empresária de sucesso! Certamente teria tido muito orgulho dela e até procuraria seguir seu exemplo.

No entanto, tudo o que aprendera foi sentir vergonha da mãe. Por isso, fazia questão de mantê-la escondida ou afastada das suas amigas do bairro e das colegas de colégio.

Dessa tumultuada relação, eram esses os sentimentos e lembranças que Raquel guardava do passado e, de vez em quando, trazia para o presente.

Na verdade, por mais estranho que isso possa parecer, Raquel tinha a sensação de nunca ter considerado Estela efetivamente como sua mãe. Quando bem criança, via-a muito mais como uma irmã mais velha do que como mãe. Sim, parecia mesmo uma irmã mais velha. Talvez porque, na sua mente ainda muito jovem, não sentisse nela firmeza, conhecimentos, autoridade e competência para o papel materno.

Mas por que irmã mais velha? Em muitos momentos, achava estranho pensar daquele jeito, afinal, Estela era sua mãe de verdade, de cujo ventre saíra. Mas, na prática, era o que ocorria, por mais que resistisse àquele pensamento. Não foram poucas as vezes que ralhara com a “mãe” como se ela fosse uma “filha” ou uma irmã por achar que estava fazendo coisas erradas ou que não estava cumprindo corretamente com seus deveres. E, lógico, cada vez que isso acontecia, a relação entre ambas azedava mais.

A situação sempre se mantivera assim, sob o olhar complacente do pai, mesmo quando Raquel já estava na idade adulta. Não se lembrava de que, ao longo de todo aquele tempo, alguma tentativa tivesse sido feita para solucionar esses conflitos e trazer harmonia à família.

Exceto uma vez.

Ocorrera um fato na sua adolescência do qual se lembrava muito bem.

Atendendo a um pedido de seu pai, logo após ter completado os dezoito anos, alguém a levará, juntamente com a mãe, a um centro espírita, sob a justificativa de que ali poderiam encontrar uma orientação para esclarecer e acabar com a difícil relação entre ambas. Raquel tinha a vaga impressão de que o convite partira da senhora mineira que trabalhava como doméstica em sua casa.

Meio a contragosto, ela foi. Manteve a lembrança de que, por quase uma hora, ficaram numa sala, na penumbra, sob uma luz azulada, cercadas por um grupo de pessoas que ficavam com as mãos para o ar e não paravam de rezar. Raquel não se lembrava bem dos detalhes de tudo o que acontecera naquela noite, mas tinha absoluta certeza de que não gostara da experiência.

Principalmente porque ali lhe disseram que a “culpa” das desavenças era dela própria, em quem afirmaram faltar humildade, compreensão e compaixão. E, absurdo dos absurdos, disseram-lhe ainda que aquelas rugas constantes com sua mãe eram muito antigas, vindas de vidas passadas, e que tinham sido trazidas ao presente para que as causas pudessem ser reavaliadas, ou seja, para que os verdadeiros motivos pudessem ser identificados e adequadamente trabalhados pelas duas, culminando na reconciliação e no reencontro do amor. A esse processo chamavam “evolução do espírito”.

Foi ali, naquele dia, que pela primeira vez ouviu alguém fazer referência ao fato de que vivemos várias vidas em épocas e lugares diferentes. Claro que, na época, achou absurda tal afirmação.

Em resumo, lembrava que os condutores daquela reunião afirmaram que ela e sua mãe tinham tido grandes dificuldades de relacionamento em vidas passadas e que, na presente encarnação, haviam sido colocadas novamente juntas para que pudessem aprender

novas atitudes e sentimentos positivos, amorosos e construtivos juntas, eliminando as causas das desavenças.

Ou seja, o reencontro delas nesta encarnação, em corpos diferentes e em papéis provavelmente também diferentes, seria uma grande oportunidade para a evolução pessoal e espiritual de ambas. Mas ao que tudo indicava, a oportunidade não estava sendo aproveitada.

Raquel não levou a sério a experiência, nem deu crédito a nenhuma das explicações ouvidas. Pior ainda, nunca mais voltara a se interessar por qualquer assunto ou prática que dissesse respeito à espiritualidade, pois achara tudo completamente sem sentido. Além disso, considerava que, em matéria de religião, bastava acreditar em Deus e pronto. Não precisava de mais nada nesse sentido.

E à medida que crescia e adquiria novos conhecimentos acadêmicos e experiências profissionais, desenvolvia uma visão bastante pragmática da vida, em que apenas os resultados práticos e palpáveis daquilo que pudesse fazer e obter interessavam. O que não pudesse ser medido, quantificado e observado não fazia sentido — pertencia ao campo da subjetividade e não lhe dizia respeito. Orgulhava-se de ser uma pessoa lógica, racional e analítica.

Assim, seu slogan passou a ser “meu nome é trabalho”, atitude que, no jargão do mercado, identifica os *workaholics*, ou pessoas viciadas em trabalho.

— E então, querida, tudo bem? Está preparada para o grande momento?

A voz macia e carinhosa de Raul, seu marido, trouxe-a de volta ao presente.

Ela segurou e apertou a mão dele, procurando obter mais energia.

— Tudo bem, querido, estou preparada para receber nossa Kátia.

— Então, é só aguardar mais uns minutinhos. O “comitê de recepção” está tomando as últimas providências para receber a princesinha que vai chegar.

— De minha parte, podem começar quando quiserem.

Raul aproximou bem seu rosto do dela e cochichou, como se fosse um segredo:

— Discretamente eu estava observando você e achei que sua fisionomia demonstrava preocupação. Será que isso é verdade ou será que minha percepção está pra lá de embotada?

Raquel riu fracamente, pensou fugir do assunto, mas achou melhor ser sincera:

— A sua percepção continua ótima, meu anjo. Eu sei que não devia estar preocupada com isso agora, mas a verdade é que a ausência da minha mãe está me deixando chateada. Não que eu sinta falta dela, você bem sabe que para mim não faz a menor diferença, tanto faz se ela vem ou não. Mas é por causa da neta dela. É uma desconsideração, você não acha? Logo a primeira neta! — Raquel não fazia questão de esconder sua indignação.

Por todos que o conheciam, Raul era considerado um sujeito pacificador.

Era o conciliador do casal e o moderador das equipes de trabalho na agência de propaganda. Apesar de jovem, tinha uma enorme capacidade de discernimento. Por isso, emitia opiniões e adotava posições sempre ponderadas, equilibradas, tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.

Na agência, quando divergências técnicas entre os grupos de trabalho ameaçavam descambar para o conflito, Raul era chamado a intervir e, com seus comentários consistentes e ponderados, logo

colocava a casa em ordem e uma solução de agrado geral era prontamente encontrada.

Não que ele buscasse sempre o consenso. Como o escritor Nelson Rodrigues já dizia, “toda unanimidade é burra”. Raul acreditava nisso, tanto que costumava dizer aos seus funcionários, durante as discussões: “Do debate e da discordância, poderão surgir novos enfoques que nos farão enxergar uma nova realidade”.

Não se tratava de ser bonzinho; longe disso. Lógico que ele estava sempre atento ao fato de que todo debate só é útil quando conduz o grupo a uma conclusão, uma decisão viável e eficaz. Assim, com essa postura liberal, ele ajudava o raciocínio dos membros da equipe, abria espaço para a liberdade de expressão, ouvia todos os argumentos e só depois tomava a decisão, que nem sempre era consensual, mas democrática, já que a posição aprovada pela maioria era adotada.

Em casa, raramente alterava seu bom humor diante de algumas posições críticas ou intransigentes da esposa. Quando o diálogo se tornava algo mais áspero, aproximava-se dela carinhosamente e, com alguns afagos e palavras românticas ou bem-humoradas, restabelecia a paz entre o casal.

Por isso, foi com a voz tranquila de sempre que ele respondeu, continuando a acariciá-la:

— Meu amor, independentemente das divergências entre vocês duas, nós sabemos que sua mãe faria de tudo para estar aqui agora. Eu sou testemunha de que, nesses meses, ela não tem falado de outra coisa além da netinha que vai chegar.

— Mas então ela já deveria estar aqui há horas! — Raquel era implacável quando se tratava da mãe.

— Eu tenho certeza de que algum imprevisto deve tê-la impedido de vir. Está chovendo muito, uma verdadeira tempestade, e isso talvez esteja atrapalhado a vinda dela. Mas pode estar certa de que ela chegará a qualquer momento — e completou com uma frase a respeito da qual o próprio Raul não poderia imaginar nem de longe o quão profética poderia ser — Quem sabe ela já está por aqui?

Mal acabara de pronunciar essas palavras, uma das janelas do quarto não resistiu à ventania da tempestade lá fora e escancarou-se com estardalhaço, deixando entrar uma forte lufada de vento e ar frio que atravessou a sala e atingiu Raquel em cheio, fazendo-a estremecer.

Uma enfermeira correu para fechar a janela, enquanto Raul se preparava para agasalhar Raquel com um cobertor.

Nem teve tempo.

Naquele exato momento outra enfermeira do setor de Obstetrícia entrou e conduziu Raquel à sala de parto.

# Capítulo 3

De repente, Estela acordou num ambiente completamente diferente de onde estivera há algum tempo.

A sensação era de que acabara de despertar de um longo e profundo sono.

Percebeu que estava em um pequeno e iluminado quarto branco, deitada no que parecia ser uma maca ou cama hospitalar. Não sentia dores, mas estava vestida com um jaleco azul claro, como uma paciente convencional.

À sua direita, havia uma mesinha metálica com uma jarra de água e um copo sobre uma toalhinha redonda, também branca e rigorosamente limpa.

O que tinha acontecido? O que estava fazendo ali?

Era dia. Podia perceber pela claridade que entrava por uma janela aberta, situada também à direita, bem no centro da parede. Era possível ver a paisagem lá fora: um vasto campo coberto por uma relva muito verde e, mais ao longe, muitas montanhas. Imaginou que o dia estava ensolarado, pois o azul límpido do céu se destacava e não havia nuvens.

À esquerda do quarto havia três cadeiras brancas, uma ao lado da outra, possivelmente destinadas a visitas, segundo imaginou.

Na parede da frente, ao lado da porta, havia outra mesinha, também coberta por uma toalha branca, sobre a qual repousava um pequeno vaso com flores brancas. A porta do quarto estava fechada, mas Estela não saberia dizer se estava trancada a chave ou apenas encostada.

Não se ouvia nenhuma voz, nenhum ruído — como convinha a todo hospital, se é que aquilo era mesmo um hospital. Até então não tinha certeza.

Mas, e se fosse um hospital? Eis a questão. Se fosse um hospital, como parecia, o que ela estaria fazendo ali, principalmente se não estava sentido nenhum mal-estar ou dor?

Forçou a memória para se lembrar como fora parar naquele lugar.

De repente, algo clareou sua mente: lembrou que sua filha Raquel estava para dar à luz! E também se lembrou, dessa vez com um sentimento de urgência, de que precisava estar com ela!

Aquela recordação desencadeou nela súbita ansiedade de sair dali e ir para junto da filha. Precisava estar presente quando sua primeira neta nascesse. E, além disso, sua filha necessitaria da sua ajuda em sua primeira experiência como mãe.

No mesmo momento em que fez menção de levantar-se da cama, entraram duas pessoas no quarto — um casal que usava jaleco branco. Ele, muito alto, de meia-idade, com alguns fios grisalhos já aparecendo na cabeleira, na sua barba curta e no bigode. A mulher também era alta e mais jovem que ele, de cabelos negros, curtos. Deviam ser os médicos.

— Olá, Estela, vejo que já acordou! — falou o homem, com uma voz grave, porém suave e cadenciada.

Estela julgou que ele fosse o médico responsável e que sua a mulher que o acompanhava talvez fosse uma assistente ou enfermeira:

— Doutor, o que estou fazendo aqui? Isto é um hospital?

Ele sorriu complacente:

— Digamos que é uma espécie de hospital, diferente de todos aqueles que você conheceu. E não precisa me chamar de doutor. Não sou médico.

Estela entendeu menos ainda: se ele não era médico, o que estava fazendo no quarto dela? O que tinha acontecido? Onde estava sua filha? Ela precisava ir logo ao seu encontro.

O homem continuou falando, enquanto a moça apenas a olhava com um sorriso nos lábios. Sem dúvida, ambos eram muito simpáticos, mas isso não resolvia a ansiedade de Estela.

— Estela, é natural que você esteja um pouco confusa. Você acabou de chegar e vai levar algum tempo para entender a situação.

Estela o interrompeu:

— Mas que situação? Que lugar é este e o que eu estou fazendo aqui? Quem me trouxe? Como vim parar aqui? Eu preciso sair para ir ver minha filha que está dando à luz neste momento! Minha primeira neta está nascendo e eu tenho que estar lá!

Pela primeira vez a moça falou, estendendo-lhe um copo com água:

— Em breve você entenderá tudo, Estela. Beba um pouco desta água e procure se acalmar.

— Mas, minha filha, como posso ficar calma se nem sei o que estou fazendo aqui? Eu preciso ir ajudar minha filha que está tendo um nenê! Vocês não entendem isso? Minha filha está em trabalho de parto e eu estou deitada aqui nesta cama sem saber por que nem para que! Eu tenho que estar lá.

Desta vez, o homem falou sem sorrir e com uma voz mais solene:

— Estela, você não poderá sair daqui e não poderá ir ver sua filha.

Surpreendida com aquela afirmação tão categórica, Estela perdeu a voz por um segundo para, em seguida, exasperar-se:

— O que o senhor está dizendo é um absurdo! Não sei quem é o senhor, mas quem quer que seja não pode me manter presa aqui!

— Você não está presa aqui, Estela — a voz da moça era agora conciliadora e o que ela disse deixou Estela um pouco mais tranquila. — Você poderá sair na hora que quiser...

Estela fez nova menção de levantar-se:

— Posso? Então eu quero sair agora! Neste momento!

— ...mas, antes, você precisa compreender a nova situação em que se encontra.

Estela desabou o corpo na cabeceira da cama e mostrou desânimo nas feições:

— Vocês estão me deixando confusa! Eu não estou entendendo nada, não sei que nova situação é essa de que vocês estão falando! Eu só quero ir para perto da minha filha... — e começou a chorar baixinho.

O homem puxou uma das cadeiras para perto da cama, sentou-se e pôs sua mão sobre uma das mãos de Estela. A moça permaneceu de pé.

— Está bem, Estela, então vamos começar do começo. Eu me chamo Salomão e esta moça se chama Priscila. Nós fomos designados como seus orientadores espirituais.

Estela não pôde evitar a surpresa:

— Orientadores espirituais? Que história é essa? Por que eu precisaria de orientadores espirituais?

Antes de prosseguir, Salomão olhou para Priscila e ela assentiu com a cabeça.

— Estela, você agora está em outro plano de vida, um plano espiritual.

Durante alguns segundos, Estela ficou olhando fixamente para Salomão como se não tivesse entendido uma só palavra do que ele dissera. Quando falou, sua voz parecia mais um sussurro:

— Desculpe, senhor. Não entendi o que o senhor disse.

— Vamos voltar um pouquinho no tempo. Você estava em um táxi a caminho da maternidade para assistir ao parto da sua filha Raquel, certo?

— Isso mesmo — a voz ainda era um sussurro.

— Chovia muito e o carro não conseguia avançar. Você percebeu que não chegaria a tempo.

Alguma coisa foi clareando a mente de Estela. Primeiro, na forma de flashes, depois já na forma de sequências. O táxi, a chuva, o motorista, o trânsito, o celular tocando, ela muito nervosa...

— Meu Deus... Estou lembrando... — continuava falando baixinho.

— Ao perceber que não chegaria a tempo, sua tensão aumentou a um ponto insuportável para seu coração.

— Lembro que de repente tudo escureceu...

Estela foi juntando as peças do aparente quebra-cabeças. Quando este adquiriu forma, quando o pensamento de Estela se aproximou da realidade, sua mão apertou fortemente a mão de Salomão, que durante todo o diálogo se mantivera sobre a dela.

— Então... então quer dizer que...

Salomão e Priscila lentamente assentiram com a cabeça.

— ...quer dizer que... morri?

A voz de Salomão era doce, porém firme:

— Você pergunta se morreu? Nós não usamos essa palavra aqui, Estela. Do nosso ponto de vista, você não morreu. Apenas mudou de plano, mudou de dimensão para começar uma nova vida. Você estava no

plano terreno e agora está no plano espiritual. Desencarnou e agora vai iniciar uma nova jornada.

Estela tentava entender a situação. Movimentou a cabeça e olhou todo o quarto, detalhadamente. Queria certificar-se de que tudo o que estava acontecendo era verdade.

— Esperem, já sei! Estou alucinando, estou tendo aquelas visões que as pessoas que passam por acidentes descrevem. Estou delirando, vou ser medicada e daqui a pouco recobrarei a consciência na cama de um hospital de verdade, junto a médicos de verdade, não é isso?

Salomão e Priscila balançaram a cabeça negativamente.

— Mas isso que vocês estão dizendo não pode ser verdade! Ninguém me avisou, ninguém me preveniu! Não tive tempo de me preparar, de me despedir das pessoas queridas... Eu preciso avisar a minha filha, meu marido, meu genro...

Priscila respondeu com calma:

— Eles já sabem, Estela. Até porque já faz algum tempo que aconteceu sua passagem para este plano.

Então, ela se exaltou:

— Mas eu quero contar para eles! Eu tenho esse direito! Vocês não podem me tirar do convívio de minha família assim, sem mais nem menos...

Salomão respondeu sem perder a serenidade:

— Ninguém tirou você do convívio com seus entes queridos. Essas coisas acontecem de acordo com uma programação dos seres superiores. Tudo que acontece na Terra está de acordo com determinações do plano superior. Trata-se de um processo natural de evolução da vida. Temos muitas passagens a realizar, muitas vidas a viver e todas elas são finitas.

Em algum momento, o ciclo se encerra no plano terreno e recomeça no plano espiritual.

Estela agora chorava copiosamente. Priscila procurou consolá-la:

— Estela, é compreensível que os primeiros momentos causem essa reação. É natural. Mas você receberá toda a orientação necessária para viver neste plano até que, conforme determinação das entidades superiores, você possa reencarnar e voltar à Terra.

Salomão continuou:

— Em breve, Estela, você verá que aqui levamos uma vida quase igual à da Terra. Aqui, todos trabalhamos, estamos em contínuo processo de desenvolvimento e principalmente nos tornamos capacitados para ajudar aqueles que chegam e, em alguns casos, aos que permanecem na Terra — fez um afago na testa dela: — Depois você compreenderá isso melhor. Por ora, temos outras prioridades.

Estela encarou o casal e falou com voz suplicante:

— Mas vocês não estão entendendo... Eu não estava preparada... Eu preciso ver minha filha, meu marido, minha neta, meu genro... Eu preciso voltar lá, nem que seja por alguns momentos...

— Estela, você precisa entender que, por estar agora em outro plano, seus entes queridos não poderão vê-la nem ouvi-la. Você estará invisível e inaudível para eles. Portanto, de que adianta voltar lá?

— Adiantará para mim, que os verei mais uma vez. Só mais uma vez. Por favor!

Salomão e Priscila entreolharam-se. A reação de Estela era típica para eles. A maioria dos espíritos tinha reação semelhante ao chegarem ali. Os seres humanos se apegavam muito à vida material e sentiam grandes dificuldades em abrir mão daquilo que consideravam símbolos de sucesso, felicidade, realização no início. Por isso, todos pediam

permissão para voltar nem que fosse por alguns instantes. Mas era muito arriscado conceder essa permissão, principalmente diante de um acontecimento tão recente, como o de Estela.

— Veja, Estela — Salomão procurou ser bem didático —, da mesma forma que acontece na Terra, o plano espiritual tem leis que devem ser respeitadas e obedecidas. Certamente, uma dessas leis, a do livre-arbítrio, permite que o espírito de alguém tome a decisão que julgar melhor para si, mas certamente, se não for uma decisão acertada, terá de arcar com as consequências, que às vezes são bastante severas. Nosso dever é orientar os espíritos e alertá-los para esses riscos.

— O que devo fazer, então? — a voz de Estela já demonstrava certo conformismo.

— Enviaremos você para o treinamento espiritual. Priscila será sua guia, eu serei seu mentor. Sempre que você tiver alguma dúvida durante o treinamento, procure por um de nós dois. Ao longo do seu programa de aprendizado, você conhecerá novos amigos, reencontrará outros que há muito tempo deixaram a Terra, receberá e cumprirá tarefas de ajuda e de amor ao próximo. Você verá que a vida aqui é intensa, bonita e até divertida. Deixe o tempo passar sem se preocupar com ele. O conceito de tempo aqui é completamente diferente do conceito usado na Terra. De qualquer forma, passará o tempo necessário para que seus entes queridos lá na Terra também administrem sua partida, também aprendam lições e também tenham a oportunidade de crescer.

— Então, quer dizer que daqui a algum tempo eu poderei visitar minha filha, meu marido, minha neta, meu genro? Foi isso mesmo que entendi?

— Entre o plano terreno e o plano espiritual nada é assim tão radical, tão linear, tão lógico. A comunicação entre os dois planos

condiciona-se a uma série de fatores, circunstâncias e condições. É preciso cumpri-las todas para que as coisas ocorram de forma harmoniosa. E, para isso, será preciso dar tempo ao tempo. Esse é o melhor caminho. Há espíritos mal orientados que tentam burlar essas condições, o que não é recomendável porque os resultados quase sempre são negativos.

Estela o interrompeu, ansiosa:

— Mas, enfim, poderei ou não fazer essa visita?

— Se houver disciplina e merecimento, a comunicação se tornará possível sob determinadas condições e formas. Mas será preciso ter paciência e, como eu já disse, dar tempo ao tempo. Estamos lidando com leis e energias muito sutis, mas muito poderosas.

Os olhos de Estela adquiriram um brilho repentino:

— Posso lhes perguntar uma coisa?

— Claro, Estela, o que você quiser.

— Vocês estavam vendo minha filha durante o parto dela?

O casal assentiu com a cabeça.

— E então, correu tudo bem? Vocês viram minha netinha?

Salomão já tinha se levantado, mas Priscila aproximou-se e pôs a mão sobre o ombro de Estela, enquanto respondeu:

— Tudo correu perfeitamente bem, Estela. Sua filha está ótima e você ganhou uma netinha muito saudável e linda.

Os olhos de Estela estavam cheios de lágrima quando ela respondeu, pondo a própria mão sobre a de Priscila:

— Obrigada, minha filha. Deus te pague — voltou a recostar-se na cama, deixou a cabeça pender para um lado e adormeceu.

# Capítulo 4

Seis anos já haviam se passado.

Kátia parecia uma dessas crianças-modelo escolhidas a dedo entre milhares de candidatas para fazer comercial de talco, xampu ou colônia infantil. Com longos e lisos cabelos negros, olhos castanhos muito graúdos, pele alva e macia, um permanente sorriso amistoso nos lábios, era uma garota alegre, comunicativa e muito inteligente.

Era o xodó dos pais, que se esforçavam o quanto podiam para não exagerarem nos mimos e carinhos. Não eram versados em psicologia infantil, mas já tinham ouvido falar dos riscos que correm os filhos únicos devido ao excesso de zelo e amor dos pais. Independentemente do que diziam os psicólogos a esse respeito, não pretendiam que Kátia continuasse filha única, mas esse era um projeto de longo prazo. Depois do nascimento dela, haviam decidido dar um tempo para, como se diz, “ajeitar a vida e os negócios” de forma sólida.

Raquel e Raul constituíam um casal moderno — ele, com trinta e dois anos e ela acabando de completar trinta — e se orgulhavam de estarem atualizados com os valores e comportamentos da geração atual, até por força da profissão que exerciam. Mas faziam questão de manter a cabeça no lugar. Não se deixavam influenciar pelos modismos que considerassem inadequados. Assim, não se acanhavam de manter e

praticar alguns procedimentos que a maioria dos casais da mesma idade poderia considerar conservadores.

Por exemplo, um desses procedimentos era a hora de a filha dormir diariamente: sempre às oito da noite. Não apenas porque ela tinha que levantar cedo na manhã seguinte para ir à escola — a van escolar passava no prédio onde moravam às sete horas da manhã — mas também para evitar que ela assistisse a programas da televisão a partir desse horário. Claro que Kátia não aceitava tão pacificamente esses limites, mas seus pais eram intransigentes, embora essa intransigência fosse aplicada com muita paciência e carinho, sem radicalismos. Tanto que, algumas vezes, esse rigor com o horário aceitava algumas negociações com a filha, que obtinha eventuais prorrogações.

Raquel e Raul eram publicitários, donos de uma agência criada quando ainda eram noivos, depois que concluíram o curso na Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Esperaram concluir a graduação também para casar-se. Foi uma solenidade simples, sem muito alarde, para poucos amigos. A palavra de ordem era economizar para investir nos negócios.

Desde então, a agência vinha se destacando rapidamente no mercado pela inovação e criatividade de suas peças e anúncios tanto na mídia impressa, quanto no rádio e na televisão.

Para se ter uma ideia desse crescimento, bastava levar em conta que a agência fora inaugurada com apenas quatro funcionários, incluindo o casal, mas naquela época já tinha trinta e duas pessoas na sua folha de pagamento, uma expansão acompanhada pelo faturamento e pelo lucro.

A sede da agência ficava próxima a casa deles, no bairro Jardins, uma das mais nobres e mais valorizadas regiões da capital paulista.

Situados na zona Oeste da cidade, o Jardins é composto por outros quatro disputados bairros da região de Pinheiros: Jardim Paulista, Jardim América, Jardim Europa e Jardim Paulistano, que, inclusive, abriga o Shopping Iguatemi, o mais antigo do país e também um dos mais luxuosos.

Nas suas ruas mais famosas — com destaque para a Oscar Freire, Augusta e as avenidas Paulista e Rebouças —, localiza-se um sem número de outras agências de propaganda e marketing. Com muitas casas e mansões de alto padrão, há ali um comércio geral muito sofisticado, destacando-se joalherias e lojas de grifes famosas, restaurantes, bares e casas noturnas, além de museus e comerciantes de arte. Muitos políticos, altos executivos e empresários influentes residem nos Jardins.

Do ponto de vista comercial e do marketing, e até de status profissional, é altamente estratégico que as agências de publicidade e corporações de grande porte tenham sua matriz, filial, escritório ou representação nas proximidades ou na própria Avenida Paulista, um dos principais centros financeiros da cidade e do país, além de ser um dos mais conhecidos cartões postais de São Paulo. Ali podem ser encontradas sedes de grandes empresas, bancos, hotéis, consulados, hospitais, emissoras de rádio e TV, instituições científicas e de ensino.

Não fora fácil nem barato para Raul e Raquel conseguir aquele excelente ponto, bem próximo da Avenida Paulista e ao lado de outras grandes agências de propaganda, com a característica de ser de fácil acesso para os clientes. E com uma enorme vantagem adicional para Raquel: tratava-se de uma enorme casa térrea, ou seja, sem escadas. Nada de mezanino ou piso superior. Pouquíssimas pessoas sabiam que Raquel sofria de uma tão incontrolável quanto incompreensível fobia por

escadas de qualquer tamanho, largura, altura, com ou sem corrimão. Esse detalhe foi mais um motivo da paixão imediata de Raquel pelo imóvel. Raul também gostou do local, mas nunca escondeu que preferia um sobrado, pois achava que os espaços seriam mais bem aproveitados e planejados.

De qualquer forma, era uma sede de primeira.

Na verdade, só foi possível alugá-la graças a uma deferência toda especial do seu proprietário, um grande amigo dos pais de Raul, a quem devia favores. Eles não sabiam os detalhes dessa história, mas parece que uma grande ajuda fora prestada pelos pais de Raul ao proprietário, um imigrante italiano, quando chegara ao Brasil décadas atrás com sua numerosa família, buscando refúgio do que alegara ser uma perseguição política. No Brasil e especificamente em São Paulo, fora muito bem acolhido e pudera refazer sua vida, já que perdera quase tudo na fuga.

Por alguma razão, era um assunto confidencial, em que raramente se tocava na presença do casal. Quando eventualmente era abordado, era sempre coberto de muito sigilo e por isso pouco se sabia a respeito. Percebendo esses cuidados e não querendo ser indiscretos nem invasivos, Raquel e Raul jamais faziam perguntas a respeito, contentando-se em usufruir profissionalmente da cortesia.

De acordo com os projetos do casal, o próximo passo seria adquirir o imóvel e parar de pagar aluguel. O grande e rápido crescimento da agência dava bons indícios de que não se tratava de um sonho tão impossível de tornar-se realidade.

A afinidade do casal quanto aos sonhos profissionais era uma das razões do sucesso da agência e deles próprios. Desde que se conheceram, Raul e Raquel tinham planos e projetos profissionais bem definidos e muito ambiciosos, o que talvez tivesse contribuído inclusive

para a rápida aproximação dos dois. Quando se casaram, já tinham decidido dedicar-se com afinco ao trabalho e, em consequência, aguardar pelo menos cinco anos para terem filhos — e mesmo assim teriam apenas um durante um bom tempo.

Segundo acreditavam, era preciso construir uma base material e financeira sólida para depois pensar no crescimento da família. Com esse pensamento, formavam um verdadeiro par de workaholics e não se importavam nem um pouquinho com isso. De forma assumida e deliberada, o trabalho, os clientes e os lucros vinham à frente de qualquer outro assunto.

Foi nesse contexto que nasceu Kátia.

A gravidez de Raquel proporcionara um inesperado clima de felicidade para o casal. Eles não faziam a menor ideia de como a vinda de um filho provocaria uma série de transformações tão grandes na vida e no pensamento deles. Depois dos longos nove meses durante os quais a ansiedade do casal só era menor que aquela gerada pelo cumprimento dos prazos profissionais, Kátia veio ao mundo, mostrando seus lisos e lindos cabelos negros, um irresistível e permanente sorriso e graúdos olhos castanhos, iguais aos da mãe.

A alegria só não foi maior porque, no exato momento em que Kátia nascia, morria a mãe de Raquel, vitimada por um infarto fulminante dentro de um táxi, justamente enquanto se dirigia para a maternidade onde Raquel estava prestes a tornar-se mãe da sua primeira neta.

Raquel só foi informada de que sua mãe “tinha passado mal e estava hospitalizada” muitas horas depois de Kátia ter nascido. Raul decidira dar a trágica notícia em doses homeopáticas na tentativa de minimizar o choque e preparar psicologicamente a esposa para o pior. Afinal, o que menos queria naquele momento era lhe causar problemas

emocionais. Mas tinha consciência de que não teria como esconder a realidade por muito tempo, pois Raquel estranhara a ausência da mãe antes mesmo do parto e, depois dele, perguntara várias vezes por ela.

Quando finalmente Raul lhe deu a notícia, escolhendo bem as palavras para minimizar o choque, Raquel ficou olhando para ele fixamente, sem nada dizer, como se tivesse entrado em estado catatônico, com o olhar perdido no espaço. Naquele momento não chorou nem se mostrou abalada. Também não fez comentários ou perguntas — se os fez, foi a si mesma.

Naquele instante, por alguma razão absolutamente imponderável, a cantiga de ninar com que a mãe a fazia adormecer surgiu com força na memória de Raquel, de forma súbita e involuntária:

*Se esta rua, se esta rua fosse minha,  
Eu mandava, eu mandava ladrilhar.  
Com pedrinhas,  
Com pedrinhas de brilhantes  
Só pra ver,  
Só pra ver meu bem passar.  
Uma inesperada onda de nostalgia a invadiu.*

Raul já começava a se preocupar com o silêncio e a imobilidade da esposa, quando ela lentamente baixou os olhos para o bebê adormecido em seus braços, inclinou a cabeça e carinhosamente beijou sua testa, deixando a face levemente apoiada sobre os cachos lisos e negros de Kátia.

Aos poucos, Raquel foi se recompondo, mas não fez perguntas sobre o ocorrido com sua mãe. Passadas algumas horas, sua preocupação era retornar à sua casa o quanto antes.

\*\*\*

Raquel sentiu o choque da perda da mãe nos primeiros dias, depois que retornou para casa, mas optou por dedicar-se de corpo e alma à filhinha, por isso teve uma recuperação emocional surpreendentemente rápida. Afinal, sempre que tomava conhecimento de algum acontecimento dramático, pela imprensa ou por comentários dos colegas de trabalho, costumava pensar e dizer que “essas coisas acontecem e a vida tem de continuar”.

Era uma mulher muito bonita e vaidosa. Com longos e lisos cabelos negros, olhos castanhos graúdos e corpo escultural, era inevitável que chamasse a atenção dos homens por onde passava. Mas felizmente, para Raul, ela era o que se podia chamar de “mulher séria” — fazia absoluta questão de zelar pela sua imagem; não correspondia às “cantadas”, nada tinha de leviana e fútil. Assim, apesar de sua destacada beleza, exibía sempre um ar compenetrado, quase intelectual, de mulher executiva muito comprometida e profissional, daquelas que priorizam o trabalho e o levam muito a sério.

Em alguns momentos, pela sua postura altiva, ela parecia até mesmo arrogante e chegava mesmo a ser autoritária e ríspida com seus funcionários. Quando Raul, com muito tato, tentava chamar-lhe a atenção para essa postura quase ditatorial enquanto gestora, ela se justificava dizendo que era muito perfeccionista e não tolerava erros nem displicências no trabalho.

Às escondidas, parte da equipe se queixava do modo como era tratada por Raquel. Reconheciam sua competência profissional, mas gostariam que ela tivesse um estilo mais humano e informal de liderança. Quando o clima ficava pesado e o desânimo ameaçava dominar o

pessoal, era Raul quem se encarregava de contornar a situação e fazer a equipe continuar motivada e dedicada à agência.

Com postura bem diferente da esposa, Raul era muito admirado e respeitado como chefe. A opinião geral era de que ele aliava competência técnica à habilidade de tratar e conduzir pessoas. O que diferenciava Raul da esposa era a sua descontração e seu senso de humor. Mesmo levando o trabalho a sério tanto quanto Raquel, ele não perdia a oportunidade de contar uma piada ou fazer uma brincadeira com os funcionários, o que acontecia com bastante frequência. E nem por isso deixava de ser levado a sério quando o momento exigia. Na verdade, a informalidade de Raul contribuía para que o ambiente de trabalho se mantivesse bem-humorado, como convém a uma criativa agência de publicidade.

Em termos de aparência física, ele nada ficava a dever à esposa: alto, moreno, de corpo atlético, também não se descuidava do visual. Assim como a esposa, era bastante disciplinado quanto às normas da boa saúde, sem exageros na comida e na bebida.

No entanto, o casal tinha um sério ponto fraco nos cuidados com a saúde: eram sedentários assumidos. Já tinham ouvido inúmeras recomendações médicas de que deveriam fazer atividades físicas regularmente. Em vão. Por várias vezes tentaram frequentar uma academia, mas não tiveram a motivação ou persistência indispensáveis para seguir adiante.

O motivo dessa atitude era um só: o foco permanente da atenção deles era o trabalho. Achavam que o tempo que passassem numa academia seria um tempo que poderiam utilizar em alguma atividade da agência — portanto mais útil e interessante.

De qualquer maneira, a agência não parava de crescer. Talvez até fosse saudável para o negócio essa diferença de estilo entre os dois principais gestores. Não deixava de ser uma complementação.

# Capítulo 5

No plano astral, o espírito de Estela estava feliz, mas também preocupado.

Durante todo aquele tempo, aguardara com ansiedade o momento em que poderia fazer uma visita à Terra e rever sua filha Raquel, sua neta Kátia, seu marido Antero e seu genro Raul.

Lembrava que, no início, logo que chegara ali, ficara muito chocada com sua transição repentina de um plano para outro — e justamente num momento em que não poderia ter se afastado da filha. Ficou muito revoltada, de verdade. Chegou até a pensar em ludibriar as leis daquela dimensão e visitar sua família na Terra o quanto antes. Mas seus orientadores haviam sido muito claros quanto aos riscos e possíveis punições da lei de causa e efeito.

Além disso, Salomão e Priscila, seus guias espirituais, eram tão gentis, tão generosos e educados que ela sinceramente não queria magoá-los praticando alguma ação precipitada e inadequada.

Por isso, decidiu acatar as instruções deles e iniciou o programa de adaptação ao novo plano e de desenvolvimento espiritual. Como Salomão sempre recomendava, resolveu dar tempo ao tempo. E ao se decidir por isso, logo se envolveu com entusiasmo em projetos e

programas de ajuda e orientação aos novos desencarnados que chegavam.

Depois de algum tempo — que ela não sabia precisar, pois, como já havia sido alertada, os conceitos de tempo e espaço no plano superior são completamente diferentes dos da Terra —, Estela foi novamente invadida pelo desejo de visitar a filha.

Mas isso não aconteceu por acaso.

Um dia, como parte do seu treinamento, ela acompanhava Salomão e Priscila no atendimento ao espírito de uma mulher que acabara de chegar.

A recém-chegada, que na vida terrena se chamara Francilene, fora vítima de um acidente de carro enquanto fugia da polícia. Seu parceiro era um traficante de drogas e estava dirigindo totalmente “chapado”, como se diz no plano terreno para identificar o indivíduo sob efeito de drogas. Na tentativa de fuga, em alta velocidade, batera o carro contra um poste e provocara um acidente de graves proporções. Ele escapara com vida, apesar dos vários ferimentos, e já se encontrava devidamente preso, aguardando julgamento.

Sua companheira, Francilene, não tivera a mesma sorte. E agora estava ali.

Da mesma maneira que ocorrera com Estela quando chegou ao plano espiritual, Francilene estava muito confusa e tentava entender a nova situação. Por mais que Salomão e Priscila, com a paciência e calma de sempre, tentassem explicar-lhe o processo de transição e da mudança entre planos, a mulher se recusava a entender. Ou, se entendia, não aceitava.

A sequência dos diálogos era quase uma repetição daquela mantida por Estela ao chegar. A única e grande diferença era que Francilene usava

e abusava dos palavrões. Percebia-se que seu estilo de vida na Terra fora muito sofrido e não tinha oferecido a ela muitas oportunidades de crescimento em termos de educação e escolaridade. Pelo contrário, abandonada pelos pais, entregara-se ao vício desde cedo e logo começou seu envolvimento com os cartéis que dominavam a distribuição e venda de drogas na região onde morava. Sem forças para fugir daquela situação e tentar reintegrar-se à sociedade, o final de sua vida tornou-se mais ou menos previsível.

Durante a conversa de esclarecimentos, por várias vezes a mulher ofendeu Salomão e Priscila com palavras de baixo calão e ameaçou pular da cama e fugir dali. Estela percebeu que aqueles dois mentores espirituais, com bastante discrição, entreolhavam-se a cada impropério ouvido, como se dissessem um ao outro “Esta pobre alma vai nos dar muito trabalho.”

Francilene, aos gritos, não admitia a menor possibilidade de permanecer ali. Dentre outros protestos, argumentava que não deixaria o “homem dela” em liberdade, à mercê de outras mulheres sedutoras. E de nada adiantava o casal de orientadores espirituais explicar que, a partir daquele momento, o foco da sua vida e a essência dos seus pensamentos deveriam se voltar para outros interesses menos físicos e materiais. Tempo perdido: a mulher esbravejava e continuava com as ameaças de fuga.

Estela ficou muito chocada com aquelas cenas. Era um dos seus primeiros atendimentos e não fazia a menor ideia de que teria de lidar com espíritos tão pouco educados, com tanta carga de revolta e agressividade. Será que um dia conseguiria sair-se bem em uma situação parecida?

Salomão e Priscila mantinham a serenidade e continuavam tentando argumentar e explicar à Francilene o funcionamento das leis do Universo que regiam a vida dos humanos.

Depois de um longo tempo de tentativas, a dupla deu as mãos e fez uma prece de maneira muito intensa e fervorosa. Certamente estavam pedindo ajuda e proteção às forças superiores para trazer paz e aceitação àquele espírito rebelde.

Estela ficou surpresa com o poder da oração: em poucos minutos a mulher se acalmou, parou de gritar e relaxou na cama. Parecia que tinham lhe injetado um poderoso sonífero, pois logo adormeceu.

Salomão pôs a mão no ombro de Estela:

— O espírito desta mulher ficará calmo durante alguns momentos, mas é necessário que, por enquanto, seja vigiado para que não ceda a impulsos negativos, nem fale ou faça coisas indevidas. Eu e Priscila vamos continuar com nossa ronda, pois há outros espíritos desencarnados recém-chegados que precisam da nossa ajuda. Peço-lhe que permaneça aqui por mais algum tempo, zelando por este pobre espírito sofredor. Ore o quanto puder para que ela aceite sua nova condição. Quando despertar, converse com ela, use os conhecimentos que você já adquiriu aqui durante seu treinamento e procure mostrar-lhe as novas possibilidades de progresso que terá aqui. Faça o possível para transmitir a ela um pouco da sua lucidez, da sua sensibilidade, da sua maturidade. Depois voltaremos aqui para ver como as coisas vão.

Se por um lado Estela estava orgulhosa pela confiança demonstrada pelos seus mentores espirituais em sua capacidade de conduzir Francilene a um estágio de reflexão, por outro estava um tanto insegura, pois não tinha certeza se conseguiria controlar a situação caso aquela mulher acordasse e começasse a esbravejar e ameaçar fugir.

Quando o casal deixou o quarto, Estela foi surpreendida por um súbito mal-estar, percebendo que aquela insegurança lhe trazia amargas recordações de sua vida terrena.

Esse sentimento a pegara de surpresa, pois achava que, depois de tanto tempo no plano espiritual, estaria vacinada contra aquelas recordações que traziam de volta ao centro das suas atenções, e com inesperada intensidade, a imagem de sua filha Raquel. Flagrou-se com o coração batendo descompassado, como se tivesse seu corpo físico de volta. Que estranho!

E tudo porque voltara a lembrar de sua filha — e tal lembrança vinha acompanhada de todas as demais relacionadas à sua transição: o táxi, a ida à maternidade, a proximidade do nascimento da sua primeira neta, a mudança de planos. Sentiu uma saudade imensa da filha, um desejo incontável de conhecer a neta e de rever o marido e o genro!

Por que aquilo estava acontecendo? Estava tão tranquila antes de...

Francilene!

Olhou para o espírito da recém-chegada.

A mulher tinha os olhos arregalados, desmesuradamente abertos e fixos nela!

Será que estaria sofrendo as influências maléficas daquele espírito rebelde e sofredor? E que por aquele motivo estava tendo aquelas recaídas de memória e emoções? Rapidamente, sussurrando, iniciou uma oração que considerava adequada para o momento e para a situação.

— Está rezando para mim, velha? — a voz da mulher estava rouca não só por ter gritado muito, mas também porque acabara de acordar.

De qualquer maneira, o tom era assustador.

Estela assentiu com a cabeça, sem interromper a prece. Francilene continuou, agora já ameaçadora:

— Então não perca seu tempo, vovó. Eu sou um caso perdido. Em vez disso, faça uma coisa mais útil para mim: ajude-me a sair daqui.

Estela coçou a cabeça e começou a responder timidamente. Tinha receio das reações intempestivas daquela mulher selvagem e sentia-se insegura:

— Moça...

— Meu nome não é moça! — gritou a mulher. — E não sou moça coisa nenhuma! Já tive mais filhos do que você é capaz de imaginar! Eu me chamo Francilene!

— Pois então, Francilene, você não pode sair daqui...

Parecia que a mulher ia pular da cama em cima de Estela:

— O quê?! Quem você pensa que é para me dizer o que eu posso e o que eu não posso fazer? Quem disse a você que eu não posso sair daqui, sua velha bruxa? Ninguém me dá ordens, tá sabendo? Só meu homem! E ele não está aqui agora! Se estivesse, isso não estaria acontecendo!

Estela teve vontade de impactar aquele espírito, colocando-o em seu devido lugar, e dizer-lhe: “Minha jovem, você não poderá sair daqui simplesmente porque você está morta!”, mas sabia que não podia fazer aquilo. Primeiro, porque não podia entrar no jogo de provocações dela; e, segundo, porque aquela não seria a forma correta de passar uma informação tão séria. Era algo que ela ainda precisaria aprender a fazer. Contou mentalmente até dez e procurou mostrar-se calma:

— Escute, minha filha...

— E não me chame de filha! Eu não sou sua filha! E se você quer saber, eu não tenho a menor ideia de onde esteja a minha mãe, aquela vagabunda!

— Desculpe, Francilene. Eu quero apenas que você saiba que nenhuma de nós duas pode sair daqui porque...

Francilene interrompeu, sempre esbravejando:

— Pode parar com essa conversa mole! Quanto a você, velhota, eu não sei nem quero saber o que você pretende fazer da sua vida. Mas quanto a mim, que eu vou sair daqui, ah, disso não tenha dúvida!

— Por que você quer tanto sair, se aqui temos coisas maravilhosas?

— Coisa maravilhosa é minha vida lá fora, velhota! Coisa maravilhosa é meu homem me esperando lá fora, inclusive, ele já deve estar preocupado com o meu sumiço!

— Pois eu também tenho coisas maravilhosas lá fora e, no entanto, estou aqui aprendendo...

Nova interrupção em forma de gritos:

— Problema seu, velhota! Se você abre mão das coisas maravilhosas que tem lá fora pra ficar aqui aprendendo sei lá o que, isso é problema seu! Aliás, pra mim isso é burrice! Isso significa que ou você não gosta das coisas que tem lá fora ou que elas não são tão maravilhosas assim como você está dizendo...

Aqueles dizeres provocaram enorme indignação em Estela.

Como aquela mulher ousava insinuar aquilo? Sua filha, sua neta, seu marido, seu genro eram as coisas mais maravilhosas do mundo e pelas quais ela daria a própria vida quantas vezes fosse necessário! Como poderia dizer um absurdo daqueles? Ela nem sabia do que estava falando! Só podia ser louca!

Estela percebeu-se profundamente irritada com aquele espírito maligno e sem educação.

Mas, para sua surpresa, logo reconheceu que, na verdade, estava irritada com ela mesma, com sua situação! Mesmo usando um linguajar

rude e vulgar, Francilene lhe abria os olhos para algo que não percebera até então. De uma forma ou de outra, louca ou não, aquela mulher tinha uma boa dose de razão: Estela deixara coisas maravilhosas de sua vida terrena para trás. Não tivera tempo de fazer as pazes com sua filha Raquel, não tivera oportunidade de conhecer sua neta, não se despedira do marido nem do genro...

— E então, velhota, perdeu a voz? Vai me tirar daqui ou não?

Estela continuava matutando sobre o que Francilene dissera. E outra coisa lhe ocorria naquele momento: e aquela história de livre-arbítrio? Era ou não era pra valer? Pois se era, ela tinha todo o direito de decidir ver a filha ou fazer o que quisesse.

— Olha aqui, minha velha, já que você perdeu a voz, vou sair desta cama e descobrir por aí, por conta própria, como é que a gente faz pra se mandar... Se tem uma coisa que aprendi na vida é me virar sozinha...

Quando Francilene fez menção de levantar-se da cama, Estela saiu do seu estado de letargia:

— Não, espere!

Francilene se deteve no meio do caminho, e não levantou da cama por completo:

— Esperar o que, velha?

Estela procurou dar um tom convincente à sua voz:

— Escute, eu também sou nova aqui. Não faz muito tempo que cheguei e ainda estou em treinamento.

— Treinamento? Essa é boa... — debochou a mulher.

— Pois é, ainda estou em treinamento. Então, ainda há muitas coisas que eu não sei muito bem como funcionam aqui. Vamos fazer um trato.

— Que trato, velha? Vamos, desembucha!

— Eu vou me informar e vou descobrir como se faz para sair daqui e depois venho lhe dizer. Quem sabe saímos juntas?

Francilene ficou olhando fixamente para Estela, como se decidisse se devia ou não confiar nela. Por fim, pareceu convencer-se da sinceridade e até relaxou o corpo e a voz:

— Ah, bom! Assim a conversa é outra! Assim é que se fala, vovó!

— Mas você tem que me prometer uma coisa.

— Ah, lá vem você com essa história! Eu já deveria saber que isso não ia sair de graça! Ninguém faz nada de graça pra ninguém! Quanto vai ser a grana, vovó? Meu homem paga, ele tem muita grana!

— Não se trata de dinheiro, mulher. Aqui não se usa dinheiro, ele não tem utilidade neste plano.

— Plano? Que negócio é esse?

— Deixe pra lá, depois eu explico, agora não temos tempo a perder. Mas lhe garanto que não se trata de dinheiro.

— Então o que é que você vai querer em troca?

Estela teve até coragem de se aproximar de Francilene, pois achou que devia falar baixinho, como se alguém pudesse ouvi-la:

— Quero apenas que você se comporte direito durante o tempo em que eu vou conseguir as informações. Nada de gritos, de insultos, de xingamentos. Nada disso. Quando Salomão e Priscila, aquele casal que estava aqui, voltarem, faça de conta que você está concordando com tudo, finja que eu consegui acalmá-la. Fique bem quieta, senão eles a mandarão para uma colônia-retiro.

— Colônia-retiro? O que é isso? Uma prisão de segurança máxima?

— Mais ou menos isso. Os espíritos muito revoltados, agressivos, que não aceitam as regras, são enviados para lá para serem orientados e treinados.

— Ah, agora você falou uma coisa certa: eu sempre tive um espírito revoltado e agressivo! Nunca levei desaforo para casa! Nunca me conformo quando pisam no meu calo! Por isso ninguém vai me segurar aqui!

Estela estava impaciente com a ignorância da mulher:

— Não era sobre isso que eu estava me referindo quando falei de espíritos revoltados e agressivos. Mas agora não há tempo para explicar. Eu só quero saber se você está de acordo com o nosso trato.

— De acordo, eu estou. Faço qualquer negócio pra sair daqui. Mas desde que você não demore muito, velhota. Não tenho paciência para esperar muito tempo, tá entendendo? E meu homem também não tem paciência. Se eu demorar de aparecer pra ele, quando chegar lá, já terá outra em meu lugar. E aí o bicho vai pegar...

— Não se preocupe. Vou tentar agir com a maior rapidez possível.

— Acho bom mesmo.

Estela sabia que não estava procedendo corretamente. Primeiro, estava mentindo para Francilene. Não lhe traria informação alguma e nem a ajudaria a fugir.

Segundo, ela iria se informar a respeito de como um espírito poderia se comunicar com o mundo dos vivos, na Terra, mas usaria a informação em proveito próprio! Descobriria como enviar mensagens, como se comunicar com sua filha.

Ela sabia que aquilo só poderia ser feito através de um médium, num centro espírita, mediante permissão das entidades superiores. Sabia também que não obteria essa permissão tão facilmente, pois ainda estava em treinamento. Mas procurava se justificar, dizendo para si mesma que não exageraria nos contatos, que tentaria a comunicação apenas uma ou duas vezes e apenas para matar as saudades.

Certamente as entidades superiores a perdoariam depois. Afinal, não viviam falando em compreensão, tolerância, perdão e amor? Ela queria fazer aquilo por amor à filha, à neta, ao marido, ao genro. Faria uma visita a eles, mandaria uma mensagem de amor e voltaria para o plano espiritual. Que mal haveria?

Naquele momento, Salomão e Priscila voltaram ao quarto. Pareciam exaustos. Certamente haviam visitado e tratado de muitos espíritos desencarnados recém-chegados.

Estela ficou com receio de que eles desconfiassem de alguma coisa sobre o seu plano ou a conversa que tivera com Francilene, ou mesmo de que a própria desse com a língua nos dentes. Mas aparentemente não desconfiaram de nada, e nem Francilene foi indiscreta. Ficaram até satisfeitos ao vê-la mais calma e sorridente. Atribuíram aquilo a algum trabalho que Estela fizera com ela.

— Muito bem, Estela. Parece que vocês andaram conversando e os resultados são bem visíveis.

Estela não sabia se estava imaginando coisas, mas a frase de Salomão parecia ter duplo sentido, poderia ser interpretada de duas formas — e uma delas não a agradava nem um pouco.

Ela jamais poderia imaginar que tinha sido submetida por seus mentores espirituais a uma prova que fazia parte do seu treinamento. Os espíritos do bem, sobretudo aqueles que lidarão com energias inferiores, precisam aprender a desenvolver uma percepção aguçada e uma enorme habilidade de reconhecer atitudes manipuladoras.

Por isso, nada do que Estela e Francilene conversaram havia escapado a Salomão e Priscila. A conclusão a que chegaram foi de que o espírito de Estela, embora excelente e bondoso, ainda era imaturo para lidar com certas situações, pois se deixara influenciar e contaminar pelas

energias altamente negativas da recém-chegada. Aquilo significava que ela deveria ser submetida a uma reciclagem.

Antes disso, no entanto, Salomão e Priscila teriam que aguardar os resultados e as consequências de algumas ações de Estela nas suas tentativas de comunicação com a filha, influenciada pela recaída espiritual que tivera e subordinada à lei do livre-arbítrio.

Eles sabiam e lamentavam o que iria acontecer, mas não deveriam intervir. Estela aprenderia lições úteis, mesmo por meio dos seus atos inadequados e dos erros que cometeria.

Assim como o crescimento pessoal dos humanos na Terra, algumas vezes o aprendizado espiritual dos desencarnados precisa percorrer caminhos irregulares, difíceis, arriscados e até doloridos.

# Capítulo 6

Verão de 2010 e 2011.

A festa dos trinta anos de Raquel não poderia estar melhor.

A maioria das suas amigas e colegas de trabalho estava presente e todos conversavam animadamente — alguns grupos eram exclusivos de mulheres, outros contavam com a participação dos maridos e namorados.

Raquel as olhava a distância, especialmente para aquelas que trabalhavam com ela na agência. Na verdade, eram suas subordinadas, já que ela, ao lado do marido, era proprietária da agência. Raquel admirava a transformação de comportamento daquelas moças e rapazes: ali, todos estavam alegres, descontraídos, bebericando, flertando — posturas bem diferentes daquelas que mantinham no trabalho. Claro, ali o ambiente era outro, tratava-se de uma festa — mas não deixava de ser admirável aquela capacidade humana de adaptação e interação social conforme as exigências do local e do momento. Pelo menos era esse o sentimento da aniversariante, feliz da vida.

O bufê contratado mostrava excelência tanto no atendimento como na qualidade dos petiscos, do prato principal e das diversas opções de sobremesas. As bebidas eram das mais variadas possíveis — do vinho e uísque à caipirinha e cerveja — e servidas fartamente.

O organista responsável pelo fundo musical executava um repertório bastante romântico muito bem selecionado, dando um toque de especial refinamento ao ambiente com o cuidado de manter o volume do instrumento a um volume agradável: o suficiente para que a música pudesse ser ouvida, mas sem atrapalhar as pessoas que preferiam conversar.

Raquel estava particularmente feliz porque a iniciativa da festa fora de Raul. Se dependesse dela, teria se limitado a convidar meia dúzia de casais mais íntimos para um jantar e pronto. Mas Raul insistira na festa, alegando que trinta anos era um “marco cronológico vivencial” muito significativo na vida de qualquer pessoa, e por isso justificava plenamente uma comemoração especial. Falara alguma coisa a respeito de Balzac e *A mulher de trinta anos*, mas Raquel não dera muita atenção. Ela achara maravilhoso que ele próprio tivesse encabeçado todas as providências para que a comemoração acontecesse daquela maneira. Para falar a verdade, ela tinha imaginado algo menos grandioso e requintado, mas, conhecendo o lado sedutor e festivo do marido, deveria saber que ele não se contentaria com algo menor do que aquilo.

Ela costumava dizer às amigas que Raul fora um “achado” em sua vida, que ele era uma “mosca branca” entre os homens. Tinha absoluta convicção disso, principalmente depois de ouvir certas queixas, desabaços e confidências de amigas a respeito de seus parceiros. Nessas ocasiões, costumava pensar que jamais ganharia o prêmio da loteria, pois a vida já se encarregara de lhe dar o maior prêmio que poderia ganhar.

Haviam se conhecido quando ambos iniciavam a faculdade de marketing. Uma noite, logo na primeira semana de aula, em um dos intervalos, chocaram-se ocasionalmente na lanchonete da faculdade. O resultado foi um desastre absoluto: roupas e agasalhos banhados de

refrigerantes, queijo e presunto enfeitando os livros e cadernos, respingos de sorvete nos cabelos — o quadro seria cômico se não fosse ridículo.

Mas o interessante dessa história foi que, em vez do esperado e tradicional bate-boca e das acusações mútuas comuns em ocasiões semelhantes, o que aconteceu foi uma reação absolutamente inusitada: ambos caíram na maior gargalhada do mundo até encherem os olhos de lágrimas.

Passaram o restante do intervalo entregues a um solidário e nada inocente trabalho de ajuda mútua na limpeza do rosto, braços e roupas do outro — tudo acompanhado com espirituosas e maliciosas piadinhas, que provocavam novas gargalhadas. Os demais estudantes que passavam por ali os olhavam com sorriso de cumplicidade.

E, claro, naquela noite não foram a mais nenhuma aula. Em compensação, começaram ali a relação que, alguns anos depois, culminaria em casamento.

Até hoje, quando se lembram desse episódio, ainda ficam perplexos pela espantosa reação bem-humorada de ambos, principalmente de Raquel, que na época era habitualmente tão formal e conservadora. No caso de Raul, com seu jeito esportivo e descontraído quase permanente, era de se esperar algo naquela linha, mas não da parte de sua sempre compenetrada companheira. Quando eles tentam entender o ocorrido, a conclusão a que chegam é de que o cupido, naquele momento, apontou e acertou suas flechas em ambos.

E agora, tantos anos depois, ali estavam felizes da vida, comemorando o trigésimo aniversário dela e já com um lindo e adorável tesouro chamado Kátia, que há seis anos vinha completando a felicidade do casal.

Havia cerca de quarenta casais na festa, o que, incluindo alguns filhos e parentes, fazia com que o número de convidados chegasse a cerca de cem pessoas. Todos os funcionários da agência estavam lá e, pelo visto, divertiam-se muito. Haviam formado grupos “fechados”: os casados permaneciam com seus respectivos cônjuges, enquanto os solteiros formavam turmas independentes, todos alegres e conversando animadamente. De vez em quando, algum desses grupos explodia em escandalosas gargalhadas, dando a entender que alguma piada picante acabara de ser contada.

Ainda bem que o salão de festas do prédio onde moravam era bastante amplo e dispunha de muitas confortáveis poltronas e sofás. O local era muito bonito e elegante: piso e pilares de mármore, estátuas e quadros de muito bom gosto na decoração, arranjos florais belíssimos, sofisticados candelabros e castiçais — uma demonstração de muita classe e bom gosto.

Como a noite de verão estava bem agradável, com temperatura refrescante e amena, vários convidados preferiram conversar ao ar livre, ao lado da bela piscina iluminada.

As crianças, que habitualmente iam cedo para a cama, naquela noite em especial — que, aliás, era sexta-feira — tinham recebido permissão para permanecerem acordadas até a hora que seus pais deixassem a festa. Era um prêmio e tanto para Kátia: habitualmente, de segunda a quinta, ela já estaria em sono profundo às oito da noite. Mas às sextas, aos sábados e domingos, podia dar uma esticada até as onze horas, assistindo a alguns vídeos de desenho animado ou ouvindo histórias infantis contadas pela mãe.

Então, Raquel escutou logo atrás dela:

— Amiga! Há quanto tempo! Eu não acredito!

Assustou-se com o elevado tom do cumprimento, quase um grito, e voltou-se surpresa para ver de onde partira aquela demonstração de carinho nada discreta.

Demorou uma fração de segundos para reconhecer a loira exuberante à sua frente, com os braços estendidos esperando por um abraço. Apesar das inegáveis marcas do tempo, conseguiu reconhecê-la: era Bruna, sua melhor amiga de infância! Não podia acreditar! Não se viam havia uns vinte anos pelo menos!

O abraço foi caloroso, apertado, cheio de saudades e recordações. Lágrimas vieram aos olhos de ambas.

Ainda abraçada à amiga, Raquel viu que Raul estava logo atrás, com um imenso sorriso nos lábios, os braços cruzados sobre o peito, deliciando-se com a cena. Raquel entendeu logo quem fora o autor da façanha:

— Querido! Foi você quem tramou isso também?

Sem largar a amiga, mantendo a mão direita na sua cintura, Bruna confirmou, fazendo um gesto com a mão para que Raul se aproximasse:

— E quem mais poderia conseguir isso? Quem mais sabe dos nossos segredinhos de infância?

Raquel puxou carinhosamente o rosto do marido, que se aproximou para receber o seu beijo agradecido. Estava feliz com a felicidade dela:

— Eu sabia que você ficaria contente de rever sua cúmplice das travessuras de infância. Certamente vão ter muito que conversar. E depois faço questão que me contem tudo, em detalhes!

— De jeito nenhum! — as duas responderam quase ao mesmo tempo.

Raul estava certo ao convidar Bruna, tinha lá seus motivos.

Desde criança, Raquel não era de fazer amigos facilmente. Era uma menina difícil, segundo os comentários de quem a conhecia na época. Mimada demais, diziam uns; problema de filha única, completavam outros. Ela conhecera Bruna no primário e, desde então, não mais se afastaram — e por razões que a lógica não explica, pois tinham personalidades muito diferentes, até opostas.

Diferente de Raquel, Bruna fora uma criança extrovertida, brincalhona, falava pelos cotovelos e era muito travessa. Raquel já a livrara de muitas enrascadas com a diretoria da escola, defendendo-a e até inventando situações para dar um alibi à amiguinha. A amizade entre as duas continuou inabalável até o colegial. Após a conclusão deste, Bruna voltou para perto dos pais, em Bauru, sua cidade natal, para realizar seu grande sonho: ser pediatra.

Demonstrando uma extraordinária garra e força de vontade, cursou medicina — e depois Especialização e Residência em Pediatria — em Botucatu, na Universidade Estadual Paulista. Eram cidades vizinhas, separadas por pouco menos de cem quilômetros. Valeu a pena, foi uma escolha muito acertada. Com seu jeito divertido e informal, Bruna cativava rapidamente as crianças — e, apesar do jeito brincalhão, era uma excelente e responsável profissional.

Já Raquel, quando mais jovem, nunca tivera preferências acerca da sua futura graduação. Na verdade, antes de saber o que faria em termos de formação acadêmica, decidiu o que não faria. Isso aconteceu quando, um dia, durante um almoço em família, sua mãe expressou o desejo de que a filha estudasse medicina. Alimentava o sonho de vê-la médica. No mesmo momento, Raquel achou que era uma forma de sua mãe compensar o fracasso e a frustração de “não ser ninguém na vida”, e

decidiu ali mesmo que não serviria de instrumento para isso. Poderia graduar-se em qualquer coisa, menos em medicina.

Por outro lado, jamais soube explicar muito bem porque optara por estudar publicidade e propaganda. A justificativa mais aceitável para ela mesma era uma viagem que fizera aos Estados Unidos, quando concluíra o colegial. Lá, apenas para fazer companhia a uma amiga, participou de alguns eventos publicitários e ficou fascinada pelo assunto. A possibilidade, de certa forma, de manipular a motivação de consumo do mercado, criar necessidades nas pessoas levando-as a comprar bens até supérfluos, a magia de criar peças e projetos promocionais, a importância do marketing para a economia do país... Tudo isso se desenvolveu dentro dela como uma alternativa de carreira, bem diferente daquela escolhida por sua mãe.

Comunicou sua decisão aos pais no mesmo dia em que retornou ao Brasil. Seu pai balançou a cabeça e encolheu os ombros num gesto que significava “É, parece interessante... Para mim está bem.”. Em nenhum momento tentou demovê-la daquela decisão — dizia com frequência que o importante era sua filha graduar-se em algo que a fizesse feliz.

Sua mãe, no entanto, mostrou claramente seu descontentamento, chegando mesmo a ficar abalada com a escolha da filha. Depois se pôs a chorar trancada no quarto.

Em ambas as fases — a do abalo e a do choro da mãe — Raquel teve de reconhecer que, no íntimo, sentira uma mórbida satisfação. Seu sentimento era de ter obtido um triunfo maligno sobre a mãe, uma sensação de revanche. Aquelas reações dramáticas de Estela soavam, no íntimo de Raquel, como uma verdadeira vingança pelo fato de a mãe querer compensar nela seu próprio fracasso na vida.

Estela não tinha concluído o ensino médio. Interrompeu quando conheceu Antero, o único homem que amou em toda sua vida. Por ele e por aquele amor, abandonou os estudos para se casar. Segundo afirmava com frequência, nunca se arrependera daquela decisão, mesmo que aparentemente constituísse a principal razão das atitudes críticas de sua filha em relação a ela. E, de fato, Raquel frequentemente a acusava de não ter tido força de vontade para continuar os estudos, de não ter tido ambição pessoal e profissional, de não ter pensado no futuro dela própria nem na filha que teria, e por aí iam.

Ainda ouvindo as lamentações da mãe trancada no quarto, Raquel tomou consciência de que em nenhum momento sentira remorso por aqueles pensamentos e sentimentos tão egoístas e mesquinhos. No dia seguinte, foi providenciar sua inscrição para o vestibular de publicidade e propaganda.

Na festa, Bruna não parava de abraçar Raquel, de acariciar seu rosto e de fazer perguntas. As amigas estavam contentes de verdade por se reverem:

— E aí, amiga! Que linda você está! Como você consegue manter essa forma de modelo?

— Você também está ótima! Nem parece uma médica de tão elegante e sexy que está! Quanto tempo, hein, amiga? Vamos beber alguma coisa para comemorar nosso reencontro!

Não foi fácil atravessar o salão de festas em direção a um cantinho mais sossegado. Era grande a quantidade de convidados e, na passagem das amigas, quase todos eles paravam Raquel para cumprimentar ou dizer-lhe palavras amáveis.

A noite estava mesmo deliciosa. Uma brisa suave envolvia as pessoas, todas iluminadas pela luz indireta da piscina.

As duas amigas foram sentar-se ali perto, afastadas da multidão, nas cadeiras geralmente usadas pelos banhistas. Ali teriam um pouco de sossego, poderiam conversar e relembrar o passado.

Era tanta coisa a recordar que nem perceberam o tempo passar. Durante a conversa, riram e choraram na mesma proporção. As lembranças de muitas situações, ora cômicas, ora dramáticas ou simplesmente agradáveis e marcantes vividas juntas, trouxeram enorme carga de emoção para o presente.

Bruna contou que se casara, mas a união durara menos de três anos e, apesar de ser pediatra, dava graças aos céus por não ter tido filhos naquele período. Não seria nada agradável criar um filho sozinha, sem um pai presente. Em termos profissionais ia muito bem, com um concorrido consultório em Bauru.

Já a história de Raquel era bem mais feliz. Seu casamento com Raul ia às mil maravilhas. Apesar de já terem ultrapassado os dez anos de união, continuavam agindo como dois namorados apaixonados. E a agência ia muito bem, inclusive já havia recebido alguns prêmios internacionais de publicidade.

— Oi, mãe!

As amigas se assustaram com a inesperada vozinha bem próxima a elas. Estavam tão entretidas na sessão nostalgia que nenhuma das duas viu Kátia chegar de mansinho e aproximar-se delas. Era uma garota encantadora, muito parecida com a mãe: também tinha cabelos negros longos e lisos, olhos graúdos e castanhos, um sorriso permanente — além de ser incrivelmente inteligente para seus seis aninhos.

— Filhinha! Sentiu minha falta no salão? Venha aqui, venha.

Bruna voltou-se para a garota:

— Essa bonequinha é sua filha? Que linda!

Essa manifestação da Bruna foi mais um grito que uma exclamação. Kátia aproximou-se e sentou no colo da mãe.

— Por que você está aqui fora, mamãe? — perguntou, acariciando os cabelos de Raquel.

— É que eu precisava conversar com esta amiga minha. Lá no salão tem muito barulho e aqui está mais silencioso. Deixa eu te apresentar à minha amiga.

Primeiro, Kátia olhou para a mãe:

— Eu já conheço ela — e, depois, dirigiu-se à convidada, com uma voz assustadoramente suave — Como vai, Bruna? Já ficou boa dos dedos?

Um silêncio súbito instalou-se entre as duas amigas, que se entreolharam surpresas. Não, certamente não tinham ouvido direito o que Kátia dissera.

— O que você disse, filhinha? — Raquel percebeu que, por alguma razão, sua voz saiu um pouco trêmula, como se estivesse com frio. Mas o curioso é que a noite continuava morna.

— Eu disse que conheço ela — repetiu Kátia, com a mesma vozinha suave e olhando fixamente para a visitante — É a Bruna, sua amiga que brincava com você, quando você era criança, como eu. Ela ficou doente da mão.

As duas amigas não acreditavam no que estavam ouvindo.

Quando tinha cerca de cinco anos, numa de suas travessuras, Bruna tentara abrir a janela do quarto onde ficara de castigo por causa de mais uma peraltice. Com a pouca força de uma criança, conseguiu levantar apenas uma fresta da moldura da janela de vidro, amparada pela tradicional estrutura de madeira. Mesmo assim, tentou escapar. Ao

colocar as mãozinhas no parapeito da janela para se preparar para o salto, a janela caiu e atingiu gravemente a mão esquerda.

Bruna levou algum tempo para se recuperar da pancada na mão, e chegou a correr o risco de perder o movimento de alguns dedinhos. Graças a intensos e repetidos exercícios de fisioterapia, as sequelas foram mínimas e os movimentos foram quase inteiramente recuperados. Apenas o dedo mindinho ficara um pouco torto, não podendo ser completamente esticado. O surpreendente é que, desde que as duas amigas haviam iniciado a conversa, aquele assunto nem fora mencionado e, aliás, elas já nem se lembravam mais daquilo.

Instintivamente, Bruna levantou a mão esquerda e olhou para o seu dedo mindinho, levemente torto.

Tentando recuperar-se do susto provocado pelo comentário da filha, Raquel procurou ser carinhosa com a menina ao perguntar-lhe:

— Filhinha... Como você sabe disso? Quem lhe contou?

As duas amigas suspenderam a respiração enquanto aguardavam a resposta da garotinha. Nisso, os olhinhos de Kátia brilharam e ela exclamou, toda contente:

— Olha lá o papai! — e saiu em disparada na direção de Raul, que aparecera na porta do salão de festas, provavelmente procurando pela esposa.

Bruna procurou desanuviar o clima que ficara relativamente tenso diante do inesperado comentário de Kátia:

— Querida, na certa você mesma contou pra ela enquanto olhavam juntas o álbum de fotografias e não se lembra... Será que não é essa a explicação?

— É... Deve ter sido isso mesmo... — a resposta de Raquel guardava uma forte esperança de que a teoria da amiga estivesse correta.

Só que ela mesma não tinha tanta certeza disso.

# Capítulo 7

A festa corria animada e, para não sair do clima, Raquel decidiu não dar maior importância ao surpreendente comentário feito pela filha com relação à sua amizade com Bruna e ao acidente que ela sofrera na mão, quando criança.

Provavelmente, Bruna estava certa na sua teoria. Talvez ela tivesse mesmo comentado com a filha sobre a travessura infantil da amiga e, na oportunidade, talvez tivesse mostrado uma foto dela para Kátia.

— Então, acabou a “sessão nostalgia”?

Depois que Kátia correu em sua direção, Raul aproximou-se das duas amigas e as conduziu de volta ao salão.

— Vamos, os homens estão se queixando da ausência das duas mulheres mais bonitas da festa — brincou. — Mas eu já os avisei que a morena já tem compromisso.

— Pois eu espero que também os tenha avisado de que a loira está inteiramente disponível... — rindo, os quatro voltaram ao salão.

Mais tarde, por volta das onze horas, os casais foram se despedindo, até porque, em função da lei do silêncio de todo condomínio residencial, o organista parara de tocar pontualmente às dez horas.

Sem música, o ambiente tornou-se mais formal, porque as conversas e piadas já podiam ser ouvidas. Em consequência, a discricção

substituiu a algazarra e descontração de antes.

Uma boa parte deles havia bebido bastante, mas, nas despedidas, Raul, que durante toda a noite não colocara uma só gota de álcool na boca, procurava se certificar de que aqueles que iriam dirigir estivessem sóbrios. Felizmente, todos os grupos haviam tomado esse cuidado e havia sempre um deles em condições de assumir a direção dos carros. Os demais aproveitaram bem a fartura do bar, mas ninguém foi inconveniente ou deselegante durante a festa.

Quando o último convidado se despediu, Raul se aproximou da esposa e fez-lhe um carinho:

— E então, minha linda aniversariante, gostou da sua festa?

— Amei. Graças a você foi um sucesso — e ela retribuiu o beijo.

— Ei, não se esqueçam de mim! — Kátia, ainda acordada, agarrava-se às pernas dos pais, brincando.

Raquel a pegou no colo:

— Fez farra hoje, hein, mocinha? Onze horas da noite e ainda está acordada! Vamos já tomar um banho bem gostoso e depois cair na caminha...

Raul chamou o pessoal responsável pela limpeza do condomínio e lhes disse que o salão já estava liberado para a faxina. E também que eles poderiam servir-se dos bolos e doces que ainda permaneciam sobre as mesas.

Juntou os inúmeros presentes que Raquel ganhara dos amigos e os colocou em dois grandes sacos plásticos para levá-los ao apartamento.

Raquel brincou:

— Você está parecendo Papai Noel...

E assim, pilheriando e sorrindo, os três preparavam-se para seguir para o apartamento onde moravam, três andares acima do salão.

Enquanto esperavam o elevador, e só para provocar sua mulher, Raul perguntou:

— E então, querida, não quer se exercitar indo pelas escadas?

Ela o olhou, colocando as mãos nos quadris como se estivesse brava:

— Engraçadinho você, não? Suba você com os pacotes que eu espero o elevador...

— Ah, não, assim não tem graça...

A razão da brincadeira de Raul era porque Raquel tinha uma estranha fobia de escadas. Enquanto grande parte das pessoas tem medo de pegar elevador devido a algum resquício de claustrofobia, Raquel fugia radicalmente de escadas, independentemente de quantos lances e degraus tivessem. Ela não sabia explicar o motivo daquela fobia, até porque não tinha nenhuma limitação na visão que pudesse justificar alguma insegurança para subir ou descer degraus. Enfim, como na prática isso não representava nenhum problema, já que nem no apartamento onde moravam nem na agência onde trabalhavam havia escadas, nunca se preocuparam em consultar um psicólogo. Mas Raul nunca perdia a oportunidade de brincar com a mulher a respeito, por achar um medo bastante atípico e original — até por se referir a uma ação que não causava riscos — afinal, para que existiam os corrimões?

\*\*\*

Enquanto banhava a filha, Raquel sentiu-se tentada a falar sobre o comentário que ela fizera com relação a Bruna. Mas, ponderando que já era tarde da noite, preferiu deixar a conversa para o dia seguinte.

Como de hábito, deitou-se na caminha de Kátia, abraçada a ela, para fazê-la dormir com uma cantiga ou uma história de fadas e princesas.

Como também estava cansada, Raquel optou por uma cantiga, certa de que assim Kátia dormiria logo e ela poderia ir também descansar. Sempre que a mãe narrava ou lia uma história, a menina não parava de fazer perguntas a respeito do enredo e dos personagens, e por isso demorava bastante para adormecer.

— O que você quer que eu cante hoje para você dormir, princesa?

A filha respondeu sonolenta, já com a vozinha titubeante:

— Ah... Quero... quero uma música nova...

— Meu Deus, como vou lembrar de uma música nova?

— Não sei...

Raquel era capaz de jurar que Kátia já estava praticamente dormindo. Por alguma razão, lembrou da sua própria infância, quando também se preparava para dormir.

Certa de que Kátia não ouviria ou não daria maior importância ao seu comentário, ela relembrou em voz alta:

— Quando eu era bem criança, havia uma música que minha mãe cantava quase toda noite para mim, mas eu não sei se lembro mais como era. Deixe ver... Como era mesmo? — na verdade, estava esticando a conversa para ver se Kátia adormecia logo.

— Ah, que pena, não vou conseguir lembrar... Faz tanto tempo...

Com a vozinha rouca pelo sono, quase balbuciando, Kátia começou a cantarolar baixinho:

— *Se esta rua,  
Se esta rua fosse minha,  
Eu mandava,  
Eu mandava ladrilhar  
Com pedrinhas,  
Com pedrinhas de brilhantes*

*Só pra ver,  
Só pra ver meu bem passar.*

Chocada, Raquel precisou se controlar para não dar um pulo da cama!

Ficou gelada ouvindo a filha cantarolar a cantiga que sua mãe usava para fazê-la adormecer há vinte e cinco anos! E ela nem se lembrava mais da música, quanto mais da letra! Como era possível que sua filha soubesse?

— Ká? Filhinha? — Raquel chamava baixinho para não parecer nervosa. Ia perguntar à filha onde ela aprendera aquela cantiga.

Não obteve resposta. Kátia já dormia profundamente, com as duas mãozinhas sob uma bochecha rosada.

Raquel ficou ainda por um longo tempo deitada ao lado da filha adormecida.

Não parava de pensar, o olhar perdido, fixo num ponto indefinido do teto. Como era possível uma coisa daquelas? Poucas horas atrás, ocorrera o inexplicável episódio de ela reconhecer Bruna. E agora isso...

O que estava acontecendo?

Levantou-se da cama com cuidado para não despertar a filha. Antes de sair do quarto, parou na porta entreaberta e ficou olhando por um longo tempo para a menina que ressonava tranquilamente.

Encostou um pouco mais a porta e foi para seu quarto.

\*\*\*

Raul estava no banho e Raquel se perguntava se deveria contar a ele sobre aqueles acontecimentos. O casal tinha por hábito compartilhar todos os assuntos, sobretudo os que causavam alguma preocupação.

Mas aquele assunto era, na verdade, muito estranho, e ela não fazia a menor ideia de qual seria a reação do marido.

Raul saiu do banheiro.

— A princesinha já dormiu?

Raquel respondeu reticente, como uma sonâmbula:

— Já, já...

Ele logo notou algo diferente na expressão da mulher:

— Tudo bem com você, querida?

A pergunta despertou Raquel do seu estado de torpor:

— Hã? Sim, sim, claro! Tudo bem. Estou apenas cansada depois dessa festa tão maravilhosa — e, para fugir da situação, completou: — nada que um bom banho não resolva — e rapidamente entrou no banheiro.

Por um longo tempo, deixou a água apenas escorrendo em seu rosto e em seus longos cabelos negros. Queria literalmente esfriar a cabeça.

Não saíam de sua mente os dois episódios daquela noite. Será que ela estava dando exagerada importância aos fatos? Afinal, tudo poderia ter uma explicação lógica e racional. Talvez ela não se lembrasse que já havia feito Kátia dormir com aquela cantiga... Será? Mas por que ela própria não se lembrava de nada; nem da melodia, nem da letra?

Quando voltou para o quarto, Raul já dormia a sono solto. Deu graças a Deus. Assim, não teria de pensar mais sobre sua dúvida de contar-lhe ou não o motivo da sua inquietação.

Demorou uma eternidade para dormir e, quando conseguiu, teve uma noite agitada, entremeada por sonhos antigos e estranhos.

# Capítulo 8

Como era sábado, o casal se deu ao luxo de acordar mais tarde que de costume. Isso porque a festa da noite anterior, apesar de ter sido ótima, fora muito cansativa não apenas por causas das muitas atividades para organizá-la, mas principalmente pela necessidade de dar constante atenção aos convidados e manter permanente vigilância para que tudo continuasse correndo bem.

Poderiam ter pedido ajuda a Clotilde, a empregada deles, mas Raquel gostava de cumprir a palavra dada quando a contratara, de que ela teria os fins de semana livres. Afinal, segundo pensava, todo mundo necessita de espaço para desfrutar de uma vida pessoal.

Há alguns anos, eles tinham contratado a Clotilde, uma mineirinha simpática e morena, um tanto gorduchinha, já beirando os trinta e cinco anos.

Clotilde era filha da senhora que servira à mãe de Raquel durante décadas, por isso era da mais absoluta confiança do casal. Contavam com os préstimos dela de segunda a sexta-feira, das oito da manhã às seis da tarde, como se trabalhasse numa empresa. Nos feriados e finais de semana, eles a liberavam para que tanto ela como a patroa pudessem desfrutar de suas respectivas privacidades. Aliás, por essa mesma razão, Raquel tinha combinado com Clotilde que ela dormiria em sua própria

casa — assim teria as noites livres para fazer o que bem entendesse e, ao mesmo tempo, deixaria o casal a sós com sua filhinha, curtindo com privacidade a intimidade da família e do lar.

Clotilde via Kátia muito pouco, pois quando chegava para o trabalho, por volta das oito horas, a menina já havia saído e, apenas algumas vezes, quando ia embora já ao final da tarde, sua saída coincidia com a chegada da pequena da escola. Apesar desse pouco contato, davam-se muito bem quando estavam juntas. Clotilde não tinha filhos, mas tinha um jeitinho todo especial com crianças.

Seu relacionamento com os patrões era caracterizado pelo respeito. Clotilde os tratava por “dona” Raquel e “seu” Raul, por mais que eles insistissem para que ela abandonasse aquele tratamento formal. Mas não havia jeito. Ela sempre respondia que os tratava daquela maneira “por uma questão de respeito, de educação”. Raul e Raquel não insistiam, mas não podiam evitar o sorriso: achavam-se muito jovens para serem tratados por “senhor” e “dona”.

Clotilde se lembrava bem do dia em que fez a entrevista de seleção com o casal. Sua mãe, que já trabalhara para dona Estela, finada mãe de dona Raquel, a prevenira que a futura patroa dela era meio “durona”, muito séria, mas que o marido era gente boa, divertido e bem mais tranquilo.

Sua mãe estava certa.

Na hora da entrevista — num desses cinzentos finais de tarde — Clotilde sentou-se à frente do casal, com Kátia no colo da mãe.

Estava nervosa, com as duas mãos entre os joelhos.

Pessoalmente, dona Raquel não parecia tão brava assim quanto sua mãe dissera, mas era visível que ela examinava atentamente cada detalhe da mineira. Ela lhe fez as perguntas de praxe: idade, estado civil,

escolaridade, local onde residia, empregos anteriores, nomes de referência, motivos da vinda para São Paulo, condições de saúde, conhecimentos de culinária, disponibilidade de horários — coisas desse gênero.

Aquela verdadeira maratona de perguntas e respostas começou a deixar Kátia sonolenta. Quando foi a vez do marido fazer as perguntas, o clima ficou mais descontraído e até divertido. De maneira bem natural, ele perguntava a Clotilde coisas que antes ninguém lhe perguntara nas entrevistas anteriores de emprego:

— Como você passa o tempo quando não tem nada para fazer?

— Do que mais gosta e do que menos gosta de fazer no seu trabalho?

— Você é melhor cantando ou dançando?

— Que tipo de filme e de programa de televisão prefere?

— Quando foi a última vez que chorou? Por quê?

— Quais as cantigas de roda que conhece?

— Quais os personagens de desenho animado que prefere?

— Do que você mais gosta e menos gosta em uma criança?

Coisas assim. Kátia despertou e se divertia muito, tanto com as perguntas quanto com as respostas. Clotilde se esforçava para também não rir, porque achava que tal atitude poderia ser interpretada como falta de respeito.

Como não lhe foi perguntado, achou que não precisava dizer que era espírita. E, ao pensar naquilo, médium sensitiva como era, não pôde deixar de perceber certa energia “pesada” ao redor de Raquel. Não que fosse dela aquela energia. Nada disso. Ela parecia ser uma pessoa do bem, com seu jeito sério de ser. Mas era como se um espírito “carregado”

a estivesse rondando. Em todo caso, não comentou nada. Afinal, era seu primeiro contato com os futuros patrões.

A conclusão a que chegaram depois da curiosa e diversificada entrevista foi que o perfil da mineira era adequado às necessidades e exigências do casal.

Com poucos dias de atividade, a prática demonstrou o acerto da escolha. Clotilde sempre se mostrava solícita, competente, asseada, pontual e tinha muita iniciativa. Cuidava de todos os afazeres domésticos sem que precisasse ser lembrada de nada. E, o que era importante, mostrava-se muito discreta. Tanto que, quando os patrões começavam a conversar, ela se retirava discretamente para o interior do apartamento, acomodando-se na copa.

\*\*\*

Na manhã seguinte, logo ao acordar, Raul acariciou a esposa e falou meio sem jeito:

— Desculpe não tê-la esperado após o banho ontem à noite, querida. Só me lembro de tê-la visto entrando no banheiro e depois apaguei. Estava exausto.

Ela brincou com ele:

— Dessa vez passa... — depois, mais séria, disse: — Sem problemas, amor. Eu também estava muito cansada.

Ele levantou-se:

— Mas bem que a noitada valeu a pena, concorda? Foi uma festa nota dez. Tudo funcionou muito bem: o bufê, a música, os convidados. Aliás, eu até pensei que o pessoal da agência fosse bagunçar mais, mas comportaram-se direitinho, não acha?

Raquel deu uma gargalhada irônica:

— Lógico que se comportaram! Você acha que eles iriam bagunçar logo na casa dos chefes? E logo dos dois chefes?

Quando chegaram à sala onde faziam as refeições, Kátia já estava lá. Durante a semana, Clotilde às vezes chegava mais cedo e servia a menina com o desjejum. Nos fins de semana, porém, a menina já sabia se cuidar sozinha. Não tinha permissão para mexer no fogão nem no aparelho de micro-ondas, mas já conseguia pegar algumas bolachas e biscoitos na despensa e o leite na geladeira.

Naquela manhã de sábado, Kátia se levantara mais cedo do que os pais e tinha espalhado na mesa do desjejum seu conjunto de lápis coloridos e várias folhas brancas de papel sulfite — as mesmas que sempre pedia ao pai para trazer do escritório. Concentrada, mordendo a língua cuja pontinha aparecia num dos cantinhos da boca, rabiscava alguns desenhos.

— Meu docinho! Você já acordou! — Raquel foi até ela e lhe deu um carinhoso beijo na face. Raul fez o mesmo.

Depois do café, e mesmo sendo sábado, Raul teve de ir até a agência despachar algumas correspondências e concluir novos orçamentos para clientes em potencial. Precisava entregá-los na segunda-feira. Providenciando-os no sábado, teria o domingo livre para a família.

Raquel pensou em aproveitar a oportunidade de estar a sós com a filha para retomar os dois assuntos “estranhos” da noite anterior, mas, vendo a filha tão entretida com seus desenhos, achou melhor não tocar no assunto.

A manhã transcorreu de forma tranquila.

Pouco antes da hora do almoço, Raquel decidiu preparar algo diferente para a sobremesa no lugar dos habituais sorvetes e compotas.

Por alguma razão, lembrou-se de uns bolinhos que aprendera a fazer com sua mãe quando ainda era criança: bolinhos de chuva. Lembrou de como ficara feliz quando os fez pela primeira vez e foi oferecê-los a algumas amigas que estavam em sua casa na ocasião — uma delas era justamente a Bruna.

As meninas custaram a acreditar que fora Raquel quem os fizera. Foi preciso que dona Estela lhes assegurasse, orgulhosa, de que aqueles bolinhos eram, sim, obra da sua filha.

Raquel estava na cozinha e Kátia continuava desenhando na sala onde faziam as refeições.

— Querida, hoje, na sobremesa, teremos uma novidade: vou fazer uns bolinhos especiais para você.

Foi só quando se dispôs a selecionar os ingredientes necessários para fazer os bolinhos que Raquel percebeu que não se lembrava mais da receita. Como pegar os ingredientes se nem se lembrava da receita? Tratou de corrigir a promessa à filha.

— Isto é, se eu conseguir lembrar como é que se faz. Sei que eles se chamam ou se chamavam bolinhos de chuva... Até aí tudo bem, mas isso não resolve meu problema... Esses bolinhos foram os primeiros que aprendi a fazer... — enquanto falava, fazia um enorme esforço de memória para se lembrar da receita: — Hmmm, como era mesmo? Lembro que levavam ovos... o que mais, meu Deus?...

De onde estava, Raquel ouviu nitidamente a vozinha de Kátia, num ritmo pausado e lento, como se recitasse uma poesia que acabara de aprender:

— São dois ovos, duas colheres de açúcar, uma xícara de chá de leite, uma colher de sopa de fermento, açúcar e canela. Ah, é preciso colocar farinha de trigo para dar ponto...

Raquel tremeu por inteiro e deixou cair a tigela de vidro que segurava. Deus, o que estava acontecendo?

Com o barulho, Kátia veio correndo para a cozinha:

— Mamãe! O que foi? — e, vendo os cacos de vidro no chão, exclamou, pondo as duas mãozinhas sobre a boca — Ih, você deixou cair a tigela...

Raquel olhava para a filha com os olhos arregalados e a boca aberta, sem conseguir dizer nada. Kátia parecia tranquila e até se divertia com a situação do prato quebrado:

— Ah, mãezinha, não se preocupe com a tigela... Papai compra outra... — Kátia ainda tinha nas mãos uma folha de papel e um lápis vermelho.

Raquel tentou falar:

— O que... que foi que você disse?

— Pra você não se preocupar... Papai compra outra tigela...

— Não, antes! Lá na mesa. O que foi que você disse antes?

Kátia fez uma expressão de quem não estava entendendo:

— O que foi que eu disse?

— Sim, o que foi que você disse lá da sala, quando eu falei que não me lembrava da receita dos bolinhos de chuva. O que você disse?

Kátia apoiou o lápis colorido no queixinho e levantou o olhar, como que procurando a resposta no teto:

— Hmmmm... Deixe ver... O que foi mesmo que eu falei? — e com uma expressão travessa: — Eu acho que disse "Que delícia!" — deu uma risada gaiata e voltou para a sala.

Raquel continuou parada, petrificada. Aquilo não podia estar acontecendo! Ela ouvira a voz de sua filha ditando a receita do bolinho de chuva.

Não, ela não estava ficando louca! Ela ouvira! Tinha alguma coisa errada acontecendo em sua casa. Com ela ou com sua filha!

Sem deixar que Kátia percebesse seu pânico, correu para o banheiro que ficava no final da cozinha, entrou, trancou a porta e se pôs a chorar descontroladamente.

Quando passou a crise, lavou o rosto, enxugou-o bem e voltou para a cozinha. Tinha decidido contar tudo ao marido. Talvez ele tivesse uma explicação para aqueles estranhos acontecimentos.

Lentamente, encaminhou-se para a porta em forma de arco que separava a cozinha da sala de jantar, onde Kátia desenhava.

Sua filha estava olhando seriamente para ela. Não com raiva nem com preocupação, apenas séria. E calada. Como se estivesse em transe.

Raquel pensou que ela talvez tivesse percebido seu choro e ficado preocupada. Aproximou-se dela para tranquilizá-la.

Deu-lhe um carinhoso abraço por trás, passando seus braços em torno dos seus pequeninos ombros.

Naquela posição, não pôde deixar de ler o que estava escrito na folha de papel à frente de Kátia, sobre a mesa:

“Filha, eu estou aqui.”

Raquel ficou tonta. Sentiu que ia desmaiar.

Fazendo um enorme esforço para não assustar Kátia, disfarçou seus passos cambaleantes e correu para o quarto. Entrou, trancou a porta, jogou-se na cama e pôs-se a chorar convulsivamente. O que vira e ouvira fora demais para seus nervos.

\*\*\*

Raquel não tinha noção de quanto tempo se passara desde que se jogara na cama, em pânico. Meia hora? Uma hora?

Ouviu uma batida fraca e tímida na porta. E a vizinha:

— Mamãe?

Recompôs-se rapidamente. Não podia assustar a filha. Se alguma coisa que ela não entendia estava acontecendo, tinha que administrar o assunto com calma, como adulta, sem transmitir pânico ou medo à filha. Durante sua vida inteira fora elogiada pelas suas atitudes lógicas e racionais. Pois agora tinha que fazer valer tal fama.

Levantou-se da cama, abriu a porta e pegou a filha nos braços:

— Oi, filhinha... Mamãe deixou você sozinha na sala...

Kátia olhou a mãe nos olhos e pegou seu rosto com as duas mãos, como para assegurar-se de que ela não desviaria o olhar:

— Está tudo bem com você, mãezinha?

— Está, filhinha... É que mamãe sentiu uma dor de cabeça e veio descansar um pouco...

Kátia continuava segurando o rosto da mãe com as duas mãos:

— Mas já passou?

Raquel sentou-se com ela na cama, mantendo-a sobre o colo:

— Já filhinha, já passou — e deu um abraço bem apertado na menina. — Sabe de um segredo?

A filha a olhou com curiosidade, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Mamãe te ama muito, viu? Muuuuuuito! — e tornou a abraçá-la.

— Eu também te amo muito, mamãe.

De alguma maneira, a decisão de compartilhar com Raul aqueles estranhos acontecimentos trouxe certa serenidade a Raquel. Sim, com certeza seu marido teria respostas e explicações. Era um sujeito muito inteligente.

— Vamos desenhar. Mamãe vai te ajudar a desenhar.

Até chegar a hora do almoço, mãe e filha se divertiram fazendo rabiscos e garatujas coloridas. Durante todo esse tempo, Raquel tentou encontrar a folha onde Kátia escrevera “Filha, eu estou aqui”.

Em vão. Por mais que se esforçasse — claro, sempre de forma disfarçada para não chamar a atenção da filha — não conseguiu localizá-la. Uma pena, porque gostaria de poder mostrá-la ao marido.

Depois do todo o ocorrido, Raquel não se atreveu mais a fazer os tais bolinhos de chuva naquele dia.

# Capítulo 9

Raquel esperou pacientemente até que Raul e Kátia terminassem o jantar.

Queria ter uma conversa séria com o marido. Nesses momentos, achava o quanto fora oportuna a opção de não ter Clotilde em casa à noite. Nesse ponto o casal concordava: toda família precisa de momentos de privacidade.

Depois da refeição, os três se divertiram olhando os desenhos que a filha havia feito pela manhã, assistiram juntos a um pouco de TV, e só depois disso Raquel a levou para dormir. Dessa vez, nada de cantigas de ninar. Preferiu ler uma história de fadas e princesas até que ela adormecesse. Como ela já ficara sonolenta vendo a TV, não fez muitos questionamentos sobre as historinhas e adormeceu logo.

Raul acabava de assistir a um telejornal quando Raquel voltou para a sala. Diferente do que era habitual, ela não sentou ao lado dele no mesmo sofá. Preferiu ficar em outra poltrona, de frente para ele, que percebeu a mudança.

— Hmmm... Tempestade à vista — brincou ele.

Ela mediu bem as palavras antes de começar. Falou baixinho, torcendo as mãos, num gesto que traía seu nervosismo:

— Preciso falar com você.

De pronto, ele desligou a televisão e continuou brincando.

— Nossa, quanta seriedade! Vamos despachar algum assunto do trabalho? Algum contrato novo?

Ela permanecia séria.

— Raul, o que preciso falar é coisa séria.

Ouvindo-a chamá-lo pelo nome, ele percebeu que o assunto era sério de verdade, que algo muito grave estava para ser discutido. Endireitou o corpo na poltrona e respondeu, dessa vez também sério e já preocupado.

— Está bem, desculpe pelas brincadeiras. Vamos ao assunto.

Raquel procurava dominar o nervosismo que insistia em fazer suas mãos e seus lábios tremerem. O marido percebeu, pois aquilo não era comum na esposa. Levantou da poltrona e ajoelhou-se no carpete, à frente dela.

— Querida, o que aconteceu? Por que você está tão nervosa assim? Procure ficar calma e me conte tudo.

As palavras de Raul, que pretendia tranquilizá-la, tiveram efeito contrário: Raquel cobriu o rosto com as mãos e se pôs a chorar descontroladamente. Raul começou a ficar preocupado de verdade.

— Mas o que foi, meu bem? O que está acontecendo?

Com as duas mãos, delicadamente, ele ergueu o rosto dela e enxugou suas lágrimas.

— Calma, procure se controlar e me conte o que aconteceu.

Fazia muito tempo que Raul não via sua mulher tão vulnerável e emocionalmente descontrolada. Raquel era uma guerreira, uma mulher forte, que muitos até achavam ríspida. Por isso era estranho vê-la tão fragilizada daquele jeito.

Raquel respirou fundo e pensou em como começar.

Escolhendo bem as palavras, ela narrou todos os episódios envolvendo a filha deles — desde o encontro com Bruna, até a cantiga de ninar, a receita dos bolinhos e a frase no papel.

Raul ouviu tudo atentamente. Quando Raquel concluiu, ele voltou a sentar-se na poltrona e ficou olhando o teto, meditando sobre o que ouvira. Raquel esperava ansiosa por uma palavra esclarecedora, que mostrasse a ela que não havia nada de errado com sua filha, nem com ela própria.

Depois de algum tempo de reflexão, ele coçou a ponta do queixo e começou a falar pausadamente:

— Bom... Não há dúvida de que tudo o que você me contou são acontecimentos no mínimo curiosos. Não fazem parte do nosso dia a dia. Entendo que você tenha ficado assustada, mas, sinceramente, não vejo razão para maiores preocupações.

A primeira reação de Raquel foi sentir uma reconfortante onda de alívio invadi-la e continuou ouvindo o marido.

— Você me conhece bem e sabe que sempre fui da opinião de que devemos primeiro procurar as respostas mais simples antes de complicarmos a questão. Nós dois sabemos que para tudo há uma explicação, digamos, lógica. Com certeza foi muita coincidência esses episódios acontecerem numa sequência tão próxima uma da outra. Mas vamos acreditar que foi mesmo coincidência.

Ele pigarreou. Aos olhos de um bom observador, dava para perceber que ele não estava muito seguro a respeito do que falava. Era visível que ele procurava transmitir calma à sua mulher e buscava argumentos que julgava convincentes para isso:

— Vamos analisar cada caso. Vamos começar pelo episódio do reconhecimento de Bruna. Em algum momento, na semana passada, no

mês passado, não importa, você deve ter comentado com Kátia sobre a Bruna e não se lembra mais. Afinal, é um assunto tão... tão banal, por que você haveria de se lembrar dele? Quantos outros assuntos conversamos em casa, na presença da Kátia, e nem lembramos mais quais e quantos foram? Da mesma forma deve ter acontecido com a cantiga de ninar. Kátia está com seis anos. Nesse tempo todo, quantas cantigas de ninar você já cantou para ela dormir? E quem garante que, no meio delas, você não cantou essa que ela repetiu? Você sabe que as crianças têm uma memória impressionante, uma grande capacidade de decorar nomes e letras de músicas.

“Faz sentido... faz sentido...”. Raquel repetia freneticamente em seu pensamento, como se agarrando a uma tábua de salvação.

Raul prosseguiu:

— Quanto à receita do bolinho, acho que ela ouviu você ensinando-a a alguém, uma amiga que veio visitá-la, ou mesmo por telefone. Ela ouviu e decorou. Você bem sabe como ela é inteligente.

Com as explicações ditas com aquela aparente segurança pelo marido, Raquel começava a achar que se precipitara em ficar tão estressada. De fato, parecia tudo muito simples e poderia ter acontecido exatamente como Raul dizia. Ele concluiu:

— Agora, quanto à frase...

Ele pigarreou e hesitou antes de falar:

— Quanto à frase... Onde está o papel?

Ela não respondeu, mas fez gestos com as mãos e com os lábios significando “não sei” ou “quem sabe?”. Ou simplesmente “sumiu”.

— Sumiu?

Ela não teve alternativa senão balançar afirmativamente a cabeça. Ele continuou implacável, embora mantivesse a calma:

— Pois é, sumiu. Aqui a coisa se complica, porque, de tudo o que você me contou, o aparecimento dessa frase foi o que me pareceu mais estranho, porque nossa filha ainda não sabe escrever. Mas sem... digamos, sem a folha de papel para comprovar...

Raquel sentiu-se ofendida:

— Raul, por acaso você está insinuando que eu estou mentindo? Por que eu mentiria sobre um assunto desses?

Ele respondeu em tom apaziguador:

— Não, querida, não estou dizendo que você está mentindo, mas... — hesitou e pigarreou de novo antes de prosseguir — você tem certeza de que leu mesmo essa frase?

— Eu não estou louca, Raul! Claro que li! E não era a letra da nossa filha, que ainda nem sabe escrever direito! A frase estava escrita em letras de imprensa: “Filha, eu estou aqui”.

— Bem, e o que isso significa? — Raul tentava manter a calma para não aumentar a irritação da esposa.

— E eu sei lá? Eu esperava que você pudesse me dar alguma explicação. É para isso que estamos aqui conversando.

— Raquel — era muito raro ele chamá-la pelo nome. Isso só acontecia em situações muito formais ou tensas —, somos profissionais e lidamos todos os dias com dados e fatos racionais, lógicos e concretos do mercado. Números, gráficos, balanços... Concorda?

— Claro, eu bem sei disso. Passei minha vida inteira sendo criticada por ser muito... muito lógica e racional. Mas aonde você quer chegar com esse raciocínio?

— Temos que continuar racionais e lógicos neste momento. Se nossa filha ainda não sabe escrever, não faz o menor sentido supormos que foi ela quem escreveu a frase. Quem sabe não se tratava de uma

folha de papel de arquivo e essa frase já estava escrita há tempos? E, por alguma razão, talvez devido a alguma arrumação de papéis que fizemos, ela apareceu na mesa?

Raquel demorou um pouco antes de admitir intimamente que aquilo fazia sentido.

“Sim, essa teoria faz sentido. Poderia ter sido uma folha guardada sabe-se lá há quanto tempo, que veio no meio das outras folhas, durante uma arrumação qualquer. Neste caso, só Deus pode saber quem escreveu a frase e por quê.”

Pensando assim, Raquel conseguiu se acalmar. Sentia-se aliviada.

Como previra, seu marido, apesar de mais brincalhão e descontraído que ela, tinha um enorme bom senso quando a ocasião exigia que ele deixasse de lado seu lado criança.

— É... Pode ser... — falou sem muita convicção, mas com uma ponta de esperança de que pudesse ser mesmo verdade.

Ele a chamou carinhosamente:

— Venha cá, sente-se aqui — dengosa, ela sentou no seu colo e trocaram um longo e apaixonado beijo.

Depois, foram se deitar mais calmos, sem tocar mais no assunto — pelo menos naquela noite.

# Capítulo 10

Raios de sol já entravam pelas frestas da cortina da janela quando Raquel acordou com carícias suaves no rosto. Pensou que fosse Raul e deixou-se ficar assim, de olhos fechados, curtindo o momento.

Como os afagos continuavam e ele nada falava, Raquel abriu os olhos e surpreendeu-se ao perceber que era sua filha quem a tocava com tanto carinho. Raul já havia se levantado e nem estava no quarto. Mesmo assim, Raquel gostou.

— Oi, minha menina linda! Que bom ser acordada por você! E ainda mais dessa forma tão carinhosa...

Mas Kátia nada respondeu. Apenas continuou com as carícias no rosto da mãe.

— Vamos levantar, gente! — a voz forte de Raul entrando no quarto, com uma caneca de café na mão, interrompeu a cena. Ele usava bermuda e camisa de manga cavada, e parecia muito bem-disposto. — O domingo está lindo, com um sol de rachar! Que tal um mergulho na piscina?

De início, Kátia pareceu assustar-se com o estardalhaço do pai e parou repentinamente de tocar a mãe. De calmas, suas feições ficaram travessas, como quem desperta de um sono:

— Oba! Eu quero ir pra piscina! Eu quero!

O domingo foi maravilhoso.

Passaram quase toda a manhã na enorme piscina do condomínio. A água aquecida pelo sol estava uma delícia, bem morninha. Kátia uniu-se às amiguinhas do prédio e todas se divertiram muito, como costuma acontecer com a espontaneidade e alegria das crianças.

Raquel e Raul ficaram bebericando com os amigos que moravam no prédio. Foram horas e horas de conversas amenas, descompromissadas, descontraídas.

Os bate-papos caíram como uma luva para Raquel, que pôde relaxar e voltar mais serena para o apartamento.

Um pouco mais tarde, foram almoçar em um dos Shoppings Centers próximo ao condomínio e depois assistiram a uma peça infantil.

Depois de toda a maratona, à noite, estavam os três exaustos, mas amplamente satisfeitos.

Naquela noite, nenhum dos três teve qualquer dificuldade para dormir.

De madrugada, Raquel acordou com a sensação de que havia mais alguém no quarto, além do marido. Ainda sonolenta, abriu os olhos e viu Kátia sentada na cama do casal, ao seu lado.

Sonolenta, esfregou os olhos e acariciou o rostinho da filha com uma das mãos. A presença de Kátia no seu quarto àquela hora a preocupou, pois não era hábito dela:

— Filhinha, o que você está fazendo aqui, acordada a essa hora? Está sentindo alguma coisa?

A expressão de Kátia era séria. E, quando falou, a voz nem parecia dela, de tão solene:

— Você precisa ir ao médico.

Raquel, assustada, achou que não entendera bem. Ajeitou-se na cama para ouvi-la melhor:

— O que você disse, filha?

Ela repetiu com a mesma voz pausada e séria:

— Você precisa ir ao médico.

De um pulo, Raquel sentou-se na cama, pôs a mão na testa da filha, achando que ela poderia estar delirando de febre. Mas sua temperatura estava normal.

— Meu anjo, eu acho que você teve um sonho ruim. Volte para a sua caminha, está bem? Mamãe precisa dormir e levantar cedo para ir trabalhar amanhã.

— Está bem. Mas não deixe de ir ao médico.

Kátia levantou e encaminhou-se para a porta. Antes de sair, parou, voltou-se para Raquel e falou:

— É conselho de mãe — e saiu.

Ainda sentada na cama, Raquel balançou a cabeça e concluiu que Kátia estava sonhando ou delirando. Surpreendentemente, talvez devido ao sono e ao cansaço, não fez nenhuma ligação do ocorrido com os acontecimentos dos dias anteriores. Só achou estranho porque ela não era sonâmbula nem estava com febre.

Olhou para Raul ao seu lado para ver se ele havia visto a cena, mas seu forte ressonar indicava que não. Em poucos minutos já estava dormindo novamente.

\*\*\*

Na manhã seguinte, Raquel levantou-se bem-disposta.

Não deu maior importância ao episódio da madrugada com a filha. Tanto que contou ao marido enquanto escovava os dentes, mas sem dar grande ênfase ao fato. Havia concluído que Kátia estava sonhando, talvez por ter se agitado demais durante o domingo.

Ainda bem que Raquel não viu o semblante de preocupação de Raul quando ouviu seu relato sobre o episódio.

Depois do banho, Raquel preparou a filha para ir à escola. Dentro de poucos minutos a van passaria ali para pegá-la, como fazia durante todo o ano letivo. Como de hábito, no final da tarde, Raquel sairia mais cedo da agência e pegaria a filha na escola. Era assim a rotina delas.

Por ser uma segunda-feira, Clotilde chegou um pouco antes das sete horas da manhã. Seu horário de entrada era às oito, mas, quando foi contratada, negociou com os patrões que, às segundas, entraria uma hora mais cedo para também sair uma hora antes das seis da tarde.

Seus patrões não sabiam a razão disso, não haviam demonstrado curiosidade na sua entrevista de contratação, mas a verdade era que Clotilde professava a doutrina espírita já havia muitos anos e naquele dia da semana ela dava assistência espiritual em um centro, devendo chegar mais cedo ao local das reuniões para os devidos preparativos.

Por causa da antecipação em seu horário de chegada, ela cruzou com a patroa e a filha no *hall* do elevador. Raquel acabava de descer pelo elevador social, segurando na mão de Kátia com uma mão e a maleta escolar dela com a outra. Nesse exato momento, Clotilde aguardava alguns metros ao lado a chegada do elevador de serviço, por onde os empregados tinham acesso aos apartamentos. Não se viram, portanto.

Mas ao olhar para Kátia, e já se preparando para fazer alguma brincadeira com ela, Clotilde parou ao sentir um súbito e forte arrepio. No mesmo instante, descobriu a razão: sensitiva como era, percebeu a energia de Estela, a falecida avó, acompanhando Kátia, bem de perto.

Não oferecia perigo para a menina, era um espírito do bem, de bons fluidos, mas não deixava de ser estranha aquela presença tão cedo, sem motivo aparente. No tempo em que sua mãe havia trabalhado para dona

Estela, ela chegou a ter algum contato com a mesma, pois fora ela quem intermediara sua contratação por Raquel. Sabia, portanto, que se tratava de uma alma boa.

Por via das dúvidas, fez uma breve oração de proteção para Kátia e entrou no elevador, que acabara de chegar.

Até a porta se fechar por completo, Clotilde não tirou os olhos da menina. A energia do espírito que a acompanhava era tão forte que quase se tornava visível aos olhos da experiente médium.

\*\*\*

A agência estava em festa. Naquela manhã, haviam ganhado duas contas novas. Não se tratavam de clientes de grande porte, mas também não eram contas de se desprezar. Iriam engordar o portfólio da agência, que crescia a cada mês.

A parte da manhã transcorreu sem novidades.

Raquel concentrou toda a sua atenção nos trabalhos a fazer e nos projetos a desenvolver com a equipe. Nas discussões de grupo, quando surgiu um impasse, mostrou-se mais maleável que de hábito. Mas a energia parecia ter triplicado: estava apressada, agitada.

Foi assim durante toda a manhã.

Talvez em consequência dessa agitação, depois do almoço, Raquel não se sentiu bem. Não sabia a causa, mas era uma mistura de enjoo, tontura, palpitação e uma persistente dor na nuca. Uma sensação difusa de mal-estar.

Entrou na sala do marido meio tonta.

— Amor, acho que vou para casa.

Ele parou o que estava fazendo e a olhou preocupado:

— Você não está bem?

Ela se sentou e pegou um pouco de água:

— Não estou legal. Não me pergunte por que, porque eu não sei.

— Mas o que você está sentindo?

— Nem sei dizer direito o que é. Simplesmente não me sinto bem.

Um pouco enjoada, um pouco tonta, meio mole... Estou até com um pouco de dor de cabeça.

Raul aproximou-se e pôs a mão na testa dela, depois nas faces:

— Não parece estar com febre. Não seria alguma coisa que você comeu no almoço e não lhe caiu bem?

— Não sei, acho difícil. A comida estava tão saborosa... Mas não sei, pode até ser...

— Bom, vamos ao médico.

Ela se levantou rapidamente.

— Nada disso, nada de médico! Não é nada, é só um mal-estar passageiro. Talvez um pouco de estresse.

— Mas, querida, o que custa? O consultório é aqui pertinho...

Raquel respondeu um pouco irritada. Ela não gostava de parecer frágil — e estar doente era um sinal forte disso.

— Mas acontece que eu não tenho nada! Você já ouviu falar de “mal-estar”? Pois é isso, estou cansada, estou com um *leve* mal-estar — enfatizou a palavra “leve”.

Conciliador, ele baixou o tom:

— Certo, você sabe melhor do que ninguém o que está sentindo. Se acha que não é nada, então não é nada...

Ela se aproximou carinhosa dele, percebendo que ficara nervosa à toa e respondera de forma quase malcriada à preocupação dele:

— Desculpe o tom, querido. Sei que você se preocupa comigo. Mas pode ter certeza de que é apenas cansaço. Vou para casa, descansando

um pouco tudo se resolve.

— Então, pelo menos concorde em deixar o carro aqui no estacionamento e me deixe levá-la em casa.

— Pare com isso, Raul! Eu posso ir dirigindo...

— Pegue um táxi, pelo menos.

Ela pegou a bolsa, deu um beijo nele e falou já da porta:

— Eu vou embora antes que você resolva chamar uma ambulância — e saiu.

Raul ficou balançando a cabeça como quem diz: “essa não tem jeito...”

Conhecia bem sua mulher, sabia o quanto era difícil demovê-la de alguma decisão ou convencê-la a fazer alguma coisa que não fosse do seu agrado. Por isso, não insistiu, mas continuou preocupado mesmo depois que ela lhe telefonou, avisando que já estava em casa.

\*\*\*

Ao ver sua patroa chegar em casa antes da hora de costume, Clotilde lembrou-se do que sentira pela manhã quando ela saía do elevador com a filha e teve um mau pressentimento. Ficou preocupada sobretudo com a palidez de dona Raquel, mas se limitou a perguntar se desejava alguma coisa especial para comer.

Com um gesto vago, Raquel deu a entender que não, passou por ela e foi para o quarto. Agradeceu aos céus que seu apartamento não tinha degraus nem escadas para despertar sua fobia. Era um pensamento que não fazia o menor sentido naquele momento, mas Raquel não podia deixar de tê-lo sempre que adentrava na sua casa.

Tão logo ela passou à frente da empregada em direção ao quarto, Clotilde percebeu que a energia espiritual da dona Estela, a mesma que

sentira na parte da manhã acompanhando Kátia, continuava ali.

Clotilde foi atrás, a pretexto de ajudar Raquel a se deitar. Precisava assegurar-se de que nada de prejudicial aconteceria com sua patroa.

Tirou-lhe os sapatos e cobriu-a com o lençol até a altura do queixo. Enquanto fazia isso, não deixava de vigiar o ambiente, com todas as suas “antenas” sensitivas a postos.

Lembrava bem de dona Estela, sabia que ela tinha bom coração. Portanto, confiava nela, mesmo agora pertencendo ao outro lado. Mas, por lealdade à sua patroa e sua filha, achou melhor ficar por perto, atenta. Como médium, ela sabia que alguns espíritos, por mais bem intencionados que sejam, podem se tornar perturbadores.

— Tudo bem, Clotilde, obrigada por tudo, mas já estou bem. Agora só quero descansar um pouco. Pode ficar tranquila e retomar seus afazeres.

— A senhora prefere que eu durma hoje aqui na sua casa?

— Nossa, Clotilde, quanta gentileza sua! Mas não precisa se preocupar, querida. Já estou bem melhor.

— Está bem. Mas se a senhora precisar de alguma coisa, dona Raquel, é só me chamar.

— Eu sei, Clotilde, e agradeço mais uma vez. Mas pode acreditar que estou bem. Foi só um mal-estar passageiro. Um pouco de sono vai me deixar novinha em folha.

— Está bem. Estarei na copa.

Antes de se retirar, Clotilde fez nova prece protetora. Sentiu que a energia do espírito de dona Estela se desanuviou, como se tivesse se afastado.

Foi saindo do quarto andando de costas, em passos lentos, sem tirar os olhos de Raquel e sem interromper a oração.

Já na copa, antes de retomar seus afazeres, fez uma prece mais completa, pedindo às entidades de luz que cuidassem da saúde da sua patroa e que a protegessem caso o espírito de sua mãe, ainda que involuntariamente, tentasse lhe fazer algum mal.

O que a preocupava era saber que, por mais que o espírito de dona Estela quisesse protegê-la com sua presença ali, não percebia que, ao usar a energia da própria filha, estava deixando-a fraca, sem defesas espirituais e, agora, quase sem defesas físicas também.

Clotilde nunca sentira necessidade de contar aos seus patrões sua condição de médium espírita. Mas agora, diante de tudo o que presenciara desde a parte da manhã, talvez fosse o momento de fazê-lo. A questão era que ela não sabia que reação eles teriam e receava que, dependendo do ponto de vista religioso deles, aquilo talvez a prejudicasse no emprego e na relação com eles, de quem aprendera a gostar tanto.

Mesmo considerando que seus patrões eram pessoas muito inteligentes, Clotilde agora achava que havia muitas coisas sobre a vida espiritual que eles nem imaginavam existir e que precisavam saber.

Concluídas suas preces, voltou aos trabalhos domésticos.

# Capítulo 11

Em sua sala de trabalho, aproveitando um momento de relativa tranquilidade na agência, Raul refletia sobre os últimos acontecimentos envolvendo a filha e a esposa.

Não sabia exatamente o que pensar. Talvez fosse o caso de ele consultar um médico, mas de qual especialidade? Quem sabe um psicólogo? Ou seria Raquel quem deveria ir ao médico? Será que ela estava imaginando coisas por causa de estresse? Raul achava tal hipótese pouco provável. Raquel era uma mulher forte, centrada, bastante racional. Não era dada a alucinações, fantasias e delírios.

No fundo, Raul tinha uma teoria, mas nem ousava comentá-la com Raquel porque, racional e descrente das coisas espirituais como era, ela certamente não o levaria a sério e poderia ficar aborrecida com ele por acreditar nessas coisas.

A verdade era que ele, que tinha a mente muito mais aberta que a esposa, conversava com muita gente a respeito dos mais variados assuntos, e ouvia coisas que jamais sonhara existir. Sabia que sua teoria era estranha, mas ela já havia se instalado em sua mente e persistia em provocá-lo.

Ele simplesmente tinha a sensação de que Kátia estava agindo e falando como se fosse outra pessoa.

Já ouvira amigos contando fatos semelhantes e já vira situações assim em filmes e em romances de ficção. Neles, os personagens sempre recorriam a um parapsicólogo ou a um médium espírita. Seria esse o caso que envolvia sua filha e sua mulher?

Foi nesse momento que lhe ocorreu uma lembrança: seu funcionário Cortez, o diretor de criação da agência, era espírita. Talvez ele pudesse esclarecer a situação ou mesmo dar alguma sugestão. Por outro lado, será que seria conveniente para ele, o dono da agência, dividir com um funcionário um problema familiar?

Sua dúvida não durou muito tempo. Concluiu que o mais importante era a estabilidade emocional da sua mulher e a saúde da filha.

Pelo interfone, pediu a Cortez que comparecesse à sua sala.

O funcionário entrou com a euforia que lhe era característica:

— E aí, chefe, tudo em ordem? Ganhamos mais duas continhas, hein?

Raul achava ótimo quando seu pessoal vibrava com o crescimento da agência. Era uma demonstração de que eles se sentiam participantes, e não meros cumpridores de ordens.

— E pode se preparar que ganharemos muitas outras. Ninguém segura a gente, amigo!

Cortez soltou uma estrondosa gargalhada que sacudiu seu corpanzil. Era um sujeito enorme, alto e mais gordo que o recomendável. Era filho de espanhóis — daí seu sobrenome — mas nascera no Brasil. Alourado, com um vasto bigode mal aparado, tinha o rosto arredondado e vermelho, falava alto e se locomovia com estardalhaço, tropeçando nas coisas e se chocando contra as mesas e máquinas. Mas, apesar do jeito

desengonçado, era um gênio da criação publicitária. Já ganhara vários prêmios pelo seu talento.

Durante algum tempo, conversaram sobre fatos do mercado, enquanto Raul imaginava como introduzir o assunto principal. Quando o bate-papo passou a carecer de novos temas e Cortez fez cara de “certo, mas pra que foi mesmo que você me chamou?”, Raul pigarreou e começou:

— Escuta, meu amigo, vamos mudar de assunto. Vou lhe perguntar uma coisa que certamente você vai estranhar. Você é espírita, não é?

Cortez de fato espantou-se com a pergunta, achando-a totalmente fora do contexto profissional. Era comum conversarem sobre tudo ali na agência, menos sobre religião e afins. Esboçou um sorriso como quem pensa “ué, que história é essa?” e respondeu ainda sorrindo, mas meio desconfiado:

— Sim, sou — e ficou aguardando a continuação da conversa, curioso em saber aonde ela chegaria.

— Bem... — Raul não sabia como introduzir o assunto. — Me fala um pouco sobre isso. Como é que funciona mesmo esse negócio de espiritismo?

Percebendo que havia um interesse genuíno na pergunta, Cortez ajeitou o corpanzil na poltrona à frente do chefe e respondeu com outra pergunta:

— Você quer um resumo ou algo mais detalhado?

— Não temos o dia todo para falar sobre isso, meu amigo. Me fale o suficiente para eu entender o que é e como funciona. Sou um completo ignorante nesse assunto.

Antes de começar a falar, Cortez apontou para uma jarra com água numa bandeja sobre a mesa de Raul.

— Posso pegar um pouco?

— Lógico! — o próprio Raul colocou água num dos copos e ofereceu ao funcionário.

Cortez bebeu com gosto, pigarreou e começou:

— Bom, o espiritismo é uma corrente de pensamento que você pode chamar de doutrina. Nasceu em meados do século 19, depois de estruturada por um pedagogo francês chamado *Hippolyte Léon Denizard Rivail*, que depois adotou o pseudônimo de *Allan Kardec*; vem daí a expressão “kardecismo” que muitas pessoas usam para identificar a diretriz adotada pela doutrina que pratica — parou um pouco para perguntar, com o jeito irreverente de sempre — A “aula” está indo bem assim ou prefere mais devagar ou com menos detalhes?

— Não, está ótimo assim. Pode continuar desse jeito.

Mais tranquilo, Cortez se ajeitou melhor na confortável poltrona destinada aos clientes:

— O espiritismo se fundamenta na possibilidade de os vivos manterem contato com pessoas desencarnadas, ou mortas, através de médiuns, que são indivíduos com uma sensibilidade especial para intermediar esses contatos. Defende temas que muita gente considera polêmicos, como a reencarnação, a possessão, a obsessão, a cura através de certos procedimentos chamados “passes” e até cirurgias espirituais. Em sua essência, o espiritismo procura integrar as três formas clássicas de conhecimento: ciência, filosofia e religião. Para isso, conta com princípios e leis próprias. Allan Kardec definiu o espiritismo como “uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.” — Cortez fez uma pausa — Deu pra entender, chefe?

Raul estava meio chocado:

— Comunicação com os mortos? Reencarnação? Curas espirituais? Desculpe, amigo, mas você não está exagerando? Não acha que isso é... é um pouco demais?

Cortez pareceu surpreso com a reação de Raul.

— Não, chefe, desculpe, mas não é um pouco demais não. Esse é o dia a dia dos milhares de centros espíritas espalhados por todo o Brasil. E isso não é brincadeira, não. Para você ter uma ideia, o censo do IBGE de 2000 já apontava algo em torno de 2 milhões de espíritas declarados no Brasil. Hoje, seguramente, esse número está perto dos 4 milhões, sem contar aqueles que não consideram o espiritismo uma doutrina ou que, por alguma razão, não declaram que são adeptos.

Surpreso com as estatísticas, Raul pareceu meditar sobre o assunto.

— Pode ser... Eu não fazia ideia dessa expansão do espiritismo. Mas para mim ainda é muito estranha essa coisa de falar com os mortos, de reencarnação. Por exemplo: o que os médicos acham dessas curas espirituais a que você se referiu?

— Meu caro, como em tudo na vida, há os que são a favor e os que são contra — e brincou, para descontrair. — Exatamente como na política e no futebol. Em matéria de religião, há os que acreditam e os que não acreditam. Vou lhe contar um negócio que pouca gente sabe: eu fui ateu até os trinta anos de idade. Depois me tornei um espírita convicto e já sou praticante há dezesseis anos.

Nova surpresa para Raul.

— E por que aconteceu essa mudança com você?

— Justamente por causa de uma cura que parecia impossível. Meu pai estava com um sério problema de saúde e os médicos já o haviam desenganado. Toda a família já estava se preparando para o pior. Como última tentativa, levei-o num centro espírita onde ele foi tratado

espiritualmente e, acredite se quiser, ficou completamente curado. Está vivo até hoje e com uma saúde de ferro.

— E o que os médicos disseram disso?

Cortez deixou escapar um riso irônico:

— A maioria deles continua achando que a fé move montanhas... Que tudo não passou de um processo de autossugestão, que foi a força do pensamento que curou meu pai. Mas, a bem da verdade, felizmente hoje ciência e espiritualidade caminham de mãos dadas. Já há muitos médicos que professam a doutrina espírita de forma assumida.

Raul ficou olhando fixamente para o funcionário. Ouvira coisas interessantes, mas ele ainda não estava inteiramente convencido. Cortez percebeu o turbilhão de pensamentos que deveria estar se passando na mente do chefe:

— Desculpe perguntar, chefe, mas por que essa curiosidade súbita a respeito do espiritismo?

Raul pareceu despertar da letargia:

— Hã? Nada não... Curiosidade apenas. É que ouço muita gente falar a respeito.

A resposta não convenceu Cortez nem um pouco, mas ele não quis ser indelicado em insistir. Levantou-se:

— Tá bom, chefe. Se precisar de mais alguma informação, é só perguntar. Amigo é pra essas coisas...

— Valeu, amigo. Te agradeço, de coração — Raul levantou-se também, deu a volta na mesa e foi cumprimentar o funcionário, agradecendo-lhe a “aula” e a boa vontade.

Depois que Cortez saiu, Raul ficou pensando a respeito de tudo que ouvira. Na parte da manhã, por alguns instantes, chegou a pensar que sua mulher deveria consultar um psiquiatra ou um psicólogo. Depois,

lembrou de algumas conversas que ouvira na festa de aniversário dela a respeito de curas espirituais.

E agora ouvira as explicações de Cortez. Muitas coisas que ele dissera faziam sentido para ele, embora se tratasse de um assunto a respeito do qual não tinha o menor conhecimento. Mas, de qualquer forma, tinha absoluta certeza de que, racional como era, Raquel jamais concordaria em comparecer a um centro espírita.

Na verdade, o casal nunca havia se interessado muito por assuntos espirituais ou religiosos. Como ambos tinham começado a trabalhar desde cedo, ficaram condicionados à frieza dos números e das informações concretas do mercado. Achavam que assuntos subjetivos como aqueles não conduziam a nada. Os dois eram muito pragmáticos. Talvez Raul fosse um pouco mais flexível que a mulher. Pelo menos ele escutava as histórias e de vez em quando lia algo a respeito, embora não levasse o assunto muito a sério.

Tão absorvido estava em seus pensamentos, que o toque do telefone deu-lhe um grande susto.

Era Raquel:

— Raul?

— Oi, amor. Como você está?

— Na mesma. Acho que seria bom marcarmos uma consulta com um médico, talvez um clínico geral.

— Mas aconteceu alguma coisa para você tomar essa decisão?

— Não, não aconteceu nada além do que você já sabe. Mas é que estive pensando e percebi que faz bastante tempo que a gente não cuida da saúde a sério, que a gente não faz um *checkup*. Talvez fosse o momento de aproveitar esse meu mal-estar e começar a ver se há alguma coisa errada comigo.

— Acho uma boa ideia. Assim ficaremos todos mais tranquilos. Vou fazer isso agora mesmo. Deixe que hoje eu pego Kátia na escola, está bem? Fique descansando.

“Que bom que partiu dela a sugestão de irmos a um médico!”, Raul pensou e suspirou aliviado.

# Capítulo 12

Deitada em sua cama, folheando desinteressadamente uma revista de marketing, Raquel se sentia duplamente chateada: primeiro porque detestava ficar doente. Considerava que tinha uma saúde de ferro. Não se lembrava da última vez que consultara um médico, com exceção das rotineiras idas ao ginecologista para acompanhamento. Além do mais, a menos que estivesse sentindo as consequências de um eventual excesso de trabalho ou preocupação com o faturamento, não via outros motivos para estar estressada ou doente.

A segunda razão para sua chateação era ser obrigada a ficar parada, passiva. Ou, como ela se sentia, uma completa inútil. Mulher dinâmica e ciosa dos seus deveres profissionais, não suportava a ideia de ficar em casa, deitada, enquanto seu marido e sua equipe trabalhavam. Nessas condições, sentia-se uma incompetente.

Tão logo chegou em casa após deixar a agência, fez uma coisa sabidamente inadequada: automedicou-se. Tomou um analgésico e um ansiolítico. Sabia que era errado, mas consolou-se pensando que não era sempre que cometia esse pecado.

Vestiu uma roupa mais leve e deitou-se. Reinava o mais absoluto silêncio no apartamento: Kátia estava na escolinha e Clotilde fazia seus

trabalhos domésticos, certamente tomando o maior cuidado para não fazer barulho, pois sabia que a patroa não estava passando bem.

O que Raquel não sabia era que, de vez em quando, a empregada parava o que estava fazendo e ia até a porta do seu quarto fazer uma prece para seus mentores espirituais a ajudarem.

Raquel preferia que sua filhinha estivesse em casa, fazendo travessuras ou puxando conversa com ela. Se estivesse, certamente estaria ali deitada ao seu lado.

Em poucos instantes, os remédios fizeram efeito e ela sentiu um leve torpor, que logo se transformou em sono. Adormeceu, ainda que inquieta.

E sonhou justamente com sua falecida mãe.

Na verdade, atraída pelo espírito de sua mãe, seu perispírito deixou seu corpo adormecido, ficou flutuando acima dele, e assim ela pôde dialogar com o espírito de Estela.

— Não se preocupe, minha filha. Eu estou aqui. Mais perto de você do que você imagina.

— Mãe?

No sonho, Estela aparecia à filha com o semblante meigo e condescendente de sempre, afagando sua testa.

— Não se preocupe. Eu estou aqui.

Raquel não podia se mover, mas podia ver sua mãe sentada na cama, ao seu lado.

— Não, a senhora não está aqui — mesmo em sonho, lembrou-se da ausência dela no nascimento da filha e sentiu uma onda de revolta tomar conta dela. — A senhora nunca está quando preciso.

Estela não se abalou. Já conhecia os modos da filha e sabia que ela estava nervosa. Continuou falando meigamente:

— Eu nunca me afastei de você, minha filha, mesmo que você não me quisesse por perto.

— Não é verdade! — em sua indignação, Raquel esqueceu completamente a razão pela qual sua mãe não fora à maternidade. — A senhora nem estava comigo quando minha filha nasceu, quando sua neta nasceu. Que mãe é essa, que avó é essa?

Sua mãe pareceu ficar chocada com aquela acusação. Sua imagem começou a se desvanecer, como se fosse uma projeção que estivesse sendo apagada aos poucos;

— Eu só quero que você saiba que eu estou aqui, cuidando de você.

— Não! A senhora não pode estar aqui! A senhora já morreu! A senhora já morreu!

Raquel despertou assustada pelo choque do retorno súbito de perispírito ao seu corpo adormecido e com o som dos seus próprios gritos. Aquela última frase do sonho fora dita aos berros. Tanto que Clotilde entrara em seu quarto correndo e assustada, sem nem mesmo bater na porta:

— Dona Raquel? Aconteceu alguma coisa?

Raquel demorou um pouco a perceber que sonhara, em sua opinião um pesadelo, e que gritara alguma coisa ao acordar.

Levou algum tempo para se recompor e normalizar a respiração, até então ofegante:

— Não, Clotilde. Está tudo bem. Foi apenas um sonho ruim.

Ela olhou a patroa meio desconfiada:

— A senhora quer que eu chame o seu Raul?

— Não precisa, Clotilde, não é nada. Pode deixar.

Meio a contragosto, a empregada voltou aos seus afazeres.

Raquel ficou pensando no sonho.

Que estranho. Nele, sua mãe repetira várias vezes a frase que aparecera numa das folhas de papel de Kátia, quando ela estava desenhando: “Filha, eu estou aqui”.

Seria coincidência?

Ou talvez tivesse ficado tão preocupada com aquele fato que o transformara em sonho, quase um pesadelo?

Instintivamente, motivada pelo sonho, passou a pensar na sua mãe.

Desde cedo a relação entre as duas não foi nada pacífica.

Raquel reconhecia que aquilo era muito mais culpa dela mesma, pois a mãe era muito passiva e condescendente para iniciar ou sustentar uma discussão. Na maioria das vezes se mantinha calada. Às vezes, passava à Raquel a impressão de que nem sabia falar.

O problema estava em Raquel, ela tinha consciência daquilo, mas nunca pensara em adotar alguma medida para resolvê-lo. Jamais concordara em buscar a ajuda de um psicoterapeuta para resolver o conflito, como algumas de suas amigas sugeriam. A verdade era que ela nunca perdoara a mãe por não ter sido mais ambiciosa quando jovem e não ter batalhado por uma formação universitária digna e uma carreira profissional rentável. Assim, ela poderia ter proporcionado à filha mais conforto e não a teria feito passar por algumas necessidades e vexames, desde a adolescência, na relação com suas amigas.

Com Antero, o pai, o convívio de Raquel era mais pacífico. Pelo menos ele ouvia suas queixas sem retrucar e sempre tinha para ela palavras de estímulo.

Na verdade, Raquel não passara por grandes necessidades, exceto dentro dos seus próprios conceitos egoístas e imaturos. Como seu pai se aposentara cedo e sua mãe, trabalhando em casa, fazia serviços de costureira para o bairro, a renda familiar não era das mais

compensadoras. Mas era suficiente para o básico: uma casa modesta, mas confortável, roupas adequadas, embora simples, e alimentação suficiente. Pertenciam à classe social C ou D, o equivalente a uma classe social média baixa.

Raquel se ressentia de não poder acompanhar suas amigas nos passeios ao shopping porque elas, mais abastadas, sempre faziam compras — em geral coisas supérfluas. Por não poder acompanhá-las nesses gastos, Raquel sentia-se constrangida. Tinha sempre que inventar desculpas para não comprar nada.

Ao mesmo tempo, ela sabia que não tinha condições de se vestir de acordo com a moda vigente, e aquilo a incomodava profundamente. Nem nas saídas para as baladas Raquel se sentia bem, pois o dinheiro disponível não permitia muitos excessos. Por todas essas condições, muitas vezes inventava desculpas para não acompanhar as amigas.

Claro, ela tinha consciência de que milhões de garotas dariam graças aos céus por terem um padrão de vida semelhante ao dela, mas isso não a consolava. Achava que merecia mais.

Em sua opinião, essas eram as razões dos constantes insultos que no passado dirigia à mãe que, por sua vez, pouco se defendia. Quando o fazia, alegava que largara trabalho e estudos para cuidar do marido e da filha, e que passava quase a noite inteira costurando para aumentar a renda familiar, que já era baixa.

Raquel se irritava mais ainda com tais desculpas, que ela considerava esfarrapadas. Se a mãe tivesse tido mais ambições e estudado, não precisaria passar por aquelas situações, ela retrucava. O pai não intervinha nessas manifestações. Limitava-se a balançar a cabeça em sinal de desaprovação. Mas, na maioria das vezes, optava por se retirar da

sala em silêncio. Assim, não precisaria tomar partido por nenhuma das duas.

Mesmo depois que soube do infarto da mãe no dia do nascimento de Kátia, achava-a culpada: acusava-a de não cuidar direito da saúde diante da obsessão de colocar o marido e a filha em primeiro lugar. Lembrava de ouvi-la dizer com frequência que não tinha tempo de cuidar melhor da saúde porque trabalhava demais.

“Sabe qual foi e continua sendo o problema da senhora? A senhora precisava ter se amado mais, se gostado mais, se respeitado mais. E, no entanto, deixou-se ficar calada, passiva, plantada na cozinha ou lavando roupa! E sempre costurando para os outros! Sua vida foi um fracasso, mãe! Eu não vou seguir o mesmo caminho. E agora a senhora quer que eu seja médica para ficar rica e lhe dar moleza? Nunca!”

Assim que atingiu a maioridade, Raquel começou a trabalhar. Inteligente e esforçada como era, trocou de emprego várias vezes, sempre para receber melhores salários e galgar posições de maior destaque.

Ainda adolescente, fez várias viagens ao exterior em programas de intercâmbio cultural para aprender idiomas. Numa dessas viagens, apaixonou-se por propaganda e marketing. Ao retornar ao Brasil, conheceu Raul na faculdade, pois decidira ser publicitária, um contexto onde conviveria com pessoas criativas, inteligentes, bem-sucedidas, dinâmicas e divertidas.

Quando se casaram, mudaram-se para um elegante apartamento nos Jardins que compraram em conjunto por um financiamento obtido na Caixa Econômica. Antero, seu pai, apesar de seus quase setenta anos, preferiu continuar morando sozinho, na mesma casa em que Raquel nascera e passara toda sua vida de solteira, no bairro de Vila Maria.

Quando pensava na mãe — o que raramente acontecia — os sentimentos de Raquel não eram de saudade nem de compaixão, mas de irritação por ter desperdiçado a própria vida segundo seus conceitos.

Foi com esses pensamentos que Raquel voltou a adormecer, dessa vez sem sonhos ou pesadelos.

Do lado de fora do quarto, bem encostada à porta, Clotilde estava cada vez mais preocupada com o estado de saúde da patroa. Já tinha percebido que o espírito de dona Estela estava sugando as energias de Raquel involuntariamente. Talvez sua patroa tivesse mesmo algum problema de saúde que a medicina devesse tratar, mas com certeza parte daquela “doença” era resultado daquela presença espiritual. E naquele sentido, Clotilde sabia que, juntamente com seus irmãos espirituais do centro, poderia ajudar. No entanto, não sabia como dizer aquilo aos seus patrões.

Desde que começara a trabalhar ali, Clotilde já tinha percebido que o casal não gostava de conversar sobre assuntos espirituais. Ah, mas como ela gostaria de levar sua patroa ao centro que frequentava...

Naquele exato momento seu mentor invisível “soprou” uma recomendação ao seu ouvido. Se Clotilde não fosse versada em atividades espirituais, teria achado que simplesmente tivera uma ideia brilhante.

# Capítulo 13

Tão logo chegou em casa à noite, Clotilde jantou rapidamente e foi procurar por Tobias, seu amigo que dirigia os trabalhos do centro onde ela atuava.

Ele morava a duas quadras de sua casa e, como a rua do trajeto era bem iluminada e muito movimentada, não havia perigo de ser importunada por algum bêbado ou galanteador.

Aquele trecho do bairro era principalmente comercial, com alguns espaços aqui e ali ocupados por residências — e Clotilde morava em uma delas. Nos demais imóveis funcionavam bares, restaurantes, lojas de conveniências, videolocadoras, armarinhos, postos de abastecimento. Havia inclusive um ginásio que, se por um lado trazia enorme algazarra ao bairro pela presença dos estudantes e seus carros, por outro mantinha o local bem movimentado, o que era preferível a ser uma rua deserta e sem movimento. Em cada esquina, e geralmente em mesinhas de lanchonetes colocadas nas calçadas, sempre havia grupos de estudantes conversando, paquerando ou apenas se divertindo; cada um à sua maneira, mas todos na maior algazarra.

Tobias morava em um casarão bem antigo. Após a porta de entrada, havia um longo corredor que conduzia a uma enorme sala de jantar,

onde, com as devidas adaptações, eram feitas as reuniões do grupo. Naquele ponto da casa não chegava o som da algazarra da rua.

O médium tinha acabado de jantar com Marli, sua esposa, e estava assistindo a alguma coisa na televisão, mas aparentemente sem muito interesse. Tanto que, ao ver Clotilde, levantou-se rapidamente e foi abraçá-la, assim como sua mulher. Era um casal de baianos muito simpáticos e prestativos, ambos já na casa dos cinquenta anos, há muito tempo radicados em São Paulo.

Após os cumprimentos de praxe e os comentários do cotidiano, sentaram-se na sala onde estava a TV, que foi prontamente desligada pelo dono da casa.

Antes, porém, como era de bom-tom nas casas que resguardavam a tradição, foi servido um cafezinho para a visitante.

Depois de acomodados em simples, mas confortáveis sofás, Clotilde foi direto ao assunto, dirigindo-se a Tobias:

— Meu amigo, preciso da sua ajuda.

— Opa, não sei do que se trata, mas desde já pode contar conosco. O que está acontecendo com você, irmã?

— O problema não é comigo. É com a minha patroa e a filhinha dela.

— Com a dona Raquel? — Tobias não conhecia Raquel pessoalmente, mas sabia dela pelas inúmeras vezes que Clotilde fizera comentários positivos a seu respeito. Por isso, sabia que se tratava de uma pessoa do bem.

Marli também a conhecia por nome e interessou-se pelo assunto:

— O que está acontecendo com ela, minha filha?

Clotilde pôs a xícara de café sobre a mesinha de centro da sala:

— Não sei exatamente o que é, mas é algo bem estranho. Como eu já contei a vocês, a dona Raquel perdeu a mãe no mesmo dia em que ganhou a Kátia, a filhinha dela. Minha mãe, que trabalhou para dona Estela, sempre me dizia que as duas não se davam muito bem. Na verdade, dona Raquel, por algum motivo, não tratava bem sua mãe.

— Dona Raquel não tratava bem a mãe?

— Exatamente. Mas depois que a dona Estela morreu, achei que, de certa forma, estava tudo resolvido, ficaria tudo na paz.

— E não está?

— Essa é a questão. Tenho quase certeza de que o espírito de dona Estela, por alguma razão que desconheço, está perturbando a filha, rondando a casa dela.

— Ué, mas ela sempre me pareceu uma excelente criatura, uma pessoa do bem...

— E eu não duvido que seja. Inclusive, pelo que senti da sua energia, não acho que ela esteja querendo prejudicar a filha. Mas alguma coisa ela quer.

Em seguida, Clotilde contou os fatos que presenciara, desde o encontro com Raquel e Kátia no *hall* do elevador do prédio, quando percebeu a energia da dona Estela praticamente colada ao corpinho da neta, até a outra visão que tivera do espírito da velha senhora acompanhando a filha ao quarto de dormir. Contou também que permanecera algum tempo naquele quarto e sentira claramente a energia da mãe aproximando-se demais do corpo semiadormecido da filha.

Marli olhava para o marido como se cobrasse dele uma opinião. Tobias, por sua vez, passava devagar a mão direita pelo queixo, olhando

Clotilde fixamente, mas com o pensamento longe, tentando descobrir uma explicação plausível para a situação.

Clotilde continuou:

— Até agora, pelo menos que eu saiba, o espírito da mãe não fez nada de errado com a filha. Aliás, às vezes eu tenho a impressão de que ela prefere ficar mais perto da neta do que da filha.

— Estranho... Muito estranho... — percebia-se que os neurônios de Tobias trabalhavam sem cessar em busca de uma explicação. — Então, o espírito de dona Estela parece preferir ficar mais perto da neta...

— É a impressão que eu tenho...

— Hmm... — Tobias pensava alto. — Não sei, mas ela pode não estar conseguindo se comunicar diretamente com a dona Raquel e então está tentando usar a neta como retransmissora.

Marli, que daquelas três pessoas era a que tinha menos experiência com o espiritismo, quis tirar uma dúvida:

— Mas isso é possível, Tobias?

— Não só é possível como é muito usual pelos espíritos que não gostam de atender aos convites de manifestação que fazemos a eles no centro e preferem agir por conta própria. Então, quando não conseguem um contato direto com a pessoa encarnada que eles querem, recorrem ao recurso de usar alguém como retransmissor. O problema, ou melhor, o perigo, é que esse “alguém” quase sempre não é um médium, não entende o que está acontecendo consigo, fica tremendamente confuso e acaba indo parar em um consultório médico.

Os três ficaram em silêncio por algum tempo, imaginando o que poderia ser feito para resolver aquela situação.

Clotilde não controlou sua ansiedade:

— E então, meu amigo Tobias, o que podemos fazer para ajudar a dona Raquel e o espírito da mãe dela, que deve estar completamente desorientado?

— É o que estou pensando cá com meus botões... O que poderíamos fazer...

Depois de um longo e angustioso silêncio, Tobias manifestou-se:

— Bem...

Foi apenas um “bem”, mas para Clotilde e Marli significava que uma solução viria a seguir.

— Só temos uma coisa a fazer, antes de qualquer outra.

As duas mulheres se mantinham caladas, com os olhos bem abertos, olhando para Tobias, à espera da sugestão salvadora:

— Na verdade, é o óbvio do óbvio.

Marli não se controlou:

— Fala logo, homem de Deus! Que suspense!

— O que temos que fazer é simplesmente convidar o espírito de dona Estela para uma conversinha conosco. Só ela poderá nos dizer o que pretende se fazendo presente com tanta insistência aqui neste plano, junto da filha e da neta.

As duas mulheres olharam uma para a outra, como se perguntassem “e aí, o que você acha dessa ideia?”. Tobias continuou:

— Há muitas coisas que podem motivar um espírito a resistir em deixar este plano. Sabe lá Deus quantas e quais são essas razões. Pode ser desde o simples inconformismo, até o desejo de realizar alguma vingança ou concluir uma jornada que não teve tempo de completar. E esses são apenas alguns dos motivos. Há muitos outros, a maioria são inimagináveis porque são muito pessoais. Então, seria perda de tempo ficarmos aqui tentando descobrir os motivos que levaram dona Estela a

decidir aparecer depois de tantos anos da sua transição do plano terreno para o espiritual.

— Acho que uns cinco ou seis anos — completou Clotilde.

— Então, isso é muito tempo, mesmo para os padrões astrais. Por isso, é muito difícil imaginar suas razões. Por isso eu acho que o melhor caminho é convidarmos esse espírito insatisfeito para nos explicar o que deseja. Quem sabe poderemos ajudá-lo, reconduzindo-o ao caminho da luz?

— Acho que você está certo, meu amigo. Pensando bem, “acho”, não, tenho certeza — e como Clotilde era uma pessoa muito prática, quis logo saber quando entrariam em ação. — Você pode fazer esse convite na nossa próxima reunião?

— Com certeza. Mas, veja bem: para que você não sofra nenhuma frustração, deixe-me lembrá-la de que não podemos ter certeza de que o espírito de dona Estela aceitará o nosso convite para manifestar-se logo na primeira tentativa. Nem na segunda ou terceira. Na verdade, nem sabemos se ela aceitará o nosso convite.

— Sei disso, meu amigo. Mas pelo menos tentaremos. Você sabe que tenho um carinho muito grande pelos meus patrões, principalmente pela dona Raquel e pela menina. Só por estar tentando ajudar, já me sinto recompensada.

Marli comentou:

— E é por esse seu grande coração que gostamos tanto de você e temos o maior orgulho de tê-la em nosso grupo.

Sorrindo, Tobias confirmou as palavras da esposa, balançando a cabeça.

Clotilde saiu de lá muito feliz, pensando: “Como é bom fazer o bem!”.

# Capítulo 14

Quando Kátia chegou da escola, trazida pelo pai, correu para o quarto da mãe. Entrou como um foguete e jogou-se em seus braços:

— Mamãe!

— Oi, filhinha! Que saudade de você! Como foi a aula hoje?

— Foi legal! E você, ficou boa?

Kátia era uma garota extremamente carinhosa, sobretudo com a mãe. Quando podia, ficava um tempão acariciando os cabelos de Raquel, passando a mão no seu rosto e sempre dizendo coisas como “como você é linda, mamãe” e “eu te amo”.

Durante toda sua vida, Raquel sempre fizera um grande esforço para exteriorizar suas emoções e sentimentos afetuosos também, e não só os que expressavam raiva e desprezo. Agora mesmo, gostaria de fazê-lo para demonstrar o imenso amor que sentia pela filha. Mas era, e sempre fora, muito travada nas demonstrações de carinho — inclusive com o próprio marido. Achava que não tinha muito jeito para acariciar as pessoas e era com muito esforço e desgaste de energia que o fazia, nas poucas vezes que se sentia disposta ou com coragem. Dizia para si mesma que era outra falha que poderia ser atribuída à sua mãe, pois não se lembrava de ter recebido dela demonstrações de afeto e carinho.

Trazia na lembrança um grande distanciamento em relação a ela, como se jamais tivessem conseguido se comunicar.

Mas era inegável que sentia pela filha um amor do tamanho do mundo, o que, no entanto, só conseguia exteriorizar com mais frequência comprando muitas roupas, sapatos e brinquedos para ela. Era esse seu jeito de demonstrar amor. Os beijos e abraços que trocavam se deviam muito mais à iniciativa da filha, sempre carinhosa e espontânea.

Mãe e filha ficaram conversando durante quase uma hora. Vendo Kátia tão falante, tão esperta e alegre, Raquel chegou a se arrepender de ter ficado preocupada com ela pelos episódios ocorridos nos dias anteriores.

Com certeza não havia nada de errado em suas vidas.

\*\*\*

Naquela madrugada, Raquel voltou a acordar sentindo a presença de outra pessoa no quarto. Entreabriu os olhos e viu a filha novamente sentada na cama do casal, ao seu lado. Olhava para a mãe com o semblante sério.

Raquel sentiu que ia começar a ficar preocupada, pois já era a segunda vez que aquilo acontecia. Esfregou os olhos e pôs a mão na testa da filha, para verificar sua temperatura. Estava normal.

— Filhinha, o que aconteceu?

Em silêncio, Kátia passou carinhosamente a mão direita sobre a testa da mãe. E disse aos sussurros, talvez para não acordar o pai que dormia profundamente ao lado de Raquel:

— Eu nunca deixei você sozinha. Não cheguei a tempo quando minha neta nasceu porque estava chovendo muito e o táxi não andava. Mas eu estava lá e agora estou aqui. Para sempre.

Assustada, Raquel recostou-se à cabeceira da cama, segurando as mãozinhas da filha:

— Filhinha, o que você está dizendo?

Calmamente, Kátia inclinou-se para frente para ficar mais perto da mãe, deu-lhe um beijo carinhoso na testa e saiu do quarto em passos lentos, como uma sonâmbula. Parou na porta, voltou-se para a mãe e disse antes de sair:

— E não se esqueça de ir ao médico.

“Oh, não, de novo não!”, pensou Raquel. Estava tremendo, com os nervos em frangalhos, o coração batendo acelerado. Pensou em acordar o marido para contar-lhe, mas logo desistiu da ideia. Não queria preocupá-lo mais do que ele já estava com a saúde dela.

Com cuidado, levantou da cama e foi ao quarto da filha. Parou diante da porta entreaberta e a empurrou delicadamente.

Para sua surpresa, Kátia dormia profunda e serenamente.

Raquel não sabia o que pensar, por isso não voltou logo para seu quarto. Preferiu sentar-se no sofá da sala de estar e ficar refletindo sobre o que acontecera — principalmente sobre as palavras de sua filha.

Demorou a admitir, mas quando o pensamento lhe veio à mente, não pôde deixar de sentir um forte calafrio: as palavras de Kátia pareciam sua mãe falando! Como podia ser? Onde sua filha aprendera aquele vocabulário de gente grande? E como ela sabia do detalhe do táxi, no dia do parto dela mesma?

Decidiu que na manhã seguinte falaria com Raul. Antes de procurar um psiquiatra ou um psicólogo, achava melhor conversar com um clínico geral. Também lhe ocorreu a ideia de ligar para Bruna, afinal, ela era pediatra e talvez pudesse fazer alguma recomendação a respeito.

\*\*\*

Depois que a van escolar foi buscar Kátia, Raquel e Raul conversaram durante o desjejum, depois de pedirem à Clotilde para ir ao supermercado comprar algo, apenas como estratégia para ficarem a sós.

Sensitiva como era, Clotilde logo intuiu isso, mas se fez de desentendida e saiu. Durante todo o trajeto até a loja, foi pedindo ao seu mentor que iluminasse e inspirasse seus patrões naquela conversa que teriam.

Estava decidida: naquela noite iria ao centro espírita e, com a ajuda de Tobias e dos demais irmãos de fé, colocaria em prática o seu plano para ajudar dona Raquel.

Depois de certificar-se de que Clotilde estava longe, Raquel começou a falar. Ela confiava inteiramente na sua empregada, mas não se sentia à vontade para abordar um assunto daquele tipo na presença dela. O que ela pensaria dos patrões?

Raul ouviu tudo em silêncio. O único sinal de sua preocupação era a testa franzida e o olhar fixo na esposa.

Quando Raquel terminou de falar, ambos ficaram em silêncio por uns momentos.

Nos últimos dias, Raul vinha refletindo sobre todos os acontecimentos que sua mulher vinha lhe pondo a par. No fundo, achava que ela estava estressada e, por isso, vinha imaginando coisas. Afinal, sempre que estava com sua filha, Raul a via alegre, bem-disposta, com uma energia contagiante. Não podia haver nada de errado com Kátia.

Lembrou rapidamente da conversa que tivera no dia anterior com Cortez, o diretor de criação da agência, mas logo afastou de si aquela lembrança. Era preciso manter os pés no chão e a cabeça no lugar. Não

era hora de levantar hipóteses mirabolantes para explicar o que estava acontecendo. “Para que complicar se podemos simplificar?”, ele pensava.

— Está bem. Vou telefonar para o doutor Ferreira. Ele é um clínico geral famoso. É meio complicado marcar para os próximos dias, porque a agenda dele deve estar cheia, mas vou ver o que consigo.

Depois que seu marido saiu para a agência, Raquel esperou dar nove horas e ligou para Bruna, em Bauru. A secretária informou que ela estava em atendimento, mas que retornaria a chamada em instantes.

\*\*\*

Tão logo chegou à agência, Raul ligou para o consultório do doutor Ferreira. Como previra, a agenda do médico estava lotada. Após muita insistência junto à secretária dele, Raul conseguiu um encaixe dali a alguns dias. Ficou chateado, pois aquele assunto o deixava nervoso e ele queria uma solução rápida para que pudesse tocar a vida como antes.

Lembrou novamente da necessidade de ter uma conversa com Cortez.

“O que tenho a perder?”, pensou. E chamou-o pelo interfone.

Ele veio imediatamente.

— Diga, chefe! — Cortez entrou, após dar três batidinhas na porta. Sempre bem-humorado, com aquele imenso corpo, foi logo sentando na confortável poltrona à frente de Raul.

Raul estava meio sem jeito, mas sentiu que não poderia perder tempo com longas justificativas.

— Escute, meu amigo. Antes de começarmos a conversa, quero te pedir uma coisa: que esse assunto fique rigorosamente entre nós. Trata-se de algo muito pessoal, muito delicado, e eu não gostaria que ele saísse desta sala, combinado?

— Pode deixar, chefe — e cruzou os dois dedos indicadores sobre os lábios, num sinal de “juramento” para manter o segredo.

Raul afastou sua poltrona um pouco para trás, apoiando um dos joelhos na borda da mesa.

— Na nossa conversa de ontem você falou de pessoas que têm uma sensibilidade especial para... para o espiritismo, certo?

— Certo, os médiuns. São as pessoas que conseguem intermediar a comunicação deste mundo com o outro.

Raul pensava: “Eu não acredito que estou fazendo isso.” Sua racionalidade o punia por estar dando crédito àquele assunto que ele considerava absurdo. Mas, naquele momento, procurava mostrar naturalidade ao seu funcionário:

— Pois é. Médiuns. Isso mesmo — fez uma pausa antes de lançar a pergunta que o incomodava. — Como é que eu faço para falar com um deles?

Cortez pareceu realmente surpreso com a pergunta. — “Ué, o chefe agora se interessa pelo assunto?”, ele pensou, mas nada comentou. Procurou responder também aparentando calma:

— É simples. Todas as quintas-feiras, lá no centro espírita que frequento, realizamos atendimentos para consultas espirituais. Posso levá-lo até lá ou, se você preferir, dar-lhe o endereço.

Simple assim? Raul refletia a respeito, perguntando-se se teria coragem para ir.

— Sei, sei... E quanto custa a consulta?

Cortez deu uma sonora gargalhada que Raul evidentemente não entendeu.

— Quanto custa? Nada, chefe, nem um tostão. Os verdadeiros médiuns não cobram para usar o dom que receberam de Deus.

Raul espantou-se:

— De verdade? Quer dizer que trabalham toda quinta-feira de graça?

Cortez estava achando engraçado o espanto do chefe:

— Não só às quintas-feiras, chefe. Praticamente todos os dias da semana há atividades espirituais no centro. Na quinta-feira é um dia específico para consultas e atendimentos espirituais.

— Ué, e o que eles ganham com isso?

Para Cortez, espírita praticante há tantos anos, era inadmissível aquele espanto do seu chefe com um assunto tão normal e óbvio para ele:

— Ih, chefe, como é que eu vou explicar isso? É preciso conhecer a doutrina para entender essa atitude. Os verdadeiros espíritas não buscam ganhar dinheiro com essas práticas. Eles querem praticar o bem usando dons recebidos de Deus ou intermediando curas e contatos com o outro mundo. Não há interesse de ganho material nessa atividade. Mas eles ganham muitos créditos lá em cima — e apontou com o indicador para o alto. — Entenda, chefe, que a missão de ajudar as pessoas necessitadas é aceita voluntariamente. A gratificação é ver as pessoas espiritual e emocionalmente saudáveis, unidas e felizes aqui na Terra.

Raul ouvia atentamente, apoiando o queixo na palma de uma das mãos, com o cotovelo sobre a mesa. Fazia um relativo esforço para que sua fisionomia não revelasse algum descrédito ou ironia.

— Mas esses... esses médiuns são médicos? Psicólogos?

— Nem sempre. Alguns, sim, mas a maioria deles são pessoas simples, pessoas comuns que encontramos diariamente. Há médiuns com as mais diversas formações universitárias, mas, se você quer saber, há alguns que só tiveram o ensino básico. O médium é apenas um

intermediário entre nós e as entidades espirituais. Ele não precisa entender de medicina ou de psicologia ou qualquer outra coisa para ajudar na orientação ou na cura das pessoas. A entidade que ele incorpora é que tem esses conhecimentos.

“Caramba! Que negócio curioso”, Raul pensou, mas sentiu que devia perguntar algo que talvez até aborrecesse seu funcionário:

— Meu caro Cortez, desculpe-me por perguntar, mas isso funciona mesmo?

De fato, Cortez pareceu um tanto desconfortável com a pergunta. Mexeu seu corpanzil na poltrona antes de responder:

— Chefe, nenhum médico do mundo dá garantias de cura de um paciente, concorda? Ele faz o melhor que pode e que esteja ao seu alcance, pratica aquilo que aprendeu na faculdade e, na maioria das vezes, cura os pacientes. Outras vezes não consegue a cura sabe-se lá por que motivo. Aposto que você mesmo já foi a médicos que não resolveram o seu problema de saúde e você preferiu trocar por outro, não é verdade?

“Verdade”, pensou Raul, mas não admitiu em voz alta. Em troca, procurou por uma informação prática:

— Bom, pelo que entendi, eu chegarei lá, conversarei com o médium e ele me dará uma receita, é isso?

A gargalhada do Cortez foi ainda mais estrondosa que a anterior:

— Nada de receita! Se um médium fizer isso vai ser processado pelo Conselho Regional de Medicina por prática ilegal — tossiu para disfarçar a situação que ele achou cômica e voltou a ficar sério. — Geralmente, o tratamento é feito por meio de procedimentos chamados de “passes”, um conjunto de orações e aposição de mãos para receber a ajuda dos mentores espirituais. Esses passes abrem o caminho e criam condições

favoráveis para a ação curativa dos espíritos. Eu sei que você está com vontade de rir porque não acredita, mas há médiuns que fazem até cirurgias espirituais. E sem usar nenhum instrumento hospitalar, só as mãos e as orações. Alguns deles fazem dezenas dessas cirurgias todo dia.

Aquela atividade voluntária intrigava Raul:

— E, mesmo assim, eles não cobram nada?

Cortez respondeu balançando afirmativamente a cabeça várias vezes.

— Nadinha, chefe.

Raul insistia, buscando mais evidências:

— Esclareça mais uma coisinha, Cortez: ontem você falou que se converteu ao espiritismo porque seu pai foi curado de um problema considerado incurável pelos médicos, foi isso mesmo?

— Isso mesmo. Meu velho já estava até desenganado pelos médicos. Foi quando um amigo me aconselhou buscar ajuda espiritual. E eu o levei a um centro espírita recomendado. Pode acreditar, chefe: em três ou quatro sessões mediúnicas, durante as quais meu pai se submeteu a cirurgias espirituais, ele ficou novinho em folha. Até hoje tem uma saúde de ferro.

— E depois de ele ter se curado, você não o levou ao médico que o havia desenganado?

— Sim, fomos procurá-lo. Com o espírito mais aberto possível, sem nenhuma intenção de confronto ou desafio, mas para obter a confirmação científica da cura. Descrente, o médico nos atendeu e solicitou novos exames. Meu pai se submeteu a todos eles e, então, foi clinicamente comprovado que ele realmente estava livre do problema.

— E qual foi a reação do médico?

— Bem, ele não usou a palavra “milagre”, mas admitiu que se tratava de uma reação assombrosa. Atribuiu a cura aos medicamentos e principalmente à grande força de vontade do meu pai. Segundo ele, o poder da mente, ainda não inteiramente conhecido, pode operar “milagres”.

— Você não retrucou, não falou das cirurgias espirituais?

— Sim, falei, mas ele apenas sorriu e não fez nenhum comentário...

— Ah, eu teria insistido...

— Como eu disse a você outro dia, o espiritismo não busca o confronto com a ciência. Os dois se complementam. Além disso, respeitamos a liberdade de cada um de acreditar no que quiser.

Raul coçou a cabeça, já imaginando a dificuldade que teria em levar Raquel a um centro espírita.

Fazê-la acreditar que é possível se comunicar com os mortos? Que eles fazem cirurgias nos vivos?

“Só um milagre...”, concluiu ele em pensamento.

Raul agradeceu mais uma vez ao colega de trabalho pelas explicações e voltou ao trabalho, pensativo.

# Capítulo 15

Clotilde chegou ao centro espírita com elevado estado de ansiedade. Inspirada pelo seu guia espiritual, tivera uma ideia para ajudar a patroa e torcia para que tudo corresse como ela esperava.

Sua conversa de dias atrás com Tobias a deixara muito animada. A proposta dele era muito simples e direta: a mesa “requisitaria” a presença do espírito de dona Estela, a pedido do Tobias, todos os membros da mesa haviam chegado antes do horário habitual para que ele pudesse explicar a natureza e as razões do trabalho que faziam naquele dia. Tratava-se de um pedido especial. Ouviram atentamente as informações do Tobias e, no final, todos foram unânimes em ajudar. Parte da boa vontade do grupo se devia ao carinho que todos tinham por Clotilde. Ela já trabalhava na casa havia sete anos e desfrutava de ótimo conceito, além de ser considerada uma das médiuns mais sensíveis da equipe.

Estava claro que ninguém ali tinha certeza de que o espírito de Estela compareceria, mas todos concordavam que não custava nada tentar. Se a manifestação dela não acontecesse naquela noite, tentariam em outras.

A casa espírita ficava situada numa rua estreita de Interlagos, bairro residencial nobre da zona Sul da capital, no distrito de Socorro. O lugar é muito procurado por boa parte dos turistas brasileiros e até estrangeiros

por abrigar o famoso Autódromo onde são realizadas anualmente as famosas corridas de carro da Fórmula 1, evento que atrai milhares de adeptos e centenas de jornalistas do mundo inteiro.

Outro ponto de atração do local é a enorme e bela represa de Guarapiranga, às margens da qual os paulistanos, na falta de uma praia dentro do perímetro urbano, vão se refrescar nos fins de semana, cercados por inúmeras barracas de petiscos e bebidas.

O bairro é totalmente arborizado, definido como área de proteção de manancial, e está situado à margem direita da represa.

Na verdade, a história de Interlagos guarda projetos grandiosos. Por volta de 1920, o engenheiro inglês Louis Romero Sanson, com a ajuda do urbanista francês Alfred Agache, planejou construir ali um resort de luxo, um balneário destinado à elite paulistana. O bairro levava esse nome porque o urbanista considerara a região muito parecida com a de Interlaken, na Suíça. Hoje, Interlagos abriga inúmeras e luxuosas mansões, mas, por ser um bairro muito grande, também abriga uma cota populacional menos favorecida.

Felizmente, a rua onde se situava o centro era distante do burburinho da represa e da parte agitada e luxuosa do bairro. Bastante estreita e ainda pavimentada com paralelepípedos, a rua era adornada por casas de construção antiga, com altas portas e janelas, mas todas com eiras — o que significava que seus antigos proprietários deviam ser pessoas de posses.

As eiras, muito utilizadas no passado, são um prolongamento do telhado que serve como proteção para a chuva. Por convenção social da época, as casas que as possuíam demonstravam a boa situação financeira dos seus moradores. Se fossem muito ricos, além da eira, a casa ostentava a beira, um enfeite construído sobre a eira. Como as casas das pessoas

mais pobres não tinham eira nem beira, a expressão passou a ser usada para identificar as pessoas com pouca ou nenhuma posse. Com todas essas características, a ruela era, na verdade, um pedacinho do passado da cidade.

Ainda muito ansiosa, Clotilde tinha consciência de que precisava se acalmar para conseguir fazer um bom trabalho. É fundamental para os médiuns ter e manter um excelente controle emocional. Para proteger e fortalecer seu espírito, entrou na fila para receber o passe.

Sentou-se na cadeira, fechou os olhos, manteve o pensamento em Jesus e deixou seu colega fazer o seu trabalho de dar-lhe bons fluidos.

Depois, já mais tranquila, cumprimentou os demais participantes da mesa e sentou-se na cadeira que lhe era sempre reservada para aguardar o início da sessão.

Das dez pessoas que compunham a mesa, cinco eram reconhecidamente ótimas médiuns receptoras de espíritos de desencarnados que compareciam em busca de auxílio, orientação ou mesmo para enviar alguma mensagem a parentes aflitos. Durante a reunião, esses médiuns permaneciam sentados num pequeno auditório com capacidade para cerca de cem pessoas em suas cadeiras brancas, colocadas a poucos metros da mesa diretora.

A sessão foi aberta com uma bela e comovente oração por parte do condutor dos trabalhos, sentado numa das cabeceiras da mesa. Em seguida, um outro membro da equipe levantou-se e, dirigindo-se principalmente à plateia, proferiu inspiradora e emocionante palestra sobre a capacidade que todas as pessoas deveriam ter e exercer de ajudar o próximo, na medida do possível.

Clotilde até considerou que algumas das expressões ditas pelo orador eram dirigidas a ela, tamanha a adequação do seu conteúdo ao

seu jeito de agir e pensar, sempre preocupada com o bem-estar alheio, muitas vezes em detrimento do seu próprio. Aprendera tal postura de vida com sua falecida mãe e, ainda que outras pessoas a censurassem por pensar assim, ela mantinha sua conduta por achar que estava em harmonia com sua fé. Sentia-se bem ao praticar o bem a quem quer que fosse.

Iniciados os trabalhos, o condutor da sessão liberou a palavra a algum espírito presente que desejasse fazer uso dela. Clotilde torceu e esperou ansiosamente que o espírito de dona Estela se manifestasse.

Quando ela já acreditava que a conversa que gostaria de ter não aconteceria, o espírito de Estela finalmente se manifestou. Foi o quarto a fazê-lo.

Manifestou-se através de Célia, uma antiga médium da casa, uma senhora afável, robusta, já com cerca de setenta anos, viúva, de cabelos inteiramente grisalhos.

Clotilde identificou o espírito de Estela no mesmo instante em que ouviu Célia retransmitir a mensagem:

— Sei que há uma pessoa aqui ansiosa para falar comigo, por isso pedi permissão às entidades superiores para vir. Eu até posso imaginar o assunto que essa pessoa deseja conversar comigo, mas gostaria de ouvir dela própria as razões desse interesse e exatamente o que ela quer saber. Que fale, pois. Afinal, foi para isso que ela veio.

Clotilde estava um pouco hesitante, mas apenas por uma questão de respeito. Não podia esquecer que sua mãe trabalhara para a dona Estela.

— Dona Estela? — chamou um pouco tímida.

A médium Célia voltou-se para Clotilde com uma expressão curiosa, mas educada:

— Ah, é você? Pois não, minha filha. O que você gostaria de falar comigo?

— Bem, dona Estela, se a senhora e as entidades permitirem...

— Você quer falar comigo sobre a minha filha Raquel?

Ainda que Clotilde tivesse ido à sessão exclusivamente para aquela conversa, não pôde deixar de sentir um forte impacto ao ouvir aquela colocação tão direta. Sentiu-se flagrada. Mas, afinal, ela não tinha razões para ficar surpresa pelo fato de o espírito de Estela saber o motivo de sua presença ali. Por que outra razão ela seria convocada?

Clotilde armou-se de coragem:

— É isso mesmo, dona Estela. Gostaria de falar a respeito da sua filha.

— Pois fale, estou prestando atenção.

Clotilde procurou escolher bem as palavras para não melindrar a mãe da sua patroa, mesmo que ela já não pertencesse ao mundo terreno.

— Dona Estela, espero que a senhora entenda as razões de eu trazer este assunto aqui. Não gostaria que a senhora considerasse isso uma intromissão minha na vida particular da sua filha. E me desculpe se abordar o assunto de forma muito objetiva — fez uma breve pausa antes de continuar para que ela própria adquirisse força e coragem para prosseguir. — Tenho sentido sua presença constante e muito intensa junto à sua filha, na casa dela. E ela tem sofrido um desgaste de energia muito grande com isso, mesmo que as intenções da senhora sejam as melhores. Mas, como a saúde física dela não está bem, essa perda de energia espiritual tem lhe causado muito mal, e ela se mostra cada dia mais fraca e vulnerável. Tendo tantas atividades de desenvolvimento no plano astral a cumprir, a senhora poderia nos dizer por que preferiu abandonar suas obrigações e permanecer junto de sua filha com tanta

frequência e intensidade? Será que não poderíamos encontrar uma alternativa espiritual que evitasse esse desgaste? Afinal, já faz seis anos que a senhora passou pela transição e é difícil acreditar que, depois de tanto tempo, ainda exista algum assunto pendente entre vocês duas.

O semblante de Célia ficou mais sério:

— Minha jovem, as coisas nem sempre são tão simples quanto parecem. Há muitos outros fatos por trás dessa questão dos quais você e os membros desta mesa não têm conhecimento.

— Então, dona Estela, por favor, nos dê esses esclarecimentos. Precisamos dessas informações para que possamos ajudá-la e à sua filha.

— Eu sofri muito para criar minha filha. Eu tinha que cuidar do meu marido e do bebezinho que acabara de nascer. Raquel sempre foi uma criança muito carente, muito exigente em termos de atenção. E continuou assim mesmo depois de menina, adolescente e adulta. Por essa razão, desde o começo preferi largar meu emprego e os estudos para tomar conta dos dois. Cuidava dos afazeres da casa durante o dia e costurava para fora durante a noite. Graças a Deus, eu consegui manter a casa em condições aceitáveis, mas Raquel nunca entendeu essa minha escolha. Sempre me achou uma pessoa omissa, despreparada para a vida, uma fracassada.

Todos os participantes da mesa acompanhavam a narrativa com vivo interesse. A médium continuou a repassar as palavras ditadas pelo espírito de Estela:

— Durante toda a minha vida procurei conquistar o amor e a admiração da minha filha. Em vão. Ela tinha vergonha de mim, me escondia de suas amigas. E sempre que podia, me desqualificava e humilhava. Eu sofria com tais atitudes dela, mas consegui sobreviver. Fiquei muito feliz quando ela se casou e mais feliz ainda quando soube

que estava grávida. Eu ia ser avó! Deus sabe o quanto esperei por isso. Era uma forma de dar continuidade e sentido à minha vida por meio da minha filha. No dia do nascimento da minha neta, achei que seria a grande oportunidade de me mostrar útil, acompanhando o parto e ajudando minha filha com as atividades que se seguiriam. Contei nos dedos os meses, semanas, dias, horas e minutos para a chegada da minha neta. E no dia em que ela viria ao mundo...

Então, Célia caiu em um pranto convulsivo e incontrolável. Todos estavam emocionados e compadecidos com a história contada por aquele espírito. O dirigente da sessão perguntou ao espírito de Estela se ela preferia continuar o assunto outro dia. A médium fez um gesto com a mão, indicando que continuaria:

— Desculpem minha emoção, mas é que justamente naquele dia as entidades superiores me chamaram. Eu já estava a caminho da maternidade quando desencarnei. Naquele momento, fiquei indignada e sofri muito por não ter conseguido ajudar minha filha no seu primeiro parto, por não ter visto minha neta quando veio à vida, por não ter afagado o rosto da minha filha e nem dado os parabéns a ela. O que ela pensaria da própria mãe?

Clotilde disse, segurando as lágrimas:

— Mas, dona Estela, sua filha deve ter sido informada do motivo que fez com que a senhora não chegasse à maternidade.

— Sim, minha jovem, ela foi informada sim, algumas horas depois do parto. Mas essa minha ausência é apenas uma parte mínima do problema, que veio somar-se àquelas que já existiam e estavam acumuladas. Não quero mais tomar o tempo de vocês com a minha história, mas preciso resumi-la, esclarecendo que até hoje minha filha não me perdoou pela escolha de vida que fiz. Ela sempre achou que teve uma

mãe fracassada que a fez passar por constrangimentos, humilhações e privações desde cedo. Ela sempre quis ter mais do que teve e muito mais do que eu e o pai dela podíamos oferecer. Por isso, desde criança ela tinha vergonha e raiva de mim.

— Do pai também?

— Do pai, não. Antero sempre teve Raquel como seu “xodó”. Ele a desculpava de tudo, estava sempre passando a mão na sua cabeça e justificando suas malcriações. Eles se davam muito bem. O problema era comigo e eu nunca pude entender direito as verdadeiras razões de tanto desprezo, tanta ironia, tanto ódio.

Todos os membros da mesa estavam em silêncio, cada um fazendo suas orações e preces. Então, o condutor dos trabalhos se dirigiu a Célia:

— Estela, não há dúvidas de que todos aqui entendemos seu drama e imaginamos o quão desagradável deve ter sido essa situação para a senhora. Mas responda-nos com sinceridade: o que a senhora espera resolver aproximando-se tão insistentemente da sua filha justamente agora, seis anos depois da sua transição?

Por meio da médium, o espírito de Estela pareceu mostrar-se um pouco envergonhado antes de dizer:

— Logo depois que morri e durante todos esses anos tentei fazer contato com minha filha para me desculpar, me justificar, fazer as pazes de algum jeito. Mas ela e o marido, apesar de excelentes pessoas, não acreditam nas coisas do espírito. E eu, de minha parte, estava em treinamento espiritual no plano astral. Havia guias e mentores me observando e, assim, eu não tinha condições e nem tempo disponível para pesquisar e descobrir como fazer esses contatos de forma efetiva. Em vida, eu nada sabia sobre o espiritismo e nem sabia da existência dessas casas que prestam auxílio espiritual. Então, nunca consegui fazer

contato com Raquel, a não ser por alguns poucos sonhos — fez uma breve pausa e pareceu estar tomando coragem para prosseguir. — Só há pouquíssimo tempo descobri que posso me comunicar com minha filha através da minha neta, que, agora com seis anos, já tem condições de falar direitinho e retransmitir à mãe os meus pensamentos. Quando as duas estão juntas, eu me aproximo bastante da minha neta. Então, concentro toda minha energia nela e uso um pouco da dela. Penso com muita força na mensagem que quero dar à minha filha. Minha neta capta meus pensamentos e os repete à mãe. Isso tem funcionado.

Ao ouvir aquela “confissão”, todos os membros da mesa soltaram, ao mesmo tempo, uma exclamação involuntária de indignação. Eles sabiam que não deveriam ter manifestado a reação daquela forma, pois um dos preceitos que todo praticante do espiritismo segue é que as pessoas não estão aqui para avaliar, julgar nem condenar nenhuma outra — e sim orientar e ajudar. Mas foi uma reação de fato involuntária, pois quem abriga tanto amor dentro de si fica realmente indignado quando toma conhecimento de uma ação dessa natureza. O fato é que o murmúrio geral expressou a reação do grupo.

Os membros da mesa perceberam de imediato que aquela atitude do espírito da avó deveria estar criando muitos problemas espirituais para a filha e a neta. Mas certamente aqueles médiuns estavam mais indignados pelo fato de Estela estar usando uma inocente criança, de apenas seis anos, para utilizar indevidamente sua energia e conseguir materializar seu desejo de se comunicar com a filha. Tal prática poderia gerar enormes perturbações mentais na criança e enormes confusões psicológicas na mãe, no pai e demais membros da família que viessem a presenciar tais manifestações; uma criança de seis anos se comunicando com palavras e expressões de um adulto!

Ainda nem silenciara o burburinho quando a médium Célia soltou um longo suspiro acompanhado de um gemido, deixou pender a cabeça sobre o peito e logo se recuperou, retomando sua própria personalidade. O espírito de Estela se fora — possivelmente temendo recriminações da mesa por estar agindo da forma que descrevera, tão nitidamente condenada pelo grupo.

Clotilde estava chocada. Depois daquilo, em vez de encontrar tranquilidade, como pretendia quando teve a ideia da reunião, estava muito mais preocupada com a saúde de sua patroa e de Kátia.

Ou seja, aquele desfecho da sessão parecia indicar que a sua ideia não fora tão boa assim, mesmo que a intenção fosse ajudar.

Uma coisa era certa: precisariam convocar o espírito de Estela para nova conversa; ela necessitava ser esclarecida da inconveniência e dos riscos das suas ações com a filha e com a neta. Certamente, seu mentor do plano astral não fora consultado quanto àquilo, uma decisão tomada exclusivamente em função do livre-arbítrio do espírito de Estela.

Estava claro que Estela precisava de nova orientação para absorver a verdadeira essência da vida e da missão dos habitantes do mundo espiritual. Para isso, existia um programa de reciclagem.

# Capítulo 16

Por volta das onze horas da manhã, Bruna retornou a ligação de Raquel.

Depois de repetirem os calorosos e carinhosos cumprimentos de sempre, Bruna foi direto ao assunto:

— E aí, amiga, por que se lembrou de mim? Algum problema com a Katinha?

Raquel pensava em como começar o assunto. Receava que sua amiga a julgasse louca ou achasse que estava imaginando coisas. Depois de algum tempo, tomou coragem.

— Lembra daquela vez, na minha festa de aniversário, quando estávamos conversando à beira da piscina, a Kátia chegou e a reconheceu sem nunca tê-la visto?

— Ah, lembro sim. Foi estranho, não?

— Muito estranho. É por isso também que estou te ligando. Aconteceram outras coisas estranhas envolvendo minha filha que eu não sei explicar.

— Conte tudo! O próximo paciente cancelou a consulta e eu tenho uma hora à sua disposição.

“Grande amiga, a Bruna... Por que não nos vemos com mais frequência? Acho que tenho me dedicado demais ao trabalho e tenho

esquecido de reservar um tempo para curtir as verdadeiras amizades”, pensou Raquel, agradecida por aquela disponibilidade da amiga de infância.

E contou todos os episódios envolvendo Kátia. Procurou ser o mais detalhista possível e reproduzir com fidelidade todas as palavras pronunciadas e todos os gestos feitos.

Bruna ouviu no mais absoluto silêncio. Apenas de vez em quando murmurava um “ahã”, para demonstrar que estava atenta e que compreendia o que ouvia.

Quando terminou, Raquel estava ansiosa por ouvir algum comentário. Ouviu Bruna suspirar do outro lado da linha.

— Caramba! São acontecimentos bem interessantes, bem estranhos mesmo...

— E o que você acha? O que pode ser isso?

Bruna fez uma pausa antes de responder:

— Olha, enquanto você narrava os fatos, eu fui tentando enquadrá-los em alguma sintomatologia médica, buscando na minha memória ocorrências semelhantes. Bem, do ponto de vista clínico, confesso a você que não cheguei a nenhuma conclusão. Sinto desapontá-la, talvez você esperasse de mim uma explicação mágica que respondesse a todas as suas dúvidas. Não tenho essa resposta mágica, mas prometo pesquisar a respeito.

De fato, Raquel sentiu uma pontada de decepção e frustração. Mas continuou ouvindo, sem nada comentar.

— Olha, vou te falar uma coisa como amiga, não como médica — fez uma breve pausa que, para Raquel, pareceu uma eternidade. — Eu sei que você não acredita nessas coisas, mas... — nova pausa, dessa vez acompanhada de um leve pigarro, daqueles usados para se ganhar

tempo numa situação embaraçosa — ...eu acho que você deveria procurar um centro espírita.

O telefone quase caiu da mão de Raquel. Falou num tom de voz quase ríspido:

— Você está de brincadeira comigo, não está?

Raquel ouviu um risinho da amiga.

— Eu já sabia que você ia ter essa reação, que ia se chocar — o riso de Bruna deixava Raquel mais irritada ainda.

— Mas é claro que eu estou chocada! Você, uma médica pediatra, dando um conselho desses para mim?

Bruna manteve a calma quando respondeu:

— Veja só, minha querida. Raciocine comigo. Katinha não tem vocabulário ainda para falar as coisas que falou, concorda? Ela nem sabe escrever o suficiente para redigir aquela frase. Outra coisa: segundo você mesma me disse outro dia, ela não sabe até hoje que sua mãe não estava na maternidade quando ela nasceu. Então, como ela poderia ter dito aquilo? E onde ela aprendeu aquela cantiga de ninar se você tem certeza de que nunca a cantou para ela? E a receita do bolinho de chuva? Onde, quando e com quem ela poderia ter aprendido?

“O pior é que ela tem razão...”, era o pensamento de Raquel, que tinha toda a vontade do mundo de poder retrucar ou contra-argumentar aquela explicação: “Tem que haver outra explicação, tem que haver!”

Bruna continuou:

— Diante de tudo isso, amiga, o que você acha que um médico faria? Receitaria tranquilizantes para sua filha? Encaminharia a menina a um psicólogo apenas com base nessas queixas? Sua filha é uma menina saudável, alegre, inteligente, vive em meio ao conforto, ao lado de pais carinhosos e que se amam. Em que um medicamento poderia ajudar? Em

que uma psicoterapia infantil poderia ajudar? Sinceramente, eu acho que você e o Raul deveriam esquecer um pouco o lado preconceituoso com relação ao espiritismo e no mínimo se informar sobre o assunto.

Raquel queria fazer uma pergunta que achava importante, mas tinha medo da resposta. Respirou fundo e tomou coragem:

— E... e se o problema estiver em mim? E se eu estiver tendo alucinações e delírios? Se eu estiver ficando louca? — e desatou a chorar.

— Pare com isso, Raquel! Você desconfia que o problema possa estar em você? Mas que problema, Deus do Céu? — Bruna parecia surpresa com aquela possibilidade. — Você estava ótima na festa, há poucos dias. Não achei você mais estressada do que o normal de todos nós que trabalhamos. A menos que esteja com outros problemas que eu não saiba: você tem tido outros delírios e alucinações? Está tomando drogas ou algum psicotrópico? Anda bebendo demais? Tem tido febre alta com frequência? Está tendo conflitos com o marido ou problemas sérios no trabalho?

Raquel parou de chorar e mostrou alguma indignação.

— Que é isso, amiga? Você sabe que não sou dessas coisas! Não tenho sentido nada disso nem tenho feito nada disso, nem estou brigando com o Raul. Está tudo bem conosco e inclusive com a agência, que vai indo muito bem. E quanto à saúde, eu estou ótima. Apenas de ontem para hoje estou com um pequeno mal-estar, tonturas, dor na nuca, enjoos. Deve ser um pouco de estresse, pois tenho trabalhado muito. Fora isso, estou ótima. Tenho me alimentado bem, dormido bem. Minha saúde é muito boa, graças a Deus.

— E então? Entendeu agora minha sugestão de procurar orientação em um centro espírita? Se você está bem e sua filha também, o problema

não é físico, não está aqui. E se não encontramos a resposta neste mundo, quem sabe a encontraremos no outro?

Raquel achava que a amiga brincava com o assunto:

— Pare com isso, Bruna! Esse assunto é sério e tem preocupado a mim e ao Raul também.

— Mas eu não estou brincando! Falei assim para descontrair você, que está tensa. Mas também estou falando sério. Eu não tenho preconceitos com relação a crenças, doutrinas e religiões, mas percebo que vocês têm. Só para você ter uma ideia de como esse assunto é sério, conheço muita gente boa que frequenta sessões espíritas para obter orientação e curas e que têm obtido ótimos resultados. Por que você e o Raul não podem tentar o mesmo caminho?

Raquel não se conformava com a insistência da amiga:

— Francamente, Bruna. Eu esperava qualquer orientação de você, menos essa. Nem parece que você é médica.

— E você acha que não há pediatras, médicos e psicólogos espíritas? Acorde, amiga! E deixe de preconceitos! Estamos falando da saúde emocional da sua filha e da tranquilidade da sua família. Vocês terão de fazer algo a respeito e eu apenas dei uma sugestão, mas a decisão final é sua. E, a propósito: Katinha não disse para você ir a um médico? Por que não começa por aí?

— Mas, Bruna, você acha que estou ficando louca? Você não acredita que sei perfeitamente como está minha saúde física e mental?

Raquel percebeu, pelo telefone, que alguém entrara no consultório da médica e lhe dissera alguma coisa. A explicação veio em seguida:

— Bem, querida, minha paciente já chegou. Me ligue à noite, em casa, para conversarmos melhor.

Raquel espantou-se ao perceber que já tinha se passado quase uma hora de bate-papo com Bruna. O tempo voara. E, no final, segundo acreditava, a conversa não servira para muita coisa, exceto para matar a saudade.

Despediram-se afetuosamente, mas, ao desligar, Raquel se sentiu muito frustrada.

# Capítulo 17

O resto da semana transcorreu sem novidades. Kátia mostrava-se cada vez mais carinhosa com a mãe, enchendo-a de beijos e abraços a todo instante. Raquel nunca a vira tão carinhosa, e estava adorando!

No meio da semana seguinte, Raquel sentiu-se melhor e preferiu voltar ao trabalho. Raul ainda insistiu que ela prolongasse o repouso, mas ela argumentou que, já tendo melhorado seu estado de saúde, seu retorno ao trabalho seria até positivo do ponto de vista emocional.

Quando chegou à agência, Raquel sentiu o quanto o trabalho fazia falta em sua vida. Sentia-se energizada só em entrar ali. E, para variar, sempre dava graças aos céus por ser uma casa térrea sem escadas. Assim, sua fobia ficava esquecida.

Interagindo com a equipe e com os clientes, não teve tempo de pensar nos episódios estranhos com sua filha e aqueles dias foram mais tranquilos, apesar de ela ainda não poder retomar seu ritmo acelerado de trabalho.

Os colegas a receberam com muito carinho e brincadeiras e, felizmente, nenhum deles fez perguntas ou comentários sobre sua saúde — até porque o assunto fora mantido em sigilo. Para Raquel, foi um alívio, pois detestaria ter que dar explicações a todo instante para justificar sua ausência temporária.

Só um fato chamou sua atenção nos dias em que ficou descansando em casa. Todas as noites havia sonhado com sua mãe. E sonhos nada agradáveis. Neles, ela estava sempre gritando com a mãe, acusando-a pela milésima vez de tê-la feito passar por constrangimentos na infância e na adolescência.

Numa dessas noites, para enorme susto de Raul, despertou em pânico e gritando:

— A senhora não poderia ser diferente assim, deveria ser igual a todo mundo!

Após esses sonhos, Raquel acordava molhada de suor, o coração batendo forte e descompassado. Invariavelmente, levantava-se e, por alguma razão que ela mesma não entendia, ia até o quarto da filha observar se ela estava dormindo tranquila.

Todas as vezes em que foi olhar a filha, percebeu que Kátia estava com as pálpebras úmidas, como se tivesse chorado durante o sono. Uma vez, percebeu que havia um filete de lágrima escorrendo do canto de um dos olhinhos, deslizando até o narizinho da filha.

“Deve estar sonhando também...”, pensou para se tranquilizar.

Sensibilizada pelos sonhos, Raquel combinou com Raul que iriam visitar o pai dela. Escolheram o domingo seguinte.

Kátia adorava o avô e, por isso, ao saber da notícia, vibrou como se tivesse ganhado um brinquedo novo.

No dia da visita, foi a primeira a entrar no carro do pai.

À medida que o carro se aproximava da casa do avô, Kátia mal controlava sua ansiedade e seu contentamento. A garota sempre tivera muito carinho pelo avô e sempre fora muito apegada a ele, mas ultimamente parecia que o carinho tinha aumentado. Só sossegou um pouco quando finalmente chegaram.

A casa onde Antero vivia era bem simples, situada no quase centenário distrito de Vila Maria. Era uma região bem diferente do luxuoso bairro dos Jardins onde sua filha vivia.

O distrito de Vila Maria fica na zona Norte da capital paulista. É uma região proletária, com muitas indústrias e empresas de transporte de carga. No início do século, o local era formado por charcos de terra preta e capinzais, o combustível da época para os transportes de tração animal. Somente em 1923 ganharia bondes que davam acesso ao centro da cidade. Os ônibus só viriam dez anos mais tarde.

Pela proximidade do bairro com o rio Tietê, a região sempre fora vítima de grandes enchentes e alagamentos.

Quando Antero ficara viúvo, Raul sugerira a Raquel trazer o pai para morar com eles, já que o apartamento era muito amplo e, inclusive, tinha um quarto usado como depósito de quinquilharias e que poderia muito bem ser reformado e adaptado para acomodar o sogro.

Raquel não concordara. Trazia amargas marcas da convivência com sua mãe e temia que a situação pudesse se repetir com seu pai, com quem até então tinha um bom relacionamento. Ela não percebia que as dificuldades de relacionamento com sua mãe eram, na verdade, fruto da sua própria intransigência, das suas expectativas pessoais e da sua necessidade emocional de ter um “bode expiatório” em que pudesse descarregar suas frustrações em função de suas ambições pessoais não atendidas.

Trazer seu pai para morar com eles poderia reavivar recordações que ela se esforçara tanto para enterrar no fundo da memória, onde preferia deixar para sempre. E depois, talvez, como avô, ele poderia querer interferir na educação da neta, e isso ela não permitiria.

Na época, Raul discordou da esposa, mas não insistiu para não criar um problema adicional de natureza conjugal. Até porque não tinha certeza se o sogro aceitaria o convite. Tudo levava a crer que ele preferiria continuar morando bem longe, sozinho, com suas lembranças.

\*\*\*

Raul parou o carro bem em frente à modesta casa de Antero.

Antes de sair do carro, Raquel, pela janela, contemplou o lugar onde nascera e passara grande parte da sua infância e adolescência. Sentiu um aperto no peito e teve receio de entrar. Somente quando seu pai apareceu na porta ela tomou a iniciativa de saltar do carro.

Seu pai havia envelhecido bastante. Os cabelos estavam brancos e escassos, a pele mais enrugada, a barba estava por fazer. Emagrecera bastante.

O abraço que trocaram poderia ser confundido com um abraço entre amigos: mais cordial que carinhoso. Era visível a dificuldade de contato físico entre pai e filha.

No entanto, com a neta, o reencontro foi no mínimo emocionante. Ele a pegou nos braços e ficaram abraçados por um longo tempo. Depois, ainda nos braços do avô, Kátia afastou o rosto, olhou-o bem nos olhos e tocou sua face carinhosamente. Antero estava claramente emocionado.

Ao contrário de sua mulher, Raul deixou-se contagiar por essa emoção e seus olhos ficaram úmidos vendo o carinho entre a filha e o sogro. Ele próprio tinha memoráveis recordações do seu avô, com quem tivera uma relação intensamente afetuosa, de verdadeiros amigos. Ele se viu um pouco naquela cena.

Como visitas, sentaram-se na sala e falaram de amenidades: política, futebol, televisão.

Durante todo o tempo, Kátia permaneceu no colo do avô, olhando-o fixamente e, de vez em quando, acariciando-o no rosto.

Em certo momento, Raquel levantou-se e andou um pouco pela casa, percorrendo seus cômodos e recordando passagens da sua vida ali.

Ao chegar à sala de jantar, teve uma sensação estranha.

Raquel não poderia saber nem ver, mas ali estava o espírito da sua mãe, esperando-a.

Na condição de espírito, Estela pudera manter-se informada dos planos do casal de visitar Antero e estava esperando a chegada deles.

Emocionada pela presença da filha e esquecendo-se de que ela não poderia ouvi-la, mas apenas sentir sua energia, Estela pôs-se a falar:

— Minha filha, quanta saudade! Você não imagina o quanto tenho pensado em você e o quanto tenho me preocupado com a sua saúde! Não tenho saído de perto de você um só instante! Quero que você me perdoe por eu não ter chegado a tempo de assistir ao nascimento da minha netinha! Eu não pude! Minha filhinha, como você está? Você ainda se lembra da sua mãezinha?

Até então, Raquel estava bem. Mas, ao entrar naquele ponto da casa, de repente sentiu-se entontecer. Para não cair, precisou segurar-se numa das cadeiras que rodeavam a mesa onde outrora faziam as refeições.

O espírito de Estela se desesperava porque percebia que a filha não a ouvia. Nem ao menos olhava para ela! Foi então que, para fazer-se ouvir, decidiu aproximar-se da filha mais do que seria recomendável. Projetou toda a sua energia e seu pensamento no espírito da filha.

Então, Raquel sentiu um forte calafrio tomar-lhe o corpo. Ao mesmo tempo, várias cenas começaram a se passar na sua mente, como se um

filme fosse projetado na sua consciência. Era como um documentário da sua infância e adolescência projetado em alta velocidade.

Uma característica chamava sua atenção: em todas as cenas, aparecia sua mãe sempre sorridente e carinhosa, ora dando-lhe banho, ora fazendo-a dormir, alimentando-a, ensinando-a a fazer bolinhos de chuva, cuidando dela, que, numa cena, parecia muito doente — foram muitas e muitas cenas, das quais ela não mais se lembrava. Sabia que eram verdadeiras, mas não se lembrava delas. Aquelas imagens foram projetadas em Raquel pelo espírito da mãe, na tentativa de fazê-la lembrar-se do tempo em que as duas se entendiam e se amavam.

Vendo aquelas cenas, ela se perguntava por que, quando consciente ou sonhando, só revivia os maus momentos, aqueles com lágrimas e discussões. Percebeu que, ao pensar naquilo, momentos maus passaram a substituir o documentário carinhoso que estava sendo projetado em sua mente. Passaram a aparecer as já conhecidas cenas com gritos, lágrimas e insultos.

Por causa do conflito entre o que as imagens mostravam e o que o inconsciente de Raquel trazia à tona, ocorreu um choque entre a energia que Estela lhe enviava e a dela própria.

Então, a sala começou a girar a uma velocidade espantosa e ela sentiu tudo desaparecer. Assustada pelo impacto, a forma espiritual de Estela sumiu.

Quando Raquel recobrou a consciência, estava sentada na cadeira onde antes se apoiara ao sentir-se tonta. Não sabia dizer quanto tempo se passara enquanto estivera revivendo seu baú de memórias. Ninguém mais parecia ter notado nada, pois ouvia a voz de seu pai e de Raul conversando calmamente na sala de estar. Como não escutava a vozinha de Kátia, deduziu que ela deveria ter dormido no sofá ou no colo do avô.

Olhou à sua volta. Continuava na sala de jantar da casa onde nascera. A um canto havia uma antiga cristaleira, com poucos copos e taças. Aquele antigo móvel era um pedaço da sua infância. Um arranjo de frutas artificiais estava no centro da mesa, lembrando uma pintura de natureza morta.

Sentiu sede e foi até a cozinha. Teve a sensação de sentir o cheiro da fritura dos bolinhos de chuva e de escutar a voz de sua mãe lhe ensinando a receita.

De onde estava, via o quintal, amplo, na forma de um imenso quadrado, mas precisando de urgentes reparos. As plantas e árvores pediam água e cuidados. Poucas flores estavam viçosas e poucas árvores tinham folhas. Raquel lembrou com nostalgia que, quando criança, costumava ajudar seu pai na manutenção daquele quintal. Ela adorava molhar as plantas e flores que, segundo lembrava, eram muitas, diversificadas e multicoloridas. Agora, aquele cenário parecia cinza e sem vida.

Raquel não culpou seu pai por aquele desleixo, afinal, ele não tinha mais idade nem saúde para cuidar do jardim, quanto mais de um quintal, muito mais amplo e trabalhoso. Ou talvez apenas não tivesse mais estímulo para tal tarefa. Desde que ficara viúvo, perdera o interesse por muitas coisas que antes o divertiam ou preenchiam seu tempo. A convivência dele com sua mãe tinha sido uma verdadeira história de amor perfeito, cada um respeitando o jeito de ser do outro.

Quando voltou para a sala, a cena era a mesma de antes: seu pai e Raul continuavam conversando amenidades e Kátia continuava no colo do avô, olhando-o fixamente e, de vez em quando, acariciando seu rosto enrugado.

Raquel sentou-se a um canto da sala. Não participou da conversa, mas, sempre que podia, disfarçava e ficava contemplando seu velho pai. Em ocasiões como aquela, lutava para que as lembranças ficassem no arquivo para sempre, e não mais lhe viessem à mente.

Na hora de voltar para casa, Kátia não queria ir. Raquel e Raul estranharam a atitude, porque não era do feitio da filha contrariar as iniciativas dos pais.

Ela insistia muito em ficar mais um pouco na casa do avô.

Com muito custo, usando toda a paciência e todo o poder de persuasão que lhes ocorreu, os pais conseguiram convencer a filha a despedir-se do vovô.

\*\*\*

No caminho de volta para casa, todos permaneciam em silêncio. Sabe-se lá que pensamentos povoavam a mente dos três naquele carro.

Certamente, a condição quase miserável em que Antero vivia, já que sua única renda era a minguada aposentadoria, deveria ter sensibilizado a filha e o genro.

Quando já se aproximavam dos Jardins, Kátia se manifestou pela primeira vez desde que haviam deixado a casa do avô:

— Mãe, por que vovô não vem morar com a gente?

Raul e Raquel entreolharam-se. Não sabiam a resposta correta. Raul preferiu dizer:

— Não sabemos se ele gostaria, filha.

— Mas ele fica tão sozinho aí... — insistiu a menina.

Raul não queria dar continuidade ao assunto:

— Na próxima semana vou conversar com ele sobre isso, tá bom?

Kátia quase pulou de alegria:

— Jura?

— Vou conversar, sim.

O resto do percurso foi feito no mais absoluto silêncio.

\*\*\*

Naquela madrugada, quando Raquel foi dar uma espiada na filha para ver se estava tudo bem, percebeu que ela estava tendo um sono muito agitado.

Mexia-se com frequência na cama e balbuciava algumas palavras que Raquel não conseguiu entender. Para tentar acalmá-la, sentou-se na beirada da cama e começou a cantar baixinho, olhando amorosamente para a filha:

*Se esta rua, se esta rua fosse minha,  
Eu mandava, eu mandava ladrilhar  
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante,  
Só pra ver, só pra ver meu bem passar.*

À medida que Raquel cantarolava, Kátia ia se acalmando, diminuindo os movimentos e parando com os balbucios. Em certo momento, voltou o rostinho para a mãe e murmurou, com a voz ainda não vencida inteiramente pelo sono:

— Não deixe de ir ao médico...

E retornou a cabecinha à posição anterior. Em poucos minutos, ressonava tranquilamente.

Raquel atribuiu a frase da filha ao mal-estar que tivera na semana anterior e que a preocupara.

Mais calma, voltou ao seu quarto. Antes de mergulhar no mundo dos sonhos, lembrou-se que era justamente com aquela cantiga de ninar que sua mãe a ninava quando criança.

# Capítulo 18

Com quase quatrocentos mil habitantes, a centenária cidade paulista de Bauru, fundada em 1896, fica a pouco mais de trezentos quilômetros da capital.

É uma cidade que não para de crescer, com muitas indústrias, um movimentado e diversificado comércio, uma atraente vida social, além de ser um belo exemplo de polo cultural, com suas várias universidades e faculdades.

Quando tomou a decisão de voltar a morar com os pais no interior, Bruna sabia muito bem o que estava fazendo, pois tinha bem claro em sua mente os rumos que pretendia dar à sua vida.

Seus pais, naturais de Bauru, há anos haviam se mudado para São Paulo em função de alguns negócios do pai. Na ocasião, Bruna mal havia completado seis ou sete anos. Foi então que conheceu Raquel, sua vizinha, de quem se tornaria grande e inseparável amiga.

Com o passar do tempo, quando ela ia iniciar o curso colegial, seus pais decidiram voltar para o interior, deixando-a aos cuidados de uma tia. Assim, ela passou toda sua infância e adolescência na grande metrópole. Foi um período intenso, divertido, mas muito desgastante, como seria em qualquer outra grande cidade.

Bruna sempre sonhou em ser pediatra e poderia ter tentado realizar esse sonho na capital mesmo, morando com a tia. mas, nesse caso, teria que continuar convivendo com a agitação da cidade grande e ainda enfrentar a enorme concorrência dos cursos de medicina em São Paulo. Voltando à Bauru, moraria numa cidade menor, teria o aconchego dos pais e certamente encontraria mais facilidade em conseguir uma vaga na Faculdade de Medicina de Botucatu, a menos de cem quilômetros de sua cidade. Já tinha até organizado uma turma de mais quatro colegas que faria revezamento dos carros, bastando a cada uma delas dirigir apenas uma vez por semana.

Outra opção seria permanecer de segunda a sexta numa pensão em Botucatu, mas ela tinha outra tia que morava lá e já havia se oferecido para hospedá-la durante a semana. Portanto, tinha tudo a seu favor para retornar às origens.

Dito e feito: deu tudo certo, exatamente como planejava. Hoje, já formada e pós-graduada, atendia em seu simpático consultório em Bauru, inteiramente decorado para agradar às crianças e tirar um pouco da tensão delas em um consultório médico.

Como nada é perfeito, como repetia sempre para as amigas, durante o curso apaixonou-se por um colega de classe, casaram-se, mas não deu certo. Felizmente, a separação, que durou muito pouco, foi amistosa e continuaram bons amigos. Mas a experiência lhe revelou uma novidade: gostava de morar na sua própria casa. Portanto, ainda que seus pais tivessem insistido muito para que voltasse a morar com eles, ela preferiu não mais abrir mão da liberdade de ter seu espaço próprio: conseguiu financiar e comprar um pequeno, mas agradável e funcional apartamento, e o que era melhor, a apenas três quadras do seu consultório.

No momento, Bruna estava preocupada com os acontecimentos que envolviam a amiga Raquel. Amiga de verdade, desde a infância. Guardava ótimas recordações da convivência com ela quando eram crianças e adolescentes.

Sozinha em seu aconchegante apartamento, ficou horas matutando sobre o assunto, sem chegar a nenhuma conclusão. Talvez fosse interessante ouvir a opinião de alguns amigos, também médicos. Sabia que Raquel não aprovaria essa ideia, preocupada que era em preservar os assuntos familiares. Mas Bruna não precisaria citar nomes para seus amigos, bastaria descrever os fatos.

Regularmente, em média a cada quinze dias, ela reunia um grupo de amigos e colegas médicos em seu apartamento para jogar conversa fora ou colocar o papo em dia, pois durante a semana, por causa do expediente intenso de todos eles, era impossível, e nos fins de semana todos tinham compromissos. Nessas condições, era muito complicado reunir todos.

A solução foi fazer essas reuniões informais sempre às sextas-feiras, após o encerramento do expediente de trabalho. Geralmente, às oito da noite todos os convidados já haviam chegado e, dependendo do interesse pelo assunto em discussão, o papo se estendia até uma ou duas da madrugada.

Claro que ela tinha seu grupo de preferência, mas para a “reunião de emergência”, como ela classificou ao fazer o convite, pensava em convidar algumas pessoas que iriam pela primeira vez, tendo em vista a peculiaridade do assunto.

De hábito, participavam seis convidados. Se dependesse da quantidade de amigos que Bruna tinha, o número seria muito maior, mas

era preciso atentar para as dimensões do local, para que todos ficassem bem acomodados.

Dos *habitués*, havia duas outras pediatras, um clínico geral, um psiquiatra e dois dermatologistas que, para esse encontro, foram substituídos por dois amigos que tinham formação em engenharia, mas eram espíritas — e esse era um detalhe muito importante para a natureza do assunto que eles tratariam.

Na hora de costume, estavam todos lá.

Entre alguns petiscos, salgadinhos e bebidas, os dois novatos foram apresentados aos demais membros do grupo. Alguns até já se conheciam de vista ou de ouvir falar.

Depois dos inevitáveis e tradicionais comentários de “aquecimento”, sobre o dia a dia profissional ou sobre os fatos políticos, policiais ou esportivos da semana, o assunto foi cuidadosamente introduzido por Bruna.

— Gente, quero deixar bem claro que só estou trazendo este assunto até vocês porque diz respeito a uma grande amiga minha de infância, daquelas que você aprende a considerar como irmã. Ela mora em São Paulo, não me pediu nada e é por exclusiva iniciativa minha que propus este encontro. Inclusive ela não está sabendo, e se soubesse não concordaria, por isso mantereí nomes e outros detalhes pessoais em sigilo.

Todos assentiram com gestos de cabeça e continuaram a ouvir em respeitoso silêncio. Bruna aproveitou a pausa para servir-se de mais alguns biscoitos e molhar a garganta com suco. Estava um pouco tensa e nervosa.

— Como vocês vão ouvir, o caso todo é muito estranho e preciso refletir um pouco para definir como vou narrá-lo, até para seguir uma

sequência que faça algum sentido para vocês — e indicou com a mão os dois novos participantes. — Depois vocês entenderão porque convidei meus dois amigos engenheiros.

Então, contou todos os acontecimentos envolvendo Raquel e Kátia. No dia em que a amiga telefonara para narrar os fatos, ela tivera o cuidado de ir anotando, ainda que com rabiscos, todos os fatos e sua cronologia. Assim, consultando seu caderno de anotações, pôde repetir para os amigos os acontecimentos com bastante fidelidade.

O grupo ouvia em completo silêncio. O pessoal parara até de petiscar e bebericar para não perder uma palavra sequer do que Bruna dizia. Os únicos presentes que mantinham uma expressão aparentemente serena eram os dois engenheiros, aos quais Bruna já antecipara um resumo do assunto.

Antes que Bruna desse por encerrada a narrativa, alguns fizeram perguntas para tirar dúvidas ou esclarecer algum ponto da história. Depois de dados por satisfeitos, todos deram um profundo suspiro para reativar a circulação depois de um longo tempo imobilizados. Outros começaram a se movimentar como se tivessem acabado de sair de um sono profundo, enquanto alguns se levantaram para servir-se de algum petisco ou ir ao banheiro.

Depois de alguns minutos, foi restaurada a ordem e todos retornaram aos seus lugares. Nos primeiros momentos, ninguém disse nada. Pareciam refletir sobre o que ouviram, buscando alguma explicação.

O psiquiatra foi o primeiro que se manifestou:

— Bruna, você disse que conhece bem a família de sua amiga. Sem querer ser indiscreto, você poderia nos dizer como eles se relacionam, em termos de família?

O objetivo da pergunta era óbvio: quando uma família é emocional e afetivamente instável e desestruturada, alguns membros recorrem a “jogos” psicológicos e simulações comportamentais para manipular os demais para obter mais carinho, mais atenção, mais respeito, e assim por diante.

— Meus amigos estão casados há cerca de dez anos e parecem ainda um casal de namorados. São muito educados e se tratam com carinho e respeito. São excelentes profissionais. Juntos, eles têm um negócio próprio que inclusive fica perto da residência deles. A relação deles com a filha não poderia ser melhor. Os três formam aquilo que poderíamos chamar de “família-modelo”.

— E quanto à saúde deles e da garotinha? — perguntou uma das pediatras.

— A garotinha é um primor. Tem ótima saúde, é alegre, inteligente, está indo muito bem na escolinha, onde interage de forma muito saudável com as demais crianças. Os pais dela, como acontece com a maioria dos paulistanos, vivem sob aquele estresse de cidade grande que vocês conhecem, pois aqui em Bauru, apesar de ser uma cidade bem menor, não é muito diferente. O único fator que pode ser citado como ponto fraco deles, que, aliás, eles mesmos admitem, é que ambos são absolutamente sedentários. Não praticam nenhum exercício físico, nem fazem caminhada. Fora isso, não fumam, não exageram na comida nem na bebida e, quanto ao resto, gozam de boa saúde.

Novamente, fez-se silêncio. Todos estavam profundamente mergulhados nas suas reflexões. Então, o psiquiatra tomou a iniciativa de falar mais uma vez:

— Vejam, amigos, quando tratamos de comportamentos fora dos padrões habituais, na maioria das vezes percebemos que é muito frágil o

limite que separa o normal do patológico. Para complicar mais ainda nossa tarefa, o diagnóstico nesses casos se baseia quase sempre apenas em informações subjetivas, que nos são passadas como se fossem “sintomas”, mas que quase nunca são concretos e palpáveis. Por isso é muito difícil diagnosticar casos assim.

Tomou um gole de suco antes de prosseguir:

— Ao descrever a família da sua amiga, você não relatou quadros de depressão nem de ansiedade, que, se existentes, poderiam nos dar alguma pista. Por outro lado, os “sintomas”, se é que podemos chamar assim as manifestações narradas, não podem ser analisados por exames clínicos ou laboratoriais. São inteiramente subjetivos. Hoje sabemos que há uma grande interação entre os fatores neurológicos e os psicológicos, mas aqui também não há nenhum indício que justifique fazermos conjecturas nesses campos. Outra coisa: segundo você, também não há registro de algum acidente vascular cerebral na família, o conhecido AVC, porque, quando ele ocorre no hemisfério direito do cérebro, que tem fundamental papel nas emoções e na percepção, o indivíduo pode ter ilusões, alucinações visuais e auditivas. Mas como nada disso aconteceu, essas opções de diagnóstico não se encaixam.

Bruna entendia a subjetividade do quadro, mas queria uma definição:

— Então...

— Então, sinto decepcioná-la, minha amiga, mas sinceramente não sei o que dizer do ponto de vista médico. São acontecimentos ou “sintomas” que fogem do meu cotidiano.

Bruna fez a pergunta para todos:

— Alguém aqui tem uma sugestão?

O clínico geral arriscou seu palpite:

— Como clínico geral, muito mais para desengano de consciência, eu pediria uma série de exames laboratoriais para avaliar a saúde geral da mãe e da filha, mas confesso que sem muita convicção de encontrar uma resposta para esses acontecimentos. Mas — e aqui assumiu uma expressão gaiata —, muito provavelmente, eu as encaminharia para um psiquiatra ou neurologista.

Evidentemente, todos riram com a conclusão, pois soava como uma piada proposital, uma vez que o psiquiatra já dera sua opinião.

Uma das pediatras se justificou:

— No intervalo, eu conversava aqui com minha colega e a conclusão a que chegamos foi de que, como pediatras, poderíamos até levantar a hipótese de essa garota ter uma forte carência afetiva e estar simulando comportamentos atípicos para chamar a atenção dos pais. Mas concluímos que a natureza e a forma das manifestações que ela vem apresentando descartam totalmente essa hipótese. São muito específicas e os dados mencionados eram desconhecidos pela própria criança, como, por exemplo, reconhecer você quando a viu pela primeira vez na festa da mãe — e arrematou: — ou seja, estamos tão confusas quanto vocês.

Instintivamente, todos os olhares se voltaram para os dois engenheiros, os dois únicos que ainda não haviam se manifestado. Bruna achou que era o momento de esclarecer a presença deles:

— Osmar e Flávio são meus amigos de longa data. Ambos são engenheiros eletrônicos e estão aqui por um detalhe muito específico e, neste caso, muito importante: os dois são espíritas e praticam o espiritismo ativamente, sem prejuízo de suas profissões.

Os demais convidados olharam os dois engenheiros sem esconderem certa expressão de curiosidade ou mesmo de estranheza.

Bruna continuou:

— Osmar, inclusive, também andou estudando e pesquisando parapsicologia. Dada as características dos acontecimentos que lhes contei, achei que seria interessante ouvirmos também a opinião deles — fez uma pausa para mudar o tom de voz e acrescentar: — Mas sem preconceitos, não é, minha gente?

Todos riram com a evidente brincadeira da anfitriã.

Osmar começou falando:

— Bem, eu e o Flávio estamos aqui como “estranhos no ninho”, somos os únicos não médicos — novamente todos sorriram da brincadeira, que foi útil para descontrair a apresentação. — De fato, durante algum tempo estudei parapsicologia para entender a diferença entre ela e o espiritismo. Na época, eu havia percebido que muitas pessoas confundem os fenômenos parapsicológicos com aqueles que ocorrem nas sessões espíritas ou mesmo fora delas. Hoje eu sei que são assuntos diferentes que se complementam às vezes, mas não necessariamente. Como não sei qual é o nível de conhecimento de vocês a respeito, talvez seja interessante fazer alguns esclarecimentos prévios, de forma resumida, o que acham?

Duas ou três vozes se manifestaram:

— Para mim seria ótimo. Não sei nada a esse respeito.

— Acho que seria útil para todos nós. Com certeza sabemos muito pouco sobre esses assuntos. Creio que, como eu, a maioria aqui sabe o que escuta por aí.

— Então farei um resumo. Mesmo assim, se eu me alongar demais nas explicações, por favor, me interrompam.

Osmar pigarreou e deu início às suas explicações:

— Desde 1889, a parapsicologia tem sido uma tentativa científica para compreender certas manifestações, digamos, misteriosas do nosso psiquismo que não podem ser explicadas com base no conhecimento tradicional. Ela vem estudando, o mais cientificamente possível, fenômenos como telepatia, clarividência, precognição e outros. O que talvez no passado tenha gerado a confusão com o espiritismo é que a parapsicologia, na medida do possível e do interesse, também estuda e procura compreender fenômenos que são exclusivamente espíritas, como a mediunidade, curas, psicografia e outras formas de comunicação com os mortos. De qualquer forma, quero concluir dizendo que os fatos narrados pela Bruna não se encaixam entre aqueles que poderiam ser explicados pela parapsicologia.

Flávio, o outro engenheiro que até então permanecera quieto, continuou:

— Já o espiritismo, conforme definida pelo seu sistematizador, é *“uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.”* É anterior à parapsicologia, pois foi codificado em 1857 por um professor francês, conhecido como Allan Kardec. Para que vocês entendam a posição que daremos sobre os fatos envolvendo a amiga de Bruna e sua filhinha, e esperamos não chocá-los com ela, é fundamental que saibam que a doutrina do espiritismo atua com base em cinco premissas básicas. São elas:

“O espírito existe e sobrevive após a morte material. Ou seja, o corpo físico morre, mas o espírito permanece em outra dimensão.

A reencarnação existe. Depois de algum tempo — que não é curto — o espírito retorna à Terra, em outro corpo e talvez em outro lugar, para continuar seu processo de aprendizado e crescimento.

Existe uma lei de causa e efeito. Como toda ação gera uma reação, a natureza e a qualidade das ações de uma pessoa aqui na Terra durante uma encarnação influenciarão a sua futura vida, quando reencarnar. Isso faz parte do processo de aprendizado e crescimento.

Existe a comunicação entre o mundo terreno e o espiritual. Sob condições adequadas e justificadas, é possível ocorrer uma comunicação entre essas duas dimensões, entre encarnados e desencarnados.

A missão de todo espírito é crescer continuamente. Cada retorno de um espírito à Terra em uma nova encarnação será para ele uma nova oportunidade de aprendizado em direção ao progresso.”

Flávio fez uma pausa para beber água, e aproveitou para consultar seu colega:

— Gostaria de acrescentar alguma coisa, Osmar?

— Nada, amigo. Em minha opinião, você fez um belo resumo, o suficiente para o andamento desta reunião. Ou será que alguém ficou com alguma dúvida?

O psiquiatra manifestou-se:

— Dúvida propriamente, não. A explicação foi muito clara, muito didática. O que fica, para aqueles que não estão familiarizados com o assunto, é um certo estupor, talvez até uma incredulidade. Perdoem-me a franqueza.

Uma das pediatras contemporizou:

— A nós, que conhecemos esses assuntos pelo que já ouvimos falar e até por algumas visitas que já fizemos a alguns centros por curiosidade, as explicações dadas pelo Flávio não chocam tanto. Inclusive, da maneira clara como ele expôs, até nos parecem perfeitamente lógicas e aceitáveis.

Osmar apressou-se em falar, para evitar que o tema se transformasse numa discussão, como parecia:

— Vejam, amigos, o assunto é extenso, polêmico, instigante e a nossa intenção com essa introdução era fazê-los entender o meu ponto de vista e do Flávio sobre o problema trazido pela Bruna.

Bruna aproveitou a deixa, ansiosa:

— E qual é a opinião de vocês?

— Achamos que esses fenômenos são manifestações da avó da garota, que parece querer se comunicar com a filha, e para isso está usando a netinha como intermediária.

Ao contrário do que se esperaria, ninguém pareceu surpreendido com aquela opinião. A primeira reação foi de silêncio absoluto, o que indicava reflexão. Depois começaram a trocar ideias e comentários.

O clínico geral quis se certificar de um aspecto:

— Osmar e Flávio, do ponto de vista espírita, essa explicação de vocês para o caso seria possível?

— Plenamente possível — respondeu Flávio. — Principalmente porque todas as condições afetivas e emocionais do caso favorecem isso.

Novo silêncio para reflexão. O psiquiatra voltou a perguntar:

— Supondo que a opinião de vocês esteja correta, o que deveria ser feito para solucionar o problema?

O silêncio então foi ainda mais longo. Na verdade, era esse o ponto nevrálgico da questão. Para isso estavam ali: para ajudar a amiga de Bruna, propondo uma alternativa de solução. Osmar respondeu com segurança:

— Os pais da garotinha devem urgentemente procurar um centro espírita em São Paulo e expor o problema. Só um médium experiente, com a ajuda de uma equipe de colaboradores espirituais, poderá resolver a situação.

— Como isso é feito?

— Algumas casas espíritas promovem reuniões durante as quais os espíritos que desejarem e tiverem permissão podem se manifestar através de um médium sensitivo. O espírito da avó deverá ser convidado a se manifestar numa dessas reuniões. Se ela aceitar o convite, receberá orientações e esclarecimentos para que reconheça sua situação de desencarnada e aceite prosseguir no caminho de desenvolvimento espiritual no outro plano.

— Fácil, assim?

— Não será fácil. Primeiro, será preciso fazê-la aceitar o convite para se manifestar. Depois, será preciso convencê-la a aceitar sua nova situação. Muitas vezes essas duas tarefas que parecem simples constituem uma árdua batalha. Há espíritos rebeldes e agressivos que não aceitam diálogos.

O silêncio do grupo continuou absoluto. Sem dúvida, o assunto tocara e interessara a todos. Provavelmente pediriam a Bruna que promovesse novos encontros para tratarem de temas espirituais.

Já era tarde e todos perceberam que era hora de se retirar, mesmo sendo uma noite de sexta-feira. O consenso geral que Bruna foi autorizada a repassar para sua amiga de São Paulo foi de que, aceitando como verdadeiras as premissas do espiritismo, a sugestão dos engenheiros Osmar e Flávio deveria ser levada aos pais da garotinha.

Cada participante que se retirava, sob os agradecimentos sinceros e afetuosos da anfitriã, levava consigo o sentimento de dever cumprido. Ou melhor, o sentimento de que haviam feito uma ação do bem.

# Capítulo 19

Mesmo sabendo que Raquel não estava inteiramente convencida de que precisava ir ao médico, Raul insistiu que ela agendasse uma consulta com o clínico geral de sua preferência.

Muito a contragosto, ela aceitou a recomendação.

O doutor Ferreira já era conhecido deles havia algum tempo. Ele fazia as vezes do antigo “médico da família”. Inclusive, no passado, atendera algumas vezes os pais de Raquel e de Raul.

Era um senhor de uns setenta anos, ar respeitável, muito formal. Um perfil típico de sua geração. Recebeu o casal com muita educação, mas sem grandes demonstrações de familiaridade, o que fazia parte do perfil do profissional do passado.

Fez as perguntas de praxe, sobretudo sobre as queixas que a levaram até ele. Ficou surpreso ao saber que ela não ia a um médico há anos, exceto ao ginecologista, e que, aos trinta anos, nunca havia feito um *checkup* completo.

Concluída a parte introdutória da consulta, Ferreira pediu a Raquel que se deitasse na maca para medir sua pressão arterial e fazer outros exames preliminares.

Quando o médico olhou para o medidor de pressão, encarou Raquel com alguma severidade no rosto e voltou para a mesa.

Raquel sentou-se ao lado do marido, ansiosa por ouvir o médico e completamente surpresa pelo fato de ele não ter pedido outros exames, como seria de se esperar.

Doutor Ferreira começou com voz grave.

— Certamente vocês já ouviram falar de hipertensão ou simplesmente pressão alta, não é verdade?

Raul e Raquel se entreolharam meio constrangidos porque sabiam do assunto muito vagamente. Como eles se consideravam pessoas saudáveis, pois dificilmente tinham problemas de saúde, esses temas médicos não despertavam neles maior curiosidade nem interesse. E também se consideravam muito jovens para se preocuparem com essas coisas. Havia muito trabalho a ser feito na agência, isso sim era importante na opinião deles.

Foi Raul quem respondeu:

— Sabemos apenas o que se ouve falar. Tecnicamente, muito pouco.

Por alguns instantes, o médico olhou para eles com uma expressão de incredulidade, mas logo reassumiu o ar profissional. Tirou da gaveta um bloco de anotações e, à medida que ia explicando, fazia gráficos e fluxos para tornar mais didática sua exposição:

— A hipertensão é uma doença cardiovascular que acomete milhões de pessoas. Ela aumenta a pressão dentro das artérias que levam o sangue pelo corpo. Quando essa pressão se encontra acima dos limites toleráveis pelo organismo, provoca diversos transtornos na saúde e pode causar um infarto ou um AVC, que é uma sigla usada para designar qualquer tipo de acidente vascular cerebral. A pressão alta é chamada de “assassino silencioso” porque, em geral, não apresenta sintomas visíveis

ou facilmente perceptíveis — fez uma pausa e olhou para ambos. — Estou sendo claro?

Com um gesto de cabeça, responderam que sim. Os dois mal conseguiam falar, de tão atentos que estavam ao que ouviam.

O médico prosseguiu:

— O sangue circula em nosso corpo por meio das artérias. A pressão arterial é a força do sangue contra as paredes dessas artérias. Cada vez que o coração bate, ele bombeia sangue para o corpo e a pressão se eleva. A esse processo se dá o nome de pressão sistólica. Entre uma batida e outra, o coração descansa rapidamente até voltar a bombear. Nesse momento, a pressão arterial cai e é chamada de pressão diastólica. Pois bem, o controle da pressão arterial é feito medindo-se esses dois números extremos, as pressões sistólica e a diastólica. Em uma pessoa com boa saúde, esses números permanecem em torno de 120 milímetros de mercúrio por 80 respectivamente. As pessoas costumam abreviar tudo isso e dizer apenas: 12 por 8. A Organização Mundial da Saúde admite como limite uma pressão sistólica igual ou menor que 14 e uma pressão diastólica igual ou menor que 9. Números maiores indicam um quadro de hipertensão ou pressão alta.

Nesse instante, o médico parou de falar, pousou a caneta sobre a mesa, cruzou as mãos sobre o bloco de papel onde estivera rabiscando e olhou fixamente para Raquel:

— A senhora está com pressão 18 por 15.

A reação do casal foi um silêncio mortal.

Raquel empalideceu e pensou que fosse desmaiar. Raul olhava alternadamente para a mulher e para o médico.

Ele continuou implacável:

— E os sintomas que a senhora relatou são inconfundíveis: dores de cabeça ou na nuca, tontura, cansaço, enjoos, falta de ar, zumbidos, palpitações.

Raquel não falava nada. A frase de sua filha não parava de martelar em sua cabeça: “Procure um médico, não deixe de procurar um médico...”

Finalmente, gaguejou:

— E... e o que eu devo fazer?

— Bom, eu sou clínico geral. Recomendo que vocês procurem um cardiologista, que certamente pedirá um *checkup* completo. Antes de medicá-la, é indispensável descobrir as causas dessa elevação da pressão arterial a em níveis tão altos. Há uma série de razões que podem explicar isso, mas é preciso saber exatamente quais são para que a medicação seja específica. E, por favor, providenciem isso o quanto antes. Não se pode facilitar com essa doença. Se vocês não conhecerem algum cardiologista, posso indicar um de minha confiança.

— Por favor, nós gostaríamos — respondeu Raul em voz baixa.

O médico fez algumas anotações no verso do seu cartão de visitas e o entregou a Raul.

Raquel continuava calada. Estava chocada: até poucos minutos atrás, jurava que gozava de ótima saúde. Agora, parecia que sua vida se esvaía por um ralo. O doutor Ferreira percebeu a preocupação da moça:

— Veja, senhora, procurei deixar bem claro os riscos da hipertensão. É uma das doenças que mais mata no Brasil e no mundo. Mas há boas notícias: se for crônica, é perfeitamente controlável com o uso de medicamentos, dietas e exercícios físicos.

Raquel não se sentiu nem um pouco confortada com aquelas informações. Não se conformava com o fato de ter uma doença tão

grave:

— Então, quer dizer que sou hipertensa? E isso tem cura? — as duas perguntas feitas ao mesmo tempo demonstravam o grau de ansiedade e perturbação de Raquel.

O médico fez um gesto com as mãos pedindo calma.

— Apenas com base nesta consulta, não posso afirmar categoricamente que a senhora é hipertensa. Nossa pressão arterial varia diversas vezes ao dia em função de situações, hábitos e atividades. São elevações ocasionais que depois retornam à normalidade. O que caracteriza um quadro de hipertensão crônica é quando a pessoa apresenta uma média frequente dos níveis de pressão acima dos limites normais. No seu caso há uma agravante: o fato de sua mãe ter falecido por conta de um infarto. Ou seja, é uma forte indicação que o seu caso pode ser uma herança genética, e não algo ocasional. Por outro lado, sabe que seu pai foi meu cliente e posso adiantar-lhe, mesmo que a senhora já saiba, que ele é hipertenso e há anos toma medicamentos para controlar. Na última vez que ele veio aqui, estava em perfeitas condições de saúde apenas fazendo uso de medicamentos e seguindo uma dieta balanceada.

O médico fez uma pausa que pareceu uma eternidade para o casal:

— Quanto à sua pergunta a respeito de cura: se ela for ocasionada por uma situação eventual de tensão emocional ou estresse, a resposta é sim, há cura. Mas se for de origem hereditária, a resposta é não. Nesse caso, sua pressão teria que ser controlada com medicamentos, exercícios e dietas pelo resto da vida.

“Herança genética... Mas que raio de herança essa que minha mãe me deixou...”, pensou Raquel com amarga ironia.

Em seu antagonismo com a mãe, ela nem se lembrava de que seu pai também era hipertenso.

Raquel começou a chorar. O médico achou que devia contemporizar:

— Dona Raquel, o seu caso é sério, mas não é o fim do mundo. Milhões de pessoas hipertensas levam uma vida mais do que normal mediante o controle da pressão. O importante é descobrir o problema logo e iniciar os tratamentos, antes que cause danos irreversíveis ao coração, ao cérebro e outros órgãos.

— E no meu caso? — ela queria uma garantia de que estava tudo bem com ela. A resposta foi dura, embora profissional:

— Não posso adiantar nada nesse sentido. Só um cardiologista, depois de analisar os exames que provavelmente pedirá, poderá descrever a exata situação em que a senhora se encontra. Mas posso garantir uma coisa: só morre de pressão alta quem não trata dela.

“Menos mal”, pensou Raul.

Mas não tinha certeza se sua mulher compartilhava de sua opinião otimista.

## Capítulo 20

Depois da consulta ao clínico geral, o humor de Raquel se alterou radicalmente. Passou a oscilar entre o mau humor e a depressão, o que só piorava os sintomas que já vinha sentindo.

Diante da recomendação do médico, Raul conseguiu que fossem atendidos pelo cardiologista indicado já no dia seguinte.

Mais jovem que Ferreira, o doutor Guedes era um senhor de meia-idade, calvo, alto, aparentando perfeita forma física para a idade.

Raquel descreveu a consulta que tivera com o doutor Ferreira e os comentários que ele havia feito a respeito da sua saúde, diante dos sintomas que vinha apresentando havia alguns dias.

O médico ouviu atentamente e em silêncio, fazendo algumas anotações. De vez em quando, interrompia para pedir esclarecimentos sobre algum ponto que não havia ficado muito claro para ele ou então para complementar o quadro clínico da paciente com mais algum dado. Depois, levantou-se e mediu a pressão de Raquel.

Voltou para sua cadeira com ar preocupado:

— A pressão da senhora aumentou mais um pouquinho. Agora está 19 por 16, o que é bastante alta, sobretudo para uma pessoa da sua idade.

Raul e Raquel nada diziam. Estavam muito surpresos e preocupados com a situação.

O médico continuou pausadamente:

— Como o meu colega já havia comentado com vocês, o quadro se torna ainda mais preocupante porque a senhora tem antecedentes de pressão alta na família: seus pais. Inclusive, se entendi bem, sua mãe morreu em consequência de um infarto, foi isso mesmo?

Raquel assentiu com a cabeça. O médico continuou:

— Temos duas coisas a fazer como prioridades: a primeira é baixar essa pressão. Vou pedir à senhora que, ao sair daqui, vá a um Pronto Socorro e informe que está com uma crise hipertensiva. Eles vão lhe aplicar uma injeção e a senhora deverá ficar lá repousando por algum tempo, até a pressão baixar a níveis aceitáveis ou voltar ao normal. A segunda coisa que faremos é descobrir a causa desse aumento na sua pressão. Vou pedir uma série de exames para tanto. Enquanto isso, vou receitar um anti-hipertensivo para a senhora começar a tomar a partir de amanhã, porque hoje já receberá algum medicamento no Pronto Socorro, e o efeito provavelmente durará até amanhã.

Rapidamente, preencheu várias receitas e entregou a Raquel, sendo uma para a compra do medicamento e as demais relativas aos exames solicitados, que caracterizavam quase um *checkup* completo. Depois, continuou:

— Convém evitar bebidas alcoólicas, cigarro, aborrecimentos, esforços exagerados. É preciso reduzir o sal na alimentação e evitar comidas gordurosas e frituras. Quando a senhora me trouxer os exames, complementarei a medicação e a encaminharei para a nossa nutricionista, que elaborará uma dieta específica para o seu caso. Combinado?

O médico procurava ser otimista, pois percebia que Raquel estava claramente arrasada emocionalmente.

Ao despedir-se, prendeu a mão dela por mais tempo:

— Dona Raquel, há milhões de hipertensos no mundo que levam uma vida inteiramente normal. O segredo está em contornar a situação tomando os remédios, fazendo exercícios e moderando na comida. Só isso. A senhora continuará levando a vida de sempre, não fique tão preocupada. Além do mais, ainda nem sabemos as causas dessa pressão elevada. Pode ser por causa de um estresse “simples” e passageiro e, nesse caso, não poderemos dizer que a senhora sofre de hipertensão. Portanto, vamos manter a calma. Nas receitas, a senhora encontrará meu telefone de casa e meu celular. Se sentir necessidade, pode me ligar a qualquer hora.

\*\*\*

Como o doutor Guedes previra, o médico do Pronto Socorro, tão logo constatou o quadro hipertensivo de Raquel, aplicou-lhe uma injeção e a colocou em uma saleta reservada para alguns pacientes repousarem numa maca.

Havia um saquinho de soro ligado ao seu braço. Deveria haver nele algum relaxante, porque em questão de minutos Raquel adormeceu. Raul permaneceu todo o tempo ao seu lado depois de fazer algumas ligações para a agência.

O movimento no Pronto Socorro era intenso, um vaivém de médicos, pacientes e seus acompanhantes. De vez em quando, ouviam-se gemidos e até alguns gritos de alguém com dor. Não era exatamente um lugar onde se relaxa facilmente, a menos que fosse sob efeito de sedativos.

Em alguns momentos, Raul ouviu sua mulher gemer baixinho e balbuciar o nome da filha. Ele passava a mão em sua testa e a acalmava, sussurrando:

— Está tudo bem, querida, eu estou aqui. Eu amo você.

\*\*\*

Quando acordou, Raquel levou algum tempo para sintonizar-se com a situação. Demorou a perceber que estava em um Pronto Socorro. A memória foi retornando aos poucos. Devia ter ficado adormecida por quase uma hora.

Raul segurava a sua mão e a olhava amorosamente.

— Tudo bem? — perguntou baixinho.

Ela fez que sim com a cabeça. Sentia-se melhor, apesar de ainda estar um pouco tonta e sonolenta.

Depois de algum tempo, o médico voltou e mediu novamente a pressão da moça. Sorriu quando viu os números no aparelho:

— Pronto, agora está tudo certo — disse simpaticamente, dando-lhe um tapinha gentil no ombro. — Sua pressão baixou para 14 por 9, quase normal. Está novinha em folha, mas precisa cuidar disso. Seu cardiologista deve ter pedido alguns exames, não foi?

— Sim, pediu — a voz estava fraca pela sonolência. — Vou providenciá-los amanhã mesmo.

— É isso aí. Quando quiser, a senhora já pode ir para casa. Mas evidentemente não pode ir dirigindo. Deixe isso para seu marido.

Voltaram para casa em silêncio.

Chovia forte em São Paulo e, por isso, o trânsito estava absurdamente lento. Fizeram em mais de uma hora o percurso que, em circunstâncias normais, teriam feito em no máximo vinte minutos.

A situação levou Raquel a lembrar-se instintivamente das razões que impediram sua mãe de chegar à maternidade anos atrás.

Uma pontinha de remorso ameaçou surgir em seu coração, mas ela logo a afastou.

Depois que chegaram em casa e ela se alimentou um pouco, conversaram a respeito das providências que deveriam tomar diante daquela situação.

A primeira medida seria pedir a Clotilde que, se possível, entrasse uma hora mais cedo e saísse uma hora mais tarde nos próximos quinze dias.

Depois, apesar da resistência de Raquel, decidiram que ela tiraria duas semanas de férias para se dedicar ao tratamento. Ficou acertado que, na agência, nada seria comentado sobre o estado de saúde dela. A justificativa para sua ausência temporária seria a necessidade dela de realizar algumas pesquisas complexas para a consolidação de novos negócios. E nada mais precisaria ser explicado.

E assim foi feito.

# Capítulo 21

Nos dias que se seguiram, Raquel dedicou-se a fazer os exames solicitados pelo doutor Guedes e, em alguns deles, foi acompanhada pelo marido e com a filha a tiracolo.

Durante esse período, Kátia não desgrudou da mãe. Em sua inocência, achava tudo uma novidade muito divertida. Nunca tivera sua mãe tanto tempo em casa, sem ir trabalhar. Tão logo voltava da escola, instalava-se ao lado de Raquel, seja na cama, no sofá da sala ou na cozinha, e a todo instante perguntava:

— Você está melhor, mãezinha?

Na hora de dormir, fazia questão de ficar segurando a mão da mãe e era assim que adormecia. Depois, Raquel soltava sua mão com todo o cuidado para não despertá-la.

O retorno ao consultório do doutor Guedes foi marcado rapidamente, com certeza devido à influência do seu amigo, o doutor Ferreira, que lhe encaminhara a paciente.

O casal sentou-se tenso à frente do médico. Esperavam ansiosos pelo diagnóstico.

O médico fez uma expressão mais aliviada depois que observou detidamente todos os exames, na forma de laudos, relatórios, radiografias e ultrassonografias e tomografias computadorizadas.

Raul e Raquel estavam imóveis, a respiração quase suspensa, aguardando o veredicto do médico. Ele, por sua vez, recolocou todos os exames nos envelopes, fez algumas anotações na ficha da paciente e finalmente falou:

— Dona Raquel, felizmente o quadro é menos grave do que pensei, depois daquela pressão exagerada de 19 por 16. Há um conteúdo hereditário e isso, em princípio, a predispõe à pressão alta. Mas, além do natural estresse do trabalho, o que tem feito sua pressão disparar são principalmente as taxas de colesterol e triglicérides que estão muito elevadas. Simples assim.

— Simples? — Raquel sentiu-se relativamente aliviada pelo “simples”, mas queria saber mais.

Raul tinha um leve sorriso nos lábios, por estar também se sentindo mais tranquilo:

— O senhor perdoe a nossa ignorância, mas poderia explicar um pouco melhor do que se trata essas duas coisas que o senhor falou?

— O colesterol e o triglicérides são dois tipos de gordura que circulam em nossa corrente sanguínea que, quando em níveis elevados, criam placas que entopem as artérias e dificultam ou até impedem a passagem do sangue. Em consequência, a pressão arterial sobe e aumenta o risco de doenças cardíacas e coronarianas — fez uma pausa e brincou. — Quando elevados isoladamente, tanto o colesterol como o triglicérides já fazem consideráveis estragos. Os dois juntos, então! E o pior é que nenhum dos dois apresenta sintomas visíveis. Só podemos detectar por exames de sangue como os que a senhora fez.

— São dois vilões então?

— Não necessariamente vilões — e o médico discorreu sobre o assunto de forma bastante didática, explicando as ações positivas

daquelas gorduras em níveis adequados.

Na verdade, Raquel não estava muito interessada nas explicações técnicas do médico. Queria solucionar o seu problema da forma mais prática e imediata possível:

— E como vou resolver isso, doutor Guedes?

— Como eu disse, há a questão da hereditariedade que não pode ser revertida, mas, insisto, o seu caso pode e deve ser administrado e controlado. Temos hoje excelentes medicamentos anti-hipertensivos e de controle do colesterol e triglicérides que seguramente resolvem os problemas, desde que tomados diariamente e acompanhados por uma dieta adequada e pela prática de exercícios, como caminhadas, por exemplo. Basicamente é isso. A partir daí, vida normal.

Raquel queria ter certeza de que a situação seria resolvida:

— Com essas providências a minha pressão arterial vai normalizar?

O médico percebeu a ansiedade dela e respondeu com serenidade e segurança:

— Com toda a certeza, dona Raquel. Volto a dizer: há remédios de alta eficácia e praticamente sem efeitos colaterais para o seu caso. Aliados a uma dieta saudável e à prática de exercícios, resolverão fácil e rapidamente o problema. Tome essas providências e trate de voltar a ter a vida normal que sempre teve. Mas deixe-me alertá-la para uma coisa: daqui a algumas semanas, sua pressão vai estar em 12 por 8. Isso não quer dizer que já pode parar de tomar os remédios, relaxar na dieta e desistir das caminhadas. Esse é o erro que muitos hipertensos cometem e só agravam o problema. Remédio para pressão alta é para o resto da vida, deve ser incorporado ao café da manhã. O mesmo vale para a dieta e os exercícios.

— Para o resto da vida?

— Os remédios, sim. Com relação à dieta e aos exercícios, não precisa radicalizar. De vez quando, num fim de semana ou outro, num aniversário ou comemoração e com moderação, pode encarar os famosos churrascos, pizzas, feijoadas, coquetéis, salgadinhos. Você sabe, essas coisas de que o brasileiro não abre mão. Moderação é a palavra-chave. E se estiver chovendo ou fazendo muito frio, deixe a caminhada para o dia seguinte, sem se sentir culpada por isso. O bom tratamento de saúde é aquele que não compromete a qualidade de vida da pessoa. Estamos entendidos.

— E quanto ao meu trabalho?

— Vida normal. Trabalho não mata ninguém. O que não pode é deixar que ele se torne a única fonte de prazer de sua vida. É fundamental planejar e equilibrar vida pessoal e profissional. É preciso descobrir e curtir o prazer de ambas para evitar o famigerado estresse. Este, sim, é um vilão.

Saíram felizes da consulta. Dessa vez o alívio do casal foi enorme e definitivo.

\*\*\*

À noite Raquel teve uma agradável surpresa: Bruna ligou.

Raquel estava com o melhor dos humores. Depois da consulta com o cardiologista e dos resultados dos exames, havia tirado um peso enorme das costas. Bruna notou a mudança e, depois dos cumprimentos afetuosos de praxe, ela comentou:

— Parece que hoje você está com ótimo astral!

— E estou mesmo, amiga — e contou todos os detalhes das consultas médicas, inclusive a passagem pelo Pronto Socorro e os resultados dos exames. — Eu nunca imaginei que pudesse ter esse

negócio de colesterol e triglicérides tão alto assim. E, sinceramente, esse assunto de pressão arterial nunca tinha me preocupado antes.

Bruna não deixou passar, chegando até a ser um pouco irônica:

— E quem foi que lhe alertou para isso, minha querida amiguinha?

Se Raquel entendeu a indireta, fingiu que não:

— Ora, as dores de cabeça, os enjoos, as tonturas, a falta de ar...

— Sei, sei... Mas quem foi que estava a toda hora lhe dizendo — e imitou voz infantil — “não deixe de procurar um médico... não deixe de procurar um médico...”

— A Kátia?

— Claro! Já esqueceu? Você acreditando ou não, aceitando ou não, a verdade é que apenas sua filha lhe fez aquelas recomendações. Mas, me responda, usando toda a sua racionalidade: você acha que Kátia teria condições de saber alguma coisa sobre isso?

— Lá vem você de novo com essas histórias! Pois não adianta querer me tirar do sério. Hoje ninguém tira meu bom humor.

Bruna falou numa voz bem carinhosa:

— Minha linda, eu não estou querendo tirar você do sério. Você bem sabe que eu gosto muito de você e quero o melhor para sua vida — fez uma pausa, mudou o tom de voz e passou a falar mais sério. — Eu conversei com alguns amigos daqui.

Raquel ia protestar:

— O quê? Você conversou com seus amigos daí a meu respeito?

— Sossegue! Não citei o nome de ninguém. Apenas descrevi a situação de uma amiga. Nós seguimos um negócio chamado ética médica, sabia? Mas, como eu ia dizendo, falei com amigos meus, alguns dos quais são espíritas, e narrei os acontecimentos de que você me falou,

sendo que de um deles eu até participei, aquele na beira da piscina. Pois bem, querida, a opinião deles foi unânime.

Raquel foi propositalmente irônica:

— E eu posso saber qual foi a opinião deles?

— Percebi sua ironia, mas vou fazer de conta que não notei. Não vou lhe dizer a opinião deles para não chocar você mais ainda. E nem quero discutir o assunto outra vez. Mas só digo uma coisa: todos eles, mesmo os que não são espíritas, acham que você deve ir a um centro espírita consultar um médium.

— Ir a um centro espírita? Consultar um médium? Por acaso vocês todos tinham bebido?

— Não vou aceitar sua provocação. E não vou lhe dizer mais nada para não discutirmos. Hoje você está feliz e, por isso, eu também estou. Quero que você continue assim hoje, amanhã e sempre. Só peço que leve a sério a sugestão deles, que é minha também. Você não tem nada a perder.

— Mas, Bruna, não entendo nada desses assuntos, nem conheço ninguém que pratique isso. Onde é que eu vou achar um centro espírita e um médium?

— Ué, pergunte ao Raul. Tenho certeza de que ele deve conhecer.

Raquel achou o comentário estranho:

— O Raul? Mas logo o Raul? Por que você acha que ele conhece algum centro espírita ou médium?

— Não sei, puro palpite. Vá por mim, confie no meu taco. Fale com ele. Se ele também não aceitar a sugestão dos meus amigos, eu prometo que não insistirei mais no assunto.

A resposta de Raquel continha meia verdade:

— Pois, veja, só pra me livrar dessa conversa com você e para não voltarmos mais a esse assunto, vou falar com o Raul.

Bruna não escondeu sua alegria:

— Legal! Promete?

— Claro que sim. Como você disse, não tenho nada a perder.

# Capítulo 22

Como o doutor Guedes previra, três dias depois de estar tomando os medicamentos, Raquel já se sentia melhor. Todos os sintomas haviam praticamente sumido ou diminuído, e a pressão arterial voltara a se normalizar.

Quanto à sugestão que Bruna lhe dera, não fora tão fácil assim falar com Raul a respeito. Na verdade, nos últimos dias ela priorizara sua saúde, cuidando da dieta que a nutricionista recomendara e tomando os medicamentos nos dias e horas receitados.

Não teve muita pressa em falar do assunto com Raul porque, até onde ela sabia (e ela conhecia muito bem o marido), Raul não era chegado em assuntos de religião, doutrinas, misticismo. Na sua opinião, ele daria uma boa gargalhada e pediria que ela esquecesse o assunto. Em todo caso, prometera a Bruna que o faria e, além disso, não custaria nada.

Nas noites seguintes, Raquel passou o dia ensaiando como entrar no assunto com o marido.

Escolheu uma hora em que já estavam na cama, cada um lendo seu livro de cabeceira. Até antes dessa hora, Kátia monopolizava a atenção dos dois e não havia condições para uma conversa daquele porte. Kátia continuava, a seu modo infantil, demonstrando carinho e preocupação

pela mãe, e um desses modos era ficar coladinha a ela em qualquer canto do apartamento, fazendo o que fosse.

Raquel fechou seu livro e ficou olhando para o marido. Com a visão periférica, ele notou.

— O que foi? Está me paquerando?

— Eu quero falar com você.

Imediatamente ele fechou o livro, colocando-o sobre o criado-mudo. Voltou-se para ela.

— Fala, amorzinho — e deu um beijo carinhoso no pescoço dela.

Raquel pigarreou, olhou para as unhas como fazem as mulheres quando querem ver se o esmalte ainda está inteiro, depois olhou para ele:

— Prometa que não vai me achar ridícula ou ingênua.

Ele estranhou a observação:

— Eu? Achar você ridícula ou ingênua? Que é isso, amor, você tem sinal verde para falar o que quiser. Somos publicitários, lembra? Nenhum bloqueio, nenhum preconceito.

— É que... Você viu que a Bruna me ligou hoje, certo?

— Certo.

— Então... tenho conversado com ela sobre aqueles episódios com a Kátia.

Raul se ajeitou melhor na cama para ficar de frente para a mulher e prestar mais atenção às suas expressões.

Raquel continuou:

— Bem... Ela acha tudo muito estranho. Inclusive me perguntou se eu lembrava quem tinha me alertado de que eu precisava ir a um médico.

Raul mal piscava.

— Ela acha... ela acha que Kátia não teria condições de falar sobre esse assunto, nem sobre os outros que ela mencionou antes.

— Concordo com a Bruna. E...?

Era agora. Tinha que falar:

— Ela acha que tudo isso tem a ver com — hesitou — com essa coisa de espiritismo.

Raul levantou as sobrancelhas:

— Espiritismo?

— É. Espiritismo. Não me pergunte como nem por quê. Você bem sabe que eu não entendo nada desse assunto. Enfim, ela acha que deveríamos procurar um centro espírita e falar com um médium a respeito desses episódios com a Kátia.

Raquel ficou esperando a gargalhada do marido. Para sua surpresa, Raul continuou sério, olhando para ela.

Ficaram em silêncio algum tempo. Depois, Raul soltou um profundo suspiro e, novamente surpreendendo a esposa, disse:

— Confesso que eu havia pensado nisso.

Raquel praticamente arregalou os olhos e quase gritou:

— Já? Você já pensou em ir a um centro espírita?

Ele respondeu calmamente:

— Já... Essa coisa toda é realmente muito estranha.

— E por que não me falou isso antes? — ela se sentia quase ofendida por não ter participado de tais pensamentos do marido.

— Porque achei que você não me levaria a sério. Assim como você provavelmente achava que eu não a levaria a sério agora, não é verdade?

“Bem, isso era verdade”, Raquel teve que admitir em pensamento. Mas a surpresa não parou aí para ela, pois Raul continuou a falar:

— Sabe o Cortez?

— Da agência?

— É.

— Nosso gênio da criação? Que tem ele?

— Ele é espírita.

Raquel abriu a boca como se tivesse ouvido a revelação de um grande segredo:

— O Cortez?

— É, ele mesmo. Eu já conversei com ele duas vezes sobre esse assunto.

Raquel estava pasmada e agora um pouco preocupada de que seu marido pudesse ter aberto assuntos íntimos da família para um estranho:

— O que você falou pra ele, Raul?

— Fique tranquila, não falei de nomes. Chamei-o na semana passada e fiz algumas perguntas sobre espiritismo. Percebi que ele achou estranha minha súbita curiosidade pelo assunto, mas foi muito prestativo. Deu-me várias explicações de forma bem didática, e até se prontificou a me levar a um centro espírita ou a me dar o endereço de um.

— O Cortez? — Raquel ainda estava espantada com a revelação.

— É. As coisas que ele me falou fazem sentido e parece que o espiritismo é um assunto muito sério. Ele me disse que o pai dele foi curado por uma cirurgia espiritual, quando já estava desenganado pelos médicos.

— O Cortez?

Dessa vez Raul soltou uma gargalhada, pois Raquel não percebia que, em meio à sua estupefação, repetia automaticamente o nome do funcionário, como uma gravação.

— Ei, o disco travou? Você só sabe dizer isso — e imitou-a com exagero — “O Cortez? O Cortez?”.

Ela teve que rir também.

— É que, para mim, esse assunto é tão... tão distante que nunca imaginaria que um funcionário nosso fosse espírita.

— E é provável que tenhamos outros. Ele me disse que há milhões de seguidores dessa doutrina no Brasil.

Raul e a mulher voltaram a se deitar e ficaram ambos olhando para o teto, em silêncio.

Raul falou primeiro:

— Você topa?

— Topar o que?

— Irmos a um centro espírita?

Ela demorou para responder:

— Como disse a Bruna, não temos nada a perder. E como diz você, não podemos ter preconceitos nem bloqueios...

Raul deu um profundo suspiro de alívio. Há tempos ele queria falar com a esposa a respeito e fazer-lhe o convite, mas tinha receio de sua reação. De repente, ela mesma trazia o assunto à baila. “Que ótimo! Veio bem a calhar!”, pensou, aliviado e satisfeito.

— Amanhã vou conversar de novo com o Cortez e pedir o endereço de um médium.

Antes de adormecer, Raquel refletiu sobre o que Bruna dissera: “Fale com o Raul, ele deve conhecer alguém”. Como ela poderia saber disso?

“Como essas coisas são esquisitas, inexplicáveis. Por que será que a lógica e a racionalidade não explicam esses mistérios? Seria tudo tão mais simples de entender...” Foram esses os últimos pensamentos dela antes de adormecer.

## Capítulo 23

Raquel sentia-se tão feliz que achava que tudo já havia sido resolvido.

Estava enganada.

Depois do fim de semana seguinte, iniciaria sua segunda semana de descanso. Mas, durante a primeira semana, estivera se sentindo tão bem que, para ter mais privacidade com sua família e curtir melhor sua casa, resolveu inesperadamente dispensar Clotilde na semana seguinte, dando-lhe férias remuneradas.

Quando deu a informação a ela, Raquel percebeu que a decisão não a agradara muito. Ela nem podia imaginar, mas Clotilde tinha por ela um grande carinho e, já que ela não estava bem de saúde, teria preferido continuar trabalhando para cuidar dela. Tudo bem que férias sempre são bem-vindas, mas Clotilde achava que não era o melhor momento para desfrutar de tal direito. Mesmo assim, não contestou.

De qualquer forma, de onde quer que estivesse, continuaria orando pela saúde e proteção de dona Raquel e Kátia.

\*\*\*

Era um sábado luminoso.

De onde estava, na cozinha, Raquel podia ouvir as risadas e gritos das crianças na piscina do condomínio.

Kátia estava a um canto da mesa, fazendo seus desenhos de sempre. Ela adorava desenhar, como a maioria das crianças nessa idade, quando começam a descobrir suas habilidades manuais.

Raquel cantarolava enquanto lavava louça à pia.

Sem perceber, a um determinado momento, entoou a cantiga de ninar que sua mãe cantava para fazê-la dormir e que, dias atrás, Kátia surpreendera-a cantando.

— Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar...

Ao perceber o que involuntariamente estava cantando, Raquel olhou para a filha para ver se ela percebera e qual seria sua reação.

A menina havia percebido. Estava olhando fixamente para a mãe, com um semblante carinhoso no rosto.

Por uma fração de segundos, Raquel pensou:

“Ah, que bom! Parece que tudo voltou à normalidade...”, e voltou sua atenção novamente ao seu afazer.

Foi quando ouviu sua filha falar com a mesma voz estranha das vezes anteriores:

— Obrigada, filha, por ter consultado um médico.

Seu corpo inteiro tremeu, o coração disparou e o prato que estava lavando caiu na pia metálica, fazendo um barulho assustador. Olhou apavorada para a filha.

Kátia continuava tranquilamente fazendo seus desenhos. Nem percebeu o susto da mãe.

Raquel virou de costas para a filha e apoiou-se na pia para não cair. Ficou assim um longo tempo, fingindo lavar alguma coisa para recuperar-

se, parar de tremer, e não permitir que Kátia notasse que havia algo errado com ela.

Quando se sentiu melhor, foi direto para o telefone e discou para o marido.

Ainda bem que ele pôde atender rápido:

— Algum problema?

— Não, querido — ela procurava dar um tom normal à voz. — Está tudo bem. Liguei apenas para saber se você já conversou com o Cortez. — Raquel agora tinha certeza de que deveriam mesmo procurar um médium.

— Estou com ele aqui na minha frente. Te ligo daqui a pouco, tá bom?

— Te amo... — e desligou ainda um pouco intranquila.

Voltou lentamente à cozinha e olhou para a filha, que ainda desenhava serenamente. A cadeira onde ela estava sentada era muito alta para o seu tamanho de criança, de forma que seus pezinhos ficavam suspensos no ar, balançando graciosamente.

— Mãe, olha o que eu fiz! — e estendeu um papel para a mãe.

Raquel sentiu o coração disparar. Seria mais uma surpresa?

Lentamente aproximou-se da filha e pegou a folha de papel, temerosa do que ia ver.

Lá estava desenhada apenas uma garatuja que tentava imitar o formato de um coração. Bem de acordo com uma garotinha de seis anos saudável e inteligente.

— Não está bonito esse coração que eu fiz?

Aliviada, Raquel aproximou-se mais e beijou a filha no rosto:

— Está, meu amor, está lindo esse coração.

\*\*\*

Antes de chamar Cortez, Raul, procurando ser o mais discreto possível, baixou as persianas da sua sala, pois as divisórias eram de vidro. A agência tinha uma política de transparência, ou seja, apenas ele e Raquel tinham salas individuais, e mesmo assim com paredes de vidro. Baixar as persianas contrariava um pouco essa política e apenas em raríssimas vezes isso fora feito, como quando havia reuniões de negócios muito confidenciais e, mesmo assim, a pedido de alguns clientes que não queriam se expor.

Cortez deve ter percebido esse detalhe, pois, após as três habituais batidinhas na porta, entrou meio desconfiado, sem fazer os descontraídos cumprimentos de sempre.

— Pois não, chefe? — estava visivelmente preocupado por ter notado as persianas abaixadas. Raul percebeu:

— Que cara é essa, rapaz?

— Sei lá. Essas persianas abaixadas podem representar notícias não muito agradáveis.

Raul deu uma gargalhada e isso pareceu tranquilizar o funcionário.

— Eu apenas quero ter com você uma conversa confidencial, só isso. E você bem sabe que, mesmo sem ouvir nossas vozes lá fora, o pessoal lê nossas expressões faciais através dos vidros...

Cortez se sentiu flagrado, pois ele também cometia aquela indiscrição às vezes:

— É verdade, chefe, é verdade... — respondeu com um sorriso meio sem graça. Então, já mais à vontade, sentou-se na poltrona diante do chefe.

— E antes que você peça... — brincando, Raul encheu com água um dos copos da bandeja e passou para o rapaz à sua frente.

— Você adivinhou!

Bebeu sofregamente, pôs o copo de volta na bandeja e ficou aguardando.

Raul estava andando pela sala, as mãos dentro dos bolsos da calça. Pensava em como começar e ao mesmo tempo buscava um pouco de coragem para abrir novamente um assunto familiar com seu funcionário. Decidido, falou de uma só vez:

— É o seguinte. Eu vou aceitar sua oferta de me dar o endereço do médium.

Ao contrário do que Raul esperava, Cortez não esboçou nenhuma reação de surpresa:

— Sem problemas, chefe. Posso pegar um papel deste bloco?

Antecipando-se, Raul destacou uma folha e a entregou ao funcionário.

Cortez escreveu algumas palavras rapidamente, devolvendo o papel em seguida:

— Sabe onde fica essa rua?

Raul olhou o que estava escrito no papel, forçou um pouco a memória e respondeu com alguma dúvida:

— Se não me engano, fica em Santana, é isso mesmo?

— Isso mesmo. Fica bem distante daqui. Mas se você preferir, poderemos ir juntos.

— Não se preocupe. Não quero lhe dar mais esse trabalho. Você já ajudou bastante dando essa indicação.

Cortez parecia um pouco indeciso. Dava a impressão de que queria falar algo, mas não tinha certeza se deveria.

Raul percebeu essa indecisão e abriu espaço:

— Você quer acrescentar alguma coisa?

— É que... Não sei qual a natureza do problema que despertou seu interesse no espiritismo. Desculpe, mas se você não achar que é invasão de privacidade, acho que seria interessante você me dar mais dados a respeito, porque eu quero ter certeza de que estou indicando o caminho certo.

Raul coçou a cabeça. Na verdade, não gostaria de falar sobre o assunto com ninguém, mas confiava inteiramente em Cortez. Era um dos primeiros funcionários contratados da agência e nunca lhe causara aborrecimentos. Considerava-o um profissional ético e disciplinado, apesar de seu jeito brincalhão passar outra imagem àqueles que não o conheciam bem.

— É... Eu já tinha pensado nisso. Por isso baixei as persianas.

— Mas veja bem, Raul, não estou querendo bisbilhotar nem ser curioso. É que quero estar seguro se esse assunto é mesmo para ser tratado por um médium.

— Antes que eu lhe conte o que me levou a falar com você, comece me falando um pouco sobre essa história de reencarnação. O pouco que já ouvi sobre o espiritismo quase sempre incluiu esse assunto. Inclusive já li alguns romances e já assisti a alguns filmes que abordam esse tema, mas sempre considerei que fosse obra da mente criativa dos roteiristas. Acho que me enganei, mas preciso de mais esclarecimentos. Talvez, se eu entender essa parte, tenha mais facilidade para entender a doutrina como um todo.

— É, faz sentido...

Cortez se ajeitou na poltrona, apoiou seus braços enormes sobre a mesa para ficar mais próximo de Raul e começou a falar em tom professoral:

— Para começar, é preciso aceitar a realidade de que as pessoas não têm apenas uma vida. Nesta vida ou, como dizemos, nesta encarnação, estamos todos aqui de passagem. Na verdade, temos vidas sucessivas e em cada uma delas nos é dada a oportunidade de evoluir em todos os sentidos. A esse processo de uma alma retornar à vida terrena em outro corpo e em uma época diferente da vida anterior dá-se o nome de reencarnação. Claro que muita gente contesta essa teoria ou simplesmente não acredita. No entanto, a reencarnação faz parte de religiões orientais há milhares de anos. Os egípcios, os hindus e os gregos já defendiam esse retorno da alma em outro corpo. O mundo ocidental tomou conhecimento desse assunto justamente por meio do espiritismo, que lhe deu uma visão mais ampla, afirmando que os espíritos reencarnados voltam não apenas para corrigir erros de vidas passadas, mas para que a humanidade tenha oportunidade de progredir.

Raul olhava fixamente para o funcionário, prestando muita atenção ao que ele explicava. Mas fez uma breve interrupção para esclarecer uma dúvida:

— Quer dizer que eu já tive outra vida antes desta?

Raul se surpreendeu com a resposta:

— Outra vida, não. Muitas outras vidas, desde tempos imemoriais.

— Mas como é que eu não me lembro de nenhuma delas?

— Não poderia e nem deveria. Se as pessoas lembrassem dos detalhes das suas vidas passadas, suas vidas atuais seriam enormes confusões — então, Cortez deu um sorriso maroto. — Imagine, por exemplo, se você e seu pai ou sua mãe lembrassem que em outra vida foram inimigos mortais? Como é que iriam se sentir em relação um ao outro nesta encarnação?

Raul também sorriu, mas ficou pensando a respeito. O assunto era instigante, por isso ele achava difícil permanecer apenas como ouvinte passivo. Quis esclarecer logo mais uma dúvida.

— Quanto tempo uma pessoa, depois que morre, leva para reencarnar?

— Não há uma regra imutável. Geralmente demora muito tempo, mas pode variar em função da necessidade do plano espiritual de resolver problemas deixados pendentes pela pessoa durante sua existência. Depende também da necessidade da pessoa de cumprir uma missão que lhe foi designada e, principalmente, da necessidade de ela realizar outras missões às quais não temos acesso e nas quais nem podemos interferir. Enfim, pode haver exceções, e uma reencarnação acontecer excepcionalmente de forma quase imediata. É muito raro, mas pode acontecer.

Depois de pensar por um instante, Raul levantou-se e sentou na poltrona ao lado de Cortez, aparentemente satisfeito com as explicações do rapaz.

— De fato, esse assunto é fascinante. Preciso ler e me informar mais sobre reencarnação, pois fiquei interessado. Depois você me recomenda alguns livros a respeito — pigarreou e mudou o tom de voz para mais grave. — Bem, vamos ao assunto principal. Preciso contar-lhe o que está acontecendo para você me dizer se estamos falando ou não de um caso da alçada do espiritismo.

Contou todos os episódios envolvendo a filha e a esposa, desde o encontro com Bruna, na festa de aniversário de Raquel, em que o próprio Cortez esteve presente com a esposa, narrou tudo em detalhes.

Cortez ouvia atentamente, amparando o queixo com a mão. Quando terminou, Raul ficou esperando por uma explicação.

— Qual é mesmo a idade da sua filha? — perguntou Cortez.

— Seis anos.

— Nós acreditamos que, até os sete anos, as crianças ficam muito receptivas a contatos com seres espirituais. Inclusive, alguns podem aproximar-se tanto da criança, sobretudo quando há uma forte ligação afetiva, como no caso de parentes, que a criança pode chegar a “ler” e a reproduzir os pensamentos do espírito. Ou pode ter seu comportamento alterado por influência do espírito, que usa a energia da própria criança para isso.

— Incrível! Mas o que você acha de tudo o que lhe contei?

— Olha, chefe, foi bom você ter me contado. Porque eu acho que, sim, o assunto é da alçada do espiritismo. Mas eu gostaria de dar uma sugestão, se você me permite. As crianças exigem um tratamento espiritual muito especial. Por isso, eu sou da opinião que, num primeiro momento, seria interessante uma conversa entre você, sua esposa e um médium. Minha ideia é poupar sua filha de uma exposição antes de termos absoluta certeza de que o problema se concentra mesmo nela e não, por exemplo, na sua esposa. Inclusive, para manter a privacidade de vocês, essa consulta poderá ser feita na casa do médium e, na minha opinião, o quanto antes.

Ficaram ambos em silêncio, pensativos.

— O que você sugere que façamos de imediato? — Raul queria um direcionamento prático.

Cortez já tinha a resposta pronta:

— Deixe-me primeiro falar com um médium que conheço, o Durval, com o qual trabalho e é da minha inteira confiança. Além de ser um grande amigo meu, é um espírita muito experiente, muito dedicado e de ótimo coração. Se você estiver de acordo, posso contar para ele tudo que

ouvi de você. Com certeza ele nos dará uma orientação. Depois você e sua esposa decidem o que fazer.

Raul ponderou um pouco e achou que era o melhor caminho a seguir:

— Faz sentido. Vamos deixar combinado assim — e levantaram-se.

A conversa estava encerrada. Mas, antes de Cortez sair, Raul segurou-lhe o braço:

— Quero te pedir duas coisas.

Cortez sorriu:

— Uma delas eu até já sei: sigilo absoluto. Acertei?

Raul sorriu satisfeito com a sensibilidade do seu funcionário, que disse logo em seguida.

— Quanto a isso pode ficar tranquilo. Só comentarei isso com o Durval. E a segunda coisa?

— Rapidez. Quero esclarecer tudo de uma vez por todas e o quanto antes. Eu e Raquel estamos com o nosso emocional muito abalado e isso não é bom nem para a família nem para o trabalho.

— Deixe comigo, chefe.

Cortez já ia saindo quando Raul o chamou. Ele voltou-se para ouvir:

— Obrigado, amigo. Em meu nome e de Raquel.

Cortez fez um gesto com a mão que queria dizer “ah, deixa disso...”, e voltou ao trabalho.

## Capítulo 24

Se ainda restava alguma dúvida a Raul quanto a ser o certo abrir o assunto com seu funcionário Cortez, ela dissipou-se inteiramente quando, ao chegar em casa, ouviu o relato de Raquel sobre o que acontecera pela manhã na cozinha com ela e Kátia. Felizmente, ainda que o ocorrido a tivesse perturbado muito, Raul podia notar que ela já estava mais calma. Então, pôde narrar em detalhes toda a conversa que tivera com Cortez.

Para alívio de Raul, ela não fez nenhum reparo à forma e ao conteúdo da conversa. Mostrou-se compreensiva e achou que a sugestão de terem uma conversa prévia com o médium era bastante coerente e que assim deveriam agir.

Depois, Raul ficou alisando o próprio queixo e, olhando sua esposa sem que ela percebesse, ficou pensando:

“Caramba!. Minha mulher está mudando muito... E para melhor, claro. O que será que está causando essas transformações positivas?”

\*\*\*

A saúde de Raquel melhorava a olhos vistos. Os sintomas desagradáveis da hipertensão haviam sumido. Ela tomava os remédios

rigorosamente nos horários determinados pelo médico e seguia à risca a dieta definida pela nutricionista que tinham procurado logo após a consulta ao médico. Só faltava criar coragem para começar a frequentar uma academia.

Por enquanto, ela e Raul haviam decidido fazer caminhadas leves em volta do prédio. Era uma rua tranquila, com várias guaritas de segurança, portanto não haveria perigo.

Tais providências e novos comportamentos deixaram Raquel mais calma. E sem que ela soubesse, passou a receber poderosa ajuda invisível. O fato é que o novo e harmonioso estado de espírito de Raquel permitiu que espíritos de luz se aproximassem dela e fossem positivamente recebidos pelo espírito dela, mesmo inconscientemente.

Quando os espíritos de luz se aproximam de uma pessoa para dar-lhe orientação, esta pode captar intuitivamente suas mensagens ainda que as considere fruto de suas próprias reflexões.

Assim, diante de todos os acontecimentos recentes, Raquel vinha pensando muito na relação que tivera com sua mãe durante toda a infância, adolescência e parte da vida adulta. Estava quase concluindo que exagerara ao cobrar de sua mãe que tivesse sido uma pessoa diferente. Afinal, como qualquer criatura, ela tinha todo o direito de escolher quem e como gostaria de ser e, apesar de todas as acusações da filha, levava a vida que realmente quis: cuidando do marido e da filha.

Em meio a tais pensamentos, não deixou de fazer uma autocrítica: afinal, alguém também poderia criticar a vida que ela própria levava, trabalhando o dia todo e deixando Kátia entregue às professoras da escola. Não poderia ser visto como uma transferência de responsabilidades? Sua filha só tinha seis anos e não tinha sua mãe por perto durante a maior parte do tempo.

E quanto a Antero, seu pai? Que atenção dera a ele depois de viúvo? Fora justo e correto deixá-lo morando sozinho, com a idade avançada, depois de todo o tempo que ele levou criando-a, educando-a, protegendo-a?

Raquel sentiu-se muito desconfortável com aquelas reflexões. Algo em seu íntimo lhe dizia que cometera um grande erro de comportamento na convivência com seus pais.

Todas essas reflexões, que Raquel julgou serem frutos de seus próprios pensamentos, na verdade haviam sido captadas por ela a partir das orientações emanadas dos espíritos de luz que se aproximaram dela, por entenderem que ela precisava de ajuda espiritual além da ajuda médica que vinha recebendo. Quando bem planejadas e bem dosadas, essas duas terapias se complementam maravilhosamente.

Tão bem-disposta estava, que passou a concentrar sua atenção na conversa que ela e Raul teriam com o médium Durval.

\*\*\*

Como prometera ao seu chefe quando conversaram, Cortez procurou pelo médium, Durval, assim que chegou em sua casa naquela mesma noite. Por telefone, acertaram um encontro e, algumas horas depois, estavam sentados frente a frente na aprazível varanda da casa do médium.

— Meu amigo, Durval, eu não estaria incomodando você se não fosse por uma boa causa.

— Que é isso, rapaz! Até parece que você não me conhece direito!

— Justamente por conhecê-lo bem e saber que está sempre disposto a ajudar quem precisa, tomei a liberdade de vir aqui de forma quase inesperada.

— Fique à vontade, Espanhol.

Era essa a maneira carinhosa do médium de tratar o amigo de longa data.

— Trata-se do meu chefe, o Raul.

— Ah, o Raul! Você já me falou a respeito dele. Parece gente boa, não é mesmo?

— Gente muito boa.

— O que está acontecendo com ele?

— Na verdade não é bem com ele. É com a mulher dele, a Raquel, que também é minha chefe e também gente muito boa. O problema é com ela e com a filhinha deles de seis anos, a Kátia.

— Muito bem, o que está acontecendo com eles?

Cortez contou-lhe todos os episódios de que tinha conhecimento, tudo conforme ouvira de Raul. Relatou desde o início, ou seja, desde o infarto de Estela até os episódios mais recentes. Antes de dar por encerrada sua exposição, fez uma rápida revisão mental para ver se havia esquecido de algum detalhe importante, mas concluiu que, na medida em que sua memória ainda era confiável, não esquecer nada.

Durval, que ouvira tudo em silêncio e de forma atenta, coçou as têmporas, ficou olhando o teto por alguns instantes em profunda reflexão, e finalmente falou:

— Em princípio, e tomando como base as informações que você acaba de me passar, o diagnóstico me parece simples: o espírito da avó quer se comunicar com a filha e está usando a neta para isso.

— Eu também havia pensado nessa possibilidade. Mas não achei que minha competência fosse suficiente para achar coisa nenhuma.

— Pois você devia aprender a confiar mais não apenas em você mesmo, mas principalmente nos seus mentores espirituais que “sopram”

essas coisas ao seu ouvido. Ou você já se esqueceu que muitas das brilhantes ideias e intuições que temos são na verdade de autoria deles, que nos passam essas dicas?

— Puxa, é verdade... Não esqueci, mas também, na hora, não pensei nessa possibilidade... Caramba, mas, também, era o meu chefe que estava me contando e você sabe que na frente do chefe a gente fica meio inibido...

— Não precisa se justificar, Espanhol, estou brincando com você. Mas a primeira impressão que a gente tem quando ouve essa história é que se trata de manifestações da avó desencarnada. Mas a intenção dela ainda não dá pra saber.

— O que você sugere?

— Peça ao casal para vir aqui. Teremos a oportunidade de conhecê-los pessoalmente e poderemos obter mais detalhes sobre os acontecimentos, sobretudo sobre a qualidade das relações deles com a avó. Algo me diz que há linha cruzada por aí.

— A garotinha precisa vir também?

Durval pensou um pouco antes de responder:

— Por enquanto, não. Vamos preservá-la disso tanto quanto possível. E mesmo assim, se eu estiver certo, ela pouco poderá contribuir, pois é elemento passivo, está apenas sendo usada pela avó.

Cortez levantou-se:

— Meu amigo, mais uma vez lhe agradeço muito.

— Que é isso, rapaz! Você sabe que pode sempre contar com a gente.

— Quando eles poderão vir?

— Se puderem, amanhã será um bom dia.

Assim, o encontro ficou agendado para a noite seguinte, mas sem a presença de Cortez. Poderia haver algum constrangimento, já que se tratava de seus chefes no trabalho.

\*\*\*

Para que pudessem sair à noite para encontrar o médium, Raquel pediu ao pai que fosse dormir no apartamento deles para tomar conta da neta.

O avô aceitou de imediato o convite. Antero não perdia nenhuma oportunidade de estar com a neta.

Como ele morava longe da residência do casal, naquele dia Raul saiu um pouco mais cedo da agência e foi buscá-lo. Quando chegou à casa do sogro, ele já estava pronto, esperando na porta.

Durante o trajeto, Antero parecia muito feliz não apenas pela agradável oportunidade de rever a neta e ficar mais um pouco com ela, mas também pelo passeio. Eram muito raras as vezes em que calhava de ir até a região central da cidade. Não tinha mais ânimo para enfrentar as longas filas de ônibus nem de suportar o trajeto espremido entre uma multidão de passageiros. Também lhe dava nos nervos ver a pressa com que as pessoas se movimentavam no centro da cidade. Todos pareciam sempre atrasados para algum compromisso muito importante.

Era fim de tarde, mas ainda não escurecera. Dessa forma, Antero podia perfeitamente apreciar a cidade. Estava deslumbrado. A certa altura, comentou com o genro:

— Faz muito tempo que não vejo isso aqui! Está tudo tão diferente, tão mudado... Nem parece a São Paulo que conheci.

Raul queria muito aproveitar aquela oportunidade a sós com Antero para perguntar-lhe sobre a relação de Raquel com a mãe, mas não tinha

coragem. Não queria trazer lembranças tristes à tona. Para ele, ainda eram um mistério as razões dos ressentimentos da esposa em relação à mãe.

Felizmente, a oportunidade surgiu por acaso. Em certo momento, Antero perguntou:

— E a Raquelzinha? Como está? Melhorou?

“Raquelzinha... É como se ela ainda fosse uma criança...”, pensou Raul com ternura.

— Agora está bem. Depois que iniciou os tratamentos médicos e a dieta, melhorou muito. Está muito bem, sem nenhuma queixa dos sintomas que a incomodavam. Os remédios, ela os toma direitinho, mas o duro é convencê-la de que é preciso fazer exercícios...

Antero deu uma risada fraca:

— Ah, meu amigo, isso não vai ser fácil. Raquelzinha sempre foi muito teimosa, Sempre fez só o que quis...

Raul achou que aquele era o momento. Era a brecha perfeita para satisfazer suas curiosidades:

— Por isso ela e a mãe brigavam tanto?

Antero ficou um momento em silêncio, sempre olhando a paisagem pela janela do carro. Falou com certa tristeza:

— Na verdade, elas não brigavam. Raquel é que brigava com a mãe.

— Sério? — Raul fingiu surpresa, apenas para alimentar a conversa e encorajar o sogro a continuar falando.

— Estela era uma santa. Não reclamava, não brigava, não exigia nada. Acho até que era calma demais.

— Mas, então, por que aconteciam as discussões?

— Não havia discussões. Parecia que minha mulher tinha algum problema nas cordas vocais porque quase não reagia. Só Raquel falava;

ou melhor, gritava. Ela tinha umas broncas da mãe que eu nunca entendi. Lembro que ela alegava que passava necessidades, que passava vergonha com as amigas da rua e da escola porque não tinha dinheiro para acompanhá-las aos lugares chiques que iam. E a culpa, segundo Raquel, era da mãe, que nunca tinha estudado, nunca tinha tido um emprego decente, que não sabia se apresentar em público. Acho até que ela tinha vergonha da mãe.

Raul continuava dirigindo em silêncio, ouvindo Antero com atenção.

— Não sei por que ela não culpava a mim também — Antero continuou. — Talvez porque soubesse que minha saúde não me permitia trabalhar, não sei. Só sei que, aos olhos dela, a culpada era sempre a mãe e ninguém conseguia convencê-la do contrário.

O sogro fez nova pausa. Antes de continuar, tirou um lenço branco e amassado do bolso traseiro da calça para passar nos olhos. Lágrimas escorriam por sua face envelhecida.

— O que Raquelzinha nunca soube e jamais saberá é que, a cada desabafo, a cada queixa, a cada gritaria, minha mulher se trancava no quarto para chorar — e enxugou novamente os olhos.

Raul estava sinceramente constrangido.

— Eu... eu nem sei o que dizer, seu Antero.

— Não precisa dizer nada, filho. Na época, eu também não sabia o que dizer. Talvez eu até seja culpado por não ter interferido, por não ter usado minha autoridade de pai para fazer Raquel respeitar mais a mãe.

Raul pensou em perguntar “e por que não fez nada?”, mas achou que seria crueldade. No entanto, Antero parecia ter adivinhado seu pensamento:

— Nunca interferi, porque, apesar de tudo, eu adorava minha filha. Sabia que ela estava errada e que um dia iria se arrepender amargamente

de tudo o que fizera à mãe, de todo o sofrimento que lhe causara. Mas esse dia ainda não chegou e parece que nunca vai chegar.

Antero assoou fortemente o nariz e guardou o lenço e continuou:

— De uma coisa você pode ter certeza, meu rapaz. Minha mulher morreu guardando a grande mágoa de não ter ouvido a filha lhe pedir perdão. Essa mágoa ela levou para o Céu, onde deve estar agora.

Por alguma razão que não saberia explicar, Raul sentiu calafrios ao ouvir aquela frase.

\*\*\*

— Vovô!

Foi uma explosão de alegria quando chegaram em casa. Kátia surgiu correndo para abraçar o avô. Raquel também logo cumprimentou o pai, embora timidamente. Talvez um pouco menos tímida do que da última vez em que haviam se encontrado.

O carinho da neta com o avô era permanente. Kátia fez questão de levar o avô até seu quarto, mostrou-lhe os desenhos que havia feito, os brinquedos novos, seu material escolar... e não parava de falar.

Enquanto isso, Raul e Raquel se preparavam para encontrar o médium.

Antes de sair, deixaram anotados num papel, ao lado do telefone, os números de seus telefones celulares.

— Se houver necessidade, papai, ligue para qualquer um de nós. Não deveremos demorar.

Kátia fez questão de ir com o avô até o estacionamento no subsolo do prédio. Ficaram acenando com a mão enquanto o carro se afastava, subindo a rampa que dava acesso à avenida.

# Capítulo 25

Dos Jardins, onde moravam, até Santana, o trajeto era longo. Raul e Raquel falavam de amenidades, para evitar conversas sobre o assunto que os intranquilizava.

O distrito de Santana se localiza na zona Norte da cidade. É um bairro antigo e de valor histórico. Sua criação data de 1898, tendo sido inicialmente chamado de Paz de Santana. Durante muito tempo, ficou isolado do resto da capital devido a barreiras naturais, como o rio Tietê e a Serra da Cantareira.

No entanto, ao longo dos anos, o grande desenvolvimento industrial e a riqueza proporcionada pelo ciclo do café fizeram com que a região tivesse um rápido crescimento. Hoje é um importante centro socioeconômico regional, atuando como catalisador principalmente de comércio, serviços e lazer. É onde se encontra um dos maiores centros de feiras e exposições nacionais e internacionais da cidade, o *Pavilhão do Anhembi*.

Também se destacam no bairro o *Terminal Rodoviário do Tietê*, um dos mais movimentados do país, e o *Aeroporto Campo de Marte*, que constituiu a primeira infraestrutura aeroportuária de São Paulo.

Não foi difícil para Raul e Raquel acharem o endereço buscado.

O médium se chamava Durval e sua esposa, Zélia. Moravam com as duas filhas num sobrado amarelo e branco de dois andares, mas sem vizinhos conjugados. A casa era cercada por um jardim bem-cuidado e apinhado de flores.

Para acesso à entrada principal da casa, era preciso percorrer um caminho de pedras recortadas que se iniciava no portão de ferro. Três degraus completavam o acesso à casa.

“Felizmente são apenas três degraus...”, pensou Raquel, receosa de que sua fobia se manifestasse ali.

Na frente da porta de entrada, havia uma confortável varanda, com muitas plantas e duas cadeiras de balanço, onde provavelmente os moradores se compraziam com agradáveis conversas entre amigos nas noites quentes de verão.

Ele os recebeu na porta, acompanhado da esposa. As apresentações foram muito abreviadas tendo em vista que Cortez já se encarregara de falar dos seus chefes.

Os donos da casa formavam um casal simpático de uma educação refinada e distinta. Ele falava baixinho, com um tom de voz quase sibilante. Usava óculos sem aro, tinha bigode e ostentava uma vasta cabeleira que começava a ficar grisalha nas têmporas. Sua esposa parecia mais informal ainda, muito sorridente, e seus cabelos negros também já denunciavam a ação do tempo, com sinais da maturidade: fios brancos já se mostravam em razoável quantidade. Pelos cálculos de Raul, a idade de ambos devia girar em torno dos cinquenta anos.

Como “aquecimento” para a conversa principal, Raul falou um pouco dos seus negócios, dos seus projetos e da família.

Por sua vez, Durval falou da sorte de terem conseguido aquela enorme casa, uma raridade naqueles dias: sem vizinhos geminados, com

jardim e quintal. Falou também da sua família; tinha duas filhas de dezoito e vinte anos que, naquele dia tinham ido dormir na casa de amigas — provavelmente um acerto do casal para deixá-los a sós.

— Vocês desculpem a simplicidade da nossa casa — desculpava-se o médium, sem motivos —, mas podem acreditar que os estamos recebendo com o coração aberto.

Raul retrucou educadamente:

— Oh, não se preocupe. Além disso, acho que o senhor está sendo modesto. Vocês têm uma bela casa.

— Obrigado, Raul, mas, por favor, vamos esquecer os “senhor” e “senhora”. Somos todos amigos e, mais do que isso, somos todos irmãos. Você sabe que uma das minhas filhas, a mais nova, quer estudar propaganda e marketing?

— Verdade? Que interessante!

— O que você acha dessa opção?

— Veja, Durval, eu não tenho queixas. Não é, meu bem? — e voltou-se para Raquel, buscando sua opinião. Depois continuou:

— Como em toda profissão, a concorrência é grande e nem sempre leal, mas é um trabalho muito divertido, muito gratificante e eu diria até que é uma das poucas profissões em que praticamente não existe o famoso preconceito machista contra as mulheres.

Zélia, que tinha se ausentado da sala para pegar uma bandeja com copos e uma jarra de água que depositou sobre a mesinha de centro, voltou a sentar-se ao lado do marido, manifestando-se entusiasmada com a informação:

— Ah, que boa notícia! Já é hora de nós mulheres termos as mesmas oportunidades — e deu ênfase à expressão seguinte — e os mesmos salários que os homens.

Durante mais algum tempo falaram sobre amenidades.

Quando os assuntos introdutórios foram se esgotando, Raul pensou que já era o momento de introduzir o tema que os levava até ali. Além disso, não convinha tomar muito o tempo do gentil casal.

— Bom, não sei até que ponto nosso amigo Cortez detalhou o assunto para vocês.

Durval balançou a cabeça negativamente.

— Na verdade, muito pouco, apenas os pontos principais. No geral, ele foi muito discreto, evitando entrar em detalhes. Disse apenas que o problema envolvia sua filhinha de seis anos.

“O velho e bom Cortez! Eu sabia que podia confiar nele”, pensou Raul, agradecido ao funcionário pela descrição.

O casal inspirava tanta paz e confiança, que Raul sentiu-se à vontade para falar sem inibições:

— Na verdade, nem sabemos se o assunto deveria ser trazido a vocês, mas o bom senso nos dizia que não era coisa para médicos nem psicólogos — serviu-se de um pouco de água, tomou uns goles, repôs o copo na bandeja e continuou. — Nossa filha Kátia é muito inteligente e saudável. Vai indo muito bem na escola e não nos dá nenhum trabalho em termos de disciplina. Portanto, como parece não haver problemas de natureza clínica, ficamos receptivos a outras alternativas, e uma delas nos trouxe até aqui por recomendação de amigos e do Cortez.

— Fique à vontade, Raul. Se o assunto também não for da nossa alçada, diremos e, se for o caso, faremos a recomendação que nos parecer mais adequada. De qualquer maneira, nossa amizade já está feita e pode contar conosco para ajudá-los no que for possível.

Raul depositou sobre a mesinha de centro o copo de água que vinha bebendo. Cruzou as mãos e começou a relatar os fatos, mas

antes fez uma observação dirigida à Raquel.

— Peço à minha mulher que complemente ou corrija qualquer coisa que eu disser e que não esteja de acordo com a realidade.

Ela assentiu com a cabeça e sentou-se mais próxima do marido, enlaçando seu braço ao dele.

Todos os episódios foram minuciosamente relatados para o casal de médiuns. De vez em quando, Raquel adicionava alguma observação ou esclarecimento. Ambos sentiam-se muito bem. Era um verdadeiro desabafo para pessoas de confiança.

Durval e Zélia ouviam com grande atenção, sem interromper. De vez em quando, um olhava para o outro, como se algum trecho da narrativa de Raul contivesse um detalhe muito significativo para eles.

Quando terminou com a narrativa, Raul serviu-se de mais água. O calor, ou a ansiedade, deixava-o sedento.

— Esqueci de algum detalhe, querida? — perguntou à Raquel, para certificar-se de que os relatos haviam sido completos.

— Não, amor. Você foi perfeito.

Durval recostou-se na poltrona onde estava ao lado da esposa:

— Bem, também peço a minha mulher que me corrija se eu disser algo incorreto ou inadequado.

Zélia assentiu com a cabeça, e ofereceu a Raquel um pouco de água ou um suco. E a moça aceitou com satisfação.

— Nós somos espíritas há cerca de trinta anos. Começamos cedo, por volta dos nossos vinte anos de idade. Praticamente crescemos num centro espírita, graças à fé e à prática dos nossos pais.

Aquele dado validava a dedução que Raul fizera da idade deles ao chegarem: algo em torno de cinquenta anos.

Em seguida, Durval continuou:

— Para nós, praticar o bem é um objetivo e se torna uma realização quando podemos ajudar alguém. Deus nos concedeu o privilégio da mediunidade. Por isso, temos a obrigação de desenvolver e praticar esse dom com toda a boa vontade, honestidade, ética e desprendimento. Inclusive, ao longo dessa experiência e dessa prática, fizemos todos os cursos de formação necessários para uma boa conduta nesse aspecto.

Raul achou necessário enfatizar:

— Veja, Durval, não precisa apresentar suas credenciais de médium; temos toda a confiança na competência e integridade de vocês dois.

Durval e Zélia sorriram agradecidos:

— Eu sei, meu caro Raul, mas é importante que eu reforce essa confiança, informando um pouco dos nossos antecedentes e da nossa experiência — fez uma pausa para também tomar alguns goles de água. A noite estava mesmo muito quente. — Eu lhes peço apenas que me concedam alguns minutos antes de continuarmos.

Raul e Raquel estranharam o súbito pedido do médium, mas julgaram tratar-se de alguma ação prévia necessária. Afinal, como leigos, deveriam aceitar as “regras do jogo”.

Raul foi gentil:

— Claro, fique à vontade.

Durval saiu da sala e deixou a esposa conversando com o casal. Zélia aproveitou a pausa para falar de suas filhas com muito orgulho e amor.

Era natural que Raul e Raquel não entendessem a saída do médium, já que tinham pouca familiaridade com o contexto espiritual. Na verdade, antes de emitir qualquer parecer sobre o assunto que envolvia a filha do casal, Durval foi consultar seus guias e mentores espirituais, pedir-lhes orientação e inspiração para ajudar corretamente o casal. Também foi pedir iluminação para o espírito que ele notou que havia entrado em sua

casa, acompanhando o casal. Tinha quase certeza de que era o espírito da mãe de Raquel.

Em um quarto da casa que ele reservava para orações, fez suas preces, suas invocações e permaneceu ali por cerca de uns vinte minutos.

Depois de falar sobre as filhas, Zélia aproveitou para mostrar a casa aos visitantes.

Era noite, mas graças aos dois postes de iluminação que ali jaziam, puderam perceber que a casa possuía um amplo e bem-cuidado quintal, protegido por altos e robustos muros, reforçado por cercas elétricas. Raul e Raquel pensaram quase em conjunto que aquilo era um lamentável sintoma da insegurança da população do bairro e que, ao mesmo tempo, mostrava quanto o ser humano em geral ainda precisava evoluir para que pudesse aprender a conviver com o próximo, seus irmãos, com respeito e ética.

Quando os três voltaram para a sala, Durval já estava à espera deles. Tinha a fisionomia ainda mais tranquila e descansada do que antes,

— Desculpem a minha saída estratégica — brincou —, mas era necessária. Voltemos ao assunto.

Sentaram-se novamente nos confortáveis sofás e poltronas da sala de estar, e Durval começou a falar. Seu tom de voz estava mais grave do que antes, menos informal. Foi direto ao assunto:

— Meus caros Raul e Raquel. Não há a menor dúvida de que sua filha Kátia vem exteriorizando manifestações do espírito da avó — e, voltando-se para Raquel, completou. — Estamos falando de sua mãe desencarnada, Raquel.

Raul e Raquel entreolharam-se um pouco assustados com a revelação tão clara e direta. Ela segurou a mão do marido com força, como se buscasse amparo. O médium continuou:

— Eu poderia ficar aqui falando horas e horas sobre as várias hipóteses que esses acontecimentos sugerem. Se vocês estiverem interessados em compreender mais profundamente o que vou lhes dizer, recomendo que passem a frequentar nossa casa espírita ou leiam alguns livros que poderei recomendar.

O casal continuava atento às palavras do médium.

— Alguns espíritos, sobretudo das pessoas que se vão de maneira repentina e imprevista, sem tempo para concluir um trabalho importante, muitas vezes buscam uma maneira de permanecer aqui na Terra ou de se comunicar com alguém de suas relações familiares ou afetivas. Nesse esforço, pode ser que encontrem um canal receptivo e se manifestem por meio dele, inclusive levando o receptor a ter certas mudanças de comportamento em alguns momentos. O pessoal que desconhece o assunto costuma chamar a isso de “encosto” — e deu um sorriso condescendente. — Essa situação costuma ser passageira, até que as entidades de luz recolham esse espírito desorientado e o encaminhem para um processo de adaptação ao seu novo mundo. Da mesma forma, se detectada e tratada num centro espírita logo nas primeiras manifestações, o assunto é rapidamente administrado e resolvido. O problema é quando as pessoas buscam orientação errada ou não dão importância. Se a situação se prolonga por muito tempo, pode se transformar em uma obsessão, e aí a coisa fica mais complicada; e às vezes até perigosa.

Raul e Raquel mal respiravam para não perder uma só palavra do que o médium dizia. Com aquela última observação dele, passaram a ficar preocupados, mas se tranquilizaram com o que escutaram em seguida:

— Não acho que isso já esteja acontecendo com sua filha. Se estivesse, os episódios estariam acontecendo com muito mais frequência e de forma mais descontrolada, perturbando o dia a dia dela e o de vocês. Se fosse uma obsessão, sua filha não teria a saúde e a alegria de viver que vocês nos descreveram.

Enquanto Durval falava, Zélia assentia com a cabeça e às vezes acrescentava algum dado ou observação à explicação do marido. Ele tirou um lenço do bolso traseiro da calça e enxugou um pouco do suor da testa. Continuou com a explicação:

— Tudo indica que a avó de Kátia encontrou nela um canal muito vulnerável e receptivo para se comunicar com você, Raquel. A angústia e o desespero de sua mãe presa no trânsito, sem poder chegar à maternidade para presenciar o nascimento da neta, desencadearam o mal súbito que a levou à transição, mas ao mesmo tempo devem ter dado a ela a energia espiritual necessária para estar na maternidade — em espírito, entendam bem. Não posso garantir, mas há uma grande possibilidade de que sua mãe, em espírito, tenha assistido ao nascimento da neta, conforme era seu desejo.

Raquel achegou-se mais a Raul.

Durval fez uma pausa para beber mais um pouco de água.

— Mas, meus caros, algo me diz que esse não é o centro do problema. Desculpem a minha franqueza, mas deve haver outros assuntos que ficaram pendentes, e que certamente têm maior peso que esse, envolvendo você e sua mãe.

Com essa observação, Durval mostrava ser uma pessoa extremamente perspicaz e sensível.

Reinou um longo silêncio na sala, enquanto Raul e Raquel processavam tudo o que fora dito. O casal de médiuns também se

manteve em silêncio, como se respeitassem o tempo de reflexão dos visitantes.

## Capítulo 26

Pela primeira vez, Raquel teve coragem de se manifestar:

— Então, quer dizer que minha filha está reproduzindo manifestações do espírito de minha mãe?

Com lentidão, Durval balançou a cabeça afirmativamente.

— É muito cedo para fazermos uma afirmação dessas de forma categórica, mas é o que parece. Pessoalmente, com os dados de que disponho, com base nas informações que vocês nos passaram, eu quero crer que sua mãe está usando uma brecha que lhe foi aberta para se manifestar.

Sem nada falar, Zélia, ao lado do marido, balançou a cabeça em sinal de concordância com ele.

— Como assim? — Raquel e Raul perguntaram quase ao mesmo tempo.

— Até completarem sete anos, as crianças são particularmente mais sensíveis e receptivas a ações do plano espiritual. Elas veem espíritos com muito mais frequência e facilidade que os adultos. Já ouviram falar dos casos tão comuns dos “amiguinhos invisíveis” das crianças?

O casal balançou a cabeça afirmativamente.

— Pois é. Ainda que a psicologia e a psiquiatria apresentem outras explicações relacionadas a carências afetivas e à capacidade de

imaginação das crianças, nós acreditamos que os “amiguinhos invisíveis” são espíritos infantis que vêm em busca de companhia. Geralmente são inofensivos.

Sim, Raul e Raquel já tinham ouvido falar de “amiguinhos invisíveis”, mas nunca haviam dado crédito àquilo. Sempre acharam que não passava de fantasia da criança, alimentada por alguns pais crédulos.

O médium retomou a explicação:

— Os espíritos desencarnados, quando chegam ao plano espiritual, recebem orientações das entidades sobre a nova situação e, dentro de algum tempo, absorvem novas atividades e novas metas de encarnação. Alguns deles, sobretudo aqueles que deixaram algum assunto importante em andamento, resistem em permanecer na nova dimensão. Muitos nem percebem de imediato que mudaram de plano. Outros se tornam rebeldes por não se conformarem com o que lhes aconteceu. Há toda uma estrutura espiritual para receber e orientar os recém-chegados, mas nem sempre as coisas acontecem de forma tão harmoniosa.

Nova pausa, novo silêncio para reflexões. Durval continuou:

— Enfim, o que quero dizer é que se um espírito desencarnado está muito ansioso para voltar à Terra para passar uma mensagem ou completar um trabalho, ele precisa encontrar um caminho, um intermediário para que consiga se manifestar. Normalmente, isso acontece durante as sessões espíritas. Para isso, os médiuns são preparados para servirem de instrumento dessa comunicação, aceitando intermediar as mensagens dos espíritos do bem e não dando passagem aos espíritos ainda não desenvolvidos. É assim que as comunicações acontecem com o outro mundo.

Fez nova pausa para verificar se o casal continuava atento. Ele sabia que nem todo mundo se interessava pelo assunto, mas não era o caso de

Raul e Raquel, que mal piscavam de tão envolvidos na explicação. O médium continuou:

— Agora, para acontecer da maneira como vem acontecendo com a filha de vocês, alguns fatores especiais são necessários, e parece que nesse caso eles estão presentes. Por exemplo: a pessoa que serve de receptora deverá ter muita confiança e até muito carinho pelo espírito que quer se aproximar e vice-versa. Ora, não haveria porque duvidarmos do amor da avó pela neta, mesmo já estando no plano espiritual. E a neta, mesmo sem ter conhecido a avó, seguiu sua intuição e a reconheceu. Portanto, não ofereceu resistência alguma em repassar suas mensagens. Em segundo lugar, é preciso que as intenções do espírito emissor das mensagens sejam positivas, benéficas. Caso contrário, as entidades superiores não permitiriam tão facilmente que um espírito do mal se aproximasse de uma criança. E, finalmente, em terceiro lugar, para servir de receptora, a criança deverá estar em condições adequadas para que o espírito se aproxime e se manifeste. Por exemplo, adormecida, sonolenta, febril, muito relaxada, distraída, e assim por diante.

Durval fez nova pausa, dessa vez para ligar um ventilador de pedestal que estava em um canto da sala:

— Tudo o que vocês nos contaram são fenômenos comuns no contexto espírita. A frase escrita na folha de papel com a letra de sua mãe é explicada pela “escrita direta” ou psicografia. Com muita frequência, presenciamos esses fenômenos em nossas sessões de manifestações. Quando a sua filha utilizava expressões típicas de um adulto, estava apenas “lendo” e reproduzindo o pensamento do espírito da avó. E as manifestações ocorridas com Kátia dormindo, ou em estado de muita sonolência, são consideradas casos de mediunidade sonambúlica. Claro que sua filha não teve nenhuma participação direta nisso tudo. Foi um

processo inconsciente. Ela, repito, apenas foi usada como instrumento para as manifestações da avó.

Durval mudou o tom de voz:

— Vocês estão conseguindo acompanhar meu raciocínio?

— Sim, claro — responderam. Raquel acrescentou:

— Mas, até quando isso vai durar? Eu não entendo do assunto, nem sou psicóloga, mas não acho justo uma criança ter oscilações de personalidade tantas vezes em tão pouco tempo.

Os médiuns assentiram com a cabeça, mas foi Durval quem respondeu:

— Você está certa. Não é justo mesmo — e é aqui que precisamos tomar cuidado com a situação. Sua mãe quis de toda forma fazer-lhe algumas advertências sobre sua saúde e, ao mesmo tempo, quis ter a oportunidade de dar e receber carinho, o que parece não ter sido tão frequente quando ela estava viva, não é verdade?

Raquel corou e baixou a cabeça, constrangida. Sim, era a mais pura verdade. Sua mãe morrera carente, sem conhecer o potencial afetivo da filha, que sempre fora reprimido.

Durval percebeu o constrangimento de Raquel.

— Por favor, não tome o que falei como crítica nem julgamento. Mas não podemos deixar de admitir que suas atitudes no passado foram fatores decisivos para que sua mãe tivesse vontade e força espiritual suficientes para voltar.

Raul estava preocupado com a afirmativa de Durval de que havia um aspecto perigoso na situação:

— O que o senhor quis dizer com “situação delicada”?

— Depois de alcançado seu objetivo, o espírito de sua mãe deverá se afastar da neta e seguir seu caminho espiritual no novo plano. Se

acontecer assim, as manifestações cessarão progressivamente, até desaparecerem. Caso contrário...

— Caso contrário...? — Raquel estava ansiosa para saber como poderia interromper aquele ciclo vicioso.

— Por enquanto, tudo indica que são positivas as manifestações de sua mãe, Raquel. Ela quer transmitir-lhe, através da neta, todo o carinho e cuidado que não teve condições de expressar enquanto esteve no plano terreno. Ela está cuidando de você, como gostaria de ter feito em vida. Está dando alertas sobre a saúde, mas, principalmente, está passando mensagens de amor de mãe para filha. O perigo está no seguinte: se você continuar a desprezar essas manifestações de afeto, o espírito de sua mãe poderá sentir-se novamente desprezado e sua atitude amorosa poderá se transformar em raiva e vingança.

Raul e Raquel se entreolharam e na expressão de ambos havia medo. Discretamente, Raquel começou a chorar baixinho e apoiou-se no ombro do marido.

Durval achou que deveria tranquilizá-la um pouco:

— Veja, Raquel, não estou afirmando que isso vá acontecer. Estou apenas levantando hipóteses e recomendando que tomemos algumas medidas preventivas. Por enquanto, posso assegurar-lhes com absoluta certeza que estamos diante de manifestações de sua mãe através de sua filha. Se o espírito de sua mãe for devidamente orientado, as manifestações cessarão e tudo voltará ao normal, como era antes.

— E como poderemos resolver isso? — Raul também estava começando a ficar muito preocupado.

— Teremos que agir rápido. Eu sugiro o seguinte: primeiro, a partir de amanhã, eu e meu grupo de auxílio espiritual faremos preces e pedidos para iluminar a alma do espírito de Estela para fazê-lo retomar

seu caminho de acordo com as leis do plano superior. Vamos convidar o espírito dela a comparecer às nossas reuniões e, nessas oportunidades, tentaremos esclarecer a situação junto a ela. Inclusive, se desejarem, vocês poderão participar dessas sessões.

— E Kátia? — quis saber o pai, ansioso.

— Com relação à sua filha, por enquanto não convém fazermos nada diretamente. Vamos aguardar o decorrer dos acontecimentos.

— Mas o que eu e meu marido podemos fazer além disso?

— Vocês dois devem orar muito pela alma da sua mãe, todos os dias e, principalmente, nos momentos dessas manifestações. Se elas voltarem a ocorrer, por favor, não tentem dar ouvidos a tais manifestações e nem fiquem nervosos com Kátia, que certamente não tem culpa de nada. Sempre que possível, estejam perto da menina, com o amor que vocês sempre dedicaram a ela. Podem ficar tranquilos que, em pouco tempo, haveremos de encontrar uma forma de conscientizar e afastar esse espírito que, podem acreditar, também está sofrendo.

Vendo que o casal mantinha o ar preocupado, Durval acrescentou:

— De certa forma, há um ponto positivo em tudo isso.

Raul e Raquel olharam o médium com incredulidade, como se perguntassem “o que pode haver de positivo nisso?”, Antes que dissessem algo, Durval esclareceu:

— A situação poderia ser pior, mais dramática. O espírito de sua mãe, desde que percebeu que não pertence mais a este mundo, poderia estar se manifestando com raiva, com agressividade, com desejo de vingança pela maneira como você a tratou em vida. Desculpe-me falar assim, mas acontece com frequência um espírito não evoluído voltar e manifestar-se de maneira muito agressiva, contundente, movido pelo desejo de vingança, de dar o troco. Pelo que vocês me contaram, sua mãe

deve ter um espírito muito bom, muito generoso, pois suas manifestações são sempre carinhosas, pacíficas e de zelo por você.

Agora Raquel chorava convulsivamente. Diante das palavras de Durval, finalmente caíra em si e percebia como agira errado com sua mãe, com atitudes impensadas. Só agora reconhecia a grandeza da conduta dela tanto em vida quanto agora, em espírito.

Os demais na sala respeitaram aquele momento de Raquel, pois perceberam a situação.

Durval continuou com mais delicadeza e tato ainda:

— Foi o que eu quis dizer com o lado positivo da situação, mas isso não quer dizer que ela deva continuar fazendo o que está fazendo. Como você mesma disse, Raquel, não é justo para Kátia.

Raquel estava se recompondo aos poucos, mas permanecia calada, abraçada ao marido.

— Vou lhes pedir um favor, se possível.

O casal ficou atento.

— Como disse, não vamos fazer nenhum trabalho no centro diretamente com a menina. Mas eu gostaria de vê-la por uns instantes. Não vou falar nem fazer nada relacionado aos acontecimentos. Apenas quero vê-la, conhecer sua aura, sua energia, fazer uma “leitura espiritual”. Não precisarei de muito mais do que alguns minutos para isso.

— Para nós isso não é problema. Como o senhor gostaria de fazer?

— foi Raul quem respondeu, pois Raquel ainda não se recuperara de todo.

— Pode ser algo simples, algo que pareça ocasional, até para não assustar a menina. Por exemplo, eu poderia me encontrar por acaso com você, Raquel, quando você for buscar Kátia na escola. Fingimos um

encontro casual de dois amigos e assim eu poderia vê-la por uns instantes, sem maiores constrangimentos.

Educadamente, dirigiu a pergunta aos dois:

— O que vocês acham?

Raul olhou para Raquel, que concordou com a cabeça. Então respondeu com segurança:

— Tudo bem, Durval. Pode ser amanhã mesmo, se for possível para você.

Como o médium fez um gesto positivo com a cabeça, Raquel escreveu o nome e o endereço da escola da filha em um pedaço de papel, sem esquecer de indicar o horário de saída.

Passaram os momentos seguintes ouvindo Durval e Zélia narrarem casos e experiências da longa vida de atividades espirituais de ambos.

Raul e Raquel saíram de lá efetivamente impressionados com o trabalho daquele casal de médiuns, mas, sobretudo, sentiam-se mais seguros para enfrentar a situação.

Durval esperou o carro dos visitantes desaparecer na esquina antes de fazer o comentário com a esposa. O casal acompanhara Raul e Raquel até a saída e permanecera por um tempo abraçados, apoiados no portão defronte à casa.

— Gostei muito deles. Parecem pessoas do bem.

— Também achei. Possuem uma aura lindíssima e pura. Não merecem estar passando por esses aborrecimentos.

— Mas agora, deixe-me perguntar uma coisa: durante nosso encontro com eles, você também viu o que vi?

— O tempo todo. O espírito da mãe de Raquel chegou com eles e acompanhou toda a nossa conversa.

— Exatamente. Não saiu de perto nem um momento. Foi também por esse motivo que dei aquela saída estratégica para ir até o meu cantinho de orações, pedir ajuda para aquele espírito não convidado...

— Mesmo assim, ela ficou ouvindo a nossa conversa.

— E, cá entre nós, não deve ter gostado nem um pouquinho do que ouviu. Tudo parece indicar que ela não quer mesmo se afastar da filha e deve ter percebido que nossa proposta de trabalho é devolvê-la ao astral. Ao que parece, ela ainda não entendeu ou não aceitou que tem outra missão a seguir no plano superior.

Durval e Zélia continuaram conversando enquanto cruzavam o jardim e se encaminhavam para dentro de casa.

— Mas você sabe, querido, acho que se trata de pessoa do bem. A energia dela não é negativa.

— Concordo com você. Dá pra perceber que ela está muito desorientada, que está ansiosa por alguma razão, mas não há indícios de que queira fazer algo de mal, nem à filha nem à neta.

— O melhor caminho para resolver isso é o que você sugeriu. Vamos convidá-la a se manifestar em nossas reuniões e, então, tentarmos convencê-la a retomar o caminho do plano espiritual.

— Também acho. Vamos torcer para que ela aceite nosso convite.

\*\*\*

Ao chegarem em casa, Raul e Raquel encontraram Kátia dormindo tranquilamente, deitada no sofá, com a cabeça sobre uma das pernas do avô, que também cochilava diante da televisão ligada. Ele logo despertou com a chegada do casal.

Seu semblante estava diferente, como se quisesse fazer um monte de perguntas. Mas já era tarde e todos preferiram ir dormir.

## Capítulo 27

Antero permaneceu em silêncio enquanto Raul dirigia para levá-lo de volta à sua casa. O dia amanhecera nublado. Havia uma neblina fina e constante, prenunciando chuva forte para mais tarde.

Raul procurou puxar conversa, pois o percurso seria longo:

— E então, seu Antero, a netinha deu muito trabalho ontem?

Antero pareceu despertar de um mundo de reflexões:

— Hã? Ah, não. Nenhum trabalho. Minha neta é um doce de menina — fez uma longa pausa. — Ela é muito inteligente...

Raul quis saber mais:

— Por que o senhor diz isso?

— Rapaz... — Antero mexeu-se no assento do carro, como se estivesse incomodado com o que iria falar. — Ela é muito inteligente. Ontem à noite ela fez uns comentários impressionantes a meu respeito... Fiquei de queixo caído — e completou com uma frase que fez Raul estremecer ao volante: — Parecia até a avó falando...

— Como assim, seu Antero? — Raul, esforçando-se para que a voz soasse normal, fez-se de desentendido, mas estava ansioso por saber mais.

— Ela fez vários comentários sobre minha vida de tempos atrás, quando a avó ainda era viva. Até me aconselhou a cuidar da saúde.

Imagine! Não sei de onde ela tirou essas coisas.

— É... — Raul disfarçou e procurou minimizar o fato. — Ela é muito esperta mesmo. Deve ter ouvido a mãe comentar sobre isso comigo e decorou...

— Pode ser, mas parecia tão... tão atualizada. Dizia as mesmas coisas que minha finada mulher dizia... — mudou o tom e tentou dar um ar descontraído ao assunto. — Bom, mas é neta, né? Essas coisas devem estar no sangue, no DNA.

— Com certeza, seu Antero. Mas pode ter certeza de uma coisa: Kátia é uma grande garota, uma grande filha. Tem ótima saúde e está indo muito bem na escola.

Depois desses comentários de Raul, Antero pareceu se acalmar. Relaxou no assento do carro e ficou observando as ruas e o trânsito, fazendo comentários esporádicos a respeito do que via.

A neblina já havia se transformado em uma chuva fina que banhava São Paulo e tornava o tráfego cada vez mais lento.

\*\*\*

Conforme combinado na noite anterior, Durval estava na frente da escola em que Kátia estudava. Dentro de poucos minutos, tocaria o sinal de encerramento das aulas e os alunos saíam aos montes. Já vira Raquel entrar no prédio. A qualquer momento, as duas saíam e ele iria ao encontro delas de uma maneira que parecesse casual.

Sem tirar os olhos da fachada do prédio, Durval se lembrava da conversa da noite anterior com os pais da menina. Era um caso interessante e, se ele estivesse certo em suas teorias, tratava-se de uma ocorrência muito rara.

Quando, na noite anterior, ele se retirara da sala para seu cantinho de preces e harmonização espiritual, seus mentores do plano superior haviam lhe assegurado que as atitudes da menina eram provenientes de manifestações da avó. De fato, ela fizera um enorme esforço de concentração para estar na maternidade por ocasião do nascimento da neta.

Fora aberta uma porta que, por razões desconhecidas, permitira a manifestação da avó pela neta apenas seis anos depois do seu desenlace. Quanto a isso não havia dúvida.

A questão era se a avó voltaria para o lugar onde deveria estar ou se pretendia permanecer mais tempo com a menina, causando transtornos e desconfortos para os pais, e inclusive atrasando a sua própria evolução espiritual no outro plano.

Durval gostara muito do casal e percebera que eram pessoas sensíveis, educadas e bem centradas, o que afastava a possibilidade de distúrbios emocionais ou psicológicos na educação da menina.

Sempre atento, o médium as avistou tão logo surgiram na porta da escola. Curiosamente, Kátia parecia recusar-se a sair; talvez por causa da chuva. Puxava sua mãe pela mão, como se quisesse retornar para dentro da escola. Durval percebeu a cena e tirou algumas conclusões que justificavam seus receios.

Como ainda chovia um pouco, o médium apertou o casaco contra o corpo, abriu o guarda-chuva e caminhou na direção delas.

Na frente da escola a algazarra era geral. As outras crianças faziam questão de contar para suas respectivas mães o que se passara na aula, naquele dia. Era uma gostosa rotina diária, emocionante de se ver. E, com certeza, mais ainda de se viver.

Quando Raquel e a filha passaram pelo portão principal da instituição e já se dirigiam ao estacionamento, Durval aproximou-se, procurando ser o mais natural possível:

— Olá!

Raquel fingiu surpresa:

— Olá, seu Durval! Passeando por aqui? — percebia-se que Raquel estava meio constrangida, talvez pela artificialidade da situação. Não tinha o hábito de mentir para a filha.

— É, estou conhecendo a região — e brincou com Kátia. — E quem é esta menina tão linda? — e enviou à garota um amplo sorriso que, no entanto, não foi correspondido. Ele procurou disfarçar o desapontamento. — Nossa, como você é séria, menina! Como é o seu nome?

A resposta surpreendeu os dois adultos:

— O senhor sabe qual é o meu nome — disse, com uma voz madura demais para uma criança de seis anos.

Disfarçando a surpresa, Durval continuou tentando se mostrar amigável:

— Ué, como é que eu posso saber seu nome se a estou conhecendo agora?

Kátia encarava Durval diretamente nos olhos e com uma expressão de poucos amigos. Retrucou sem esboçar o menor sinal de simpatia:

— Mas o senhor conhece meus pais. Eles devem ter lhe dito meu nome.

O médium estava realmente desconcertado, não menos que Raquel. Ele achou por bem não insistir, até porque já percebera o que queria com aquele breve encontro. O que vira e ouvira já era suficiente.

Despediu-se meio sem graça.

— Bom, já que você não quer me dizer seu nome, eu vou embora — trocou mais algumas palavras sobre o tempo com Raquel, mas sempre olhando para Kátia, que, da mesma forma, não parava de fitá-lo de forma nada amistosa. — Depois eu ligo para cumprimentar o Raul pela bela filha que vocês têm, combinado?

E se afastou, tentando evitar as inúmeras poças de chuva que se acumulavam na calçada.

Não havia gostado nada da forma como fora recepcionado, e certamente a culpa não era da garota. O espírito da avó estava ao lado deles e sabia das intenções do médium. Sua reação pouco amistosa significava que, pelo menos por enquanto, não queria deixar o mundo terreno.

\*\*\*

No trajeto de volta para casa, Kátia não falou nada com a mãe. Era hábito dela voltar para casa conversando o tempo todo, contando algum acontecimento da classe, falando sobre as coleguinhas ou sobre uma nova professora, coisas do seu cotidiano. Mas agora estava em completo silêncio. Raquel ainda tentou rompê-lo:

— Tudo bem, filhinha?

— Tudo — limitou-se a responder a garota, de forma inexpressiva.

— Por que você está tão quietinha?

— Por nada — o tom era absolutamente impessoal. Parecia um adulto contrariado, mas que não desejava conversar a respeito.

Raquel achou melhor não insistir. Ligou o rádio e ficou prestando atenção ao trânsito, que piorava a cada momento.

\*\*\*

Naquele mesmo instante, Durval também retornava à sua casa.

Estava impressionado com a reação da garota. Para ele, o que acontecera durante o breve encontro tinha uma explicação muito simples. O espírito da avó percebera quem ele era e quais eram suas intenções. Por isso fora tão resistente e quase agressiva com ele. Isso significava que o que ele temia estava por acontecer — ou talvez já estivesse acontecendo.

O espírito da avó estava gostando da situação, de estar novamente junto da filha e, não percebendo que estava prejudicando a neta, resistiria em se afastar e seguir seu caminho espiritual. Por isso tratara Durval com tanto antagonismo. Raul precisava ser informado daquilo.

O médium estacionou seu carro num local permitido e discou o número de Raul no celular. Este, por sua vez, atendeu imediatamente, pois reconheceu o número de Durval no visor do seu aparelho:

— Como vai, Durval? Alguma novidade?

O médium narrou o que acabara de acontecer, finalizando:

— Raul, precisamos agir rapidamente. Vou reunir hoje à noite meu grupo de intervenção espiritual para começarmos um trabalho de orientação ao espírito de sua falecida sogra e fazê-la parar de usar a neta como instrumento de comunicação com a filha. Hoje à noite vamos tentar conversar com ela numa sessão especialmente programada para isso, e procurar convencê-la a voltar para o mundo ao qual pertence agora.

Raul agradeceu e desligou, mas ficou muito preocupado. Decidiu ir mais cedo para casa.

## Capítulo 28

Clotilde era muito discreta e procurava ficar afastada dos patrões sempre que percebia que eles estavam conversando sobre algo de natureza íntima ou pessoal. Tal atitude fazia parte da educação primorosa que recebera de sua mãe. Lembrava sempre das palavras dela: “— Ser pobre não é justificativa para ser mal-educada.”

Clotilde concordava plenamente e procurava traduzir isso com um comportamento atencioso e educado.

No entanto, não havia como não perceber que dona Raquel não estava bem de saúde. Certa vez em que estava servindo a mesa, ouvira o seu Raul falar sobre estresse.

Ela continuava achando que o problema de sua patroa não era só estresse. Depois de sua ida ao centro, na semana anterior, tinha certeza. Ouvira do espírito de dona Estela o que ela estava “aprontando” para ficar perto da filha, sem saber que poderia estar sugando as energias dela e enfraquecendo suas defesas imunológicas.

Tanto era verdade que Estela sabia estar agindo errado, que praticamente fugiu da conversa que estava tendo com a mesa do centro através da médium que a recebera naquela noite. Seus demais companheiros haviam ficado revoltados com a ação daquele espírito. Embora ela agisse em nome de um suposto amor de mãe para filha, o

fato era que estava usando um artifício desleal, desaconselhável e até perigoso. Por isso, o grupo combinou que voltaria a se reunir para chamar de volta aquele espírito e convencê-lo a retomar seu caminho nas esferas espirituais.

Na expectativa de encerrar o assunto, todos os membros da mesa chegaram ao centro mais cedo do que de costume. Nenhum deles aceitava o fato de uma garotinha de seis anos estar sendo usada para satisfazer os objetivos de um espírito adulto desorientado.

Naquela noite, a oração de abertura dos trabalhos foi particularmente tocante. A palestra seguiu no mesmo tom. Na verdade, a emoção era coletiva e revelava o estado de espírito do grupo para libertar Kátia daquela incumbência indesejada e inconsciente de retransmissora das mensagens da avó para a mãe.

Iniciando os trabalhos, Tobias fez o habitual convite para que se manifestassem os espíritos que assim desejassem ou necessitassem. Nada aconteceu. O convite foi repetido. Novamente fez-se silêncio como resposta. Os membros da mesa entreolhavam-se, pois tinham o mesmo pensamento. O espírito de Estela não apareceria. Deveria estar muito envergonhado ou arrependido. Mas o grupo queria certificar-se de que as manifestações não se repetiriam, por isso todos estavam inquietos com aquele silêncio.

Clotilde era a mais ansiosa. Tomara para si a tarefa de ajudar seus padrões, descobrira as causas do problema, mas estava achando que não encontraria uma solução, pois o espírito invasor recusava-se a aparecer.

Então, ouviu-se:

— O que vocês ainda querem falar comigo?

Um sentimento de alívio invadiu todos. O espírito de Estela se fizera presente através da mesma médium da última vez.

Tobias respondeu com voz serena, mas firme:

— Creio que nossa conversa da outra noite não foi encerrada de forma adequada e, convenhamos, nem educada, concorda? Sabemos que a senhora, quando estava em nosso plano, foi uma pessoa muito gentil e educada, mas não foi isso que deixou transparecer quando sumiu de repente outra noite.

— Desculpem-me. Peço desculpas a todos. Naquela noite, a primeira vez que fiz contato com um grupo espírita, fiquei assustada com o rumo que a conversa tomou.

Clotilde não se controlou:

— A senhora está prejudicando sua filha! Está prejudicando a saúde dela! E ainda está importunando sua neta que não tem nada a ver com a história!

Tobias tentou acalmar Clotilde:

— Irmã, sabemos do grande amor que você devota aos seus patrões e à filhinha deles. Entendemos a sua indignação e a sua preocupação, mas vamos manter a calma e a serenidade para que possamos reconduzir este espírito ao caminho da luz.

— Quero pedir desculpas especialmente a você, Clotilde. Tenho visto o carinho e a dedicação com que tem servido à minha filha e à família dela. Muito obrigada mesmo. Mas, antes de me condenarem, eu gostaria que vocês compreendessem o que sente e como age uma mãe.  
— disse Estela, através da médium.

Tobias voltou a falar:

— Antes de tudo, Estela, não estamos aqui para condená-la nem para julgá-la. Afinal, isto aqui não é um tribunal — alguns risos abafados e discretos foram ouvidos. — Somos seus amigos e queremos que você tenha um percurso de paz e harmonia no plano espiritual, onde você se

encontra agora. Sabemos que alguns espíritos, quando o corpo morre, levam consigo alguns sentimentos mesquinhos da Terra. Justamente por isso, quando atingem o plano superior, são submetidos a um treinamento para adaptação, aperfeiçoamento e evolução geral. Você deve ter iniciado esse programa, não foi?

— Bem... eu.... — o espírito de Estela tinha vergonha de admitir sua fraqueza ao fugir do treinamento. — Sim, eu comecei a receber as primeiras orientações. Mas não conseguia me desligar da Terra, não conseguia tirar da mente a imagem da minha filha. A todo instante eu pensava em como faria para revê-la. Mas, mesmo assim, fiz o que pude para acompanhar o programa de desenvolvimento. Eu juro a vocês que, com o passar do tempo, eu já estava quase me conformando com a situação e já nem pensava tanto na minha filha. Mas, aí...

— Aí, apareceu Francilene... — Tobias completou.

Estela ficou surpresa:

— Ué, como é que vocês sabem dela?

— Porque ela já apareceu por aqui. E nos deu um trabalhão!

Estela lembrou do jeito agressivo e autoritário do espírito dela e imaginou o que deveria ter aprontado numa reunião tranquila como aquela.

— E além de tudo, depois de ofender e xingar a todos nós, ela veio se gabar do trato que fez com você.

— Do trato? Ela contou sobre a nossa conversa?

— Contou tudo. Disse que tinha feito um trato com você, que ficou de descobrir como fazer para voltar à Terra e se comunicar com os entes queridos, sem ser pelos centros espíritas. Ela não se conforma de ter deixado o homem dela disponível para as rivais, e está muito brava com

você porque até hoje não voltou para dizer a ela como se faz para voltar...

A voz da médium que recebia o espírito de Estela fraquejou, tornou-se sussurrante:

— Cada vez me envergonho mais do que fiz... Meu Deus, como pude fazer um trato desses com um espírito tão... tão...

— Tão primitivo? Ouça, Estela, não é questão de envergonhar-se. Nossa missão na vida, seja terrena ou espiritual, é progredir sempre até atingir a maestria para ficarmos mais próximos do Criador. Até que isso aconteça, todos nós erramos, mas o importante é não repetir os erros e principalmente aprender com eles. Certamente você aprendeu uma dura lição. Mas o que tem a fazer agora é deixar de provocar as manifestações através de sua neta e retornar ao plano superior para dar continuidade ao seu programa de desenvolvimento.

Estela ficou em silêncio. Tobias insistiu:

— Estamos combinados?

Silêncio.

— Estela? Você ainda está aqui?

Todos olharam para a médium receptora. Ela já havia se recomposto.

O espírito de Estela mais uma vez se fora de forma inesperada.

\*\*\*

Clotilde voltou para sua casa frustradíssima.

Mais uma vez, o espírito de dona Estela fugira da conversa, sem assumir o compromisso de parar com as manifestações. Aquilo provavelmente significava que tudo continuaria na mesma.

Ela até se mostrara arrependida de ter feito um trato com a tal Francilene, mas não fizera nenhum comentário sobre essa prática de se manifestar através da neta.

Não, o assunto ainda não estava encerrado.

## Capítulo 29

Ao chegar em casa, Raul encontrou Raquel muito preocupada. Ela contou para o marido sobre o encontro que ela e Kátia tiveram com Durval e o telefonema que ele lhe dera minutos depois, para passar-lhe as impressões da experiência. Raul disse-lhe que ele também lhe telefonara com o mesmo objetivo.

— O pior é que, depois do encontro, quando voltávamos para casa, ela não abriu a boca. Ficou calada todo o trajeto. E assim que chegou em casa, pediu para deitar-se. Está lá no quarto até agora. Não quis comer nada, nem ler, nem assistir televisão.

— Mas ela está se queixando de alguma coisa? Alguma dor, algum mal-estar?

— Não, não está se queixando de nada. Apenas não quer conversar. Já verifiquei que ela não tem febre, nem pediu para ir ao banheiro. A impressão que tenho é que está acontecendo aquilo que Durval falou. Kátia dá a impressão de que está preocupada ou chateada com alguma coisa.

— Não sei como, mas provavelmente ela... quero dizer, o espírito da sua mãe, deve estar sabendo do trabalho que o Durval vai fazer a partir de hoje com sua equipe espiritual.

— Será isso, Raul?

— Só pode ser. Vou ligar agora para ele e dizer o que está acontecendo.

Falando baixo para que Kátia eventualmente não o ouvisse, Raul contou ao médium sobre o estado dela. A resposta não foi tranquilizadora:

— Era o que eu temia. Não é sua filha que está chateada. É o espírito da avó que, agora, está ocupando mais tempo do que antes. E está contrariada porque já percebeu que queremos que ela deixe a filha e a neta em paz. Não podemos perder tempo, Raul, temos que convencê-la a se afastar o quanto antes. Deixe-me pensar um pouco.

Foram segundos angustiantes para o casal. Raul sentia a sua pulsação na mão, que apertava o telefone. Enfim, ouviu a voz de Durval:

— Raul?

— Sim, Durval, pode falar.

— Como lhe disse, não podemos perder tempo. Tive uma ideia que acredito que funcionará, se vocês estiverem de acordo.

— Estaremos de acordo com qualquer coisa que ajude a resolver essa situação.

— Lembra-se que eu disse que faria hoje à noite uma sessão especial com meu grupo para tentar conversar com o espírito de Estela e convencê-lo a parar com as manifestações?

— Sim, claro que lembro.

— Pois a ideia é a seguinte. Reunirei meu grupo para me dar suporte espiritual através de uma sessão, enquanto eu, pessoalmente, irei até sua casa e tentarei fazer contato com o espírito da Estela aí mesmo, através da sua filha.

— Através da Kátia?

— Sim, não é através dela que a Estela tem se manifestado? Sempre através de sua filha?

— Sim, mas...

— Pois então, Raul, dessa maneira o contato será direto. Receio que, em uma sessão no centro, o espírito de Estela se recusará a comparecer ou, se comparecer, poderá sumir na hora que desejar, sem concluir o assunto. Se fizermos como estou sugerindo, será como se nós a encurralássemos.

— Mas não há perigo para a Kátia?

— Nada além daquele do que ela já está passando. E teremos a oportunidade de encerrar o assunto de uma vez por todas.

— Quem nos garante isso?

— Meu caro Raul, entendo seus temores. Ainda mais se tratando de sua querida filha, Kátia. Mas, veja, a situação está piorando e receio que, em pouco tempo, se torne incontrolável. O mundo espiritual não é tão lógico e palpável quanto o nosso. Não seria ético de minha parte dar-lhe garantias de sucesso. Tudo o que posso oferecer-lhe é a minha experiência de décadas de trabalho com o espiritismo e a fé em Deus. Sugiro que consulte sua esposa e me digam o que acham da ideia.

— Durval, há um detalhe que preciso contar-lhe.

— Pois não, Raul.

— Como você sabe, estamos muito preocupados com a saúde da nossa filha. Já sabemos que ela está com um problema de natureza espiritual, mas não sabemos até que ponto isso afetou também a sua saúde física. Assim, decidimos levar Kátia ao médico que a trata desde seu nascimento. Conseguimos uma consulta para hoje à tarde, graças à amizade que nos une. Isso não vai atrapalhar em nada seus planos?

— Não atrapalha em nada e acho ótima essa iniciativa! Assim eliminamos qualquer hipótese de causa clínica. Pode levar sua filha ao médico e fique tranquilo quanto a isso. Agora, converse com sua mulher, porque, se formos colocar meu plano em ação, preciso preparar meu grupo espiritualmente para esse trabalho.

Raul pediu permissão ao médium e ficou algum tempo dialogando com Raquel. Naturalmente, a primeira reação dela foi recusar, por achar que havia algum perigo para a filha. Depois, foi se acalmando e percebeu que não havia muitas alternativas. Além disso, confiavam no trabalho do Durval.

— Durval?

— Sim, Raul.

— Eu e Raquel estamos de acordo. Você poderá vir a hora que achar melhor.

— Graças a Deus! Eu estava orando para que vocês concordassem. Tenho certeza de que vai dar tudo certo.

Combinaram a visita do Durval para as 21 horas, quando Kátia já estaria dormindo. Segundo o médium, a garotinha não precisaria estar desperta. Melhor, pensou Raul, assim será poupada de assistir aos procedimentos ritualísticos.

Ficaram ainda conversando algum tempo sobre a proposta do médium, mas não viam outra saída. A lógica de Durval para tentar resolver o problema fazia sentido.

\*\*\*

Como a chuva fina insistia em cair, agasalharam bem a menina antes de a colocarem no carro.

Por sorte, o consultório do doutor Ferreira era relativamente próximo à casa deles. Apesar da chuva ininterrupta, em poucos minutos chegaram lá.

Raquel estava muito angustiada com a situação. Em seu desespero de mãe, sua mente trabalhava intensamente buscando soluções. Ela realmente temia que a causa espiritual descoberta por Durval pudesse causar problemas físicos em sua filha.

— É muito estresse para uma garota de seis anos.

Sim, fazia sentido o que Raquel dizia, mas Raul ponderou que, por mais que o assunto tivesse características espirituais, não se podia mesmo deixar de lado a questão clínica. Além do mais, nada teriam a perder com a ida ao médico. Pelo contrário, eles se sentiriam mais seguros sabendo que a filha não sofria de nenhum mal físico, se fosse esse o diagnóstico.

\*\*\*

Felizmente o doutor Ferreira os atendeu logo. Tinha muita consideração pelo casal, principalmente porque acompanhara Kátia desde seu nascimento. Era um médico muito religioso, que aliava seus conhecimentos científicos às suas crenças.

O casal ficou na sala do pediatra enquanto ele examinava Kátia.

A menina permanecia passiva e não fazia comentário algum, nem respondia às tentativas do médico de manter um diálogo. Limitava-se a responder “sim” ou “não” quando ele perguntava se doía aqui ou ali.

Depois de mais de meia hora de exames no corpinho de Kátia, o médico voltou-se para o casal, que aguardava com aflição alguma manifestação dele, e disse, enquanto guardava o estetoscópio na valise.

— Meus caros, pelos exames, não há nada de errado com Kátia. Não está com febre, não está se queixando de dor, não há sinais de inflamação na garganta ou nos ouvidos, não há nada irregular com os olhos, o coração, o pulmão, está tudo normal. Talvez seja uma indisposição passageira ou um princípio de resfriado, decorrente de alguma virose. Isso tem sido muito comum, tenho muitas pequenas pacientes nessa situação — levantou-se. — Por outro lado, não quero maltratá-la pedindo exames sem que o quadro peça isso. Sei que os pais sempre ficam preocupados com essas coisas, mas peço-lhes que aguardem até amanhã para ver como ela vai acordar. Vamos ver se haverá alguma evolução no quadro ou se, pelo contrário, ela vai amanhecer disposta. Acho apenas que, por precaução, não deveria ir à escola amanhã, como prevenção à hipótese de gripe.

Encaminhou-se para a porta:

— Nem vou receitar nada. Tenho quase certeza de que amanhã ela estará melhor.

Ao se despedir, ainda disse:

— Fiquem tranquilos. É algo passageiro. Mas se notarem algum sintoma diferente ou significativo, podem me ligar em casa a qualquer hora da noite.

\*\*\*

Chegando em casa, Raquel colocou Kátia na cama. O casal estava contente em saber que nada havia de fisicamente errado com sua filha. Restava agora aguardar a segunda parte.

Por longo tempo, ficaram olhando a filha agora adormecida. Vendo-a tão fragilizada, sentiam uma sensação horrível de impotência. Não

tinham a menor ideia do que deveriam ou poderiam fazer além do que já tinham feito ou estavam fazendo.

Não eram familiarizados com orações, mas naquele momento, Raquel estava pensando seriamente a respeito. Como puderam deixar de lado, durante tanto tempo, as questões religiosas? Como puderam se descuidar tanto do espírito, entregando-se à parte material da vida?

Para atravessar a noite em relativa paz, combinaram que fariam um sistema de revezamento de três horas. Raquel ficaria um pouco no quarto, depois despertaria Raul para que fizesse o turno seguinte, e assim por diante. Assim, os dois poderiam descansar um pouco e, ao mesmo tempo, fazer vigília à filha.

# Capítulo 30

Eram pontualmente nove horas da noite quando Durval chegou acompanhado da esposa.

A chuva não parara, de forma que ambos estavam com seus casacos ensopados. Raquel e Raul ajudaram a tirá-los e pendurá-los na copa, junto com os guarda-chuvas.

Sentaram um pouco na sala para que o casal colocasse os visitantes a par da consulta com o pediatra. Ficaram felizes em saber que não havia nenhum problema clínico. Ao mesmo tempo, isso reforçou a crença deles quanto à origem espiritual da situação.

Kátia estava adormecida, como era previsto. Depois que voltara do pediatra, cochilara um pouco, depois despertara, fizera um lanche rápido, assistira a um pouco de televisão e depois voltara para a cama. Pediu para ficar na cama dos pais, no que foi prontamente atendida.

\*\*\*

Faltava pouco para as dez horas quando os dois casais se dirigiram ao quarto onde Kátia dormia.

A garotinha estava em um sono agitado, pois se movia a todo instante.

Durval pediu que se fizesse um semicírculo em torno da cama e que, de mãos dadas, repetissem a prece que ele faria.

Depois, soltaram as mãos e cada um se sentou em uma parte da cama.

Durval pediu permissão para dar um telefonema ao seu grupo, no centro espírita, para avisá-los de que já iniciara os trabalhos.

Depois, voltou e sentou-se na cama ao lado de Kátia. Gentilmente, pediu a Raquel que se sentasse do outro lado.

Durval pôs as palmas das mãos sobre a cabeça de Kátia e começou a fazer uma oração de termos ininteligíveis para Raul e Raquel.

A garota ficou mais agitada.

Com voz serena, porém firme, o médium disse:

— Dona Estela, sabemos que a senhora está aqui. Queremos conversar com a senhora, em missão de paz.

Para surpresa de todos, Kátia agitou-se e balbuciou:

— Quero falar com a minha filha.

— Por que a senhora não fala comigo?

— Quero falar com a minha filha.

Durval, apenas com gestos com a cabeça, fez uma consulta à Raquel para saber se ela estaria em condições de falar com o espírito da mãe. Ela fez que sim.

— Está bem, permitirei que a senhora fale com a sua filha, mas com uma condição.

O corpinho de Kátia voltou a se agitar, enquanto respondia com certa irritação:

— Que condição?

— Que depois a senhora fale comigo. Temos muito a conversar.

— Está bem. Onde está minha filha?

Durval levantou-se de onde estivera sentado na cama e gesticulou para que Raquel ocupasse o seu lugar.

Um pouco assustada, Raquel deu a volta na cama, debruçou-se sobre a filha e passou a mão sobre sua testa. A garota suava, mas não estava com febre.

Para não acordá-la, Raquel falou baixinho:

— Filhinha, o que você tem? Mamãe está tão preocupada com você, filhinha... Eu te amo tanto, meu amor...

Kátia mexeu a cabeça de um lado para o outro.

Raquel insistiu, carinhosamente:

— Filhinha... Você pode me dizer o que você tem?

Desta vez Raquel entendeu o balbucio de sua filha:

— Mamãe, me ajude... — e subitamente mudando o tom de voz — Também te amo, minha filha!

Raquel gelou: “minha filha”? Kátia dissera “minha filha”? Sentiu que teria uma crise de pânico. Imediatamente, voltou-se para Durval. Ele se abaixou e sussurrou no seu ouvido:

— Continue conversando como se ela fosse sua mãe e não a sua filha.

Raquel voltou a contemplar Kátia adormecida e pensou:

“Meu Deus, me ajude, me dê inspiração para enfrentar esta situação!”.

Algo lhe veio à mente. Um espírito de luz, seu protetor, aproximou-se e passou-lhe fortes doses de energia e inspiração. Mas a seu ver, tivera apenas uma intuição ditada pelo coração de mãe para fazer o que faria, e algo lhe dizia que era o caminho certo.

Debruçou-se sobre a filha, de forma que seu rosto ficasse bem próximo dela. E de maneira firme, embora emocionada, começou a falar:

— Mãe, sei que você está me ouvindo!

Então, Kátia parou de balbuciar e de mexer a cabeça, entreabriu os olhos e fitou a mãe. Como a testa ficou franzida, parecia que ficara surpresa com as palavras da mãe.

Raquel continuou, sem hesitar:

— Eu sei que a senhora está me ouvindo, esteja onde estiver. Eu quero lhe pedir perdão, minha mãe. Perdão por todos os maus-tratos que lhe fiz e todos os desaforos que lhe disse desde minha infância, minha adolescência e minha maturidade. Sei agora que fui muito ingrata e injusta com a senhora. Sei que a fiz sofrer muito. Perdoe-me, por favor, perdoe-me.

Os olhinhos de Kátia estavam agora bem abertos fitando Raquel, que começou a chorar, mas não parou de falar:

— Não reconheci o quanto você me amava e tudo o que fazia por mim. Não percebi todos os seus sacrifícios e todos os seus esforços para cuidar de mim e do meu pai. Fui egoísta e ambiciosa e hoje me arrependo amargamente do que fiz. Perdoe-me. Sei que você fez de tudo para estar presente no nascimento da sua neta, mas a chuva e o trânsito não deixaram. Não tenho mais mágoas por isso. E se a senhora tivesse tido a oportunidade, sei que teria sido uma avó maravilhosa, como foi uma mãe maravilhosa.

Raquel percebeu que saíam lágrimas dos olhos da sua filha, que a ouvia atentamente, os olhos bem abertos, sem nada dizer em resposta:

— Juro que farei todo o possível para tentar me recuperar do mal que lhe fiz. Vou orar sempre para a senhora. Vou amar sua neta como nenhuma outra mãe do mundo. Vou dedicar a ela todo o amor que eu deveria ter dedicado também à senhora.

À medida que Raquel falava, o semblante de Kátia ia se tornando mais sereno:

— E tem mais, minha mãe: vou trazer papai para morar conosco.

Lentamente, as mãozinhas de Kátia se ergueram e acariciaram, com imensa ternura, o rosto da mãe, enquanto Raquel continuava falando:

— A senhora sempre teve bom coração. Eu que, em minha imaturidade, não percebia. Por isso, tenho certeza de que a senhora me perdoará. Por favor, mãezinha, eu a amo muito e estou arrependida. Deixe-me criar sua neta com amor e tranquilidade. Volte para o mundo dos espíritos que agora é sua nova morada. Um dia, todos nós voltaremos a nos encontrar, mas agora a senhora deve ficar lá e seguir as orientações dos espíritos superiores. Por favor, minha mãe, faça isso pela minha felicidade, de sua neta e de seu genro, que tanto a amou também.

Kátia acariciou mais uma vez o rosto da sua mãe e murmurou:

— Está tudo bem, filha. Também te amo. E te perdo.

Durval interveio, aproximando-se mais da menina:

— Estela, devo lembrá-la de que, antes de você partir, preciso lhe dizer algumas coisas. Serei breve, pois estamos usando a energia vital de Kátia e já falamos muito.

A voz que respondeu estava agora calma e serena:

— Estou ouvindo, senhor.

— Deus é maravilhoso e toda a Sua obra é um primor de perfeição. Ele fez a natureza e as pessoas para viverem em harmonia dentro de Suas leis espirituais. Sabemos que a vida terrena tem muitos atrativos e tentações, mas é ilusão pensar que é a única vida que temos. O plano superior oferece a possibilidade de uma vida espiritual cheia de alegrias, realizações, desenvolvimento e tudo isso nos conduz a um contínuo crescimento. De vez em quando, de acordo com as leis superiores, alguns

espíritos precisam retornar ao plano terreno para concluir alguma tarefa ou para ter a oportunidade de rever crenças e posturas, mudando positivamente a atitude para o seu próprio bem. Alguns espíritos rebeldes podem tentar se desviar desse processo, mas logo percebem que não podem fugir do caminho do bem e recebem uma nova oportunidade. Em breve, você terá essa nova oportunidade — e você sabe exatamente a que me refiro. O importante agora é saber que vocês reviram e corrigiram atitudes inadequadas de uma vida passada. Não sabemos qual, mas certamente foi uma vida em que você e sua filha Raquel foram colocadas em situações de intenso conflito, com a presença constante de muito ódio e desprezo. Mas o plano superior não alimenta histórias de revanchismo e vinganças, daí a necessidade do retomar o caminho do amor, que foi alcançado neste momento. Seu espírito agora está livre para seguir a trajetória natural e Raquel também estará livre dos sentimentos e emoções tão negativos que vinha alimentando. Assim, o papel de Kátia como intermediária está concluído e ela voltará a ser uma criança como todas as outras.

Visivelmente emocionado e convencido pelas lindas palavras, o espírito de Estela, ainda através do corpinho de Kátia, assentia com a cabeça. Por fim, o médium deu o trabalho por concluído.

— Para encerrarmos nossos trabalhos e você, Estela, poder partir definitivamente para sua jornada espiritual, vamos todos fazer uma prece de agradecimento a Deus e aos espíritos de luz.

Todos juntos repetiram emocionados as tocantes palavras da oração de Durval.

Assim que concluíram a prece, Kátia deu um grande suspiro, as mãozinhas fizeram um movimento brusco, como se levasse um susto, e a cabecinha pendeu para o lado.

Raquel se assustou, mas, antes de entrar em pânico, olhou para Durval, perguntando apenas com o olhar o que tinha acontecido. Ele respondeu com tranquilidade:

— Kátia está bem, o espírito de sua mãe acaba de voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído.

Raquel acalmou-se com aquelas palavras e também por perceber que sua filha ressonava e parecia dormir serenamente.

Até onde sua memória permitiu lembrar, ela rezou um pai-nosso — algo que não fazia desde a adolescência.

Raul dera a volta na cama e agora estava ao lado da mulher. Ela se levantou e se abraçaram longamente.

Durval se aproximou do casal visivelmente emocionado e feliz:

— Meus amigos, agora está tudo bem. Acabaram-se as preocupações. O espírito de Estela seguiu o caminho devido.

Zélia também foi abraçá-los:

— Graças a Deus agora está tudo bem, meus amigos.

Kátia dormia profundamente, com a respiração normal, o semblante tranquilo e relaxado.

Raul e Raquel também estavam felizes e agradecidos. Tinham agora toda a convicção do mundo de que Durval e Zélia estavam certos.

\*\*\*

— Papai? Paizinho?

Raul despertou assustado com a voz de Kátia chamando-o. Já era dia e um sol maravilhoso entrava pela janela do quarto. Ele não resistira e adormecera durante seu turno de vigília.

A filha estava ajoelhada na cama, com ar travesso:

— O que você está fazendo sentado aí, paizinho?

Ele ficou desconcertado, mas feliz por ver a filha alegre e disposta:

— Eu? Eu... eu vim ver como você estava e acabei pegando no sono.

Ela pulou da cama:

— Vamos acordar a mamãe?

Puxando o pai ainda sonolento pela mão, a garota rumou para o quarto onde a mãe dormia. Como sempre fazia, entrou correndo e pulou na cama, sobre o corpo da mãe. Raquel ensaiou um susto, mas logo se abriu num imenso sorriso:

— Filhinha! Que gostoso acordar assim!

E as duas cobriram-se de beijos e abraços por longo tempo. Logo Raul se juntou a elas.

Quando desceram para o desjejum, encontraram Clotilde com o maior sorriso do mundo, um semblante que não negava a sua felicidade. Ela sentia o ar “limpo”, sem a presença de espíritos perturbadores. Com certeza dona Estela havia ido embora. Ela não sabia dos trabalhos feitos pelo grupo do médium Durval, mas confiava muito na eficácia do trabalho que fizera com o Tobias e sua equipe. Além disso, naquela noite tivera um sonho muito revelador com sua mãe, que lhe falou bastante acerca do trabalho dos dois grupos e a partida do espírito de dona Estela. O problema não existia mais e por isso Clotilde estava tão feliz. À noite, passaria na casa de Tobias para agradecer pela imensa ajuda. Tinha certeza de que ele também ficaria muito feliz.

\*\*\*

Durante o desjejum, Kátia não parava de falar e protestou por ter perdido o horário da van escolar. Não se conformava em não ter ido à aula. Sua mãe a consolou:

— Ah, querida, não fique preocupada. Depois eu falo com sua professora e explico porque você não foi. Para compensar, eu também não vou trabalhar e nós vamos juntas fazer compras no shopping, que tal?

— Oba!

Claro que a proposta era por demais tentadora para a garota, que, tão logo terminou seu café, pediu a Clotilde para ajudá-la a escolher o traje para o passeio. As duas gastaram quase uma hora na tarefa, tão irrequieta estava a garota.

Raquel decidiu ir a um dos shoppings da zona Sul da cidade, o mais próximo de onde moravam.

Enquanto isso, Raul ligou para o doutor Ferreira informando da melhora de Kátia. Ele ficou muito feliz e, de certa forma, vaidoso, pensando com seus botões: “eu não disse que ela não tinha nada?”.

Raul agradeceu muito por tê-los atendido com tanta presteza e, sobretudo, por ter se mostrado tão sensível à saúde da Kátia.

No shopping, enquanto Kátia se divertia e se distraía escolhendo roupas e brinquedos, Raquel aproveitou para ligar para Durval:

Ele atendeu prontamente.

Raquel, eufórica, deu-lhe a notícia de que Kátia acordara alegre e bem-disposta.

— Está até difícil controlar a moça aqui, de tão acelerada. O senhor não imagina como estamos felizes e gratos ao senhor e à sua esposa.

Pelo tom de voz do médium, Raquel pôde perceber que ele também estava aliviado e feliz:

— Raquel, todos se entregaram de coração a resolver a situação, mas é inegável que, nos momentos decisivos, você foi uma pessoa iluminada. Naquele momento, você recebeu uma inspiração tão

maravilhosa dos seus protetores espirituais, que fez o certo, o rigorosamente certo. Veja, minha amiga, é assim que funciona o que nós chamamos de intuição. São nossos protetores de luz nos inspirando, iluminando e mostrando o melhor caminho. Felizmente, agora está tudo resolvido. Mas... — fez uma pausa inesperada.

Raquel sempre se preocupava diante dos “mas...”. Ficou aguardando, com expectativa, a conclusão do pensamento do médium.

— ...mas acho que precisamos fazer algumas provas para termos a certeza de que o assunto está definitivamente encerrado.

— Provas? Que provas?

— Raquel, alguns espíritos são muito espertos e podem enganar os incautos. Não vamos facilitar. Precisamos ter certeza de que o espírito da sua mãe entendeu a situação, comoveu-se com suas palavras e partiu em direção ao seu destino no plano superior.

E recomendou a Raquel que fizesse as tais provas, explicando-lhe quais eram.

Raquel permaneceu bem atenta, porém sem tirar os olhos de Kátia, que se distraía com alguns modelitos da loja.

A primeira prova era que, em casa, a um dado momento, falasse com Kátia a respeito de sua amiga Bruna para observar a reação dela. Na verdade, o ideal seria que Bruna fosse visitá-los, se possível.

A segunda era, à noite, cantar a cantiga de ninar preferida de Estela à menina, para também observar a sua reação.

A terceira prova era marcar um novo encontro com o médium na presença de Kátia, para que pudessem avaliar se havia algum resquício na memória da menina a respeito dele. Assim, ele ficou de visitá-los naquela mesma noite.

Raquel estava insegura:

— Mas, não corremos o risco de tudo recomeçar?

— Você prefere viver com essa dúvida? Além do mais, eu acredito que já esteja tudo resolvido. Então, em minha opinião, não haverá riscos.

Raquel rendeu-se àqueles argumentos. Agradeceu ao médium mais uma vez e despediu-se, prometendo que em breve faria uma visita ao centro.

Voltou-se para a filha, que estava perdida de indecisão no meio de um monte de roupinhas:

— E aí, filhinha, escolheu alguma coisa?

Kátia tinha escolhido não uma, mas várias coisas.

“Ainda bem que existem cartões de crédito”, pensou Raquel feliz.

# Capítulo 31

Estela se viu numa pequena sala cinza, sem janelas, sentada diante de uma pequena mesa. Do outro lado, havia duas cadeiras.

Ela não tinha a menor ideia de como fora parar ali e nem sabia o que a esperava. Algo lhe dizia que seria repreendida. Tinha consciência das bobagens que fizera tentando fazer contato com o plano terreno por conta própria, sem a ajuda de médiuns e de um centro espírita. Sabia que fizera muita gente sofrer, inclusive sua filha, mas procurava se consolar dizendo a si mesma que já tivera oportunidade de manifestar seu arrependimento em dois contatos com médiuns que fizera na Terra.

No entanto, mesmo sem saber que tipo de punição teria, sabia e aceitava que tinha que assumir a responsabilidade pelos erros que cometera.

Como estava de costas para a porta, apenas sentiu quando ela foi aberta e alguém adentrou o quarto. Na verdade, duas pessoas entraram e sentaram-se à sua frente.

Eram Salomão e Priscila.

Estela baixou os olhos. Não tinha coragem de encará-los.

Salomão falou primeiro. Sua voz era a de sempre: calma, firme, mas serena:

— Como vai, Estela? Estávamos com saudades de você.

Ela demorou a responder e, quando o fez, sua voz estava baixinha:

— Estou envergonhada — foi tudo o que conseguiu responder.

— E é pra estar mesmo, mas já passou — o tom de voz de Salomão era mais de quem estava se divertindo com a situação do que de quem estava ralhando ou repreendendo. Depois, a voz ficou mais suave ainda. — Minha amiga, aqui não guardamos mágoas nem rancores. Além disso, os erros fazem parte do aprendizado.

— Foi aquela menina, a Francilene, foi ela que... — Estela tentava justificar-se, achando que era necessário.

— Estela, não precisa se justificar — agora foi a voz doce de Priscila que se fez ouvir. — Na verdade, você ainda não estava pronta, ainda faltavam muitas etapas para a conclusão do seu treinamento. E, além disso, você estava fragilizada pelo seu apego terreno à figura da sua filha, Raquel.

— Nós entendemos tudo isso, Estela. E já sabíamos que poderia acontecer o que aconteceu.

— Sabiam?

— Claro! Nesse ponto os espíritos levam mais vantagens que os encarnados, porque podem ver e ouvir coisas sem serem vistos...

— Mas... mas, então, por que não impediram?

Salomão continuou explicando:

— No dia em que você chegou neste plano, inconformada e acreditando que estava presa, nós lhe dissemos que aqui você teria toda a liberdade de ir e vir, de acordo com a lei do livre-arbítrio. Tanto no plano terreno como aqui, as pessoas escolhem e fazem seu destino a partir dessas escolhas.

Priscila complementou:

— Seu espírito precisava passar pelo que passou para adquirir a força que hoje tem. Neste momento, nós duvidamos que outra Francilene que aqui aparecesse conseguisse levá-la outra vez para um caminho errado.

— Mas nem mil Francilenes...

— Isso mesmo. É assim que se dá a aprendizagem. Você hoje sabe o que quer. Sabe o que é direito e certo. Sabe qual o caminho e a missão que a esperam. E temos certeza de que nenhum outro espírito, por mais esperto que seja, conseguirá desviar você do seu caminho de luz.

Estela estava sendo absolutamente sincera quando respondeu:

— Estejam certos disso. Até porque eu me sentirei em eterna dívida com vocês e jamais irei desapontá-los de novo.

— A sua dívida, as nossas dívidas, são todas com Deus. Nunca conseguiremos retribuir todo o amor e toda a maravilha da vida que Ele nos concedeu. O máximo que podemos fazer é tentar retribuir praticando e oferecendo amor ao próximo em todas as encarnações que tivermos.

— Posso fazer uma pergunta?

— Qualquer pergunta.

— Nessa trajetória do meu retorno, aprendi que minha obsessão por minha filha, assim como o grande ódio que ela nutria por mim, eram resultados de situações e relações vividas em vidas passadas.

— Isso mesmo. O retorno dos espíritos à Terra, a chamada reencarnação, tem sempre o objetivo de fazer as pessoas concluírem uma missão, aprenderem novas atitudes ou resgatarem situações de conflito e de inimizade. Ao reencarnar perto das pessoas envolvidas nesses conflitos, o espírito, mesmo sem saber e sem lembrar das vidas passadas,

terá oportunidade de consertar tudo e ainda aprender novas lições de vida, amor e humildade.

— Mas eu nunca poderei saber em que período de minha vida aconteceram essas relações tão negativas?

— Apenas se você considerar importante para sua evolução. É preciso ter em mente que não foi apenas uma vida passada que você, eu, Priscila e todos nós tivemos. Foram inúmeras! Em todas elas cometemos erros e acertos. Há quem evolua a cada encarnação, há quem fique marcando passo e não avance um milímetro sequer na escala da evolução — Salomão fez uma pausa para que o espírito de Estela assimilasse tudo o que ele havia dito. Depois continuou no mesmo tom de voz. — Minha cara amiga, é nisso que reside o maravilhoso mistério da reencarnação: amarmos e tratarmos o próximo com respeito, dignidade e carinho mesmo sem saber quem ele é ou quem ele foi em vidas passadas. Não importa saber se foi nosso amigo ou inimigo, nosso familiar ou nosso vizinho. Esse é o valor e o propósito da reencarnação: permitir que as pessoas aprendam e evoluam espiritualmente com as lições que lhe são proporcionadas a cada ciclo de existência. Pode estar certa de que todos os envolvidos nesse episódio da Kátia, principalmente você e sua filha Raquel, aprenderam muitas lições com o ocorrido e muitas reparações e consertos foram feitos. Isso é que é importante. As pessoas na Terra devem simplesmente continuar praticando o bem por meio do amor, e é isso que nós, espíritos, temos que ensinar a eles. Sem se preocupar com as vidas passadas de quem estiver compartilhando com elas os momentos da vida.

Mas Estela estava disposta a insistir:

— Agradeço suas explicações, Salomão, mas, mesmo assim, acho que seria importante para a minha evolução compreender integralmente

o processo que foi a causa do relacionamento tão difícil que tive com minha filha nessa última encarnação.

Salomão e Priscila se entreolharam.

— Então, pelo que entendemos, você gostaria de saber o que aconteceu em uma de suas vidas passadas para acabar da forma que acabou.

— Sim, se for possível.

— Está bem. Acompanhe-nos, por favor.

Andaram alguns metros por um largo corredor e entraram em outra sala. Esta era ampla, bem maior que a anterior, parecia uma plateia de cinema ou teatro. Estava iluminada por uma luz azulada, o que dava de imediato uma sensação de tranquilidade. Tinha muitas poltronas no centro e, na parede defronte, havia uma tela enorme.

Com gestos precisos, Salomão a orientou a sentar-se em alguma poltrona central. Ele e Priscila sentaram-se logo atrás dela.

Quando Estela estava bem acomodada, Salomão, de onde estava, pôs a mão direita em sua testa. Ao lado dele, Priscila parecia murmurar uma oração com palavras ininteligíveis para ela.

— Estela, quero que imagine que está com o livro de sua existência em mãos. Mentalmente, passe as mãos nele e sinta como a capa é dura e como o livro é bastante volumoso, embora não seja pesado. Todas as suas vidas passadas estão descritas nele. As últimas páginas descrevem sua última encarnação. Tudo que você tentar ver nele aparecerá naquela enorme tela na parede, à sua frente. Façamos uma experiência. Abra o livro nas últimas páginas e olhe para a tela.

Quando Estela abriu o livro, sem olhá-lo, percebeu que a tela ficou subitamente iluminada. Logo, algumas imagens começaram a tomar

forma e ela viu uma cena muito antiga, de uma família reunida numa sala. Reconheceu seus pais e ela própria, com cerca de dez ou doze anos.

Priscila explicou:

— À medida que você avançar ou retroceder as páginas do livro da sua vida, as imagens se tornarão mais antigas ou mais recentes. É assim que funciona.

Salomão deu a orientação que faltava:

— Agora, sem se preocupar com a quantidade de páginas, vá retrocedendo as folhas até eu pedir que pare.

Estela assim o fez. Quando uma imagem destacou-se, nítida e grande na tela, ela imediatamente sentiu um irresistível relaxamento e, aos poucos, uma suave sonolência se apoderou dela. Sua última lembrança foi ouvir o casal de mentores se despedir:

— Boa viagem — disse Priscila.

— Estaremos aqui quando você voltar — falou Salomão.

Estela percebeu que eles estavam saindo da sala. E tudo sumiu.

\*\*\*

A cidade de São Paulo atravessava o conturbado final do ano de 1830.

A metrópole fervilhava com a notícia do assassinato de Líbero Badaró. O covarde ato fora consumado por alguns dos seus inimigos políticos que se aproveitaram da manifestação promovida pelos estudantes do curso de Direito do Largo São Francisco para comemorar a revolução liberal que depusera o rei Carlos X, da França<sup>[1]</sup>.

Político, médico e jornalista, *Giovanni Battista Líbero Badaró* — Italiano de nascimento que viveu no Brasil por apenas cinco anos — foi pioneiro na defesa da liberdade de imprensa e uma das mais fortes vozes

da oposição ao atribulado reinado de dom Pedro I. Por meio do seu jornal *O observador constitucional*, fundado no ano anterior, Badaró fazia severas críticas ao autoritarismo do imperador. Certamente sua morte aceleraria a crise política do Primeiro Reinado, a julgar pela indignação popular que o ato causara: mais de cinco mil pessoas compareceram ao enterro e multiplicavam-se os pedidos e atos pela renúncia do imperador, e todos previam que aconteceria no mais tardar no ano seguinte.

Gerson Castro estudava naquela academia de Direito desde sua fundação, em 1827, no Largo São Francisco<sup>[2]</sup>, logo após a proclamação da independência do Brasil. Não participara daquela fatídica manifestação porque não tinha muito interesse por esse tipo de ação política. Acreditava mais no poder da diplomacia e negociação. Assim, sempre assistia de longe aos movimentos que se organizavam visando colocar em prática algum protesto ou reivindicação.

Sabia que, por causa daquela postura, alguns colegas acadêmicos poderiam taxá-lo de alienado, mas não se importava muito com isso.

Gerson se inscrevera no curso de Direito para não ficar parado do ponto de vista intelectual e cultural, mas seu sonho era tentar algo novo depois que concluísse aquele curso. Estava inclusive um pouco decepcionado com este. Inicialmente, julgou que ali poderia ter oportunidades de conhecer e conviver com figuras importantes da política e outras autoridades que, mais tarde, poderiam facilitar a realização dos seus sonhos.

Alimentava muitos planos pessoais e profissionais que eram prioritários, ao lado da família. Sua estadia naquela instituição de ensino era apenas uma passagem conveniente para obter um título superior na sua formação acadêmica.

A academia situava-se no tradicional Largo São Francisco, num antigo, mas majestoso, prédio que desde o século 16 fora um velho convento de propriedade dos religiosos franciscanos. Era considerada de fundamental importância para o desenvolvimento do Brasil, pois seu objetivo era formar advogados, juizes, líderes e administradores públicos para conduzir o país recém-emancipado.

Logo de início, ele constatou que os primeiros alunos tinham poucas condições financeiras, apesar de serem vistos pela população como “ricos”, e viviam à custa de mesada dos pais. Em geral, moravam nas chamadas repúblicas estudantis, uma espécie de pensão que hospedava estudantes de outras cidades em quartos coletivos, para que pudessem reduzir suas despesas com moradia. De qualquer forma, precisava ir em frente, pois agora faltava pouco tempo para se formar.

Na vida pessoal, ele e sua esposa Marluce ultimavam os preparativos para a chegada do segundo filho. A torcida dos pais era para que viesse outra menina, para que fizesse companhia a Jacira, a primeira filha do casal, já com três anos de idade.

A chegada daquele bebê causava um misto de alegria e preocupação a Gerson. Na verdade, aquele segundo filho não estava nos planos imediatos do casal. Tanto Gerson quanto Marluce eram muito jovens: ele tinha vinte anos, e ela, dezessete. Ambiciosos, no bom sentido, tinham muitos projetos pessoais e profissionais a realizar e já previam alguma limitação de movimentos devido à necessidade da atenção que precisariam dar ao novo filho. Com certeza, ele restringiria ainda mais seu já limitado campo de ação devido ao tempo que os estudos lhe tomavam e ao negócio comercial que tocava.

Eles haviam montado uma botica<sup>[3]</sup>, administrada por Marluce, que não rendia o lucro esperado. Somente depois de algum tempo eles

perceberam que a margem de retorno na venda de medicamentos era muito pequena e não supria as suas expectativas. E agora, com a chegada de mais um filho, era mais do que necessário pensar em uma maneira de aumentar a renda.

Uma ideia vinha tomando corpo e forma na mente do jovem. Ele demonstrava particular interesse por todas as notícias que diziam respeito a um novo negócio que vinha despontando e que era considerado altamente promissor, principalmente no Rio e na própria São Paulo: o anúncio.

Com esse interesse em mente, Gerson procurava não perder um só exemplar do primeiro jornal impresso da cidade, *O farol paulistano*, desde o dia em que foi lançado, em 1827, justamente no ano em que iniciava seus estudos na academia.

A primeira vez que Gerson teve sua atenção voltada para os anúncios foi em uma de suas visitas ocasionais à biblioteca da academia para fugir dos grupos que preferiam ficar discutindo política nos corredores da escola, quando teve em suas mãos um exemplar do jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro impresso feito inteiramente no Brasil — o que só foi possível com a fundação da gráfica Impressão Régia em 1808, com a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Antes, os jornais e folhetos eram feitos artesanalmente.

Então, Gerson soube que ali, em setembro daquele mesmo ano, foi publicado o primeiro anúncio, algo inteiramente inusitado naqueles tempos.

Em sua grafia original, este era o texto do anúncio, previamente censurado e aprovado pelas autoridades responsáveis pela supervisão do jornal:

*ANNUNCIO*

*Quem quizer comprar huma morada de cazas de sobrado com frente para Santa Rita falle com Anna Jouquina da Silva, que mora nas mesmas cazas, ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita, que tem ordem para as vender.*

Naquela noite, Gerson demorou a conciliar o sono.

Estava inquieto. Algo lhe dizia que aquela história de anúncio cresceria e se transformaria num negócio altamente rentável. Achava incrível que ninguém tivesse pensado nisso, pois até aquele momento em que tal anúncio foi divulgado no jornal, todas as formas de divulgação pública que se conhecia e se praticava no Brasil eram feitas por meio de cartazes elaborados à mão e afixados nas paredes de bares, restaurantes, bondes e postes.

Mas agora, com os jornais já em razoável quantidade pelo país, podia-se pensar numa forma planejada e estruturada de criar e divulgar os tais anúncios.

Sem saber, Gerson tinha os primeiros lampejos daquela atividade inovadora que, ao que tudo indicava, no futuro seria formalmente chamada de propaganda<sup>[4]</sup>. Intensificou suas pesquisas na biblioteca da academia. Ficou mais excitado ainda quando descobriu que, em 1821, o *Diário do Rio de Janeiro* passou a se apresentar como “o” jornal do anúncio, tamanha era a quantidade de anúncios publicada em cada exemplar, na forma de classificados e sem ilustrações.

Gerson acreditava que esses classificados poderiam ser trabalhados de uma forma mais apurada, com fartas e criativas ilustrações, e transformados em peças quase artísticas para a divulgação de produtos e serviços. Mas ele sabia que precisava pesquisar e trabalhar muito tais ideias, pois certamente já deveriam existir outros profissionais com a mesma percepção.

Todos esses assuntos, reflexões e projetos eram discutidos com sua esposa. Marluce concordava inteiramente com o marido. Também percebia que a botica não teria futuro em termos de rentabilidade. Como seu marido sempre a colocava a par das pesquisas que vinha realizando, ela estava razoavelmente atualizada sobre o assunto e podia expressar suas opiniões — que eram atentamente ouvidas.

No entanto, sabiam que nos meses que se seguiriam nada poderiam fazer quanto a novas iniciativas, pois Marluce já estava às vésperas do parto. A qualquer momento, o bebê nasceria. Deixariam a botica sob a administração de uma funcionária de confiança, a Cordélia e, dali a algum tempo, já tendo o bebê nascido, retomariam a análise dos projetos.

O parto transcorreu sem grandes novidades.

O mais difícil foi Marluce descer — e na volta subir — com extremo cuidado os vários degraus da escada que conduzia da porta de entrada do sobrado, no térreo, ao terceiro andar onde moravam. Regularmente, Gerson chamava a atenção da mulher e da filha para o imenso cuidado que deveriam ter ao descer aquelas escadas, mantendo sempre as mãos firmes no corrimão.

Nasceu uma bela garotinha, exatamente como os pais queriam.

Assim, as preocupações com a situação financeira foram, de certa forma, minimizadas pela alegria do nascimento de Jandira. Agora, eram duas irmãzinhas para cuidar: Jacira e Jandira.

Gerson e Marluce ficaram muito felizes em ver a alegria da filha mais velha ao recepcionar a irmã recém-chegada. Era um bom sinal de que se entenderiam bem, sem as conhecidas reações de ciúme dos filhos únicos quando ganhavam um “rival” na atenção e carinho dos pais.

O casal ficou particularmente feliz porque tanto Gerson quanto Marluce tinham histórico de conflitos entre parentes em suas famílias,

incluindo irmãos. Sabiam o quanto tais conflitos eram causas de sofrimento para os pais e demais familiares. Por isso, quando casaram, ambos tinham a firme convicção de que seriam capazes de construir uma família amorosa e harmoniosa.

Nos primeiros meses, Gerson cuidou exemplarmente da casa, da filha mais velha, dos assuntos da botica, e tudo isso sem relaxar com as obrigações requeridas pelos estudos.

No entanto, o futuro reservava algumas surpresas desagradáveis para os pais com relação à nova filha.

Quando Jandira tinha cerca de quatro meses de idade, Marluce começou a desconfiar que ela tivesse problemas de audição. Percebeu isso quando a criança não olhava para a mãe ao ser chamada, não se assustava com batidas de palmas, nem se sentia atraída quando cantavam para ela. Também não parecia seduzida por brinquedos que emitiam algum tipo de som.

Quando, preocupada, começou a fazer comentários com Gerson sobre o assunto, ele respondia apenas que a criança era ainda muito pequena para perceber tais ruídos.

— Continue observando. Se você vir que algo de errado está de fato acontecendo com nossa filha, procuraremos um médico. Mas acho que você está se preocupando à toa. Algumas crianças são mais atentas, outras menos.

Bem antes de a criança completar um ano de idade, a mãe já estava certa de que ela tinha problemas auditivos. Tanto insistiu que finalmente convenceu o marido a acompanhá-la a um médico para examinar a criança.

Gerson sempre fora um pai amoroso e cheio de cuidados com Jacira, e não seria diferente com Jandira. Mas não havia como disfarçar

que sua principal resistência em procurar um médico estava na questão financeira. No final, foi persuadido a gastar o dinheiro da consulta em nome da tranquilidade dele e da esposa e da saúde da filha.

Procuraram o doutor Isaías, médico formado na Bahia<sup>[5]</sup>. Talvez o doutor não fosse a melhor opção em termos de experiência e competência, mas havia poucos profissionais de saúde na imperial cidade. Além disso, era o único que eles conheciam e que os recursos financeiros permitiam. Certamente havia “figurões” da medicina na cidade, mas seus honorários eram impensáveis para o casal.

Antes de examinar detidamente o ouvido da criança, o médico procurou informar-se do seu histórico de saúde. Sim, desde que nascera, havia o registro de algumas inflamações no ouvido, mas na ocasião haviam sido consideradas pelos pais “coisas que toda criança tem”. O próprio Gerson verificara no estoque da botica o que lhe parecera mais adequado para o tratamento e aplicara algumas gotas do remédio no ouvidinho da filha durante um bom período. Na verdade, era forçoso reconhecer que na época não foi dada grande atenção ao assunto.

Infelizmente, para tristeza dos pais, o médico confirmou a existência de considerável perda de audição em Jandira. As causas poderiam ser várias, difíceis de serem identificadas, porque houvera demora em obter um diagnóstico e adotar medidas preventivas ou até curativas.

A primeira hipótese a ser considerada era a possibilidade de a criança já ter nascido com o problema, ainda que não houvesse antecedentes hereditários na família de nenhum dos pais. Se excluía essa possibilidade, a perda da audição poderia ter sido causada pela ação de algum vírus ou de algumas infecções adquiridas pela criança nos primeiros meses de vida — incluindo as otites ocorridas. O problema poderia ainda ter sido causado por má oxigenação da criança durante o

parto ou efeito de alguns medicamentos que a mãe tomou durante a gravidez.

O pior é que o médico não foi otimista quanto às possibilidades de cura. Citou algumas intervenções cirúrgicas que estavam sendo feitas — na verdade, testadas — no exterior, mas as considerou de alto risco levando em conta a pouca idade da criança e a fase ainda experimental daquelas operações. Havia ainda o alto custo da viagem e os honorários médicos a considerar. O próprio médico desaconselhou essas ações; considerou-as perda de tempo para enfrentar um problema que, na opinião dele, já era irreversível.

Aos pais aturdidos, recomendou que esperassem a criança crescer mais um pouco, acompanhar a evolução ou não da surdez e, só então decidir que ação tomar.

O que o médico disse de proveitoso, mas muito preocupante para os pais, foi o alerta acerca das consequências da surdez precoce numa criança até os três ou quatro anos. Sem ouvir as palavras pronunciadas pelas outras pessoas, teria problemas no desenvolvimento da sua própria linguagem, teria dificuldades de aprendizagem e de fala. Dessas limitações, poderiam advir problemas de interação social, pois a criança poderia sentir-se insegura e assim evitar o contato com as demais. Inclusive, alertou, em algumas crianças se poderá ainda observar problemas de equilíbrio motor e alguma falta de coordenação motora. Por fim, lembrou que, no Brasil, ainda não existiam escolas especializadas no ensino das pessoas com essa deficiência.

Marluce tinha ouvido e registrado vagamente em sua memória que alguns estudiosos, preocupados com a situação das crianças surdas, estavam fazendo pesquisas acerca da criação de uma linguagem de sinais com as mãos, uma espécie de alfabeto gestual.

Ao relatar isso, esperançosa, para o médico, este simplesmente deu um banho de água fria no seu otimismo:

— O que sei a esse respeito, minha senhora, é que isso vem sendo pesquisado na Europa<sup>[6]</sup>.

Marluce e Gerson saíram arrasados da casa do médico.

No trajeto para casa, e mesmo ao chegarem lá, não sentiam ânimo para dizer nada um para o outro. Tantos sonhos, tantos planos para as duas filhas. E agora tudo estava desfeito. Tudo fora por água abaixo em uma simples consulta médica.

Não conseguiam descobrir culpados. Em alguns momentos, achavam que tinham sido displicentes quando Jandira, pela primeira vez, tivera algumas infecções e inflamações no ouvido. Mas logo se justificavam, dizendo que todas as crianças têm esses problemas e que nem por isso ficam surdas. Era uma maneira de não deixar que se implantasse em seus corações um devastador sentimento de culpa.

E se tivesse sido algum problema durante a gravidez ou no parto? Talvez ela tivesse tomado algum medicamento muito forte e assim prejudicado o bebê. Como saber?

Gerson e Marluce estavam transtornados, pois não conseguiam encontrar explicação ou resposta para perguntas do tipo “Por que conosco?”, “Por que com Jandira?”.

Durante aquela noite, instalou-se neles profunda revolta, um grande inconformismo e muitos protestos contra Deus e todos os santos. Por fim, o cansaço os venceu e, apesar de tudo, conseguiram dormir. Um sono agitado e continuamente interrompido por pesadelos.

# Capítulo 32

Nos dias seguintes, a preocupação deles era dar aquela notícia a Jacira.

Como dizer que sua irmãzinha jamais seria sua companheira de travessuras e brincadeiras porque ela não poderia ouvi-la? E que pelo mesmo motivo não aprenderia a falar? E que, quando adolescentes, jamais conversariam e trocariam confidências sobre namorados? E que jamais cantariam juntas?

Novo desespero, novo desânimo, novas imprecações.

Depois, pensando com mais calma, decidiram dar tempo ao tempo — mais por inércia e falta de boas alternativas de tratamento do que por outra razão. Veriam que rumo as coisas tomariam. Acompanhariam as reações de Jacira e, enquanto isso, dariam muito, mas muito apoio e amor à filha deficiente.

Foi na festa do primeiro aniversário de Jandira que Jacira deu sinais de perceber que havia algo de errado, ou pelo menos diferente, com a sua irmãzinha. Durante toda a modesta comemoração que os pais acharam justo realizar para uns poucos conhecidos, ela se manteve absolutamente apática aos mimos e cantorias dos convidados. Inclusive, pela indiferença exibida, parecia nem perceber que aquela festa era para ela.

Seguindo a tradição herdada dos antigos gregos e recuperada pelos alemães desde a Idade Média, não faltou o bolo e a velinha. Mas, mesmo nessa hora, a garota permaneceu absorta no centro da mesa.

E quando Jacira se aproximava dela e pegava as mãozinhas da irmã entre as suas, tentando fazê-la acompanhar as cantorias, ela não dava a menor atenção. Apenas ficava olhando para a irmã e sorrindo.

Marluce e Gerson, os únicos que até então sabiam do problema de audição de Jandira, não se preocuparam em conter as lágrimas, que foram entendidas pelos convidados como pura emoção diante do primeiro aniversário da segunda filhinha.

Após todos se servirem das guloseimas, as crianças começaram a brincar entre si. Marluce, prudentemente, decidiu poupar Jandira de algum constrangimento e permaneceu com ela nos braços a maior parte do tempo. Por vezes, revezava essa tarefa com o marido, que entendera muito bem as boas intenções da esposa. Essa medida os ajudou a preservar o “segredo” da filha. Mas, sabe-se lá por quais razões, de vez em quando Jacira vinha chamar a irmãzinha para brincar com as outras meninas. Usando de todos os artifícios e justificativas possíveis, Marluce conseguiu evitar que a pequena fosse exposta a algum risco de humilhação.

Depois que a festa acabou, já deitada em sua caminha, preparando-se para dormir, Jacira lançou à mãe a inevitável pergunta:

— Mamãe, por que minha irmãzinha não cantou junto com a gente?

Ela tentou disfarçar seu nervosismo antes de responder:

— Ela ainda é muito pequenina, filha. Ainda não sabe a letra das músicas, ainda não sabe nem cantar direito...

Jacira pareceu pensar a respeito.

— Mas ela nunca canta. Aliás, ela nunca fala! Por que minha irmãzinha fica sempre tão calada?

Marluce continuava usando a mesma justificativa: a irmãzinha era muito pequena e ainda não sabia brincar direito. Era preciso esperar que ela crescesse mais.

Depois que as filhas dormiram, Marluce comentou aquilo com o marido. Ficaram preocupados com as observações de Jacira porque sabiam que, daquele dia em diante, ela ficaria observando mais a irmã e, com certeza, cenas semelhantes iriam se repetir. Novas perguntas embaraçosas, portanto, surgiriam.

Naquele mesmo dia tomaram a decisão de não mais comemorarem aniversários. Inventariam sempre alguma desculpa, fariam alguma viagem curta para se ausentarem de casa — enfim, sempre dariam um jeito de evitar novas situações como aquela.

O pior de tudo é que, desde então, conforme os pais haviam previsto, Jacira começou a observar com mais frequência sua irmã menor e a fazer perguntas embaraçosas aos pais:

- Por que ela não fala direito?
- Ela parece que não me escuta falar...
- Por que ela nunca conversa comigo?
- Por que ela não responde às minhas perguntas?

Foi um período terrível para o casal. Eles não sabiam o que responder e achavam Jacira ainda muito nova para saber a verdade. No entanto, tinham consciência de que cedo ou tarde teriam que lhe contar. E tinham muito medo da forma como ela reagiria. Por isso, limitavam-se a responder por enquanto:

— Ela ainda é muito novinha... — ou então: — Ela não está passando bem, mas logo vai melhorar...

Em paralelo, mesmo com todas essas preocupações em mente, Marluce e Gerson continuavam pesquisando e estudando sobre anúncios, tentando descobrir uma maneira de transformá-los em um negócio rentável. Eles calculavam que, agora, mais do que nunca, precisariam assegurar-se de que, no futuro, teriam recursos financeiros suficientes para tentar a cura da filha ou pelo menos subsidiar alguma forma de minorar sua incapacidade, mesmo que para isso fosse preciso levá-la ao exterior.

O casal levava uma vida estafante: além do problema de saúde da filha, que já era um grande motivo de estresse, havia a filha maior a cuidar. Marluce estava transmitindo-lhe as primeiras noções de alfabetização, mesmo que de forma amadora; e havia ainda a botica, os estudos de Gerson — felizmente já na reta final — e a preocupação em alicerçar um futuro mais promissor.

Quando Jacira completou cinco anos, os pais tiveram que finalmente contar-lhe a verdade sobre a perda de audição da irmã, pois a situação se tornara insustentável. Ultimamente ela vinha insistindo muito em saber por que sua irmãzinha não estava indo à escola como ela, por que não saía para brincar com as outras crianças, e por que, quando brincava com ela, em vez de falar como as outras garotas, só emitia uns sons estranhos e incompreensíveis.

Uma tarde, Marluce sentou-se frente a frente com Jacira. Sabia que se tratava de uma criança de apenas cinco anos, mas também sabia que ela era suficientemente esperta e inteligente para entender a situação.

Então, escolhendo bem as palavras, explicou que sua irmãzinha tinha nascido com um grave problema no ouvido e que, por causa dele, perdera completamente a audição quando ainda era bebê. Assim, como ela não ouvia direito, não conseguia aprender as palavras e por isso não

conversava, não cantava, não respondia e tinha dificuldade em acompanhar as brincadeiras dela. Explicou-lhe que papai e mamãe estavam em permanente busca de um tratamento para ela ou mesmo de uma pequena melhora, mas que, enquanto isso, era preciso ter muita paciência com ela e dar-lhe muita atenção e carinho.

Jacira ouviu tudo em silêncio, olhando fixamente para a mãe. Depois, baixou os olhos e ficou mexendo com as próprias mãozinhas, como se refletisse a respeito do que ouvira. Depois olhou de novo para a mãe:

— Quer dizer que ela nunca vai ouvir a gente?

Marluce, fazendo a maior força do mundo para não chorar, respondeu apenas com um movimento negativo de cabeça.

— Ela nunca vai conversar com a gente, nunca vai aprender a cantar?

A mãe explicou que estavam “inventando” uma maneira de as pessoas surdas que não desenvolveram a fala se comunicarem através de sinais e gestos, mas que ainda não havia nenhum professor por perto.

— E como ela vai fazer pra estudar, pra ir à escola?

Novamente, com muita paciência e se esforçando cada vez mais para não romper em lágrimas e assustar ainda mais sua filha, Marluce respondeu com aparente serenidade:

— Quando encontrarmos esse professor que ensina a linguagem dos sinais e dos gestos, ele poderá ensinar à sua irmã as mesmas coisas que você aprende na sua escola.

Marluce deu a conversa por encerrada, voltando a insistir com Jacira para que ela tivesse muita paciência com sua irmãzinha e a tratasse com muito carinho. Deu-lhe um abraço bem apertado e, pegando em sua mãozinha, conduziu-a para fora do quarto. Jandira brincava sozinha no

corredor com umas bonecas de pano à sua frente. Jacira juntou-se a ela, mas, em vez de participar da brincadeira, ficou olhando-a fixamente, com o pensamento perdido sabe-se lá onde.

Daquele dia em diante, o olhar de Jacira para a irmã teve uma brusca transformação, que, com certeza, não era de compreensão, paciência ou solidariedade. Ela olhava a outra como se ela fosse um ser de outro mundo, um bichinho esquisito numa jaula do zoológico. Quando Jandira tentava se comunicar com ela, fazendo sons estranhos e incompreensíveis, Jacira ficava olhando-a, sem nada responder, franzindo a testa como se estivesse diante de um ser muito estranho e nada simpático.

Era o que os pais das duas mais recebiam: que a postura de Jacira para com a irmã não fosse de amor e compreensão, mas sim de desprezo, raiva ou frustração.

No entanto, para surpresa e preocupação de Gerson e Marluce, eram outros os sentimentos que estavam sendo desenvolvidos pela irmã mais velha em relação à outra.

Em torno dos três anos, Jandira começou a tentar se comunicar insistentemente com os pais e com a irmã, emitindo sons ininteligíveis. Algumas vezes pareciam grunhidos. Nessas ocasiões, Jacira caía na gargalhada, ironizando e debochando da irmã. Esta, inocentemente, respondia a gargalhada sem entender que se tratava de galhofa.

Os pais ficaram chocados quando perceberam isso.

Sempre que essa situação era vista, Marluce chamava a filha mais velha a um canto para conversar e tentava lhe explicar que não deveria agir daquela forma com a irmãzinha, pois só pioraria a situação e até criaria outros problemas para a caçula. A menina prometia não fazer mais aquilo, mas, obviamente, não cumpria o prometido. O mundo infantil, na

sua pureza, ingenuidade e espontaneidade, às vezes é muito cruel com as pessoas que sofrem de alguma deficiência.

Felizmente, Jandira não se retraía com as gozações da irmã, que chegava a imitá-la de forma propositalmente exagerada, desqualificando inteiramente suas limitações. Ela mesma também ria, achando que, de alguma forma, estava fazendo algo para divertir a irmã mais velha, de quem queria muito ser amiga.

Da maneira que lhe era possível, Jandira demonstrava uma grande admiração, respeito e afeto pela irmã mais velha. Os pais nunca tinham visto a pequena manifestar raiva ou desagradado com relação a Jacira, o que lhes partia o coração, pois era explicitamente um afeto não correspondido.

Apesar dos pesares, a vida continuou para a família.

A relação do casal continuava harmoniosa e com elevado grau de parceria. Todos os assuntos e problemas da família eram compartilhados pelos dois. Juntos, discutiam e analisavam a situação das boticas, pesquisavam opções de tratamento para Jandira e ajudavam Jacira em seus afazeres escolares, assunto que era levado muito a sério, apesar de o ensino ser gratuito<sup>[7]</sup>.

Gerson já havia concluído o curso da academia de Direito. Tinha decidido que não seguiria a carreira de advogado, mas pelo menos agora possuía um curso superior que seria importante para seu currículo profissional e os planos futuros.

Seu interesse mesmo era anúncio. Nos poucos momentos que tinha disponíveis, ele e Marluce ficavam horas e horas lendo e pesquisando a respeito, e viravam a noite trocando ideias e fazendo conjecturas sobre os caminhos a seguir. Gerson dava graças aos céus por ter se casado com uma mulher que o entendia e compartilhava dos seus projetos e sonhos.

Mas, infelizmente, nova e trágica surpresa aguardava o casal.

# Capítulo 33

No inverno seguinte, inesperadamente, Marluce contraiu uma forte pneumonia.

Seu organismo estava debilitado não apenas pelas noites maldormidas em função das pesquisas que fazia com seu marido, mas pela preocupação e cuidados com a situação da filha caçula e as atitudes da mais velha.

A cada dia que passava, Jacira tornava-se mais cruel e debochada com a irmã. Agora na fase da pré-adolescência, já não queria mais brincar com ela, não a procurava para mais nada. E quando alguma amiga da escola ou do bairro vinha brincar em casa com Jacira, ela sempre a afastava da irmã, dizendo que ela era doente e que por isso não servia para brincar.

Jandira não entendia o que falavam a seu respeito, mas percebia que as reações e atitudes não eram nada amistosas, e sim de evidente rejeição. E, claro, sofria muito com isso — inclusive por não ter a menor condição de se justificar ou se defender.

Paralelamente, Gerson desesperou-se com a doença da esposa.

Inicialmente tentou tratá-la por conta própria com alguns medicamentos da sua botica. Não havendo melhora, levou-a ao médico, mas no final teve que interná-la num hospital, pois o quadro se agravara.

Ele deixou de lado as pesquisas, a administração comercial do negócio e passou a cuidar exclusivamente da mulher e das duas filhas.

Mal o inverno acabou, a saúde de Marluce entrou em declínio total. Já não havia esperança de recuperação.

O martírio não durou muito: duas semanas depois, ela faleceu.

Gerson atravessou um longo e duro período de desespero.

Sua mãe passou a morar com ele para cuidar das netas. Tentando superar a dor da perda e manter o nível da renda familiar, voltou a trabalhar pessoalmente na botica e abandonou os projetos sobre os anúncios.

Para ele, nada mais fazia sentido agora que não tinha mais sua esposa e parceira para motivá-lo e incentivá-lo nos planos para um futuro promissor.

Da melhor forma que pôde, conversou com Jacira, agora com dez anos. Disse-lhe que cabia a ela cuidar da irmãzinha, já que a mãe se fora para outra vida em nova dimensão, certamente no céu.

Nas primeiras semanas após essa conversa com o pai, as atitudes grosseiras e debochadas de Jacira com Jandira diminuíram. Era como se ela tivesse entendido a situação e assumido uma responsabilidade de gente grande.

Infelizmente, a trégua durou muito pouco. Jacira, afinal, ainda era uma criança, e sua paciência tinha um limite muito estreito. Em pouco tempo voltou a se irritar com a irmã e, algumas vezes, quando estavam a sós, chegou a aplicar-lhe algumas tapas no rosto.

Envolvido com a botica, Gerson passava todo o dia fora de casa e, por isso, nada percebia. Tinha delegado à sua mãe a administração da casa e das filhas. No entanto, ela se queixava muito de que não poderia

ficar mais tempo fora da sua própria casa, pois tinha um marido para cuidar.

Diante disso, e não querendo criar problemas na vida conjugal dos seus pais, Gerson a liberou, mas viu-se obrigado a adotar uma rígida política familiar para redução de despesas. Conversou calmamente a respeito com Jacira que, apesar da pouca idade, pareceu entender a situação e se dispôs a colaborar — ainda que não demonstrasse a maior das alegrias com isso.

O plano de Gerson era contratar uma empregada para cuidar das filhas com o que conseguisse economizar. Estava confiante, até porque acreditava que essa situação de limitações financeiras duraria pouco tempo, no máximo um ano. Depois as coisas melhorariam.

Para sua sorte, sua auxiliar na botica apresentou a ele uma prima, mineira, que deixara a família e estava chegando sozinha a São Paulo. Por ser totalmente inexperiente em matéria de trabalho, além de não ter se aprofundado nos estudos, ela aceitaria trabalhar como doméstica. Gerson a entrevistou, gostou do seu jeito simples e espontâneo e a contratou por uma remuneração dentro das suas possibilidades financeiras.

Seu nome era Cremilda e foi um achado para Gerson. Ajudaria a resolver parte dos seus problemas com a casa e com as filhas, mesmo porque ela dormiria na casa do patrão e, assim, ele poderia contar com seus préstimos vinte e quatro horas por dia. Mesmo nos fins de semana, já que não tinha mais familiares em São Paulo além da prima que trabalhava na botica, ela permaneceria à sua disposição.

Com o passar dos dias, Gerson percebeu, aliviado, que suas filhas haviam gostado muito de Cremilda. Além de simples e humilde, a mineirinha mostrava uma especial paciência com Jandira.

Certo dia, Gerson chegou mais cedo em casa e descobriu que a empregada esforçava-se para, a seu modo, ensinar à sua filha deficiente a pronúncia de algumas palavras e expressões básicas e mais usuais, como: sim, não, obrigada, eu quero, não quero, eu não sei, eu não consigo, por favor, eu gosto de você, e outras.

No entanto, apesar da atitude simpática e bem-intencionada com Jandira, Cremilda não conseguia impedir os ataques e sarcasmos de Jacira para com a irmã. Tudo indicava que, à medida que ela crescia, o seu rancor e o seu desprezo em relação à irmã caçula aumentavam.

Gerson não voltou a se casar, apesar de jovem e saudável. Talvez não mostrasse interesse por um novo envolvimento afetivo, ou não tivesse tempo para se dedicar a relações sociais; o fato é que nunca mais encontrou alguém que pudesse considerar sua alma-gêmea, com as mesmas ideias e afinidades. Assim, entregou-se com afinco ao trabalho na botica e, no fundo do coração, esperava que um dia pudesse voltar a pensar nos anúncios — que inclusive, segundo lera nos jornais, já começavam a ser definitivamente chamados de “propaganda”.

Em geral, ficava pouquíssimo tempo em casa, e não apenas por causa do trabalho. Mesmo quando tinha algum tempo disponível, evitava permanecer lá, pois o clima era tenso e desagradável devido ao péssimo tratamento que Jacira dava à irmã, ambas já adolescentes.

Jacira atacava cada vez mais e de forma explícita a deficiência da irmã, como se fosse uma vergonha para a família ou uma moléstia contagiosa. Era agressiva e constrangedora. Tinha prazer em humilhá-la na presença das amigas — isso quando as recebia em casa, pois tinha vergonha de apresentar Jandira como sua irmã. Os grunhidos e os sons que ela fazia na tentativa de se comunicar eram alvo de chacota

constantemente. As amigas, estimuladas por Jacira, faziam coro em um festival de zombarias.

Agora, com mais idade, já compreendendo sua deficiência e sentindo diretamente na pele a vergonha pela qual estava passando diante das provocações e insultos da irmã, Jandira chorava em silêncio, mas não reagia. Talvez devido à insegurança que seu problema gerava em seu íntimo, tornou-se passiva, incapaz de se defender, de reagir para impedir que sua irmã continuasse causando-lhe humilhações.

Foi nesse clima lamentável que transcorreu a adolescência das duas irmãs.

Quando se tornaram adultas, houve nova alteração na conduta de Jacira: sua agressividade transformou-se em indiferença e ironia, e ela passou a evitar se dirigir à irmã, a menos que fosse para agredi-la.

Gerson, graças aos seus esforços e talento como administrador, progredira nos negócios: agora tinha duas boticas. Conseguira abrir uma filial com o lucro obtido com a primeira. Não se tratava de um grande lucro, mas, como ele pouco gastava, sempre sobrava alguma importância para reaplicar nos negócios.

Uma vez que Jacira ia bem nos estudos, a preocupação de Gerson agora era com a filha mais nova, agora com dezoito anos, e nesse sentido ocorreu um fato novo e positivo. Graças a indicações de amigos que fizera na academia e aos bons resultados que vinha obtendo com as duas boticas, Gerson pôde contratar um professor particular para ensinar a Jandira uma recém-criada linguagem gestual, além de alguns exercícios fonéticos, para ajudá-la a se comunicar melhor com as pessoas. É claro que, antes, fez absoluta questão do conhecer o tal professor a quem confiaria a formação de sua filha caçula.

Na noite e hora agendadas para se conhecerem e acertarem as bases do trabalho dele, o professor Danilo compareceu à residência de Gerson. Após as apresentações de praxe, foram sentar-se na sala para uma conversa mais tranquila.

Gerson gostou dele à primeira vista: jovem, bem vestido, com boa postura, educado, com uma fluência verbal admirável, e, como pôde comprovar mais tarde, muito inteligente, culto e atualizado com seu trabalho.

Depois de algum tempo de conversa, o tom já era mais amistoso e informal que no início.

Gerson ouvia Danilo como um aluno aplicado:

— Nos dias de hoje, é difícil acreditar que na antiguidade os surdos eram ora desprezados como dementes, ora venerados como favoritos dos deuses, como ocorreu no Egito. Foi preciso chegar ao Renascimento para que surgissem os primeiros trabalhos sistematizados que visavam integrá-los à sociedade. Ou seja, até meados do século 18, as crianças com essas características não eram alfabetizadas.

— Que coisa impressionante...

— Muito impressionante mesmo. A situação prosseguiu sem grandes evoluções, até que, em 1755, o abade francês Charles Michell L'Épée elaborou um método que, por meio de sinais e gestos, permitiu descrever e ensinar o alfabeto à criança, letra por letra. Esse abade é considerado, por muitos estudiosos, o criador da língua gestual, embora já houvesse estudos a respeito antes dele.

— Sim, mas entendo que foi ele quem primeiro sistematizou um método.

— Sem dúvida. Através do seu método, ele mostrou algo impensável na época: que era possível ensinar o alfabeto aos surdos. O

interessante desse método, no qual, aliás, baseio em grande parte o meu trabalho, é que, além de ensinar as letras, ele também permite ao aluno aprender e expressar conceitos como fome, sono, sede, raiva e outros.

— Muito interessante — Gerson mostrava-se positivamente muito impressionado não apenas com as informações que estava recebendo, mas sobretudo com a inteligência e aparente competência do jovem professor.

— Por tudo isso que descrevi, é de fato uma pena que esse ou qualquer outro método análogo não chegue tão cedo ao Brasil, pelo menos de maneira formal, através de instituições especializadas de ensino. O que pode ser encontrado, por ora, são profissionais autônomos, como eu, que por conta própria aprenderam o método e o trouxeram ao nosso país.

— Não gostaria que tomasse essa pergunta como indiscreta, mas como lhe ocorreu essa iniciativa?

O jovem pigarreou discretamente antes de responder:

— Meu pai era surdo de nascença. Eu era filho único. Depois que fiquei órfão, logo após a adolescência, usei os recursos financeiros deixados pelos meus pais e fui morar com um tio, em Paris, para tentar refazer-me dessas perdas e decidir que rumo dar à minha vida.

Lá, ao tomar conhecimento do método do abade L'Épée e pensando nas dificuldades, sofrimentos e constrangimentos pelos quais meu pai deve ter passado em vida devido à sua deficiência auditiva, decidi entregar-me de corpo e alma a aprendê-lo. Sem falsa modéstia, posso assegurar ao senhor que fui o mais aplicado e interessado aluno daquela turma.

— Não duvido disso...

— Depois de concluído o curso, introduzi no método original algumas técnicas criadas por mim, desenvolvidas durante o convívio com meu pai, e fiz algumas adaptações que depois, na prática, se mostraram muito eficazes tanto no ensino dos gestos e sinais quanto no desenvolvimento da fala.

Gerson estava encantado com o professor. Tinha certeza de que Jandira estaria em boas mãos.

Depois de trocarem mais informações, e de Danilo ter se mostrado interessado pelos antecedentes de saúde de sua futura aluna, acertaram os detalhes e ficou combinado que o início das aulas se daria já na semana seguinte. Antes, Jandira foi chamada à sala para ser apresentada ao seu professor.

Salvo algum engano da percepção do pai, a impressão que ele teve é de que houve imediata aceitação e simpatia entre sua filha e Danilo. E não estava enganado, como o futuro mostraria.

Com o passar do tempo e a sequência das aulas, logo Gerson percebeu que o método adotado pelo professor Danilo permitiu à Jandira melhorar em muito a comunicação com as outras pessoas e, o que era mais importante, iniciar o aprendizado do curso escolar básico.

Com incrível rapidez, aprendeu a ler e a escrever.

Enquanto isso, Jacira mantinha uma vida social com a intensidade que lhe permitiam os modestos recursos financeiros que seu pai colocava à sua disposição. Pelo menos tinha o suficiente para, uma vez ou outra, passear e comprar suas próprias roupas. Ainda assim, não se considerava feliz. Sempre achou que sua irmã estragara sua infância, sua adolescência e agora ameaçava a tranquilidade da sua vida de gente grande. Ficava profundamente irritada cada vez que lhe era dada a incumbência de levar ou acompanhar a irmã em um passeio, a um médico ou alguma

festa. Quando era obrigada a fazer isso, ao chegar ao local fazia de tudo para largá-la sozinha, a fim de que ninguém notasse que era sua companhia ou, pior, que era sua irmã.

Seu ódio era maior quando havia rapazes atraentes por perto. Nessas situações, literalmente se escondia da irmã ou arranjava uma desculpa para sair sem ser vista, abandonando-a muitas vezes entre desconhecidos. Várias vezes Gerson foi chamado para ir buscar Jandira, que se encontrava perdida ou abandonada em determinado lugar. E por mais que o pai conversasse com a filha mais velha para que não mais fizesse aquilo, suas palavras não surtiam o menor efeito sobre ela.

A aversão de Jacira pela irmã era tão grande que algumas vezes, principalmente quando se encontrava na companhia de rapazes e Jandira vinha à sua procura, ela negava conhecer “esta louca” ou dizia “nunca a vi na minha vida”. Jandira não ouvia o que a irmã dizia, mas lia seus olhos, seus gestos, suas atitudes e percebia claramente a rejeição.

Por ironia, talvez por não entender o que a irmã mais velha dizia a seu respeito ou por ter um coração demasiadamente bom, Jandira parecia não ter desenvolvido nenhum rancor ou mágoa dela. Pelo contrário, estava sempre procurando agradá-la, ainda que fosse à sua maneira desajeitada e sem uma comunicação efetiva.

Sempre que estava próxima da irmã, Jandira procurava tocar-lhe a face, acariciar-lhe os cabelos — no que era pronta e rispidamente rejeitada.

As coisas caminhavam dessa maneira, até que o inesperado aconteceu — ou talvez nem fosse tão inesperado assim.

Danilo, o professor de linguagem gestual de Jandira, apaixonou-se perdidamente por ela. Foi um sentimento que surgiu lenta e gradualmente ao longo dos anos de trabalho conjunto. Não se tratava,

pois, de uma atitude impulsiva ou impensada por parte do jovem professor. Havia uma base sólida para tais sentimentos, alimentados ao longo do tempo, através dos esforços de ambos para a melhoria das condições de vida da moça. Danilo apaixonou-se não apenas por sua beleza, mas também por seu empenho, sua dedicação, sua garra, sua sensibilidade e, sobretudo, sua inteligência.

Chovia a cântaros no dia em que ele se declarou ao final de uma aula. Ele sinalizava que já ia embora, mas ela o segurava por um dos braços. A intenção dela era insistir para que ele permanecesse ali mais um pouco para ver se o tempo melhorava. É claro que, na verdade, ela também sentia forte atração pelo rapaz e queria retê-lo mais um pouco perto de si.

Ele mostrava o relógio para alegar o adiantado da hora, mas ela continuava a segurá-lo pelo braço. Essa reação foi que deu ao professor a coragem de declarar seu amor. Foi obra do acaso: ele tentava se afastar para sair e ela o puxava para si para que ele permanecesse com ela por mais tempo. Nesses movimentos de vaivém, em certo momento, ficaram com os rostos perigosamente muito próximos um do outro.

Nessas circunstâncias, com os lábios próximos, e tendo em vista os fortes sentimentos já existentes entre ambos, embora ocultos, não houve como evitar o apaixonado beijo que se seguiu. E outro. E mais outro.

Abraçaram-se emocionados porque finalmente, por causa de um gesto casual, permitiram que aflorassem todas as emoções amorosas que vinham sendo reprimidas há tanto tempo.

Jandira estava muito feliz porque já há algum tempo intuía os sentimentos dele a seu respeito, só que seu primeiro impulso foi o de não querer acreditar. Em seu íntimo, já vinha alimentado uma paixão secreta pelo “mestre”, que tanto a vinha ajudando e que tanto contribuía para

seu desenvolvimento e autoestima. Mas, tímida como era, fazia o maior esforço do mundo para evitar que aqueles sentimentos se tornassem perceptíveis. Achava que não tinha o direito, afinal, era uma deficiente.

No entanto, após a cena que se desenrolara ali, naquela tarde chuvosa, ela teve a certeza de que era plenamente correspondida.

E foi assim que aconteceu a mais original e romântica declaração de amor, inteiramente feita de gestos, toques e silêncio.

Naquela mesma noite, Danilo esperou Gerson chegar da botica para pedir sua autorização e oficialmente namorar Jandira.

Depois de ouvir o professor falar, Gerson não se surpreendeu tanto quanto seria de se esperar. Talvez porque se habituara a ver, em sua casa, aquela dupla quase todos os dias, num intenso trabalho de aprendizagem. Inclusive havia muitas vezes surpreendido os dois sorrindo um para o outro e mostrando uma afinidade muito além daquela que se pode encontrar na relação professor-aluna. Achou muito natural o pedido, para surpresa de Danilo e da filha.

Por achar que seria uma atitude ética, Gerson pediu permissão à sua filha para ter uma conversa a sós com Danilo. O pai quis expor em detalhes ao futuro genro as limitações de sua filha. Queria alertar o jovem para o fato de que eles provavelmente teriam dificuldades adicionais na relação conjugal, além daquelas que todo casal habitualmente já enfrenta na vida a dois.

Danilo agradeceu a preocupação do futuro sogro, mas o tranquilizou, dizendo que já havia pensado muito a esse respeito e que estava muito seguro de suas intenções.

Quando retornaram à sala onde Jandira os aguardava, perceberam a sua expressão de ansiedade e preocupação, pois não fazia ideia do que

eles haviam conversado. No entanto, quando os viu sorridentes, seu coração pulou de alegria: estava tudo bem!

Quem não ficou muito feliz com a novidade foi Jacira. Seu pai lhe deu a notícia durante o café na manhã, no dia seguinte. Jandira ainda não havia acordado, pois tivera dificuldade de conciliar o sono, empolgada com o pedido de casamento:

— Filha, tenho uma novidade para você.

Jacira o olhou sem muito interesse. Geralmente as novidades do pai não lhe diziam respeito ou não despertavam a sua atenção. Quase sempre se tratava de assuntos ligados à botica ou eram notícias sobre a tal “propaganda”.

Naquele dia, no entanto, foi diferente. Quase não acreditou quando o ouviu dizer, sorrindo largamente:

— Sua irmã vai casar.

Jacira quase engasgou com o café:

— Casar? Eu ouvi bem? O senhor está dizendo que minha irmã vai casar?

— Pois é isso mesmo! Vai casar!

— Não acredito! Com quem? Quem é o desavisado?

— Não fale assim, minha filha. Sua irmã está muito feliz. Ela foi oficialmente pedida em casamento pelo Danilo, o professor de língua de sinais dela.

Ela ainda estava surpresa, com dificuldade de assimilar a informação:

— O professor Danilo? Pediu a mão da minha irmã?

— Ele mesmo. E você sabe que é um rapaz muito direito, muito viajado, com ótima formação cultural, boas posses. E tem feito um belo

trabalho junto à sua irmã, que inclusive tem mostrado muita melhora na comunicação e nos estudos.

Jacira parecia ainda não acreditar:

— E o senhor já deu o consentimento?

— Na mesma hora, depois que percebi a felicidade da sua irmã. Essa união também é do gosto dela.

Jacira continuou bebendo seu café, agora bem devagar, para disfarçar seu estado de grande estupefação. Depois tentou disfarçar:

— Bom, faz sentido. Na verdade, só o Danilo é capaz de entendê-la. Que outro homem conseguiria interpretar os grunhidos dela?

Gerson não gostou da observação e disse com certa rispidez:

— Jacira, não fale assim de sua irmã. Devemos dar graças a Deus que, apesar das suas limitações, ela encontrou uma pessoa para garantir seu futuro. Você devia estar feliz também. Afinal, trata-se da sua irmã.

Jacira fuzilou o pai com o olhar, levantou-se e foi para seu quarto.

Gerson ficou balançando negativamente a cabeça, chateado com essa atitude da sua filha mais velha. Ele não conseguia entender aquela birra.

Jacira jogou-se na sua cama, irritada.

Na verdade, não tinha motivos para estar assim. Na prática, só teria a ganhar com o casamento da irmã, pois, depois que se casasse, certamente ela se mudaria dali com o marido e, portanto, ela estaria livre do peso de ter que conviver com uma deficiente, cuidar dela e acompanhá-la em passeios, festas e solenidades. Portanto, tinha tudo para estar aliviada e feliz com a notícia — mas não estava.

Ninguém jamais poderia imaginar, mas era bem outro o motivo que a estava deixando furiosa com a novidade.

Para surpresa da própria Jacira, ele se percebeu com terrível inveja, um destrutivo sentimento de injustiça. Justamente ela, que perdera a infância, adolescência e parte da vida adulta para cuidar da irmã deficiente e aguentar os constrangimentos do “defeito” dela, ficou em segundo plano na preferência dos rapazes? Ela, que se achava tão superior à irmã, tão mais bonita e sem “defeitos”, que sempre teve certeza de que se casaria primeiro, de que não faltariam pretendentes e de que ela é quem se livraria daquele “peso morto” primeiro. E, no entanto, era Jandira, a “defeituosa”, quem já ia se casar, sendo que ela nem namorado tinha!

O que suas amigas do bairro e suas colegas do colégio diriam daquilo?

Certamente fariam um monte de piadas a respeito, diriam que sua irmã, mesmo sendo surda, passara a perna nela; que nem precisou falar para conquistar um bom partido, enquanto ela, tão falante, nem namorado tinha.

Não, Jacira não suportaria as gozações!

Ela que sempre debochara de Jandira na frente das amigas! Com que cara ficaria agora? Ah, não poria mais os pés na rua, nem iria mais à escola! Não suportaria a vergonha! E enquanto pensava em tudo isso, de tanta raiva, esmurrava o travesseiro sem dó nem piedade.

Não, não aguentaria passar por aquele vexame que, pelo visto, era inevitável.

A menos que...

A menos que o casamento não se realizasse.

Era isso! Ela precisava dar um jeito de acabar com aquela história, senão seria alvo de gozações eternas e passaria por ridículos inimagináveis.

Em sua mesquinhez, com sua forma de raciocinar certamente influenciada por energias negativas, e sobre as quais não tinha informação alguma, ela dizia para si mesma que não havia a menor possibilidade de se casar antes de sua irmã, já que nem pretendente tinha. Portanto, só havia uma solução para evitar a humilhação: impedir que aquele casamento absurdo acontecesse!

Cheia de pensamentos tão maléficos, despejados na sua mente por um espírito perverso e vingativo que se deitara ao seu lado, Jacira não conseguia perceber as consequências positivas do casamento da irmã. Não pensava na sorte e na felicidade dela. Movida por puro egoísmo e repleta de contaminação espiritual negativa, só conseguia ver aquilo que parecia ser prejudicial a ela mesma.

Assim, passou muitas e muitas noites insones tentando descobrir uma maneira de impedir o casamento da irmã. E tinha que se apressar. Precisava fazer algo antes que a data fosse marcada.

E naqueles dias, Jandira nada percebia de errado nas atitudes da irmã. Primeiro porque seu estado de felicidade se sobrepunha a qualquer pensamento negativo, o que tornava sua percepção embotada, como se usasse óculos com lente cor-de-rosa.

E depois, tinha verdadeira idolatria pela irmã mais velha. Preocupava-se muito com o bem-estar dela e seria incapaz de imaginar que ela poderia alimentar quaisquer pensamentos negativos a seu respeito. De certa forma, até sentia um pouco de culpa por estar tão feliz e sua irmã em relativa “desvantagem”, pois, pelo que sabia, nem namorado ela tinha.

Talvez por causa desse descabido sentimento de culpa, explicado somente pelo enorme e bondoso coração que tinha, Jandira teve uma terrível pesadelo com sua irmã, no qual ela aparecia chorando e sofrendo

muito. Não se lembrava dos detalhes do sonho, mas sabia que não tinha sido bom, pois acordara muito assustada e pensando em Jacira.

O que será que significava? Será que sua querida irmã corria algum perigo? E o que ela deveria fazer para ajudá-la? Ficou tão preocupada que mal pregou os olhos durante toda a noite.

Felizmente, quando amanhece e o sol se põe a brilhar através da janela do quarto, os maus sonhos são rapidamente esquecidos e a vida continua.

# Capítulo 34

Algo inesperado aconteceu e deu um novo rumo à história.

Na semana seguinte, depois de ter sido informada do casamento da irmã, e provavelmente devido ao estado de enorme ansiedade e nervosismo em que permaneceu durante todos aqueles dias, Jacira acordou sentindo terríveis dores abdominais. Na verdade, aquilo não chegava a ser uma novidade, pois desde menina, quando ficava nervosa ou ansiosa, sentia essas dores lancinantes.

Habitualmente recorria a seu pai, que providenciava algum analgésico na botica. As dores passavam e o assunto era logo esquecido. Nas poucas vezes em que procurara um médico, ele dissera tratar-se de alguma indisposição gástrica e recomendou que não se preocupasse tanto com aquilo. Receitava algo, o mal-estar diminuía e novamente o problema era esquecido.

Mas daquela vez as cólicas estavam insuportáveis e assim continuaram durante todo o dia, mesmo ela tendo tomado uns comprimidos que seu pai lhe dera. Ou seja, talvez Jacira tivesse de passar uma noite terrível, em meio a dores torturantes.

Como não havia sinais de melhora mesmo depois de medicada, seu pai achou mais prudente levá-la a um hospital. Lá, com orientação médica, pelo menos lhe aplicariam um potente analgésico ou um

sonífero bem forte, e ela acordaria bem na manhã seguinte, exatamente como acontecera das outras vezes. Novamente, suas amigadas políticas permitiram-lhe conseguir uma internação em um bom hospital naquele mesmo fim de tarde.

Jandira havia saído com Danilo para escolher parte do enxoval para o casamento e ainda não chegara. Como àquela hora a empregada não estaria mais em casa, Gerson deixou um bilhete para a filha, onde explicava que sua irmã não estava passando bem e que eles estavam no hospital. Pedia também que ela, tão logo chegasse e pudesse, fosse lá fazer-lhe companhia.

\*\*\*

Mesmo já no leito do hospital, aguardando ser medicada, Jacira não parava de pensar no que poderia fazer para impedir o casamento da irmã. Seu pai não estava no quarto, provavelmente conversava com seus amigos médicos e enfermeiros pelos corredores.

De repente, teve uma ideia. Novamente um espírito desorientado usou de sua maldade latente para sugerir-lhe uma ação perversa.

Jacira sabia do bilhete que seu pai deixara na porta de casa pedindo à sua irmã que fosse ao hospital fazer-lhe companhia. Quando ela chegasse, faria uma cena teatral, com expressões e gestos dramáticos, como se estivesse sentindo intensas dores: comovendo assim sua ingênua irmã, apelaria para seu bom coração.

Iria até chorar e dizer, com gestos, sinais e tentativas de verbalização, que ela e seu pai não tinham condições emocionais de ficar naquela casa sem a presença dela. Lembraria a ela que seu pai era um homem solitário, que nunca se casara outra vez e que, apesar de nem

sempre demonstrar de forma adequada, ela a amava demais e sentiria muitas saudades.

Enfim, faria um apelo dramático para que Jandira adiasse tanto quanto possível aquele casamento. Assim, Jacira e seu pai poderiam ganhar forças emocionais e se preparar psicologicamente para suportar a saída dela de casa. E faria o apelo final: não lhe custaria esperar seis meses ou um ano, no máximo, e então estaria liberada do compromisso, poderia se casar sem causar traumas à família.

O plano de Jacira era de que, nesse período de dez meses a um ano, fazendo um “esforço extra” junto aos rapazes selecionados, ela conseguiria um bom partido e se casaria antes da irmã, evitando todos os vexames que temia. Depois dela, sua irmãzinha poderia se casar e, assim, todos ficariam felizes.

Jacira sorriu intimamente. Estava orgulhosa e satisfeita com a brilhante ideia que tivera. Sabia que daria certo. Jandira tinha um coração mole e uma vontade maior ainda de agradá-la. Tudo dependia de ela ser convincente. Para isso, usaria toda a sua capacidade de dissimular, de representar. Afinal, sempre achara que tinha talento suficiente para ser uma ótima atriz.

E era importante que o pai delas não estivesse presente no momento, pois certamente ele não concordaria com aquele pedido. Logo, era preciso afastá-lo do quarto antes que Jandira chegasse.

Assim, quando Gerson retornou ao quarto, Jacira o convenceu de que já estava melhor e, como sua irmã já deveria estar a caminho do hospital, ele poderia retornar para casa e descansar um pouco.

A princípio, Gerson nem cogitou a ideia. No entanto, a muito custo, depois de insistir bastante, Jacira o convenceu. Concordou ao lembrar-se de que havia alguns trabalhos de contabilidade das boticas a fazer em

casa. E também pela certeza de que, como das vezes anteriores, aquelas dores não voltariam e sua filha passaria uma noite tranquila, dormindo profundamente, e voltaria para casa na manhã seguinte.

Beijou a filha na testa e saiu.

Agora sozinha no quarto do hospital e já sem sentir dores, Jacira começava a ficar impaciente pela demora da irmã. Onde teria se metido aquela deficiente? Certamente estava trocando afagos e sonhando com seu professorzinho. Ou seja, continuava a mesma desastrada e imprestável de sempre.

\*\*\*

Jandira tinha acabado de chegar em casa, feliz da vida.

Passara uma ótima tarde com Danilo, escolhendo o enxoval do seu casamento, que deveria acontecer dentro de três meses. Subiu eufórica e rapidamente os degraus da escada até a porta da casa, esquecendo-se por completo dos constantes avisos de prudência do seu pai.

Sua alegria logo se desvaneceu quando, já no topo da escada, leu o bilhete do seu pai afixado na porta. Imediatamente lembrou-se do seu sonho da noite anterior, em que sua irmã aparecia sofrendo e chorando muito.

Desesperou-se. Seu coração começou a bater descompassado. O seu sonho teria sido uma premonição? Sentiu-se tonta e amedrontada. Precisava ir ao hospital onde sua irmã estava com urgência. Ela devia estar precisando de sua ajuda.

Entretanto, estava se sentindo tão trêmula, tão fraca... Lamentou que Danilo, por estar com pressa, tivesse deixado-a na porta de casa e ido embora. Se seu amor estivesse ali, certamente a ajudaria e a acompanharia até o hospital.

Mesmo sozinha, tinha que ir correndo ajudar sua irmã. Não podia negar sua ajuda num momento de tanta necessidade, principalmente quando o assunto era saúde.

Nervosa e trêmula, aproximou-se da escada para descer, voltar à rua e pegar uma condução. Mas tudo girava à sua volta e ela não se sentia segura.

Pensou em gritar para, quem sabe, algum vizinho a ouvir e ajudar, mas tudo o que saía de sua boca eram sons e grunhidos ininteligíveis, abafados pelo barulho da chuva que começava a cair forte.

Não tinha outra opção. Era preciso descer a escada, mesmo se sentindo terrivelmente tonta, com o coração em disparada. O susto ao ler o bilhete, somado à lembrança do pesadelo, desencadeou nela um pânico incontrolável.

Tudo continuava girando loucamente à sua volta como se energias ruins a estivessem empurrando para baixo. Precisava ir ao hospital, ajudar sua irmã.

Tinha que ir de qualquer jeito. Tinha que ir!

Mal colocou o pé sobre o primeiro degrau, sentiu que pisou no vazio e se desequilibrou por completo. Rodopiou e caiu no espaço.

\*\*\*

Após enfrentar aquela tempestade, Gerson deu graças aos céus por chegar em casa.

Quando abriu o portão, jamais esperaria deparar-se com a horrível cena à sua frente: ao pé da escada jazia o corpo distorcido e inerte de Jandira. Pela posição do tronco e do pescoço, não havia dúvidas de que uma terrível tragédia acabara de acontecer.

Antes de perder os sentidos, Gerson ainda pôde ver o bilhete que ele escrevera preso na mão crispada da filha morta, próxima ao coração.

\*\*\*

Na casa de saúde, alheia à tragédia que se desenrolava em sua casa, Jacira esperava pela irmã impacientemente, maldizendo a sua moleza.

“Além de aleijada e ridícula, ainda se move como uma lesma!”

E, num ímpeto de raiva, completou o pensamento: “Por que não morre logo? Assim, evitaria um monte de problemas para todos nós!”

Mal sabia que sua praga, como uma maldição, acabara de se cumprir.

Também não sabia que, embora não pudesse ver, o bondoso espírito de Jandira estava ao lado dela, mostrando imensa preocupação com sua saúde.

# Capítulo 35

— Bom retorno, amiga!

Estela levou alguns segundos para reconhecer onde estava e o que tinha acontecido. Viu a imensa tela à sua frente e as lembranças começaram a retornar.

Salomão e Priscila continuavam sentados nas poltronas atrás dela, sorrindo e acariciando seus ombros.

Estela continuava recostada na poltrona, tentando entender o significado do que assistira. Não tinha a menor noção de quanto tempo se passara desde que começara a assistir às cenas de sua vida passada.

Salomão perguntou-lhe suavemente:

— Alguma pergunta, Estela? — Olhou com cumplicidade para Priscila e voltou a perguntar — Ou devo chamá-la de... Jacira?

Estela olhou chocada para Salomão. Não era possível!

Rapidamente, girou o corpo e virou-se para trás, para encarar os dois mentores espirituais:

— Jacira? Eu?

Salomão e Priscila assentiram lentamente com a cabeça.

Estela fechou os olhos, tentando assimilar o que assistira com relação à sua vida passada. Aos poucos foi percebendo quem fora e como agira. Foi se desesperando:

— Deus do céu... Eu fiz todas aquelas maldades com a minha própria irmã? Eu a desrespeitei inteiramente, mesmo sem levar em conta que se tratava de uma deficiente! Meu Deus, como pude ser tão má, tão insensível, perversa? Como devo ter feito minha irmãzinha sofrer!

— Tanto quanto sua filha Raquel fez você sofrer nessa sua última encarnação.

— Mas, então... — Estela tentava juntar as peças do quebra-cabeça cósmico. — Jandira reencarnou como minha filha Raquel! E fez comigo exatamente as maldades que fiz com minha irmã em outra vida!

Priscila complementou as descobertas de Estela, usando as palavras com muito cuidado:

— De fato, sua filha Raquel é a reencarnação da sua irmã Jandira em outra vida. Quando ela morreu ao cair da escada e depois que soube, já em espírito, das maldades que a irmã praticara contra ela sem respeitar sua deficiência, ficou profundamente revoltada e não aceitou receber a orientação do plano espiritual para adaptar-se à vida astral e seguir o caminho do crescimento. Usando do seu livre-arbítrio, ela preferiu voltar à Terra como sua filha, alimentada por intensos desejos de vingança e revanche. Aliás, você pode entender agora por que Raquel tem fobia de escadas.

— Então, eu... eu, que fui irmã dela em outra vida, gerei-a em meu próprio ventre e vim a ser a mãe dela...

— ... para passar pelo mesmo sofrimento que você a fez passar em outra vida. Assim, teria a oportunidade de aprender por empatia espiritual, de entender e mudar seu comportamento para o melhor.

— Mas eu aprendi alguma coisa?

— O espírito de vocês duas redescobriu o amor. Viveram duas vidas alimentadas por intensos sentimentos e emoções negativas. O caminho

poderia ter sido outro. Poderiam ter se entendido melhor e vivido com mais harmonia e felicidade. Foi preciso que você passasse novamente para o plano astral para, aprendendo com seus erros, descobrir que é através do amor que crescemos e nos tornamos felizes. De nada adiantaria você procurar reparar seus erros por intermédio de contatos aleatórios e impulsivos, ainda mais usando a neta como instrumento. Mas era preciso que você mesma descobrisse isso. Hoje, sua filha Raquel vive em paz com seu marido e filha. Ela ainda tem muitos objetivos a cumprir na Terra antes de se reencontrar com você aqui neste plano.

Estela estava inconsolável.

— Mas eu não sei se terei paz, agora que soube de todas as maldades que fiz para minha irmã em outra vida.

Priscila tratou de confortá-la:

— Não se culpe de nada, Estela. O destino faz planos para as pessoas terem oportunidade de crescer. Não nos cabe julgar nem punir ninguém, nem a nós mesmos. Devemos cumprir nosso destino, sempre de forma a corrigir o que fizemos de inadequado em outras encarnações e procurando ser melhores naquela que estivermos vivendo. Algumas pessoas tentam fugir desse destino, mas não conseguirão ir a lugar algum enquanto não descobrirem a força do amor, através da luz maior — Priscila acariciou a testa de Estela para confortá-la. — Em todas as suas vidas passadas, e foram muitas, você passou por todas as provações necessárias para compreender e aprender novas e positivas atitudes. Portanto, não se julgue, nem se culpe. Agora que você encontrou o caminho da luz, há trabalhos à sua espera neste plano. Um dia você retornará à Terra em outro corpo, em outro tempo, e aí já será uma pessoa muito melhor.

Salomão completou:

— Enquanto isso, deve ficar conosco, dedicando-se aos programas de desenvolvimento espiritual, mas desta vez sem fugir.

Estela sorriu. Já estava inteiramente recuperada. Cruzou os dois dedos indicadores sobre os lábios, em juramento:

— Vocês têm a minha palavra de que serei uma das mais dedicadas alunas.

— Então, não percamos tempo — e o casal de mentores foi se encaminhando para a porta da sala.

Com um pouco de hesitação, Estela perguntou:

— Posso... posso tirar uma última dúvida?

O casal de espíritos assentiu com a cabeça. Com um olhar travesso, Estela perguntou:

— Por acaso, Gerson, o marido de Marluce, tão interessado em pesquisar e trabalhar com anúncios... ele não reencarnou em Raul, meu genro, marido de Raquel, que é apaixonado por propaganda?

Diante dessa pergunta, foi a vez de Salomão e Priscila se entreolharem e trocarem um sorriso cúmplice, sem que precisassem dar qualquer resposta.

# Epílogo

Diante da insistência de Kátia, Raquel a levou pessoalmente à escola na parte da tarde, depois que voltaram das compras. A menina gostava muito do ambiente escolar e não queria perder a companhia das coleguinhas, então insistiu em ir à escola pelo menos à tarde.

Isso permitiu que Raquel ganhasse um tempo livre para ir até a agência, pois queria contar pessoalmente a Raul tudo o que acontecera e as provas que o médium recomendara.

Os funcionários fizeram a maior festa quando Raquel entrou.

Apesar de ela ser uma chefe tida como “durona”, todos sabiam que era justa e competente — e por isso gostavam dela. Claro que, de vez em quando, alguém ficava ressentido, mas logo Raul se aproximava com seu jeito informal e divertido e dava um jeito de fazer tudo voltar ao normal.

Raul levantou-se para beijar a mulher, que se aproximou para abraçá-lo. Ele disse carinhosamente, enquanto a beijava:

— Você é louca! Uma louca maravilhosa por quem sou um eterno apaixonado — ele estava realmente surpreso com a iniciativa de Raquel de fazer aquele desabafo ao espírito de sua sogra, a grande ação redentora que livrara a filha deles de tão incômoda situação. Depois, mudou o tom da voz. — Agora me diga uma coisa: você acha mesmo que devemos fazer as tais provas? E se isso fizer tudo voltar a acontecer?

Raquel deu um grande suspiro antes de responder:

— Já pensei nisso, mas o Durval acha que devemos. E algo me diz que agora não há mais perigo. Passei a manhã com a nossa filha e senti a Kátia de antes. Sinto que está tudo resolvido.

— Bom, se você está dizendo isso, quem vai discordar do coração de uma mãe?

E voltaram a se abraçar.

Depois, Raquel foi cumprimentar os funcionários, um a um. Fez isso de maneira alegre, informal e até carinhosa. Todos da equipe se entreolharam e se perguntaram o que teria acontecido de tão bom para provocar aquela mudança de comportamento na chefe, tão diferente do seu padrão habitual.

Cortez comentou com os que estavam próximos:

— Isso se chama felicidade. Tenho certeza que ela será doravante outra pessoa.

Ele estava certo. Raquel não cabia em si de tanta felicidade, mesmo sabendo que ainda teria de submeter a filha a três provas para que sua felicidade se consolidasse. Mas estava segura de si. Sentia que tudo voltara ao normal.

A menos que ocorresse uma surpresa desagradável.

\*\*\*

A primeira prova aconteceu logo depois do jantar naquele dia. Estavam os três descontraidamente sentados na sala. Kátia, toda orgulhosa, contava ao pai como tinham sido as compras com a mãe pela manhã.

Logo, Raquel encheu-se de coragem e comentou, procurando parecer a pessoa mais espontânea do mundo:

— Sabem quem vem aqui neste fim de semana?

Raul fingiu não saber:

— Quem? — ambos perceberam que a filha também olhou curiosa para a mãe.

— A Bruna, minha amiga de Bauru — e instintivamente ficaram atentos para a reação de Kátia.

Foi com alívio que ouviram:

— Quem é Bruna, mamãe?

Mais segura, Raquel provocou:

— Ué, filhinha, você não conhece a Bruna?

Ela pôs a mãozinha direita no queixo e olhou para o teto como se buscasse lá a resposta:

— Bruna?... Hmmmm... Não, não conheço.

O alívio do casal estava consolidado. Raquel tornou, amável:

— É uma amiga de infância da mamãe. Ela esteve aqui, na minha festa de aniversário.

— E ela é legal? — perguntou a garota, interessada.

— É... É muito legal... — respondeu sua mãe. — Eu a conheço desde que tinha a sua idade.

Raquel e Raul expressaram pelo olhar e pelos sorrisos contidos a felicidade de terem vencido o primeiro teste.

\*\*\*

Passava das oito da noite quando Durval chegou. A campainha tocou. Como o porteiro anunciara pelo interfone quem era o visitante, Raquel propositalmente permitiu que Kátia fosse atender.

Ela mesma abriu a porta e deu de cara com o médium. Simpática como sempre, ela cumprimentou o estranho, com um grande sorriso e a

maior naturalidade do mundo:

— Oi!

— Olá, mocinha, tudo bem? — Durval não escondia que também estava superansioso.

— Tudo bem — respondeu Kátia. E fez a pergunta que, mais uma vez, deixou todos aliviados. — Quem é o senhor?

— Eu sou Durval, um amigo do papai e da mamãe. Você pode chamá-los?

Kátia correu para dentro do apartamento, gritando:

— Papai, mamãe, tem um amigo de vocês aqui.

Raul e Raquel haviam permanecido no interior do apartamento, mas acompanhavam a cena fora da vista da filha.

Quando ela os chamou, eles vieram sorridentes e mais calmos:

— É mesmo, filhinha? Mande-o entrar.

Kátia voltou até a porta e falou:

— Pode entrar, moço.

Os cumprimentos que Raul e Raquel trocaram com o médium foram intensos e sinceros. Conversaram durante quase uma hora sobre amenidades e algumas poucas vezes abordaram o assunto principal, mas usando códigos e nomes falsos.

Em nenhum momento Kátia mostrou qualquer animosidade em relação ao visitante. Aliás, não mostrou nenhum interesse em particular.

Quando se despediram, na porta, Kátia já tinha ido para seu quarto preparar-se para dormir. Isso permitiu que trocassem algumas palavras mais específicas.

Durval estava exultante:

— Como lhe disse ao telefone, a senhora foi muito bem orientada pelos seus mentores espirituais. Também tenho certeza de que a sessão

especial, que meu grupo fez no centro enquanto estávamos aqui, ajudou de forma decisiva. Mas o mérito é seu. Graças a Deus está tudo resolvido.

Antes de se afastar, Durval voltou-se e renovou o convite:

— Apareçam lá no centro qualquer noite dessas para conhecer o nosso trabalho.

— Pode ter certeza de que iremos — Raquel falou com sinceridade. Pretendia saber mais a respeito da experiência que tivera com sua filha e aprofundar-se nas questões do espiritismo.

\*\*\*

Minutos depois, Raquel foi ao quarto da filha para fazê-la dormir, como era rotina diária.

Foi a oportunidade do terceiro teste. Depois de banhar a filha e acomodá-la na cama, falou:

— Filhinha, hoje vou cantar uma música que minha mãe cantava para eu dormir. Deixe ver se me lembro — e fingiu estar fazendo um grande esforço de memória:

— Se esta rua, se esta rua fosse minha. Eu mandava...

Parou de propósito. Por alguns segundos, seu coração disparou, esperando uma possível reação da filha. Diante do silêncio da menina, Raquel insistiu:

— Hmmm... como é mesmo o resto? Eu mandava, eu mandava... Caramba, como pude esquecer? — e olhou discretamente para a filha. Ela continuava na mesma posição, deitada de lado, o rostinho apoiado sobre as duas mãos juntas, como se fossem um travesseiro. Os olhinhos estavam quase fechando de sono.

— Você não se lembra dessa música, filhinha?

Raquel prendeu a respiração para ouvir a resposta. A vizinha veio sonolenta:

— Eu... eu nunca ouvi essa música, mamãe.

Raquel ficou tão aliviada que lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Ah, filhinha, já lembrei.

E cantou a música inteira várias vezes, até perceber que a filha adormecera, com um semblante sereno e a respiração normal. Nunca antes Raquel cantara uma cantiga de ninar com tanto empenho e felicidade.

\*\*\*

No fim de semana, a primeira prova teve uma complementação que reafirmou o sucesso das medidas tomadas. Aconteceu com a chegada de Bruna na casa da família, no sábado. Apresentou-se exuberante como sempre e foi logo chamando a atenção de todos já na recepção. Esse era o jeito dela.

Novamente autorizada pelos pais que já haviam sido informados do nome da visitante, Kátia abriu a porta e fez uma feição muito divertida vendo aquela mulher tão engraçada e descontraída. Bruna, que já sabia da melhora da garota, também quis testá-la.

Foi direto ao assunto, sem nenhuma sutileza:

— Oi, menina linda! Você sabe quem sou eu?

Kátia riu com o jeito alegre daquela visitante engraçada e respondeu, também sorrindo:

— Não, não sei.

— Tem certeza? — insistiu Bruna, sabendo o risco que corria.

— Eu tenho — Kátia respondia com muita segurança.

— Pois eu sou a Bruna! — e ficou esperando alguma reação.

— Ah, mamãe já me falou de você — foi a única reação. E gritou para dentro do apartamento — Mãe, a sua amiga chegou.

“Ufa!”, pensou Bruna, aliviada.

Graças a Deus estava tudo resolvido.

Durante o fim de semana que passaram juntas, Bruna e Kátia se tornaram ótimas amigas. Pareciam duas crianças. Não era por acaso o sucesso de Bruna como pediatra: tinha um jeito todo especial de lidar com crianças. Kátia a estava adorando.

Enquanto as três passeavam durante o sábado, Raul foi até a casa de Antero. Sua missão era perguntar ao sogro se gostaria de morar com eles. Se por acaso a resposta fosse negativa, tinha a incumbência de convencê-lo do contrário.

Felizmente, para alegria de Raul, o sogro aceitou o convite na mesma hora. Fingiu um pouco de resistência:

— Mas vocês têm certeza de que não vou incomodar?

— Mas que incomodar que nada, seu Antero. Pelo contrário, o senhor vai nos ajudar muito com a Kátia. Vai ser nossa babá — brincou. — E eu e sua filha poderemos cair na noite... — ambos riram. — E depois, o senhor sabe que Kátia o adora. Ela já está contando com sua presença como o novo morador da casa.

Claro que aqueles argumentos eram irrecusáveis. E, realmente, seria uma oportunidade de ter mais qualidade de vida. Sempre se dera bem com o genro, e a filha ultimamente tinha mudado bastante seu comportamento com ele. Estava mais atenciosa, quase carinhosa.

Conversaram mais um pouco, elaborando os planos para a mudança.

Depois, Raul despediu-se:

— Então o senhor vai preparando a mudança que eu vou contar a novidade para a sua neta.

Como já seria de esperar, Kátia teve uma reação muito festiva quando soube da notícia.

— Vovô vai vir morar aqui? Verdade? Oba!

Participou dos planos para a mudança e, com todo o empenho, ajudou Raul e Raquel a prepararem o futuro quarto do avô.

Deu palpites sobre onde as coisas deveriam ser colocadas, escolheu as cores dos lençóis e toalhas e ainda fez questão de colocar um retrato com uma foto dela na cabeceira da cama onde o avô dormiria.

— Quando ele vai chegar, mamãe? — a garota mal controlava a ansiedade.

— Nos próximos dias, filhinha. Ele está providenciando a mudança e isso não pode ser tão rápido assim. Tem algumas coisas que ele vai trazer e outras não. Vamos fazer uma festa de boas-vindas para ele?

— Legal, vamos, sim!

\*\*\*

No plano astral, Estela teve permissão de rever a família. Acompanhada de dois mentores, cuja luminosidade resplandecia por todo o cômodo, ela entrou no quarto e pousou delicado beijo em Kátia, que dormia como um anjinho. Emocionada, caminhou até o quarto da filha.

— Feche os olhos e mande vibrações amorosas para Raquel — sugeriu um dos mentores.

Ela assentiu e percebeu um brando calor percorrer-lhe o corpo espiritual. Em seguida abriu os olhos e disse comovida:

— Que o amor reine sempre nesta casa. Que Deus abençoe este lar por todos os dias de suas vidas. Eu amo vocês.

Raquel havia acabado de deixar o quarto da filha e de entrar no seu. Sentiu uma brisa suave tocar-lhe a face. Olhou para a janela e ela estava fechada. A sensação de bem-estar era tão grande que ela deu de ombros, sorriu e, completamente tranquila, deitou-se e abraçou o marido. Antes de fechar os olhos, teve um pensamento que nunca lhe ocorrera:

“Saudades de minha mãe. Espero que ela esteja bem. É fato que sempre tivemos nossas diferenças, mas hoje percebo que cada um só pode dar aquilo que tem. No fundo, sempre nos amamos. E, pensando dessa forma, preciso cuidar mais do meu espírito. Na parte material, já tenho tudo o que uma pessoa pode desejar neste mundo. Amo a minha família e tudo farei para que a união, o amor e o respeito sempre reinem aqui. Mas algo está faltando no campo espiritual. Tenho sede de conhecer os mistérios da vida. Quero que minha filha cresça rodeada de muito amor, mas também de conhecimento espiritual. Vou começar agora.”

Em seguida, Raquel fez sentida prece de agradecimento à vida. Beijou o marido, que já dormia a sono solto.

Os mentores fizeram um sinal e Estela compreendeu que era hora de partir.

— Filha querida, eu preciso ir. Talvez não nos vejamos mais, por ora. Tenho muito a fazer no mundo espiritual. Nunca se esqueça de que sempre estarei com meu coração ligado a vocês. Fiquem com o meu amor.

Os três espíritos desvaneceram no ar, deixando um rastro de luz que permaneceria no ambiente por toda a madrugada.

Raquel percebeu uma lágrima de felicidade escapar-lhe e escorrer pelo rosto. Fechou os olhos e dormiu com um sorriso nos lábios. Na manhã seguinte, lembrava apenas de ter tido sonhos maravilhosos.

*Fim*

<sup>1</sup> A rua Líbero Badaró, antiga Rua Nova de São José, começa no Largo São Francisco e acaba no Largo São Bento. Em 1889, devido a uma proposta popular aceita pela Câmara Municipal, recebeu a atual denominação em homenagem ao médico, político e jornalista que ali morava e foi assassinado.

<sup>2</sup> A partir de 1934, essa academia incorporou-se à Universidade de São Paulo, passando a chamar-se Faculdade de Direito da USP ou Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

<sup>3</sup> A botica era o estabelecimento precursor das atuais farmácias. Seu proprietário, o boticário, podia ser qualquer pessoa que decidisse comercializar medicamentos, sem a necessidade de qualquer formação médica. A passagem do nome de botica para farmácia ocorreu somente em 1857, após o decreto que estabeleceu a necessidade de qualificação para o funcionamento das boticas.

<sup>4</sup> O termo “propaganda”, no sentido em que é atualmente usado, foi usado pela primeira vez em 1622. No entanto, só em 1891 a expressão seria comercialmente usada, quando foi fundada em São Paulo a primeira agência de propaganda do Brasil, a Empresa de Publicidade e Comércio, que encerrou suas atividades em 1915.

<sup>5</sup> Em 1808, na Bahia, foi fundada a primeira faculdade de medicina do país, época em que a cidade de São Paulo ainda não tinha sua instituição de nível superior.

<sup>6</sup> Em meados do século 19, o professor francês Charles Michel de l'Épée criou métodos de comunicação para deficientes auditivos. No Rio de Janeiro, Dom Pedro II convidou o professor Huet, aprendiz dos métodos de comunicação do professor l'Épée, a praticar e desenvolver técnicas de ensino com não ouvintes brasileiros. Em 1857, surgiu no Rio de Janeiro o primeiro instituto educacional brasileiro dos surdos: Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES).

<sup>7</sup> Depois que proclamou a Independência do Brasil, em 1822, dom Pedro I outorgou a primeira Constituição brasileira, em 1824, determinando que a “instrução primária é gratuita para todos os cidadãos”. Em 1827, um projeto de lei propôs várias inovações na pedagogia do país, autorizando inclusive a abertura de escolas para meninas.

© 2011 por Floriano Serra

© 2018 por Floriano Serra – formato digital

Capa e produção gráfica: Kátia Kabello (*In memoriam*)

Conversão e-book: Hondana; Equipe Vida & Consciência

ISBN 978-85-7722-466-1 – formato digital

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer forma ou meio, seja ele mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., tampouco apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora (Lei nº 5.988, de 14/12/1973).

**Este livro adota as regras do novo acordo ortográfico (2009).**

Editora Vida & Consciência

Rua Agostinho Gomes, 2.312 – São Paulo – SP – Brasil

CEP 04206-001

[editora@vidaeconsciencia.com.br](mailto:editora@vidaeconsciencia.com.br)

[www.vidaeconsciencia.com.br](http://www.vidaeconsciencia.com.br)